



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras – IL

Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET

Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – POSTRAD

Dissertação de Mestrado

FILOSOFIA EM LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA:

Terminologia Bilíngue Português-LSB

Mônica Braz de Souza

Brasília

2020

MÔNICA BRAZ DE SOUZA

**FILOSOFIA EM LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA:
Terminologia Bilíngue Português-LSB**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, vinculado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Instituto de Letras, da Universidade de Brasília.

Área de concentração: Estudos da Tradução

Linha de Pesquisa: Terminologia e Terminografia

Orientador: Prof. Dr. René Strehler.

Brasília

2020

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – POSTRAD

MÔNICA BRAZ DE SOUZA

FILOSOFIA EM LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA:

Terminologia Bilingue Português-LSB

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, vinculado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Instituto de Letras, da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. René Strehler.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. René Strehler – Orientador
POSTRAD/LET/IL/UnB

Prof. Dr. Éclair Antônio Almeida Filho – Membro Interno
POSTRAD/LET/IL/UnB

Prof. Dr. Agnaldo Cuoco Portugal – Membro Externo
ICH/DEPARTAMENTO FILOSOFIA/UnB

Prof. Dr^a Patricia Tuxi dos Santos – Membro Suplente
POSTRAD/LET/IL/UnB

Brasília, _____ de _____ de 2020.

Souza, Mônica Braz de. *Filosofia em Língua de Sinais Brasileira: Terminologia Bilingue Português-LSB*. Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, 2020, 276 f. Dissertação de mestrado.

Documento formal, autorizando reprodução desta dissertação de mestrado para empréstimo ou comercialização, exclusivamente para fins acadêmicos, foi passado pelo autor à Universidade de Brasília e acha-se arquivado na Secretaria do Programa. O autor reserva para si os outros direitos autorais, de publicação. Nenhuma parte desta dissertação de mestrado pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do autor. Citações são estimuladas, desde que citada a fonte.

Souza, Mônica Braz de.

Filosofia em Língua de Sinais Brasileira: Terminologia Bilingue Português-LSB/ Mônica Braz de Souza; orientador: Prof. Dr. René Strehler.
– Brasília, 2020. 276 f.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Instituto de Letras,
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução- Universidade de Brasília, 2020

1. Filosofia e Terminologia: Inter-relação com a LSB. 2. Filosofia no Contexto Educativo. 3. A Linguística de Corpus. 4. Metodologia para Extração dos Termos de Filosofia dos LDs em LP. I. STREHLER, RENÉ, orient. II. Título.

A Deus, por me dar força e persistência,
Aos meus pais, pelo encorajamento de todos os dias.
À minha filha, Clara, pela paciência e compreensão.
Aos meus alunos surdos, pela amizade, atenção e carinho.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela realização de mais este sonho, por ter me dado saúde, proteção e esteio em todos os momentos.

Aos meus amados pais. Ao meu pai, Guilherme Braz, que sempre foi o maior incentivador e financiador da minha formação profissional. À minha mãe, Maria Eleuza, que sempre me motivou com amor e orações, acreditando em mim e afirmando que quem busca com determinação sempre alcança o que deseja. À vocês, meus pais, todo o meu sentimento de amor e gratidão, pois todas as horas vocês sempre estiveram lá (e tenho certeza de que sempre estarão!).

À minha filha, Clara, por tanta serenidade e compreensão nesses dias de dedicação exclusiva à pesquisa. Uma das minhas motivações nesse projeto sempre foi você! Quero ser um exemplo de investimento aos estudos, à vida profissional e à realização pessoal no desenvolvimento de projetos que ajudem as pessoas e esse mundo a serem melhores!

À minha irmã Meire, por me fazer compreender um pouco sobre o que significa ser uma pessoa surda no meio de pessoas ouvintes. Mesmo não participando muito dos seus dias, por causa da nossa diferença de idade, pude sentir e presenciar seus momentos de ira, dor e tristeza, por não ser compreendida, e, por não ser ouvida. Que bom que os tempos mudaram e hoje podemos compartilhar com você vários momentos em família na sua língua, a língua de sinais. Que possamos continuar lutando para neutralizar a distância que a diferença de nossas línguas nos impuseram!

Ao meu orientador, Prof. Dr. René Strehler, agradeço por ser tão solícito, pela paciência e pelos “salvamentos” nas horas de desespero. Tudo que aprendi a respeito da Lexicologia e Lexicografia é mérito do Sr..... Aprendi também a admirar a sua condescendência com todos os alunos, e, especialmente comigo. Por tantos anos longe de uma sala de aula, o Sr. valorizou o pouco que eu sabia, fazendo-me sentir acolhida no meio acadêmico. Muito obrigada por desmesurada generosidade, por todas as orientações trocas e apontamentos! A minha sincera admiração!

À Prof^a. Dr^a. Elisa Teixeira, por tanta disponibilidade e atenção. Mesmo não sendo minha orientadora, a sua contribuição foi crucial na elaboração deste trabalho. Ofereceu o seu tempo e os seus conhecimentos de maneira generosa e cuidadosa. À você, toda gratidão e louvor por me apresentar com tamanha excelência à Terminologia!

À Prof^a. Dr^a. Sandra Patrícia de Faria do Nascimento, que tanto se dedica e se preocupa com a educação dos Surdos em Brasília. Agradeço por todas as reuniões, os estudos e os materiais compartilhados no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro Lexterm) por meio do grupo de pesquisa Neologismos em Língua de Sinais (NEOLS). Muito obrigada, principalmente, por ter sido a primeira pessoa a acreditar neste projeto terminológico, dando, inclusive, o pontapé inicial para a formação do grupo de pesquisa no Laboratório de Pesquisa e Formação para a Educação Bilíngue na Escola Bilíngue Libras e Português Escrito de Taguatinga (EBT). Você me orientou... me explicou... me auxiliou! Você Sandra é excepcional! Todo o seu conhecimento sobre a comunidade surda, a sua cultura e a sua língua são um bem inigualável! À você toda a minha deferência por tanta maestria, sabedoria e bondade em compartilhar tudo o que sabe! Muito, muito obrigada!!!

Ao Grupo de Pesquisa de Neologismos em Língua de Sinais (NEOLS) do Centro Lexterm/LIP/UnB: Professora Adriana Gomes Batista, Professora Andréa Beatriz Messias Belem Moreira, Professora Cristina Aparecida Bianchi de Souza Gomes, Professor Messias Ramos Costa, Professora Francisca Vanete Rodrigues de Oliveira e Professor Rogério Feitosa Oliveira da Silva.

À Prof^a. Dr^a. Patrícia Tuxi, pela valiosa orientação quanto à elaboração do projeto para a qualificação, sua prontidão, disponibilidade e apontamentos, sem dúvida, foram extremamente significativos nessa jornada. Também, pelas relevantes aulas e discussões sobre o papel do tradutor e a qualidade da tradução. E, por seu exemplo de dedicação e incentivo aos estudos e pesquisas em LSB.

Aos professores do Departamento de Filosofia da Universidade Católica de Brasília: Rochelle Cysne Frota D'Abreu, Marcos Félix Gomes de Carvalho, e, em especial o professor Luiz Cláudio Batista de Oliveira Coordenador do Curso de Filosofia – Bacharelado, que me recebeu com tanta cordialidade e presteza colaborando enormemente com esta pesquisa.

Ao professor de Filosofia, Carlos Nascimento pela revisão na elaboração dos conceitos dos termos. Seus esclarecimentos e apontamentos foram decisivos para a compreensão da filosofia num “português mais próximo” dos nossos alunos.

À professora Mestre de Língua Portuguesa Cristina Aparecida Bianchi de Souza, por tanta presteza e atenção na revisão e adaptação dos conceitos para o Glossário. Dedicou seu precioso tempo com tanto empenho que não tenho como agradecer! Muito Obrigada, Cris!!! Você deu à esta pesquisa e aos nossos alunos surdos uma notável e impagável contribuição!

À amiga, Anna Beatriz Furtado, por tantas e tantas vezes me auxiliar com os novos programas computacionais, me ensinando, me ajudando e sendo um verdadeiro suporte de dúvidas em todas as horas que a procurei. Você disponibilizou seu tempo que já era tão corrido, de maneira atenciosa e carinhosa. Além disso, em nossas valiosas conversas, me tranquilizou inúmeras vezes com seus apontamentos nada mais que geniais. Você, Anna, é sem dúvida, uma verdadeira amiga que levarei para sempre! À você, o meu muito obrigada e toda admiração! Você realmente é uma pessoinha especial!

À Stefany Marques, ex-aluna e eterna amiga, uma das minhas maiores incentivadoras. Quando, em sala de aula, almejava com todas as suas forças entender a disciplina de filosofia, mesmo com todas as limitações impostas pela falta de sinais-termo, você me surpreendia, a cada dia, com participações, retomadas e apontamentos dignos de uma filósofa. Você me fez acreditar que valia muito à pena desenvolver este projeto! Obrigada por tanto cuidado, carinho e atenção!

À todos os meus alunos surdos da Escola Bilíngue de Taguatinga! Vocês sempre foram meus motivadores! Sempre achei que se apaixonariam pela Filosofia, não errei na minha previsão. Apesar dos obstáculos impostos pela língua portuguesa, pela falta de recursos e materiais adequados, vocês superaram e continuam superando todos os limites! Como são inteligentes, esforçados e dinâmicos! Vocês são guerreiros! À vocês toda a minha admiração, respeito e gratidão! Amo vocês!!!

À amiga Nilcimar Carrijo, por estar comigo em todos os momentos de estudos para o ingresso no mestrado, me incentivando, ajudando e comemorando todas as vitórias.

À amiga, Eliã Lopes e a seu esposo, Valter Lopes, por tanto cuidado e incentivo! Agradeço também às suas filhas, Symei, por todos os “socorros” em relação ao meu computador, e Sylém, por todos os pães de mel que acalmaram minha ansiedade nos dias de seminários. E, à elas, meu muito obrigada pela ajuda, assistência e colaboração nas filmagens e fotos do Glossário. Sem vocês não teria dado conta sozinha. Vocês foram demais, meninas!!!

Aos meus colegas de mestrado: Ana Beatriz, Thamires, Dhenny, Guilherme, Paloma, Leandro, Cristiane, Hellen e Ícaro, pela companhia, conversas, desabafos, trocas e risadas!

Enfim, agradeço a todos que estiveram presentes nesses dois anos de muitos aprendizados, crescimentos e conquistas! Meu sincero e profundo: Muito Obrigada!

RESUMO

O repertório de uma língua é sempre dinâmico e flexível. Cada língua conforme sua estrutura faz recortes conceituais do que é vivido no discurso, podendo sugerir novas unidades de significação. Essa atualização do léxico possibilita ampliação e inserção comunicacional principalmente no meio educacional. Este trabalho, tem seu foco de estudo na terminologia Bilíngue Língua Portuguesa –Língua de Sinais Brasileira, da área da Filosofia. Os objetos de estudo são a terminologia de filosofia em Língua Portuguesa dos livros didáticos de filosofia do ensino médio do Programa Nacional do Livro e do Material Didático do Ministério da Educação, ciclo 2018/2019/2020, e as questões de filosofia das provas de ciências humanas e suas tecnologias de 2017, 2018 e 2019 do Exame Nacional do Ensino Médio. O objetivo foi compilação terminológica de filosofia presente nos livros didáticos em língua portuguesa, para a criação de um repertório de sinais-termo¹, por meio de Glossário Bilíngue, em benefício da acessibilidade linguística de estudantes surdos e produção de material didático para professores que participam da proposta de educação bilíngue da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Para a organização e o registro do glossário, fundamentamo-nos na metodologia da Linguística de Corpus, tomando as bases teóricas do léxico especializado e da Terminologia em LP para posterior criação e registro dos sinais-termo em LSB. É clara a necessidade de expansão do léxico científico em Língua de Sinais Brasileira. Isso impulsiona a produção de glossários de diferentes áreas de especialidade, já que a acessibilidade no ensino depende da utilização desses termos. No glossário o sistema de busca pode ser feito de duas formas: busca por ordem alfabética e por área temática da filosofia.

Palavras-chave: Terminologia Bilíngue. Glossário. Filosofia. Língua de Sinais Brasileira. Sinais-termo.

¹ De acordo com Faulstich (2012 *apud* SANTOS, 2017): 1. Termo da Língua de Sinais Brasileira que representa conceitos com características de linguagem especializada, próprias de classe de objetos, de relações ou de entidades. 2. Termo criado para, na Língua de Sinais Brasileira, denotar conceitos contidos nas palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento e do saber. 3. Termo adaptado do português para representar conceitos por meio de palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento da Língua de Sinais Brasileira.

ABSTRACT

The repertoire of a language is always dynamic and flexible. Each language makes conceptual clippings of what is experienced in the discourse according to its structure, and new units of meaning may arise. This lexicon update enables communicational expansion and insertion, especially in the educational environment. This dissertation focus on the Bilingual Portuguese Language - Brazilian Sign Language terminology, from the Philosophy area. The objects of study are the philosophy terminology in the Portuguese Language presented in textbooks of philosophy for high school belonging to the National Program of Books and Didactic Material of the Ministry of Education, cycle 2018/2019/2020, of the humanities and its technologies from 2017, 2018 and 2019 of the National High School Exam (ENEM). The goal was to compile the terminology of philosophy present in textbooks in Portuguese, for the creation of a repertoire of term signs, through Bilingual Glossary, for the benefit of the linguistic accessibility of deaf students and the production of didactic material for teachers who participate in the proposal of bilingual education of the Secretary of State for Education of the Distrito Federal. For the organization and recording of the glossary, we are based on the composition of Corpus Linguistics, taking the theoretical bases of the specialized lexicon and Portuguese Language Terminology for later creation and recording of the term signs in Brazilian Sign Language. The need for expansion of the scientific lexicon in Brazilian Sign Language is clear. This boosts the production of glossaries from different areas of specialty since accessibility in teaching depends on the use of these terms. In the glossary, the search system can be done in two ways: alphabetical search and philosophy search.

Keywords: Bilingual Terminology. Glossary. Philosophy. Brazilian Sign Language. Term Signs.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - SISTEMA LINGUÍSTICO	41
FIGURA 2 – SINAIS-TERMO A	45
FIGURA 3 – SINAIS-TERMO B	47
FIGURA 4 - GUIA DIGITAL DE FILOSOFIA.....	75
FIGURA 5 - PROVAS DO EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA.	76
FIGURA 6 - LIVROS DIDÁTICOS – PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO E DO MATERIAL DIDÁTICO 2018_2020.	77
FIGURA 7 - SOFTWARE ANTCONC.	80
FIGURA 8 - SOFTWARE TERMOSTAT WEB 3.0.	81
FIGURA 9 - SOFTWARE SOBEK MINING.....	82
FIGURA 10 - SOFTWARE ANTCONC (CORPUS FILES).	83
FIGURA 11 - SOFTWARE ANTCONC (CORPUS FILES).	85
FIGURA 12 - TABELA DE ANÁLISE DA SELEÇÃO DOS TERMOS.....	87
FIGURA 13 - SOFTWARE ANTCONC (ÍNDICE DE FREQUÊNCIA DO TERMO “SER”).....	89
FIGURA 14 - – SOFTWARE ANTCONC (FILE VIEW).	91
FIGURA 15 – SOFTWARE ANTCONC (CLUSTERS/N-GRAMS).....	93
FIGURA 16 – SOFTWARE ANTCONC (CONCORDANCE).....	95
FIGURA 17 – SOFTWARE ANTCONC (CONCORDANCE HITS).	95
FIGURA 18– SOFTWARETERMOSTAT (ENTRADA PRINCIPAL).....	97
FIGURA 19 - SOFTWARETERMOSTAT (LISTA DE TERMOS).....	99
FIGURA 20 - WORD LIST (CANDIDATOS A TERMO)	100
FIGURA 21 - SOFTWARETERMOSTAT (NUVEM DE TERMOS).	101
FIGURA 22– SOFTWARETERMOSTAT (CONTEXTOS).	102
FIGURA 23 - SOFTWARETERMOSTAT (ESTRUTURAÇÃO- PROVAS ENEM).	103
FIGURA 24 - – SOFTWARETERMOSTAT (ESTRUTURAÇÃO-LIVRO DIÁLOGO PRIMEIROS ESTUDOS EM FILOSOFIA).....	104
FIGURA 25 – SOFTWARETERMOSTAT OMPOSIÇÃO).....	106
FIGURA 26 - SOFTWARETERMOSTAT (GRÁFICO-DECOMPOSIÇÃO-CANDIDATO A TERMO SER).	107
FIGURA 27– SOFTWARETERMOSTAT (EXPANSÃO DA DECOMPOSIÇÃO CANDIDATO A TERMO: SER).....	108
FIGURA 28 - SOFTWARETERMOSTAT (BIGRAMAS).	110
FIGURA 29– SOFTWARE SOBEK MINING – NATUREZA E CULTURA.	112
FIGURA 30 - – SOFTWARE SOBEK MINING – FILOSOFIA DA LINGUAGEM.	113
FIGURA 31– SOFTWARE SOBEK MINING – ENEM/ FILOSOFIA (2017,2018 E 2019)	114
FIGURA 32 - – TABELA EXCELL BASE DE DADOS.....	117
FIGURA 33 - MAPA CONCEITUAL- ÁREAS DA FILOSOFIA	121
FIGURA 34 - MAPA CONCEITUAL- ÁREAS DA FILOSOFIA	121
FIGURA 35 - BANCO DE DADOS	123
FIGURA 36 - MATERIAL VISUAL -RECURSO ELABORAÇÃO DOS CONCEITOS.....	135
FIGURA 37 - MATERIAL VISUAL -RECURSO ELABORAÇÃO DOS CONCEITOS.....	135
FIGURA 38 - TELA INICIAL "GLOSSÁRIO DE FILOSOFIA"	163
FIGURA 39 - TELA ENTRADA PRINCIPAL MACROESTRUTURA-APRESENTAÇÃO.....	164
FIGURA 40 - TELA ENTRADA PRINCIPAL MACROESTRUTURA-APRESENTAÇÃO.....	164
FIGURA 41 – TELA OBJETIVO	165
FIGURA 42 - TELA –PÚBLICO-ALVO	165
FIGURA 43 - TELA - COMO USAR	166

FIGURA 44 - TELA –SISTEMA DE BUSCA LP (ORDEM ALFABÉTICA)	166
FIGURA 45 - TELA –SISTEMA DE BUSCA LSB-SIGNWRITING (ORDEM ALFABÉTICA).....	167
FIGURA 46 - TELA –SISTEMA DE BUSCA LP-ÁREAS TEMÁTICAS DA FILOSOFIA.....	167
FIGURA 47 - TELA –SISTEMA DE BUSCA LSB-SIGNWRITING-ÁREAS TEMÁTICAS DA FILOSOFIA	168
FIGURA 48 - TELA –EXPLICAÇÃO VERBETE PELA COR	169
FIGURA 49 - TELA –EQUIPE DE PRODUÇÃO	169
FIGURA 50 - TELA - DÚVIDAS E SUGESTÕES	170
FIGURA 51 - TELA –EXPLIVERCAÇÃO MICROESTRUTURA	170
FIGURA 52 - TELA –EXEMPLO MICROESTRUTURA.....	171

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Conceito dos Termos A	45
Quadro 2	Conceito dos Termos B	47
Quadro 3	Relato de vivência.....	60
Quadro 4	Relação entre conceitos-Descritores.....	119
Quadro 5	Modelo de ficha terminológica.....	125
Quadro 6	Modelo de ficha terminológica.....	126
Quadro 7	Lista de Entradas.....	129
Quadro 8	Coletânea Sinais-Termo do Glossário de Filosofia Bilíngue.....	136

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Centro Lexterm	- Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos
COMPLETT	- Corpus Multilíngue para Pesquisas em Línguas Estrangeiras, Tradução e Terminologia
EBT	- Escola Bilíngue Libras e Português Escrito de Taguatinga
ECT	- Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos
ENEM	- Exame Nacional do Ensino Médio
FNDE	- Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
GPET-LSB	- Grupo de Pesquisa em Estudos Terminológicos da Língua de Sinais Brasileira
INEP	- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LC	- Linguística de Corpus
LET	- Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução
LIP	- Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
LP	- Língua Portuguesa
LS	- Língua de Sinais
LSB	- Língua de Sinais Brasileira
MEC	- Ministério da Educação
NEOLS	- Neologismos em Língua de Sinais
PNLD	- Programa Nacional do Livro e do Material Didático
POSTRAD	- Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução
SEEDF	- Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
SIA	- Setor de Indústria e Abastecimento
TCT	- Teoria Comunicativa da Terminologia
TGT	- Teoria Geral de Terminologia
UnB	- Universidade de Brasília

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 FILOSOFIA E TERMINOLOGIA: INTER-RELAÇÃO COM A LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA.....	20
1.1 RECONHECIMENTO TERMINOLÓGICO	20
1.1.1 COMO DELIMITAR A ÁREA DE UM CONHECIMENTO ESPECIALIZADO	20
1.2 CARACTERÍSTICAS DA LINGUAGEM FILOSÓFICA	21
1.3 A TERMINOLOGIA	23
1.3.1 BASES TEÓRICAS	23
1.3.2 TEORIA COMUNICATIVA DA TERMINOLOGIA.....	24
<i>1.3.2.1 Caraterísticas da Teoria Comunicativa da Terminologia</i>	<i>26</i>
1.4 CONTRIBUIÇÕES E APLICAÇÕES DA TERMINOLOGIA	27
1.4.1 DICIONÁRIOS, VOCABULÁRIOS E GLOSSÁRIOS.....	32
1.4.2 DICIONÁRIOS NA SALA DE AULA.....	33
1.5 TERMINOLOGIA NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA	35
1.5.1 NEOLOGIA EM LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA	36
1.5.2 O SINAL-TERMO E AS ÁREAS DE LINGUAGEM ESPECIALIZADA	42
2 FILOSOFIA NO CONTEXTO EDUCATIVO.....	48
2.1 A FILOSOFIA NA SALA DE AULA	48
2.1.1 BREVE HISTÓRICO DO ENSINO DA FILOSOFIA	50
2.2 PROPOSTA DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE	56
2.2.1 POLÍTICAS PÚBLICAS	57
2.2.3 O MATERIAL DIDÁTICO	60
2.2.3.1 <i>O livro didático.....</i>	<i>61</i>
2.2.3.2 <i>O livro didático no Programa Nacional do Livro e do Material Didático</i>	<i>61</i>
3 A LINGUÍSTICA DE CORPUS	64
3.1 CARACTERÍSTICAS	64
3.2 FUNDAMENTAÇÃO	66
4 -METODOLOGIA PARA EXTRAÇÃO DOS TERMOS DE FILOSOFIA DOS LIVROS DIDÁTICOS EM LÍNGUA PORTUGUESA.....	70
4.1 ABORDAGEM E NATUREZA DA PESQUISA.....	70
4.1.1 OBJETIVO E PÚBLICO-ALVO	72
4.1.2 INSTITUIÇÕES E REPRESENTAÇÕES	73
4.1.3 SELEÇÃO DAS FONTES DE PESQUISA.....	73
4.2 SELEÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOS TEXTOS	79
I. <i>AntiConc 3.5.7.....</i>	<i>80</i>
II. <i>TermoStat Web 3.0</i>	<i>81</i>
III. <i>Sobek Mining</i>	<i>81</i>
4.2.1 Levantamento dos candidatos a termos	82

4.2.2 REGISTRO DOS CONCEITOS E RECONHECIMENTO DOS TERMOS EM LÍNGUA PORTUGUESA	116
<u>4.2.2.1</u> <i>Elaboração e preenchimento das Fichas de Extração</i>	116
<u>4.2.2.2</u> <i>Organização da Base de Dados</i>	117
<u>4.2.2.3</u> <i>Redação dos conceitos</i>	119
<u>4.2.2.4</u> <i>Elaboração dos Mapas Conceituais</i>	120
<u>4.2.2.5</u> <i>Organização do Banco de Dados</i>	122
<u>4.2.2.6</u> <i>Elaboração das Fichas terminológicas Bilíngues</i>	124
<u>4.2.2.7</u> <i>Validação dos conceitos dos termos</i>	127
<u>4.2.2.8</u> <i>A Macroestrutura</i>	127
<u>4.2.2.9</u> <i>A Microestrutura</i>	129
4.3 ORGANIZAÇÃO DO GLOSSÁRIO DE FILOSOFIA BILÍNGUE LÍNGUA PORTUGUESA- LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA	134
4.3.1 ELABORAÇÃO DOS CONCEITOS EM LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA E CRIAÇÃO DOS SINAIS-TERMO	134
4.3.2 ORGANIZAÇÃO DA MACROESTRUTURA E MICROESTRUTURA.....	163
4.3.2.1 <i>As fichas terminológicas</i>	171
CONSIDERAÇÕES FINAIS	172
REFERÊNCIAS	175
APÊNDICES	180
APÊNDICE A – CONTATO FNDE	181
APÊNDICE B – SOLICITAÇÃO LIVRO DIDÁTICO -SEDF	182
APÊNDICE C – SOLICITAÇÃO LIVRO DIDÁTICO-EDITORAS	183
APÊNDICE D – SOLICITAÇÃO LIVRO DIDÁTICO- EDITORAS	184
APÊNDICE E – AMOSTRAGEM DE TERMINOLOGIA DA FILOSOFIA NO LIVRO DIDÁTICO	185
APÊNDICE F LISTAS DE TERMOS GLOSSÁRIO GERAL E ATUAL	186
APÊNDICE G – MAPAS CONCEITUAIS FILOSOFIA TEMÁTICA	193
APÊNDICE H – FICHAS TERMINOLÓGICAS	195

INTRODUÇÃO

Este trabalho está situado na área de Estudos da Tradução e inserido na linha de pesquisa da Terminologia e Terminografia, desenvolvido no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro Lexterm) e no laboratório Corpus Multilíngue para Pesquisas em Línguas Estrangeiras, Tradução e Terminologia (COMPLETT), ambos da Universidade de Brasília (UnB). Os objetos de estudo são os termos de filosofia em Língua Portuguesa (LP) presentes nos livros didáticos de filosofia do ensino médio do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) do Ministério da Educação (MEC), ciclo 2018/2019/2020, e as questões de filosofia das provas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) de 2017, 2018 e 2019. O objetivo principal desta pesquisa é a compilação terminológica para a criação de um repertório de sinais-termo, mediante a proposta de criação de um glossário bilíngue. O público-alvo deste trabalho são os docentes que trabalham na educação de surdos e os discentes surdos da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF).

Para a realização do nosso objetivo, temos as seguintes tarefas: a) sistematizar o corpus da pesquisa em LP, na extração e na seleção dos termos para a elaboração dos conceitos, por meio da Linguística de Corpus (LC), com a coleta de dados nos textos dos livros didáticos de filosofia do ensino médio do PNLD e nas questões de filosofia do Enem; b) selecionar os termos e elaborar as fichas de extração e as fichas terminológicas em LP e em LSB; c) analisar o processo de estudo dos conceitos dos termos dentro do contexto do discurso do livro didático na LP para a criação do sinal-termo na LSB; d) criar e registrar sinais-termo da filosofia para a educação básica, por meio da proposta de um glossário terminológico bilíngue, conforme as particularidades da LSB; e e) apontar as aplicações da terminologia e da LC na LP e na LSB como balizadoras de um trabalho terminográfico.

Os trabalhos lexicográficos e terminográficos na Língua de Sinais (LS) são uma abertura para o acesso de surdos às áreas das linguagens de especialidade e científicas. Além disso, promovem a ampliação linguística e comunicativa e a inserção sociocultural.

No Brasil, com a promulgação da Lei n.º 10.436², de 24 de abril de 2002, e da Lei n.º 5.016, de 11 de janeiro de 2013, passamos a certificar políticas públicas que espelham o reconhecimento da LSB e da educação bilíngue para surdos. De acordo com Nascimento (2009, p. 02), “a soberania linguística da Língua Portuguesa cede espaço para uma língua antes marginalizada”.

² Popularmente, conhecida como “Lei de Libras”.

Este trabalho faz parte dessa nova realidade prática cotidiana. Atuando como professora de filosofia para surdos, pude constatar essa premência. Os estudos iniciais ocorreram no Laboratório de Pesquisa e Formação para a Educação Bilíngue, em 2014, na Escola Bilíngue Libras e Português Escrito de Taguatinga (EBT), sob a coordenação da Prof^a. Dr^a. Sandra Patrícia de Faria do Nascimento, a partir de uma solicitação desta pesquisadora, que atuava como professora regente de filosofia na recém-inaugurada escola de educação bilíngue para surdos, na qual as aulas eram (e ainda são) ministradas na língua materna: LSB e LP (considerada como segunda língua, conforme a Lei n.º 5.016/2013).

Em um primeiro momento, para atender a uma demanda emergencial da época, os termos foram selecionados empiricamente, de maneira que pudessem colaborar para a prática didática do ensino de filosofia para surdos. Por questões diversas, interrompemos essa interação e a retomamos recentemente, em 2017, em paralelo aos estudos junto ao Centro Lexterm. Ao reiniciarmos, encontramos várias complexidades e impasses na escolha dos termos, principalmente no que se refere à separação do léxico comum do léxico especializado da disciplina de filosofia (não somente dentro desse contexto, mas em alguns dicionários especializados da área). Buscando mais bases para a fundamentação dessa problemática, avançamos com o uso da Linguística de Corpus (LC) para a identificação, a análise e o estudo do léxico especializado e, posteriormente, para a elaboração de um glossário no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Tradução da UnB. Assim, neste trabalho, propomos a compilação terminológica de filosofia do material didático no contexto escolar para a criação de um glossário bilíngue em Língua Portuguesa (LP) e em Língua de Sinais Brasileira (LSB).

A Terminologia³ não é um campo de estudo recente. Conforme Krieger e Finatto (2017, p. 25):

O primeiro reconhecimento formal da existência de vocabulários específicos de determinadas áreas de conhecimento especializado se dá no século XVII, período em que alguns dicionários clássicos da cultura europeia incluíram a Terminologia como uma entrada, definindo-a como matéria que se ocupa de denominações de conceitos próprios das ciências e das artes.

Depois, no século XVIII, especialistas de certas áreas técnico-científicas, como a química, a botânica, a zoologia, entre outras, desenvolveram trabalhos específicos que, segundo Cabré (1993 *apud* ALMEIDA, 2003, p. 1), estudavam os termos como uma forma de

³ Neste trabalho, usaremos “Terminologia” (com inicial em caixa alta) para nos referirmos à disciplina da linguística de caráter teórico e aplicado, dedicada ao estudo científico dos termos de uma linguagem especializada; por outro lado, utilizaremos “terminologia” (com inicial em caixa baixa) quando nos referirmos ao conjunto de termos que pertencem a um sistema de conceitos de determinada área especializada.

organização dos conceitos. Logo após, no século XIX, viu-se a necessidade, por parte dos cientistas, do estabelecimento de padrões terminológicos em suas áreas de especialidade, bem como o desenvolvimento de regras na formação dos termos, especialmente devido à internacionalização das ciências. Aqui, fica clara a separação da linguagem científica da linguagem comum. E, com a invenção do computador, o tratamento dos dados terminológicos se tornou mais eficiente, proporcionando uma capacidade maior de armazenamento e o uso de novas ferramentas de processamento. Nessas últimas décadas, com o aumento da transmissão de conhecimentos técnico-científicos entre as línguas, percebemos a configuração de um novo mundo tecnologicamente mais globalizado, dinâmico e interativo. Isso significou uma contribuição singular para impulsionar o desenvolvimento da Terminologia e seus estudos.

Dessa forma, a Terminologia começa a seguir novos caminhos, pautados em investigações terminológicas de base linguístico-comunicacional, dentro de uma comunicação especializada, ou seja, passa a considerar o léxico dessa linguagem de especialidade dentro de um contexto discursivo.

Esse cenário levou os estudos terminológicos a novas teorias de caráter mais aplicado. Dentre elas, focaremos aqui, conforme explicitaremos mais adiante, na Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) e no reconhecimento dos aspectos comunicativos.

Segundo Krieger e Finatto (2017, p. 35-43):

[...] as proposições da TCT postulam que a priori não há termos nem palavras, mas somente unidades lexicais⁴, que circunscrevem cognitivamente objetos, processos e conceituações pertinentes ao universo das ciências, das técnicas e das tecnologias. Assim, as unidades lexicais têm, como sentido, nomear, tendo em vista que estas adquirem estatuto terminológico no âmbito das comunicações especializadas.

É nessa perspectiva da TCT que fundamentaremos esta pesquisa, apoiando-nos nos textos *in vivo* dos livros didáticos de filosofia, organizados em um volume único, voltado para

⁴ O léxico de uma língua é composto pelo conjunto de todas as unidades lexicais. As unidades lexicais dos textos técnico-científicos podem também atuar em textos da língua comum e, nesse caso, não funcionam como termos. Aqui, utilizaremos o conceito empregado por Cabré (1999, p. 132), que enfatiza o fato de que a unidade lexical funciona como termo apenas se estiver em um contexto e em uma situação adequados: “*El carácter de término se activa en función de su uso en un contexto y situación adecuados. Esta adecuación consiste en una selección de los módulos de rasgos apropiados, que incluyen los rasgos morfosintácticos generales de la unidad y una serie de semánticos y pragmáticos específicos que describen su carácter de término de un determinado ámbito*”. Tradução nossa: “O caráter do termo é ativado com base em seu uso em um contexto e situação apropriados. Essa adaptação consiste em uma seleção dos módulos de recurso apropriados, que incluem os aspectos morfosintáticos gerais da unidade e uma série de semânticas e pragmáticas específicas que descrevem seu caráter como o termo de um determinado domínio”.

as três séries do ensino médio, em âmbito nacional, e nas questões de filosofia das provas do Enem, para identificação dessas unidades terminológicas⁵ na língua portuguesa brasileira.

Tendo em vista ainda os estudos das áreas de especialidades, esta pesquisa tem como objetivo analisar os termos da área de filosofia no domínio das comunicações especializadas. Esse caminho nos levará a uma compilação terminológica⁶ que ajudará a construir a base estrutural de um glossário terminológico de filosofia em LP e em LSB.

A terminologia da filosofia apresenta-se aqui como essencial, diante de uma necessidade prática de alunos surdos que recebem o ensino em sua língua materna e precisam ter acesso ao conhecimento científico. De acordo com Nascimento (2009, p. 3),

[...] apesar de muitas lacunas terminológicas já estarem preenchidas na língua de sinais, não estão sistematizadas. Modestamente, a expansão terminológica nas diferentes áreas do conhecimento científico desponta, na LSB, com alguns termos bem construídos, ao lado de outros provisórios e inconsistentes e outros ainda sem nenhuma perspectiva de “terminologização”⁷.

A metodologia que resultará na compilação terminológica será a Linguística de Corpus (LC), a fim de identificar essas unidades terminológicas⁸. Segundo Sardinha (2000, p. 325),

[...] a Linguística de Corpus ocupa-se da coleta e exploração de corpora, ou de conjuntos de dados linguísticos textuais que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem através de evidências empíricas, extraídas por meio de computador.

A LC traz consigo novas possibilidades para os estudos e observação da linguagem natural por meio da exploração de textos representativos de uma língua. Neste caso específico, em que temos uma linguagem especializada e a necessidade de uma identificação terminológica, a LC nos fornecerá dados computacionais importantes para que as análises e as considerações tradutórias e lexicográficas sejam mais assertivas. Esses dados permitem enxergar no texto padrões de uso da língua. As ferramentas computacionais da LC proporcionam a identificação de listas de palavras por ocorrência, frequência e coocorrência

⁵ Segundo Teixeira (2008, p. 62): “Para Cabré, o conteúdo de um texto especializado é como um mapa conceptual de um território (Cabré, 2005) – a informação estrutura-se em Unidades de Significação Especializadas que, quando representam um nó conceptual na estrutura de conhecimento de uma dada área especializada, são chamadas de Unidades Terminológicas (UT)”.

⁶ Por “compilação terminológica”, entende-se a seleção das unidades lexicais de uma linguagem de especialidade (ou “termo de uma linguagem especializada”).

⁷ Descrição da própria autora (NASCIMENTO, 2009, p. 4): o termo “terminologização” está empregado como paralelismo do termo “lexicalização”. Este, entendido grosso modo como o processo pelo qual um sintagma se lexicaliza, transforma-se em unidade lexical autônoma. E aquele, entendido como processo pelo qual um vocábulo se terminologiza, passa a pertencer a uma área do conhecimento.

⁸ Utilizaremos “unidades terminológicas” quando a unidade lexical for reconhecida dentro de uma linguagem de especialidade.

dentro de um contexto, fundamentais no estudo e elaboração dos conceitos que comporão o glossário.

Acreditamos que essa pesquisa propõe uma reflexão sobre as diversas possibilidades a partir da metodologia da LC para os estudos da tradução e para a elaboração de trabalhos terminográficos. Apresentamos a seguir os capítulos que compõem esse trabalho.

No capítulo 1, apresentaremos a inter-relação da filosofia e da terminologia com a língua de sinais brasileira. Falaremos sobre o reconhecimento terminológico e as delimitações de uma área de especialidade, focando nas características da linguagem filosófica. Apresentaremos as bases teóricas da Terminologia e suas aplicações na elaboração de glossários e dicionários, bem como a Teoria Comunicativa da Terminologia e suas características. Também trataremos da terminologia na língua de sinais brasileira: neologismos; processos de elaboração de conceito na LP e na LSB para a criação do sinal-termo; e o sinal-termo e as áreas de linguagem especializada.

No capítulo 2, retrataremos a Filosofia no contexto educativo, começando por uma breve história do ensino da filosofia no Brasil e sua importância. Posteriormente, contextualizaremos a proposta da Educação Bilíngue no Distrito Federal como política pública em prol da acessibilidade; a questão do material didático e o público-alvo do livro didático no Programa Nacional do Livro e do Material Didático.

No capítulo 3, descreveremos as características e a fundamentação teórica da Linguística de Corpus.

Finalmente, no capítulo 4, apresentaremos toda a metodologia desenvolvida na pesquisa para a extração dos termos de filosofia em LP e a posterior organização da proposta de glossário bilíngue de filosofia em LP-LSB. Iniciaremos falando sobre a abordagem e natureza da pesquisa, apontando os objetivos e público-alvo, as instituições e representações. Em seguida, detalharemos como aconteceu a coleta e análise de dados na compilação do corpus em língua portuguesa: seleção e organização dos textos; sistematização do corpus; elaboração do mapa conceitual; elaboração e preenchimento das fichas de extração e fichas terminológicas; organização do banco de dados; redação das definições e validação dos conceitos. Por último, apresentaremos a organização da proposta do glossário bilíngue de filosofia LP-LSB: elaboração dos conceitos em LSB e a criação dos sinais-termo; a organização da macroestrutura e microestrutura.

Após a exposição dos quatro capítulos, apresentamos as considerações finais, as referências bibliográficas, apêndices e os anexos. Logo seguem, os capítulos que compõem a pesquisa.

1 FILOSOFIA E TERMINOLOGIA: INTER-RELAÇÃO COM A LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA

1.1 Reconhecimento Terminológico

A Filosofia é uma disciplina que tem muitas interfaces. Ela preserva uma individualidade e uma linguagem bem característica, não só pelo teor abstrato de alguns temas, mas também pelo fato de pertencer a uma linguagem de especialidade. O reconhecimento terminológico aqui não significa inventariar todas as palavras ou expressões filosóficas, mas sim identificar os termos na dinâmica da linguagem filosófica em comparação ao léxico da língua geral.

Para Krieger (2018, p. 331), “o reconhecimento terminológico é um problema permanente e acompanha toda investigação sobre a constituição de repertórios de léxico especializado”. Ela destaca que, atualmente, o uso de ferramentas informatizadas tem desenvolvido e trazido avanços para o reconhecimento terminológico. Sem, contudo, dispensar a atuação humana na avaliação dos resultados.

Alinhados a essa nova realidade, adotaremos a Linguística de Corpus como metodologia estrutural no reconhecimento terminológico da Filosofia numa perspectiva da Teoria Comunicativa da Terminologia, tratados em detalhes nos capítulos seguintes.

1.1.1 COMO DELIMITAR A ÁREA DE UM CONHECIMENTO ESPECIALIZADO

As possibilidades de reconhecimento terminológico talvez não sejam tão simples como parecem. Em qualquer língua, o léxico de especialidade é utilizado para denominar um conceito de determinada área do conhecimento. Porém, esse léxico não permanece, nem se estrutura sozinho dentro da língua.

É necessário chamar a atenção para a delicadeza que devemos ter ao tratar de uma linguagem de especialidade, principalmente da filosofia. Cabe ressaltar que, ao tentar definir e criar conceitos, a Filosofia se consolida como uma área especializada. E, mesmo que esses conceitos sejam passíveis de revisões e retomadas, a filosofia continuará delimitando em busca por uma precisão conceitual.

Contudo, ao tratarmos de uma terminologia, devemos reconhecer os termos de um conhecimento específico não de forma isolada. Os participantes/falantes, sejam profissionais

ou aprendizes, compartilham o interior do léxico geral e específico de maneira dinâmica e interativa, conforme aponta Cabré (1993, p. 99):

[...] los términos, así, no son unidades aisladas semanticamente, ni el conocimiento del mundo especializado tiene lugar a través de términos aislados. El proceso intelectual del hablante en relación con el conocimiento sigue una conceptualización progresiva de la realidad especializada, y a medida que la va adquiriendo, la convierte en una estructura en la que cada concepto ocupa un lugar determinado y adquiere un valor funcional. La terminología, pues, es la base de la estructura del conocimiento especializado temáticamente¹⁰.

A filosofia, portanto, passeia por entre os saberes. De acordo com Ponzio, Calefato e Petrilli (2007, p. 287 *apud* DARÉ, 2014, p. 36):

Por mais unitária que seja a enunciação filosófica, mesmo assim ela se reporta sempre a linguagens diversas, ainda que fosse com pretensão de unificá-las em uma espécie de “língua comum” (um “círculo dos círculos”). Por mais que se apresente como absoluta, indiscutível, peremptória, categórica, e por mais monológica que seja, a palavra da filosofia se mostra sempre à procura de algum substituto da “dialógica” constitutiva da linguagem filosófica.

Em última instância, o reconhecimento terminológico distingue uma conceituação de um conhecimento especializado dentro de determinado contexto. E é sob essa perspectiva que pautaremos nossos estudos.

1.2 Características da linguagem filosófica

Muitos acreditam que o campo da filosofia apresenta uma linguagem de difícil compreensão. Contudo, a abertura e a democratização do saber têm modificado algumas visões sobre isso, principalmente em relação aos participantes mais jovens, que antes acreditavam que a filosofia era algo quase que impenetrável e incompreensível.

Claro está que a linguagem filosófica tem, sim, uma característica bem singular. Porém, ao mesmo tempo que assusta, também fascina! Durante a história de construção da filosofia, cada filósofo foi imprimindo sua identidade e seu estilo na escrita de suas teorias. Isso proporcionou certa originalidade ao discurso filosófico, o que refletiu na terminologia da filosofia. Contudo, além da marca estilística teórica, a filosofia vem, ao longo dos anos,

¹⁰ Tradução nossa: “Os termos, portanto, não são unidades semanticamente isoladas, nem o conhecimento do mundo especializado ocorre por meio de termos isolados. O processo intelectual do falante em relação ao conhecimento segue uma conceituação progressiva da realidade especializada e, à medida que a adquire, ele a converte em uma estrutura na qual cada conceito ocupa um determinado lugar e adquire um valor funcional. A terminologia, então, é a base da estrutura do conhecimento especializado tematicamente”.

apresentando uma abertura prática para uma linguagem contemporânea, sem abrir mão, entretanto, da linguagem clássica.

A filosofia dialoga no mundo das ideias. Ideias vivas. E sua linguagem não é um processo de decodificação, pois segue um método com base em argumentos, teses, hipóteses, aplicações, exemplos e diálogos com tudo que pode ser posto e contraposto.

O discurso filosófico é, então, de extremo rigor e coerência. Mas isso não faz dele um sistema fechado. No entanto, ainda existe outra especificidade que deve ser lembrada: a linguagem filosófica aqui tratada se refere à linguagem filosófica dos livros didáticos. Não podemos perder de vista o contexto específico desta pesquisa. Os livros didáticos são compostos de “textos clássicos” da filosofia, bem como de textos produzidos por seus autores, com o objetivo principal de facilitar o debate filosófico em sala de aula. Como bem observa Daré (2014, p. 30):

Dessa forma, nosso estudo do uso da linguagem filosófica no contexto do ensino de filosofia, deve pensá-lo como um diálogo entre professor e aluno, tendo um certo recuo a esse encontro a referência ao texto filosófico e no próprio encontro a presença da linguagem filosófica. Com isso, colocamos em pauta a natureza sociocultural da linguagem. A proposição de que a linguagem é uma construção situada historicamente pode não constituir, na atualidade, uma grande novidade. A psicanálise, a linguística, a filosofia francesa contemporânea e até a chamada filosofia analítica corroboram com essa assertiva.

A pertinência do contexto para caracterizarmos a linguagem filosófica é fundamental, pois ela não se apresentará da mesma forma em textos acadêmicos ou didáticos e nos textos originais dos filósofos. O que acompanha a base terminológica de uma linguagem filosófica específica pode apresentar níveis de compreensão e abstração mais ou menos profundos.

Daré (2014, p. 34), citando Ponzio, Calefato e Petrilli (2007, p. 284), apresenta ainda outras características da linguagem filosófica, como sendo plurilinguística, pluridiscursiva e pluriestilística:

A linguagem filosófica por fazer uso de todas as linguagens e não se reduzir a nenhuma delas (especialistas, científicas, cotidianas, religiosas) pode ser compreendida como *plurilinguística*. Além dessa característica, a linguagem filosófica também é *pluridiscursiva* e *pluriestilística*. A *pluridiscursividade* da filosofia é devido sua não exclusividade a nenhum gênero discursivo. Encontramos na história da filosofia uma profusão de gêneros: os diálogos (Platão), da confissão (Agostino e Rousseau), tratados, dissertações, ensaios, comentários, apostilas, os próprios textos historiográficos, aforismos e até mesmo o romance. Pelo mesmo raciocínio, a filosofia é pluriestilística por não ter um estilo que a caracterize como próprio. A linguagem filosófica não está “fechada” ao estilo pessoal de um autor, de uma corrente ou de uma determinada fase histórica. A “filosofia” incorpora e aceita o estilo pessoal de muitos autores e escolas. [grifos no original]

A linguagem filosófica não é um bloco conceitual. Ela assume dimensões de sentido dentro do texto, agindo nos limites que o pensamento humano permite no uso das palavras.

1.3 A Terminologia

A terminologia refere-se aos signos linguísticos ligados aos saberes específicos. Esses signos ou termos, trazem consigo traços linguístico e semântico que os caracterizam dentro de uma comunicação especializada. Ela diz respeito a nomes e conceitos. Isso imprime uma marca, peculiaridades de um léxico preciso, ou seja, uma terminologia.

E, além da sua natureza, outro fator que define a terminologia é a sua funcionalidade. A terminologia permite a separação denominativa de objetos. O homem dá nome e separa o que é específico e o que é geral na língua. Ela também serve para a organização conceitual de uma área específica na representação e transmissão de um conhecimento. A propagação dos saberes científico e técnico depende diretamente dessa organização conceitual na elaboração de inventários de termos. Serve ainda para propósitos comunicacionais, no dinamismo social e na expansão de fronteiras entre as línguas.

A terminologia hoje significa uma prática. Quer seja na documentação do saber ou na comunicação sócio cultural, ela se mostra substancial para todos os indivíduos participantes de uma sociedade no uso da linguagem.

1.3.1 BASES TEÓRICAS

No século XVIII, Antoine Laurent Lavoisier (1743-1794), um cientista francês nominou o “oxigênio”, e o sueco Carl Von Linné (1707-1778) nomeou espécies da atual da biologia. Marcando assim, o início da criação de nomenclaturas técnico-científicas e as discussões sobre suas singularidades.

Já no século das luzes - XVIII, com a internacionalização das ciências, a discussão sobre a necessidade de terminologias unívocas para garantir a comunicação científica internacionalmente toma ainda mais pertinência. Estabelece-se então regras de formação dos termos a fim de imprimir algumas especificidades à essa linguagem. Conforme, Krieger e Finatto (2017,p.25) os cientistas instituem um processo denominativo, cujas particularidades permitem uma demarcação nítida entre o léxico das ciências e o chamado léxico comum, configurando os termos das ciências.

A consolidação da terminologia vem acontecer precisamente no século XX, com o estabelecimento da normalização em algumas áreas como a Eletricidade e a Astronomia. Os avanços científicos e tecnológicos também foram importantes e decisivos impulsionadores dessa consolidação, além, é claro, do processo de globalização, que disseminou nos âmbitos comercial, tecnológico e cultural terminologias de línguas diferentes essenciais no processo de comunicação.

Segundo Cabré (1993, p. 28), a terminologia se desenvolve em quatro períodos fundamentais. O primeiro, diz respeito às **origens**, de 1930 a 1960, caracterizado essencialmente pelo início da Terminologia, enquanto disciplina científica, com o engenheiro austríaco Eugen Wüster, criador da TGT- Teoria Geral da Terminologia, e com Lotte. O segundo, vai de 1960 a 1975, período de **estruturação**, com o desenvolvimento da informática surgem os primeiros bancos de dados e a internacionalização da terminologia. De 1975 a 1985, o terceiro período, de **eclosão**, marcado pela expansão tecnológica e informatização no tratamento dos dados, aumentando os projetos políticos de planificação linguística. E, finalmente, a partir de 1985, o quarto período de **expansão**, também marcado pelos avanços da informática na disposição de recursos mais eficazes aos terminólogos, criação de redes internacionais voltadas para projetos da área da terminologia, cooperação internacional e formação de terminólogos.

Barros (2004, p. 36.), ainda acrescenta ao período de expansão territorial e científica da Terminologia apresentado por Cabré, a década de 1990 aos dias atuais como momento de reflexão e mudança de paradigma, onde os pressupostos teóricos e metodológicos da TGT como modelo normalizador da Terminologia são repensados, apresentando a Socioterminologia, expresso pela Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), proposta por Maria Teresa Cabré.

1.3.2 TEORIA COMUNICATIVA DA TERMINOLOGIA

A proposta de Cabré se diferencia da metodologia de Eugene Wüster, fundador da Teoria Geral da Terminologia (TGT), que se prende aos sistemas conceituais, isolando o termo dos discursos e de seus contextos. Essa concepção clássica da TGT busca a objetividade e trata os conceitos como se fossem independentes da linguagem, com função apenas denominativa, assumindo um caráter completamente reducionista em relação a uma realidade comunicativa plural. Cabré (1999, p. 126) reconhece a eficiência da teoria wüsteriana em contextos

prescritivos fortemente estruturados a fim de garantir uma univocidade comunicativa, mas também destaca a sua insuficiência em situações de comunicação natural de base social.

Para Cabré, a Terminologia é um campo interdisciplinar. Seu objetivo é descrever o valor terminológico dos termos, de modo semântico, formal e funcional, explicando suas relações com outros signos de um mesmo ou outro sistema. Os termos podem ter dupla função: a de representar e a de transferir o conhecimento especializado.

Cabré (2000, p. 13-14) apresenta princípios básicos e fundamentos da TCT, mostrando o caráter comunicativo dos termos dentro de um discurso especializado:

- a) *On conçoit la terminologie comme un domaine de connaissance nécessairement interdisciplinaire qui doit intégrer les aspects cognitifs, linguistiques, sémiotiques et communicatifs des unités terminologiques. Une théorie qui rend compte de cette interdisciplinarité doit permettre une approximation multidimensionnelle des termes.*
- b) *L'objet de la terminologie est constitué par les termes, et c'est pour cette raison que l'on considérera uniquement une théorie des termes et non une théorie de la terminologie.*
- c) *Les unités qui véhiculent la connaissance spécialisée peuvent avoir un caractère linguistique et/ou non linguistique. On les appelle unités terminologiques ou termes. Ces unités ont un caractère linguistique et apparaissent au sein d'une langue naturelle.*
- d) *Ces unités sont en même temps semblables et différentes des unités lexicales d'une langue, appelées mots par la lexicologie. Leur spécificité se trouve dans leur aspect pragmatique et dans leur mode de signification. Leur signifié est le résultat d'une négociation entre experts. Cette négociation se produit dans le discours spécialisé à travers des prédications qui déterminent le signifié de chaque unité¹¹.*

Cabré propôs a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) a partir de sua visão dos termos como unidades linguísticas. De forma macro, a autora visualiza os termos como unidades singulares e semelhantes a outras unidades de comunicação, que podem variar conceitualmente conforme a dimensão textual e discursiva dentro de uma realidade. Assim, essas unidades, a princípio, não são palavras, tampouco termos, até serem ativadas em seu uso em situações e contextos determinados, ou seja, por suas condições pragmáticas. A partir daí os conceitos de uma área especializada formam uma estrutura conceitual de um campo de

¹¹ Tradução nossa: “a) A terminologia é concebida como um campo de conhecimento necessariamente interdisciplinar que deve integrar os aspectos cognitivos, linguísticos, semióticos e comunicativos das unidades terminológicas. Uma teoria que dê conta dessa interdisciplinaridade deve permitir uma aproximação multidimensional de termos. b) O propósito da terminologia é o termo, e é por essa razão que consideraremos apenas uma teoria de termos e não uma teoria da terminologia. c) Unidades que transmitem conhecimento especializado podem ter uma natureza linguística e/ou não linguística. Elas são chamadas de unidades terminológicas ou termos. Essas unidades são de natureza linguística e aparecem em uma linguagem natural. d) Estas unidades são ao mesmo tempo semelhantes e diferentes das unidades lexicais de uma língua, denominadas palavras por lexicologia. Sua especificidade reside em seu aspecto pragmático e em seu modo de significação. Seu significado é o resultado de uma negociação entre especialistas. Essa negociação ocorre no discurso especializado através de sermões que determinam o significado de cada unidade”.

assunto ou mantêm sua condição de unidade da língua natural. Sendo assim, os termos podem ter variação conceitual e denominativa.

A precisão da descrição de um termo baseada em sua conceituação na afirmação de uma invariabilidade, não é suficiente para a TCT. Os termos assumem sua especificidade dentro do discurso. É dentro de um contexto comunicativo que a unidade lexical em função do seu uso assume sua denominação de termo. O que Cabré (1999, p. 126) propõe com a TCT é uma nova teoria sobre termos baseada nos fundamentos da linguagem e em seu caráter sociocultural.

A proposta deste trabalho parte de uma situação prática, de uma necessidade comunicativa de acordo quando Cabré (1993, p. 29) afirma que:

sí la terminología nace como una disciplina monovalente al servicio de la comunicación entre especialistas, su desarrollo le há conferiendo um carácter cada vez más polivalente y selectivo, que debe servir para resolver mejor las necesidades humanas que la nueva cultura suscita, y debe tender a acercar la tecnología a las personas, mejorando así su calidad de vida y sus relaciones interpersonales e intergrupales, cada vez más amplias y complejas.¹²

Assim, não temos como tratar esse léxico especializado fora de um contexto sociocultural distinto, que é o estudo da Filosofia voltado para a comunidade surda dentro da linguagem escolar. A base conceitual desse léxico, ou desses dos termos, deve se mostrar adequada ao propósito comunicativo desse trabalho terminológico, conforme disposto no material didático, mais especificamente no livro didático.

1.3.2.1 Caraterísticas da Teoria Comunicativa da Terminologia

A principal característica da Teoria Comunicativa de Cabré (1999, p. 118) é de que o termo é uma unidade do léxico das línguas que apenas se ativa no contexto comunicativo, ou seja, no discurso. Ela reconhece o caráter denominativo dos termos com “forma e significado” nas linguagens especializadas, mas chama a atenção para a necessidade de observá-los de maneira menos isolada na linguagem geral. Afinal, o conhecimento especializado é adquirido em condições pragmáticas de forma integrada com a linguagem natural. Ora, se aprende um novo conceito com a perda de um antigo, ora se troca um conceito antigo com um novo; ambos inseridos na linguagem natural.

¹² Tradução nossa: “... Sim, a terminologia é uma disciplina monovalente a serviço da comunicação entre especialistas, seu desenvolvimento confere cada vez mais um caráter polivalente e seletivo, que deve servir para resolver melhor as necessidades humanas que a nova cultura suscita, e deve tender a aproximar a tecnologia das pessoas, melhorando assim sua qualidade de vida e seus relacionamentos interpessoais e intergrupais, cada vez mais amplos e complexos.”

É essencial considerar o aspecto linguístico do termo dentro do contexto discursivo. O termo não significa um puro conceito. Ele é uma unidade complexa e multidimensional dentro do sistema linguístico discursivo.

Cabré (1999,p.119), ao descrever que a TCT integra três dimensões: a cognitiva, a linguística e a comunicativa, indica a poliedricidade das unidades terminológicas. A dimensão cognitiva define a existência do termo dentro de um conhecimento especializado. Já a dimensão linguística reconhece a forma e o conteúdo inseparáveis um do outro. Mas para ela, fora de um contexto ele é apenas uma unidade léxica. Nessa combinação de dimensões identificamos, de acordo com a TCT, que o conteúdo de um termo corresponde a uma situação de uso. Assim um termo não pertencem a um domínio. Eles são usados em um domínio quando adquirem um valor específico (Cabré, 1999,p.124).

O objetivo da TCT, de Cabré (1999, p. 133) é:

Descrever formal, semântica e funcionalmente as unidades que podem adquirir valor terminológico, dar conta de como são ativados e explicar suas relações com outros tipos de signos do mesmo ou distinto sistema, para fazer progredir o conhecimento sobre a comunicação especializada e as unidades que nela se usam.

E observando a característica aplicada da TCT, desenvolvemos nesse trabalho terminográfico a coleta dos termos usados no domínio da Filosofia na perspectiva comunicativa. Analisando, assim, as sinonímias, polissemias, homonímias e variações léxicas a partir da elaboração dos sistemas conceituais de forma flexível adequando aos objetivos dessa pesquisa.

1.4 Contribuições e Aplicações da Terminologia

A compilação e a análise da terminologia da filosofia, no âmbito da Língua Portuguesa (LP), para a criação de sinais-termo e a elaboração de um glossário de filosofia, possuem um fim prático: responder às necessidades comunicativas dos surdos no espaço escolar. Isso significa convencionar, para disponibilizar na língua materna, termos específicos da filosofia que ainda não existem (ou que não foram normalizados) e que dificultam por isso a prática didática/pedagógica e o processo de aprendizagem.

É importante ressaltar que a proposta terminológica desta pesquisa se justifica por sua ausência¹³, tanto na LP como na LSB. Não existe ainda, o registro de termos da Filosofia em formato de glossário nos livros didáticos consultados nesse trabalho, com uma única exceção, o livro “Filosofia e filosofias”, da autora Marilena Chauí. O que, para nós ainda é insuficiente para balizar um outro trabalho terminográfico em uma outra língua com especificidades tão definidas como a Língua de Sinais, sem a adaptação das definições na Língua Portuguesa.

Relembramos, ainda, que no passado, os livros didáticos traziam quase que como via de regra, glossários da obra no final do livro. Hoje, essa prática não tem sido muito adotada pelos autores. Também, não consta no mercado literário um dicionário de Filosofia elaborado para esses públicos-alvo, nem de falantes da Língua Portuguesa Brasileira e nem de falantes surdos que estão na Educação Básica. Temos aqui a problemática de uma terminologia específica para um fim específico.

Como já exposto, ainda não existe o registro normalizado desses termos em Língua de Sinais (LS). A falta de sinais-termo dificulta as aulas de filosofia. Nesse sentido, os discentes surdos e os docentes são desafiados pelas limitações linguísticas. E, embora a pedagogia espaço-visual seja reconhecidamente utilizada como importante ferramenta, a compreensão do léxico especializado fica prejudicada.

Assim, compilamos a terminologia da filosofia em LP registrada em corpus: as unidades terminológicas que estão nos livros didáticos, que se destacam por frequência e desenvolvemos um criterioso estudo terminológico na elaboração das definições, para posteriormente organizar um repertório em Língua de Sinais Brasileira, através da criação dos sinais-termo.

Esse tipo de estudo é fundamental para a construção de dicionários e glossários, conforme aponta Santos (2017, p. 123):

Após o percurso investigativo desta pesquisa, foi possível registrar a existência de dicionários, glossários, vocabulários e léxicos especializados em língua de sinais. Dentre esses foi possível perceber que em alguns casos há falta de estrutura terminográfica de registro. Desse modo, entendemos que os vocabulários, glossários e dicionários apresentados não foram organizados com base nos Estudos do Léxico e da Terminologia. Fica evidente também a necessidade de esclarecimentos a respeito do conceito destas áreas e de suas representações no registro do produto.

O estudo terminológico possibilita ações pontuais, significativas e indispensáveis. Entre elas está a observação da complexidade da escolha e do reconhecimento das unidades terminológicas da filosofia, devido ao próprio caráter interdisciplinar dessa disciplina. Essa

¹³ Por avaliação desta pesquisadora, os Dicionários de Filosofia da literatura científica brasileira, não atendem o público (estudantes surdos do ensino médio) por duas razões: não foram elaborados a partir do contexto dos livros didáticos e não apresentam uma adaptação/adequação da língua portuguesa.

identificação é uma problemática na própria LP. É fundamental o conhecimento terminológico do campo da Filosofia bem definido em LP, para que o processo de construção conceitual na LSB seja o mais compreensível possível. Para Santos (2017, p. 158), “é imprescindível ressaltar que não realizamos tradução de línguas, mas sim, uma construção conceitual e estrutural de uma definição já existente no português.” Entender como esse conhecimento especializado se estrutura a partir dessas unidades (a partir de um texto e dentro de um contexto) na Língua Portuguesa, facilita e certifica o processo de criação de sinais-termo, na Língua de Sinais Brasileira.

Os documentos terminológicos garantem a transmissão de conhecimento, além de serem meios de investigação e de pesquisa para a estruturação e a organização de vocabulários especializados, a partir da frequência das unidades lexicais terminológicas (ou termos) que são consagradas pelo uso. Essa compilação de uma terminologia dá mais credibilidade a um material concebido para ser de consulta referencial, propiciando organização e coerência estrutural na elaboração do glossário.

A terminologia fundamenta nosso trabalho. Os termos trazem consigo conceitos que podem ser interpretados por falantes de uma língua. A maior ou menor perda desses conhecimentos dependerá da aproximação de sistemas linguísticos distintos, ou seja, da eficiência na compreensão terminológica. Desse modo, especificamente neste cenário, podemos afirmar que a criação de sinais-termo de filosofia em LSB dependerá substancialmente da terminologia de filosofia em Língua Portuguesa, retirada dos textos didáticos - textos autênticos¹⁴, dentro de determinado contexto. A terminologia tem vital importância para a criação, o registro e a divulgação do glossário.

Ressaltamos porém, que, o compartilhamento da terminologia na língua portuguesa não tem o sentido de subjugar a Língua de Sinais Brasileira. Não queremos que se abram possibilidades para que debates ou interpretações errôneas sejam estimulados. É muito claro e objetivo para nós, o significado e o status que a LSB ocupa enquanto língua.

Podemos ainda destacar que a falta de terminologia é comum em todas as línguas. Com a evolução tecnológica, por exemplo, tivemos termos específicos em inglês que foram traduzidos, ou emprestados para o português e para mais outras línguas de outros países. E isso

¹⁴ São considerados textos autênticos os materiais escritos, veiculados socialmente, para satisfazer um propósito representativo de uma língua. Segundo Sardinha (2000, p.336) “Por textos naturais entende-se 'autênticos', isto é, aqueles que existem na linguagem e que não foram criados com o propósito de figurarem no corpus. Além disso, amplia-se a ideia de 'natural' para incluir somente aqueles textos produzidos por humanos. Desta forma está excluída a produção provinda de programas de geração de textos.” Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v16n2/a05v16n2.pdf>> Consulta em 02/12/2018.

não faz a Língua Portuguesa Brasileira ou qualquer outra língua perder o seu status enquanto língua.

Uma outra questão diz respeito às diferentes variáveis encontradas nos textos em Língua Portuguesa Brasileira que são determinantes para o processo de desenvolvimento do trabalho terminológico. Por isso, não queremos também, equívocos na redução da equivalência terminológica. A real intenção é sobrelevar para a totalidade de problemas oriundos do léxico especializado, principalmente na compreensão de conceitos de forma equivocada. E esses equívocos podem ocorrer na interpretação de uma definição em qualquer língua quando considerados como uma mera tradução.

Cabré (2005, p. 2), ao apresentar um panorama da concepção terminológica, afirma que as características que definem a terminologia estão fundamentadas em quatro vertentes: “*como necesidad, como práctica, como recursos o aplicaciones y como campo de conocimiento*”¹⁵.” Dessa forma, podemos visualizar a terminologia neste trabalho com uma intenção aplicada objetiva: encontrar alternativas para um problema comunicacional técnico-científico que envolve questões linguísticas e sociais. E, para tal, a nossa proposta é pautada na normalização explicitada por Maria Teresa Cabré, através da elaboração de um glossário terminológico. Para ela, a normalização dá ferramentas para o aparelhamento das línguas.

Pavel & Nolet (2002, p. 30, *apud*, BARROS, 2004, p. 87-8), ainda colocam que “na maioria dos casos a normalização ‘limita-se aos conceitos’ e vocabulários das línguas de especialidade, caracteriza-se por sua natureza temática preceptiva, e é realizada pelos especialistas da área, segundo procedimentos mais ou menos universais”. Mas, nossa propositura une normalização e harmonização, também apresentada por Barros (2004, p. 88): “[...] a harmonização terminológica procura adequar, modificar, e ou consagrar o uso de determinados termos a situações ou contextos.”

Faulstich (1998, p. 262) entende “a normalização terminológica como processo linguístico de pesquisa, por meio do qual um sistema terminológico dado se autorregula à medida que o meio visado está em fase de implantar e de difundir suas terminologias”. A normalização e harmonização terminológica na LSB no espaço escolar são importantes para o processo de ensino e aprendizagem dos surdos. A comunicação é otimizada e a acessibilidade linguística é assegurada, facilita a transferência e compreensão do saber científico e consequentemente melhora a aquisição de competências e habilidades.

¹⁵ Tradução nossa: “Como necessidade, como prática, como recursos ou aplicações e como campo do conhecimento”.

No Brasil, a Língua de Sinais completa 17 anos de reconhecimento legal linguístico. Historicamente a equidade da Língua vem se projetando através do aparelhamento, da instrumentalização terminológica. A presença e inclusão dos surdos em várias áreas técnicas e científicas, e no meio acadêmico abre uma demanda terminológica. A língua de Sinais Brasileira precisa se munir dessas novas terminologias. E, uma das formas de se fazer isso na prática é através dos glossários e consequentemente dos dicionários em Língua de Sinais. Respeitando contudo, o rigor que uma obra terminográfica exige em qualquer língua.

Talvez possamos afirmar, que tal proposta, também se insere do mesmo modo no conceito de planificação linguística também visto aqui, como Faulstich (1998, p. 248):

O conceito de planificação linguística se apoia em um projeto linguístico coletivo. Por visar à harmonização linguística, a planificação deverá resultar de um consenso social para que seja bem-sucedida. Normalmente, a planificação decorre de um esforço conjunto para o estabelecimento de uma política linguística nacional. Nesse sentido, nós podemos dizer que a planificação é regulamentada pelas disposições jurídicas que, em matéria de língua, acabam por se constituir em um conjunto de regras legisladoras.

Faulstich (1998, p. 255-259), ainda cita que, em 1975, foi publicada a primeira edição do Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, fundamental para a normalização da língua portuguesa do e no Brasil. Evidencia-se, a importância da elaboração de obras terminológicas e terminográficas como projetos linguísticos coletivos em prol de uma planificação linguística. Porém, ao avançar na discussão a autora destaca a necessidade de reconhecer que

é bastante compreensível que a normalização venha a ser fruto de intervenções humanas conscientes na língua com a finalidade de manter o código pronto para transmissão, mas não pode e não deve ser visto como a única possibilidade de harmonização linguística, porque se corre o risco de matar línguas e linguagens em função de uma única visão normativa.

Porém, acreditamos que, em relação à LSB, essa visão normativa restringe-se atualmente apenas a esse tipo de linguagem especializada, não significando assim um risco.

Essa problemática também nos remete, mais uma vez, a questão real e indiscutível de que a aceitação de uma terminologia sempre ficará a critério da comunidade linguística. Assim, caberá a comunidade surda, no decorrer dos processos histórico, geográfico, político e social, decidir pelo assentimento ou não da proposta de harmonização linguística com a LP em relação à esta terminologia da Filosofia, e também, a qualquer outra que estiver se organizando como proposta.

1.4.1 DICIONÁRIOS, VOCABULÁRIOS E GLOSSÁRIOS.

Quando pensamos em glossários e dicionários podemos por vezes remeter a memória como uma prática do passado, ou como os jovens hoje costumam dizer, “isso é coisa de velho”. Mas o valor dos dicionários é irrefutável. Mesmo que a forma de acesso tenha mudado com a evolução tecnológica, os dicionários permanecem presentes e úteis em várias áreas. O dicionário é o espelho da língua de um povo. É também a sistematização escrita do conhecimento por ele produzido.

A definição e diferenciação entre “Glossário”, “Vocabulário” e “Dicionário” sempre foi muito explorada por diversos autores. Mas, como afirma Barbosa (2001, p. 32):

Esses elementos parecem confirmar que, não raras vezes, obras da mesma natureza e função são classificadas de maneira diversa, segundo os critérios adotados por este ou aquele autor, fato que conduz à existência de numerosas denominações para o mesmo núcleo conceptual “obra lexicográfica / terminográfica” (Cf. glossário, vocabulário, dicionário técnico, dicionário terminológico etc.).

Para este trabalho, porém, elegeremos a denominação “Glossário”, embora, com características de “Vocabulário” conforme a abordagem da mesma autora, Barbosa (2001, p. 39), em que afirma que devemos classificar os tipos de trabalhos terminológico, segundo os níveis de atualização da língua. No nível de sistema estão os dicionários de língua geral, apresentando todo o léxico natural. No nível da norma, estão os vocabulários que apresentam vocabulários terminológicos, técnicos ou científicos. Já os glossários se encontram no nível da fala e apresentam as palavras em um determinado texto.

Entendemos como a autora que enquanto os termos do glossário proposto não forem aceitos, incorporados, veiculados e validados pela comunidade linguística a que se destina, não podemos classificá-lo a nível da norma. Portanto, permanecem no nível da fala. Mas estamos tratando aqui de duas línguas diferentes. Enquanto que na Língua Portuguesa Brasileira os termos da filosofia já estão no nível da norma, pertencem a uma especialidade, na Língua de Sinais Brasileira, eles ainda permanecem no nível da fala, pois, ainda se apresentam como proposta de fala, específica de um texto ocorrência e não foram incorporados a norma pela comunidade linguística.

O tema é complexo, porque a proposta de glossário terminológico é normalizadora, mas, ao mesmo tempo, ainda está no nível da fala. O que também pode, novamente, confundir com uma proposta de planejamento linguístico por imposição. Mas queremos acreditar e defender um planejamento linguístico para a Língua de Sinais Brasileira como uma língua de um grupo

minoritário que precisa ser promovida, fortalecida e protegida pelo Estado. Os surdos são uma minoria e precisam de políticas linguísticas que promovam a normalização da LSB. Assim, obras de referência na LSB, como glossários e dicionários são importantes ferramentas para que isso aconteça. Vislumbramos para o Brasil, um país bilíngue, trílíngue ou multilíngue, onde as diferenças são respeitadas e as fronteiras entre as línguas e dialetos sejam transponíveis em prol de uma unidade sócio cultural. E, assim, permanecerá a LP somente como a língua oficial brasileira, e segunda língua dos surdos. Mas nunca como uma ameaça autoritária e repressiva a LSB. Para Barros (2004, p. 82), “o planejamento linguístico pode se dar, ainda, diante da necessidade de normalização terminológica. Nesse caso, a Terminologia assume um papel de relevo.” Essa colocação vai de encontro com o fim desse trabalho: uma normalização terminológica da Filosofia na LSB, originária de um contexto sociolinguístico específico.

A padronização linguística natural ou oficial, não deve ser vista como uma coisa ruim. Vários povos já passaram por esse processo na tentativa de afirmação de uma identidade nacional. A língua é viva e ela se acomoda numa evolução política, histórica e social de todas as comunidades falantes. Planejamento linguístico é a afirmação de uma estrutura linguística.

1.4.2 DICIONÁRIOS NA SALA DE AULA

Um dos problema centrais na Educação de Surdos é a dificuldade de compreensão e interpretação de textos escritos na Língua Portuguesa, a segunda língua deles. Muitas vezes o aluno surdo não consegue resultados avaliativos satisfatórios devido ao pouco domínio da leitura em LP, não conseguem compreender os textos das áreas especializadas com termos distintos e não conseguem entender o enunciado das questões. Mas essa realidade não é apenas desse grupo específico de estudantes. Barros (2004, p. 74) reitera:

Há muitos anos, os encontros nacionais e regionais de professores de diferentes disciplinas científicas e técnicas do ensino fundamental e médio discutem o problema do reduzido aproveitamento dos alunos. Os debates levaram à conclusão de que uma das causas desse insucesso escolar é a dificuldade de decodificação de textos especializados e de compreensão dos enunciados de problemas nas provas, a qual provém do pouco domínio da metalinguagem própria da disciplina ensinada, que não se daria somente por parte dos alunos, mas, muito freqüentemente, também por parte dos professores. Pesquisas feitas por algumas universidades brasileiras sobre a questão apontam os mesmos resultados: alunos e professores não dominam ou empregam de modo incorreto a terminologia específica, o que prejudica a compreensão e a exposição de conceitos fundamentais.

Schaetzen (1995, p. 7-8 *apud* BARROS 2004, p. 74) ainda fala que essa realidade não é exclusiva do Brasil. Outros países vivem essa mesma situação, porém mais especificamente no ensino superior. Um exemplo que a autora cita é a Bélgica, onde o desconhecimento do vocabulário especializado se dá, segundo os professores belgas, em língua materna e em estudos bilíngues. A saída encontrada pelos órgãos governamentais foi buscar ajuda na Terminologia para diminuir a taxa de reprovação no primeiro ano das Faculdades de Ciências e de Medicina. Alguns terminólogos belgas desenvolveram um manual do vocabulário técnico e científico e chamaram a atenção dos professores para problema terminológico, quando da elaboração de material didático, e métodos de ensino.

Desta forma atestamos a importância da Terminologia, principalmente na atenção dada aos vocabulários especializados. Acreditamos que no Brasil, essa realidade acomete todos os surdos e todos os estudantes ouvintes do ensino fundamental e médio. A compreensão de textos das disciplinas técnicas e científicas vem atrelada aos entraves terminológicos. E, trabalhar o vocabulário especializado em sala de aula é substancial. É nesse cenário que entram os dicionários.

Os dicionários e glossários tornam-se então uma grande ferramenta para professores e alunos. A construção do entendimento e significado de um termo podem ter como referência de consulta os dicionários terminológicos. O fato evidente é: as escolas estão munidas desse material? Eles foram elaborados para esse público-alvo? Os dicionários atendem à demanda específica de uma realidade específica?. Conforme Rangel (2011, p. 45):

[...]constatou-se no contato sistemático com parcerias estaduais e municipais, nos encontros anuais do PNLD, um *desuso generalizado* dos minidicionários.... a maior parte dos títulos aprovados se revelou distante do nível de letramento dos alunos, de sua linguagem e de sua proficiência em leitura...esses dicionários parecem antes de tudo *dispersivos* e arbitrários em sua seleção vocabular[...]

Essa realidade é relativa aos dicionários do léxico geral. São os dicionários ao nível do sistema. Eles fazem parte de um projeto de uma política educacional do Estado. Porém, apresentam problemas de conteúdo que podem ser repensados e rediscutidos.

E ainda, tomando de forma pragmática minha experiência dentro de algumas escolas, os dicionários terminológicos praticamente não existem nos acervos das bibliotecas escolares. A cultura e prática pedagógica no uso de dicionários também não é observada pela maioria dos professores. Destacamos a necessidade da retomada dessa prática, como importante ferramenta de estudo na solução de problemas terminológicos, tanto pelos professores como pelos alunos.

Faria Nascimento (2009, p. 6), “reconhece os repertórios lexicográficos e terminográficos como recursos eficientes e imprescindíveis ao desenvolvimento: (i) de habilidades linguísticas e comunicativas, em LP, L2 para Surdos falantes da LSB; (ii) de habilidade sociocultural e (iii) de habilidade técnica e científica.” Os dicionário e glossários reúnem o repertório de uma língua, sua forma e seu sentido. Eles são grandes e importantes recursos comunicativos.

1.5 Terminologia na Língua de Sinais Brasileira

As mudanças políticas no reconhecimento linguístico e cultural dos surdos imprime uma nova configuração à Língua de Sinais Brasileira. Enquanto língua, ela afirma seu espaço, mesmo representando uma minoria.

A LSB fomenta hoje estudos e pesquisas em temáticas até então não muito observadas, como a área da Terminologia. Novas políticas educacionais são grandes impulsionadoras dessa prática. Um exemplo, é a proposta da educação bilíngue para surdos no Distrito Federal¹⁶ na Educação Básica, que estabelece a LSB como a primeira língua de instrução. Conseqüentemente, vê-se a necessidade de uma terminologia das disciplinas na LSB.

Já nas instituições educacionais de ensino superior em âmbito nacional, o ingresso de alunos surdos é extremamente significativo. segundo dados mais recentes do Censo da Educação Superior de 2017, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira Legislação e Documentos-INEP¹⁷, o número de matrículas em cursos de Graduação de alunos com deficiência, mais precisamente por tipo de deficiência, foram de: Deficiência Auditiva - 5.404; e Surdez - 2.138, totalizando em 7.542 matrículas. Abrindo, ainda mais, a demanda terminológica da linguagem técnica e científica na LSB.

A ampliação lexical da LSB, torna-se, assim, uma ocorrência comum e necessária em razão dessas novas necessidades linguísticas comunicacionais. Santos (2017, p. 92), reafirma essa realidade:

A produção de dicionários, glossários e vocabulários no contexto da Língua de Sinais Brasileira aumentou consideravelmente na última década. Entre as possibilidades que justifiquem esse crescimento, podemos destacar: i) reflexo da política linguística da língua de sinais, que está em constante movimento de validação social no Brasil; ii) lacuna lexical e terminológica na esfera do discurso comum e de especialidade em, LSB, principalmente nos ambientes educacionais, de segurança e de saúde; iii)

¹⁶ LEI Nº 5.016, DE 11 DE JANEIRO DE 2013. Disponível em:

<https://www.tc.df.gov.br/SINJ/Norma/73222/Lei_5016_11_01_2013.html> Acesso em 17/09/2019.

¹⁷ Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/setembro-2018-pdf/97041-apresentac-a-o-censo-superior-ultimo/file>> Acesso em: 17/09/2019.

escassez de materiais específicos e estruturados para consulta em LS; e, iv) aumento das pesquisas realizadas no âmbito da Linguística, em especial, na área de Lexicologia e Terminologia.

O que observamos, porém, é que ainda existem poucos trabalhos terminológicos em desenvolvimento que servem de fundamento para a elaboração de dicionários especializados e de glossários em LSB. A organização e elaboração desses repertórios terminográficos ainda estão em fase de discussão, construção e ampliação.

Diante desse cenário, destacamos um ponto positivo, que é a atenção entre pesquisadores e a própria comunidade surda para a importância do registro escrito na LSB e o registro em corpus de todos os repertórios da língua. Por outro lado, por ser uma língua visioespacial tridimensional, percebe-se ainda uma dificuldade no consenso da forma escrita da língua e alguns obstáculos estruturais para o registro do corpus da LSB.

Em relação à escrever na LSB, hoje no Brasil, temos predominantemente dois sistemas de escrita: o sistema americano elaborado por Valerie Sutton, chamado *SignWriting*¹⁸ e a ELiS¹⁹ - Escrita das Línguas de Sinais - proposta de Mariângela Estelita Barros, doutora em linguística da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

E o registro em corpus da LSB, tem sido trabalhado por algumas instituições, como exemplo, a Universidade Federal de Santa Catarina - USFC, que objetiva construir e registrar toda documentação em corpus da LSB no Brasil²⁰, não só com um caráter prático de um inventário da língua, mas também, teórico sobre essa organização, principalmente dentro da instituição superior.

A Terminologia na Língua de Sinais Brasileira está se definindo. Tanto nas bases teóricas quanto práticas, o momento é de debate e construção. Sabemos que o resultado de toda essa organização linguística correrá pela história como um processo natural comum a todas as línguas. Mas, os trabalhos terminológicos são ganhos singulares para toda a comunidade surda para que se efetive um planejamento linguístico.

1.5.1 NEOLOGIA EM LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA

¹⁸ Lições sobre o SignWriting. Disponível em: < <http://www.signwriting.org/archive/docs5/sw0472-BR-Licoes-SignWriting.pdf>. Acesso em: 17/09/2019.

¹⁹ ELiS – Escrita das Línguas de Sinais: proposta teórica e verificação prática. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp135415.pdf> > Acesso em: 17/09/2019.

²⁰ Desenvolvido por: Quadros, Ronice M. de.; Schmitt, Deonísio; Lohn, Juliana T.; Leite, Tarcísio de A.; e colaboradores. Desenvolvedores técnicos: Hiperlab Ramon Dutra Miranda Gustavo Borges França Corpus de Libras. Disponível em: <<http://corpuslibras.ufsc.br/>> Acesso em: 17/09/2019.

A sociedade atual nunca esteve em um momento tão neológico como agora. Todos os dias o léxico comum destaca criações por vezes curiosas.

A moda nas redes sociais é editar um novo sentido aos dias da semana com as palavras: Segundou! Sextou! Em consulta ao Dicionário inFormal²¹ online: “1.SEXTOU: Expressão usada para dizer que chegou a sexta-feira, dia de sair com os amigos, ir no *happy-hour*, ir pra balada, cometer loucuras. É o anúncio do início do fim de semana: #SEXTOU.” E, com o advento das redes sociais, a velocidade da viralização dos neologismos é realmente impressionante. O léxico das línguas, quer seja ele o comum ou o específico, sempre está se modernizando, fazendo um *upgrade*. Porém, isso acontece de maneiras e propósitos diferentes nesses dois casos.

Mas, antes de prosseguirmos nessa análise, vejamos algumas definições sobre neologia e neologismo. Conforme Barbosa (1981, p. 78) entende-se por neologia, o processo pelo qual a mudança linguística provoca o aparecimento de formas de significante e significado novas - não encontradas na língua ou num determinado conjunto de enunciados - ela deve poder ser estudada ao nível de suas consequências, de seus resultados, isto é, dos neologismos.

Já Cabré (1993, p. 443), diz que em termos gerais a neologia é a matéria que se ocupa dos aspectos relativos aos fenômenos novos que aparecem nas línguas. Ela também apresenta a definição de neologia para os lexicólogos clássicos, como Guilbert (1975) e Rondeau (1983), em que a neologia trata do estudo dos fenômenos linguísticos que surgem em um momento determinado da evolução de uma língua viva.

Esteando-nos nesses conceitos, situamos esta pesquisa, como um processo de atualização de uma língua viva, como um fenômeno linguístico natural. A Língua de Sinais Brasileira, é uma língua em evolução. Acompanhar a dinâmica social, principalmente nos âmbitos técnico, científico e tecnológico significa asseverar a continuidade da língua. E entendo que acompanhar a evolução social é um processo natural. O que quero chamar a atenção é para o fato de que independente de ser uma neologia do léxico comum que “aparentemente” flui mais naturalmente, a neologia do léxico especializado também se torna natural à medida que surge de uma necessidade atual. Refiro-me especificamente a neologia de sinais na LSB. Se no contexto atual emerge a necessidade de um sinal ainda não existente, ele vai acontecer naturalmente. Isso acontece no léxico comum, e fica a critério do curso natural da língua validar ou não aquele novo sinal. Mas, talvez, o léxico especializado da LSB, tenha que ser analisado por outras perspectivas mais pragmáticas. Por que não considerar de maneira natural esse

²¹ Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/>>. Acesso em 17/09/2019.

processo de neologia do léxico de uma área de especialidade? Se o mesmo acontece diante de uma necessidade atual dentro das Universidades e Instituições que caminham junto com a comunidade surda? O fenômeno linguístico aqui é tão natural como no léxico comum. A diferença está na dinâmica dos dois processos. Enquanto no léxico comum, a própria comunidade surda se encarrega de munir a língua com os sinais, no léxico especializado, o processo precisa da interação de vários agentes: dos surdos, de linguistas e especialistas da área, pois a criação de sinais-termo exige um profundo e rigoroso estudo nas duas línguas envolvidas: a LP e a LSB.

A criação de um sinal-termo de um léxico de uma área de especialidade para dar conta de uma necessidade comunicacional de uma comunidade não pode ser considerado como um fenômeno não-natural. E, o fato desse processo estar acontecendo dentro de laboratórios de estudo da língua, ou dentro de escolas, ou de instituições representativas, não o caracteriza como não natural. É tão natural, que a validação dessas neologias só ocorrerá no próprio discurso da língua. E isso acontece em todas as línguas. Não é exclusivo da LSB. Nossa reflexão sobre neologia na LSB foca no seu aspecto pragmático e comunicativo. A emergência da acessibilidade linguística nos diferentes espaços sociais naturaliza a neologia terminológica na LSB no atual contexto.

O que não podemos fazer, é, desvincular desse processo de neologia terminológica, a total observância e respeito aos parâmetros estruturais do léxico da LSB em conjunto com o estudo terminológico e terminográfico. Para que isso aconteça, faz-se necessário fundamentalmente o profundo conhecimento nas línguas envolvidas, a LP e a LSB. Como no caso específico dessa pesquisa, implica o envolvimento dos surdos e de profissionais de diferentes áreas.

Cabré (1993, p. 444), afirma que nos últimos anos o campo da neologia se abre para a pesquisa e para o trabalho prático, e isso tem complicado a noção de neologia, principalmente por causa da relação que o fenômeno da criação lexical tem com: os dicionários, a criação de termos para denominar novos conceitos de âmbito científico-técnico e à política de normalização de uma língua. Esse apontamento nos faz pensar que talvez essas novas relações da neologia com esse caráter mais prático tenham contribuições mais positivas do que negativas para muitas línguas, como no caso atual da Língua de Sinais no Brasil.

Uma situação comunicativa concreta traz reflexões a respeito de várias questões que envolvem uma língua. Questões essas que há tempos tem levantado discussões no meio da comunidade surda. Aceitar ou não aceitar as neologias em LSB? Como tem acontecido as

neologias em LS no Brasil? Quais políticas de normalização linguística tem servido de parâmetro para o desenvolvimento de neologias em LSB? Qual é o envolvimento político do governo com as questões de planificação linguística da língua de sinais no Brasil? Esses e vários questionamentos continuarão a ser debatidos. E, naturalmente, as respostas virão ao passo que a língua for se planificando. Maria Aparecida Barbosa ,diz que:

A mutabilidade linguística, que se vai processando à medida que novos signos vão sendo criados, é um processo inevitável na língua, mas não constitui uma ameaça para sua continuidade e para a intercompreensão dos membros do grupo. [...] Toda língua está mudando a todo momento, e isso ocorre sem que os falantes tenham muita consciência de que ela deixa de ser idêntica a si mesma, enquanto falam. (BARBOSA, 1981, p. 131)

A ampliação do inventário lexical assim não deveria ser visto como uma ameaça as estruturas do sistema da língua. O mundo muda. Essas mudanças refletem diretamente no sistema linguístico através de reformulações e criações lexicais. Mas, as características linguística e cultural de um grupo permanecem. Para Barbosa (1981, p. 132), o universo léxico assim como os outros elementos do código linguístico, estão submetidos à dupla lei: da continuidade, que diz respeito a conservação da língua oficial; e a da mudança que, acumulada, leva à evolução da língua. Essa última atende às necessidades do processo de renovação social. Barbosa, afirma ainda, que “existe, pois, uma parte nuclear no vocabulário de uma língua, uma *dia-norma* que é transmitida de uma geração a outra, assegura a possibilidade de comunicação, no quadro de uma comunidade nacional, e de que dá a esta última o sentimento de sua continuidade.” Assim, a dinâmica social do grupo linguístico dirá o que será conservado, o que será criado e o que desaparecerá no universo lexical, independentemente de forças ideológicas de dominação cultural.

Mas, queremos sair um pouco do léxico geral para nos concentrarmos na neologia terminológica. Cabré (1993, p. 446), apresenta dois grandes blocos de neologismos dentro do sistema da língua geral: os neologismos da língua comum e os neologismos das línguas de especialidade, também chamados de neónimos. Estes são os neologismos terminológicos. Pois bem, os neónimos possuem segundo Cabré (1993, p. 447-449), características que não podem se desligar dos termos: devem ser unívocos, monorreferenciais, pertencer a um domínio de especialidade, ser necessários, priorizar a informação sintagmática, ser estáveis e aproveitar as formações internacionais de cada disciplina. Mas, Cabré defende que o estudo das palavras como o estudo da linguagem em geral não pode se reduzir ao enfoque meramente linguístico, as palavras são utilizadas em situações comunicativas, sócio históricas mais amplas. E por isso

a neologia aplicada deve garantir que uma língua de uma cultura seja apta para todo tipo de comunicação e possa encaixar-se na tanto na diversidade temática como nos novos espaços de troca de informação. A visão da autora não só confirma nossa concepção acerca da aplicabilidade da neologia terminológica, como também serve de teoria estrutural desse trabalho.

Acreditamos que a neologia na LSB reflete o momento histórico atual pertinente a carência terminológica específica dos espaços educacionais no Ensino Básico e no Ensino Superior. E, também, à inclusão profissional dos surdos nos diferentes campos técnicos. Esta intervenção de neologias terminológicas na LSB, se propõe a dispor de recursos linguísticos necessários frente a essa nova realidade.

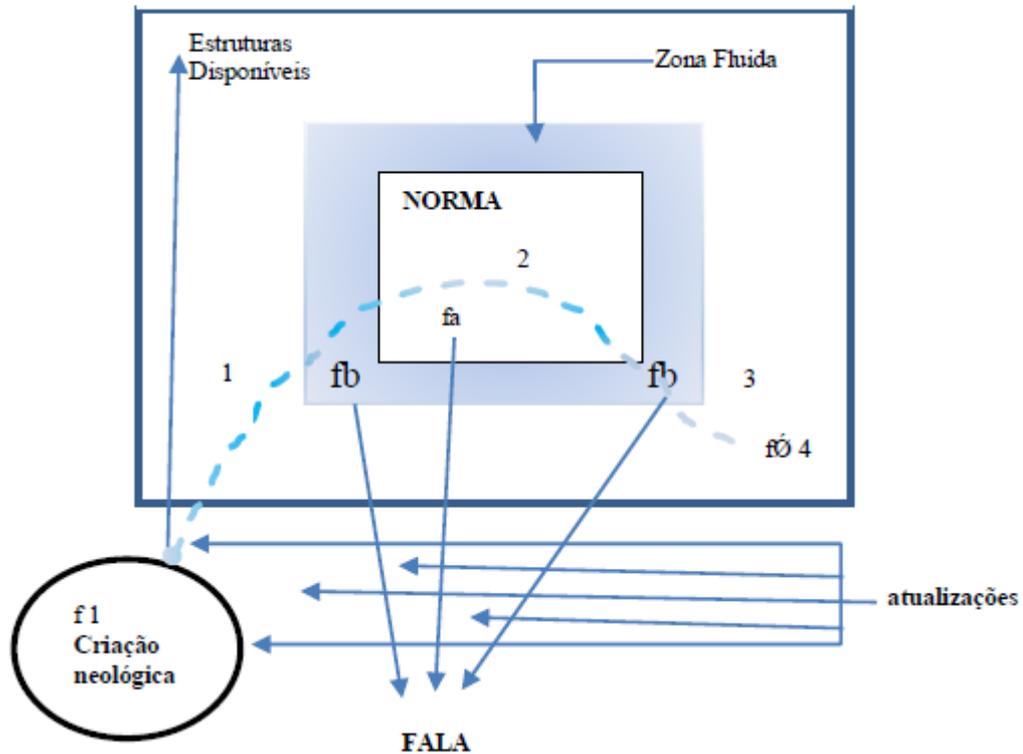
Todas as línguas estão se transformando. A língua não é um momento histórico acabado ou uma aliança de signos de uma comunidade. As línguas mudam. Elas podem conviver ao mesmo tempo com formas tradicionais e inovadoras. São porém os falantes, no uso que determinarão o que permanece e o que é será deixado para trás. Por isso, não precisamos temer o novo.

O uso ou não desses neologismos terminológicos agora ainda no nível de registro de fala em LSB dependerá da sua aplicabilidade e disseminação dentro do discurso de toda comunidade surda. Barbosa, nos auxilia quando afirma que:

É no meio social que se processa o julgamento da aceitabilidade, e isso depende não apenas da vontade de cada falante, como também de um consenso social e cultural, que populariza ou faz rejeitar certas novidades. Uma das primeiras condições para que elas sejam aceitas é ,pois, o seu emprego por vários locutores. A repetição do emprego do neologismo e o sentimento de que é compatível com a língua, acabam por impô-lo. (BARBOSA, 1981, p. 144)

A autora ainda usa um ideograma para explicar que a formalização das neologias depende de variáveis de frequência dentro do sistema linguístico:

Figura 1 - Sistema Linguístico



Fonte: Adaptado Barbosa (1981, p. 146)

Por essa ilustração, Barbosa (1981, p.148) verifica que: 1. há unidades léxicas cuja frequência vai aumentando em direção à norma; 2. há lexias que se tornam de alta frequência e distribuição regular entre os falantes; 3. há formas cuja frequência, depois de um período de emprego estável, diminui, deixam de ser frequentes em determinado tipo de norma; 4. há unidades léxicas que não são mais empregadas, mas ainda pertencem ao sistema; 5. há lexias que não são mais usadas, e só são entendidas por falantes de idade avançada. O que percebemos é que não existem regras dentro de um espaço-tempo e cultura para estabelecer o lugar que a neologia ocupa. O que existem são atualizações e transições dentro deste processo que dependem sempre dos participantes do grupo. Quando se chega a registrar um neologismo é porque sua aceitabilidade atingiu o nível de norma do grupo, que é comprovada pelo dicionário (ibid., p. 151).

Por conseguinte, o mais importante a destacar é que, o que determina a aceitação da neologia terminológica na LSB é a comunidade surda. Isso faz do nosso trabalho uma proposta para que possa ser apreciada dentro da interação social de seus falantes.

1.5.2 O SINAL-TERMO E AS ÁREAS DE LINGUAGEM ESPECIALIZADA

Na Língua de Sinais Brasileira usamos a palavra SINAL para denominar correspondência com as palavras do léxico comum. Já a expressão SINAL-TERMO, foi criada por Faulstich (2014) para dar conta às necessidades dos termos de uso especializado na LSB, originado na dissertação de mestrado de Costa (2012), cujo objetivo era apresentar uma proposta de Modelo de Enciclopédia Visual Bilíngue Juvenil: Encicolibras. Faulstich (*apud* COSTA, PROMETI e TUXI, 2015, p. 2) explica que:

[...] a expressão sinal-termo é a que corresponde às necessidades de uso especializado. Para melhor compreender a criação desse termo novo, é preciso ver os significados separadamente, como aparecem no glossário sistêmico de léxico terminológico, em elaboração, transcrito a seguir: Sinal. 1. Sistema de relações que constitui de modo organizado as línguas de sinais. 2. Propriedades linguísticas das línguas dos surdos. Nota: a forma plural –sinais- é a que aparece na composição língua de sinais. Termo. Palavra simples, palavra composta, símbolo ou fórmula que designam os conceitos de áreas especializadas do conhecimento e do saber. Também chamado unidade terminológica.

A expressão SINAL-TERMO é, portanto, uma terminologia criada por Faulstich (2014), para nomear os conceitos de áreas especializadas em língua de sinais e assim igualmente pela autora definida:

Sinal-termo. 1. Termo da Língua de Sinais Brasileira que representa conceitos com características de linguagem especializada, próprias de classe de objetos, de relações ou de entidades. 2. Termo criado para, na Língua de Sinais Brasileira, denotar conceitos contidos nas palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento e do saber. 3. Termo adaptado do português para representar conceitos por meio de palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento da Língua de Sinais Brasileira. (FAULSTICH, 2014 *apud* COSTA,PROMETI e TUXI,2015,p.2)

De modo análogo, o sinal, na Língua de Sinais Brasileira, quando inserido em um contexto de especialidade, deixa de apresentar o significado do léxico comum e passa a assumir o significado do léxico especializado, recebendo, assim, a denominação de sinal-termo.

No caso específico deste trabalho, a terminologia passa de uma língua para outra, por meio da abstração conceitual, como apresenta Santos (2017, p. 75): “ademais, vale ressaltar que, na tese que defendemos, a constituição do signo linguístico do sinal-termo em LSB é baseada na abstração mental do conceito”. A terminologia da LSB está ligada a terminologia da LP a partir do entendimento de um significado para um determinado signo através da abstração mental do conceito.

Santos (2017, p. 75), explica que se considerarmos essa hipótese de abstração mental do conceito entenderemos a constituição do signo linguístico do sinal-termo.

Assim, podemos sugerir que, passar um conceito de uma linguagem especializada da LP escrita para a LSB significa um processo de criação dentro da abstração mental desse conceito. Criação de um signo linguístico de uma unidade terminológica, ou seja, do sinal-termo. Ou mais especificamente de um processo neológico na LSB.

Por isso, apresentamos anteriormente algumas considerações a respeito da neologia. Esse processo de compreensão de um conceito na LP estimula a criação de um outro signo linguístico na LSB. Um novo sinal criado correspondente à uma área de conhecimento especializada até então inexistente na LSB, chamado sinal-termo.

Um dos maiores desafios na educação bilíngue de surdos, sem dúvida, é estruturação e construção de sinais-termo das áreas de especialidade. A carência de sinais-termo causa atrasos nos processos de ensino e aprendizagem. Prometi (2013, p. 29) afirma que “o vocabulário é um dos principais desafios para os Surdos em programas de educação bilíngue, seja na educação dos Surdos seja na educação musical. Os Surdos têm que adquirir um léxico escrito que possa ser efetivamente utilizado na leitura ou na escrita.” Não temos um parâmetro normalizador desse processo para construção de repertórios da linguagem especializada. E, às vezes, alguns sinais-termo são questionados pela comunidade surda por serem elaborados de forma aleatória, sem estudo terminológico. A seriedade dessa elaboração neo-terminológica tem que ser observada. Acreditamos que se fazem necessárias a fundamentação e a estruturação com estudo terminológico, onde a comunidade surda junto com especialistas das áreas das linguagens especializadas/técnicas, terminólogos e lexicógrafos possam trocar experiências e investir na LSB, com os sinais-termo ainda inexistentes. Esse trabalho é coletivo e colaborativo. Podemos afirmar que é quase impossível desenvolver projetos terminológicos e terminográficos sem uma equipe de trabalho. São muitas etapas, tarefas e competências envolvidas. Por isso, reiteramos a seriedade desse processo de criação. Para se chegar ao ponto fulcral da abstração conceitual é necessário que antes seja desenvolvido uma série de estudos sobre o termo na língua de partida. É substancial à pesquisa a fundamentação terminológica. Afinal, os termos são termos, por apresentarem características determinantes e específicas no seu uso na língua. E essa identificação e reconhecimento não se dá de forma aleatória e superficial.

Dessa forma, a criação de um sinal-termo não é uma mágica que surge do nada. Ele surge a partir do entendimento do conceito do termo, ou seja, é preciso compreender a definição do termo. Cada termo tem um significado. Esse significado é representado pelo conceito. Como

demonstrado nessa pesquisa, o conceito na LP precisa estar bem definido e claro para que possa ser representado em LSB pelo sinal-termo. Como explica Tuxi (2017, p. 20), “...consideramos como hipótese, que o sinal-termo resulta da elaboração do conceito do termo, que é organizado pela estrutura da definição do objeto.” Fazer essa representação dos conceitos de uma língua para outra é complicado. Ainda mais, quando estamos falando de duas línguas com estruturas muito diferentes uma da outra: uma língua oral escrita para uma língua gesto-visual. Prometi, Costa e Tuxi (2017, p. 5) afirmam:

Um elaborador de glossário ou de dicionário bilíngue português - língua de sinais brasileira e vice-versa precisa conhecer as duas línguas para, necessariamente, representar os léxicos de acordo com os conceitos em harmonia. Harmonizar as línguas é combinar seus sistemas de tal forma que, no léxico, o resultado apareça no bilinguismo explícito em conformidade conceitual entre os itens lexicais.

Faulstich e Felten (2014, p. 236) também testificam que “a criação de sinais-termo na LSB não é uma tarefa fácil. Exige do pesquisador arcabouço teórico e um trabalho de pesquisa muito bem elaborado, pois exige a aplicação da terminologia que “estuda a forma e o conteúdo dos termos nas linguagens de especialidade” (FAULSTICH, 2011). Assim, fica claro que a criação de um sinal-termo requer muito mais de seus criadores do que possamos imaginar. E seus criadores são especificamente os surdos. Somente o próprio falante da língua pode denominá-la. Porém, por ser tratar de áreas de especialidade, ele precisa ter acesso ao conteúdo, à significação do conceito dos termos. E, por enquanto, não temos especialistas surdos em muitas áreas, sendo conseqüentemente, necessário a intermediação de especialistas ouvintes/não-surdos.

Não existem regras oficiais para criação e registro de sinais-termo. O que podemos perceber é que a própria estrutura da LSB se encarrega por estabelecer alguns parâmetros que fazem o sinal-termo ser configurado como diferente do léxico comum. Um deles, é que o sinal-termo se refere a uma área de especialidade e não ao léxico comum. Outro parâmetro é que o sinal-termo geralmente está associado à uma morfema-base do léxico comum. Segundo Nascimento (2009, p. 96), a construção terminológica por processos derivacionais em LSB, podem ser explicadas por dois construtos: no primeiro “o **termo**” equivale à “**base presa**” ou **morfema-base** que se refere a uma entidade com estatuto de base, a qual cabe, nesse caso, também chamar de raiz, articulado pela mão passiva (constituída de CM -configuração de mão, OP- orientação palma da mão e PA- ponto de articulação) com informação semântica associada a um “**morfema especificador**” articulado pela mão ativa e constituído de CM, OP e PA, também preso, dependente, com função de afixo ou fragmento de palavra. E, no segundo, “o

termo” equivale a “**base livre**” que é grande parte das vezes, constituída de uma UL(unidade lexical) ou de uma UT(unidade terminológica) da LSB que passa a ser a base para a construção de novos termos, associada a um “**morfema preso**”. Como exemplo, podemos identificar essa ocorrência quando criado nessa pesquisa sinais-termo: SER, COISA, ENTE e ESSÊNCIA. Nas imagens abaixo, estão respectivamente os sinais-termo e os conceitos extraídos dos Livros Didáticos de Filosofia, adaptados e repassados para os surdos em LP:

Figura 2 – Sinais-Termo A



Fonte: Elaboração Própria

Quadro 1 –Conceito dos Termos A

TERMO	CONCEITO
SER	Ser é a característica mais geral de algo.
COISA	Coisa é tudo aquilo que existe, é aquilo que percebo.
ENTE	Ente é o que é, de uma maneira delimitada, com uma essência que o caracteriza.
ESSÊNCIA	Essência é a característica intrínseca do ser, é o que manifesta, mas permanece.”

Fonte: elaboração própria

Os sinais-termo criados por abstração conceitual tiveram uma representação mental de significação, ou seja, os surdos primeiro tiveram que apropriar-se do conceito do termo na LP, para somente depois fazer a neologia terminológica na LSB. Anteriormente à esses sinais-termo apresentados nas imagens, já haviam sido criados e sugeridos outros sinais para esses mesmos termos, porém terminologicamente não iam de encontro ao conceito. Foi necessário tempo, discussão e reavaliação com foco no conceito. E incrivelmente em um dado momento, como

um estalo mágico cognitivo, o conceito do termo é compreendido pelos falantes da língua e a criação do sinal acontece!

Nesse mesmo momento de euforia do “nascimento” dos sinais-termo em questão, perceptivamente com toda a sua experiência, a Professora Dr.^a Sandra Patrícia, no grupo de estudos do Centro Lexterm, fez a associação ao morfema-base com a mesma informação semântica, que foi formada com as palavras do mesmo grupo semântico: SER, COISA, ENTE, ESSÊNCIA, VIDA, VIVO, na CM - configuração de mão - dos sinais-termo criados. Isso é surpreendente para nós que somos apenas participantes e observadores da língua. Assim, mais uma vez, o que em sua tese de doutorado foi exposto em 2009, sobre a análise dos processos derivacionais dos termos em LSB, que são construídos a partir de formativos morfológicos, trazendo informação semântica genérica que possibilita a construção de um grupo de palavras de um mesmo grupo semântico, confirmou que o morfema traz a informação semântica que vai especificar o termo.

E também podemos perceber a mesma relação semântica na construção de outros grupos de sinais-termo com o morfema-base, com os termos RAZÃO, RACIOCÍNIO, INTELECTO, INTELIGÊNCIA, PENSAMENTO, REFLEXÃO, CONHECIMENTO, LÓGICA, RACIOCÍNIO LÓGICO. Porém, mais uma vez, precisamos chamar a atenção para o fato que o estudo terminológico feito na LP desses termos da filosofia, foi de fundamental importância para que os conceitos fossem apresentados aos surdos de maneira mais limpa e clara possível. Sem as bases estruturais da pesquisa na terminologia, teria sido impossível chegar a esses resultados. Mesmo porque já havíamos tentado realizar o mesmo trabalho anos atrás por outros caminhos e não obtivemos êxito. Então observemos o outro grupo de sinais-termo, citados acima, que conservam um morfema-base através da informação semântica de um grupo de termos:

Figura 3 – Sinais-Termo B



Fonte: elaboração própria

Quadro 2: Conceito dos Termos B

TERMO	CONCEITO
RAZÃO	Razão é o instrumento ou capacidade de estabelecer relação entre as coisas.
INTELECTO	Intelecto é o instrumento ou capacidade humana de pensar e criar ideias ou conceitos.
RACIOCÍNIO	Raciocínio é o processo de criação do conhecimento.
PENSAMENTO	Pensamento é o processo de criação do conhecimento.
INTELIGÊNCIA	Inteligência é a capacidade humana mensurável de raciocínio, de criar conhecimento.
CONHECIMENTO	Conhecimento é o produto, o resultado do raciocínio.
LÓGICA	Lógica é a área da filosofia que investiga os elementos que dão base para avaliar as formas corretas de raciocinar
RACIOCÍNIO LÓGICO	Raciocínio Lógico é a relação de um conjunto proposições lógicas que leva a uma conclusão.
REFLEXÃO	Reflexão é o processo de retomada do pensamento, é pensar outra vez

Fonte: elaboração própria

Procedimentos para elaboração dos sinais-termo no glossário bilíngue em Língua de Sinais Brasileira

O encontro dos pesquisadores de LSB ocorre pelo menos uma vez por semana no Laboratório de Libras da UnB (LabLibras), durante a nossa pesquisa semanal, sempre ocorre uma discussão da criação do sinal-termo de cada área de especialidade dos pesquisadores. Todo o trabalho tem como base a Socioterminologia, tomando como foco Faulstich (1995). Continuamente são seguidos os passos demonstrados abaixo:

- Reconhecimento e identificação do Público-alvo;
- Delimitação das áreas pesquisadas;
- Coleta e organização dos dados;

2 FILOSOFIA NO CONTEXTO EDUCATIVO

2.1 A Filosofia na Sala de Aula

O Ensino de filosofia nas escolas por vezes é tido como desnecessário e menos importante que outras disciplinas culturalmente consagradas como fulcrais. Essa visão não é exclusiva dos jovens estudantes. Grande parte da comunidade escolar partilha dessa ideia. Desta forma, nosso primeiro desafio é quebrar os preconceitos acerca da disciplina. Ou na maioria das vezes, conceito algum.

Por toda experiência em sala de aula como professora de filosofia, posso afirmar que apesar da facilidade do acesso ao conhecimento via internet, quando questionados sobre o que trata e qual é o significado da filosofia, a maioria dos jovens não conhece a disciplina. Assim, manifestam uma certa indiferença em um contato prévio. O primeiro dos vários obstáculos no ensino da filosofia.

O contexto sociocultural que domina o ensino da filosofia não é dos mais favoráveis. A disciplina, em primeiro lugar, exige um compromisso com a leitura e a escrita. E essas duas habilidades representam um problema no ensino. Para termos uma ideia desse problema do letramento de nossos estudantes no Brasil basta observarmos os resultados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), coordenado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). O programa avalia os conhecimentos e as habilidades fundamentais esperados dos alunos de 15 anos de idade ao final da educação

básica. Conforme “RELATÓRIO BRASIL NO PISA 2018”²², a avaliação acontece a cada três anos centrada em três áreas – Leitura, Matemática e Ciências, com vista a responder a seguinte questão: “o que é importante que os cidadãos saibam e sejam capazes de fazer?”, o resultado apenas confirma nossas suposições:

Cerca de 50,0% dos estudantes brasileiros alcançaram o Nível 2 ou acima em letramento em Leitura, em contraste a 77,4% dos estudantes dos países da OCDE. O percentual de estudantes em cada país/economia que alcançam cada nível de proficiência indica quão bem os países conseguem fomentar a excelência em seus sistemas educativos. Segundo a OCDE, no Nível 2, os alunos começam a demonstrar a capacidade de usar suas habilidades de leitura para adquirir conhecimento e resolver uma ampla variedade de problemas práticos. Os estudantes que não alcançam proficiência no Nível 2 em Leitura geralmente têm dificuldade quando confrontados com material que não lhes é familiar ou que é de extensão e complexidade moderadas. (Inep-MEC, com base em OCDE)

A realidade reflete um problema: como superar a falta de letramento em leitura com metade de nossos alunos sem o nível mínimo de proficiência e uma outra metade com apenas o mínimo? Como se dedicar a dar aulas de filosofia para jovens que não sabem ler? Existe uma necessidade de pensar seriamente nessa questão para escolher o que fazer e como fazer com o ensino de filosofia em sala de aula.

Todavia, dentro dessa realidade, existe um outro grupo específico de alunos, centro dessa pesquisa: os surdos. Esse grupo faz uso de duas línguas: a língua de sinais, que é a língua materna e a língua portuguesa, que é a língua de instrução. Embora não menos capaz que um estudante ouvinte da língua portuguesa, o aluno surdo enfrenta mais obstáculos em relação a proficiência na língua portuguesa, além da falta de terminologia de áreas específicas na sua própria língua. Desta forma, se torna mais complexo o ensino da filosofia aos surdos.

É fundamental refletirmos o quão importante é a proficiência nas línguas envolvidas, nesse trabalho. Pensar no ensino de filosofia, remete-nos inevitavelmente à leitura e escrita nas duas línguas. Assim, mais uma vez, destacamos a importância dos glossários e dicionários em LSB e em LP. Eles se tornam importantes ferramentas didáticas de apoio, tanto para os alunos como para os professores, neste processo de ensino e aprendizagem.

É preciso também promover a reflexão sobre a prática. Como ensinar e como fazer o aluno participante desse processo é uma preocupação no ensino de filosofia. Assim, buscamos procedimentos e recursos didáticos adequados ao público que se destina. Bem como conteúdos e atividades adequadas. Dentro de uma escola existem várias realidades individuais, uma

²² “RELATÓRIO BRASIL NO PISA 2018”. Brasília-DF Inep/MEC 2019. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/documentos/2019/relatorio_PISA_2018_preliminar.pdf> Acesso em 04/01/2020.

diversidade de sujeitos que esperam serem aceitos e compreendidos. Em sala de aula a filosofia abre espaço para se manifestarem e serem ouvidos. A filosofia objetiva uma educação para o pensar na formação de cidadãos, para atuarem na sociedade. Tal objetivo demanda receptividade para o debate e para manifestação do que se pensa. A escola é o ambiente adequado para essa abertura. No espaço da sala de aula, no ensino de filosofia, os alunos podem contar suas histórias e vivências, aprendem a analisar conceitos, entendem e interpretam os diferentes significados das múltiplas realidades e desenvolvem capacidade para ser e estar no mundo. E, os alunos surdos estão hoje diante dessa possibilidade que até então lhes era negada pela falta de acessibilidade linguística.

A possibilidade do ensino na língua materna do surdo estimula o desenvolvimento de competências importantes para sua interação em diferentes contextos sociais. A falsa ideia de que o surdo não fala precisa ser refutada. E isso só acontecerá se começarmos a ouvi-los. Os próprios alunos ainda não têm o hábito de falar em sala de aula. Muitos até têm receio de manifestar suas ideias porque acham que “sabem” menos que os ouvintes e ficam constrangidos. É muito comum ouvi-los dizer: “surdo sabe nada! Vocês que ouvem sim! Vocês conversam, perguntam, entendem tudo mais claro, mais fácil!”. A falta histórica de participação e interação na comunicação os faz se sentirem incapazes de compreender. É uma consequência da exclusão sofrida por essa minoria. Mas, felizmente, essa realidade começou a ser mudada a partir principalmente das políticas públicas em prol de uma educação bilíngue para surdos.

2.1.1 BREVE HISTÓRICO DO ENSINO DA FILOSOFIA

A história do ensino da filosofia está estritamente ligado à própria história da filosofia. Inclusive, não há como iniciar os estudos no ensino da filosofia no primeiro ano do Ensino Médio, sem abordar a própria história da filosofia. A contextualização histórica nos leva à época antiga quando começamos pelo sentido etimológico da palavra “filosofia”, resultado de dois termos gregos: *philo* = amigo ou amante; e, *sophía* = saber, sabedoria²³, para entender o que ela significa. O significado da filosofia remete à figura do filósofo, o ator principal da busca à sabedoria. A inquietude e a curiosidade do filósofo, provocam o filosofar, ou seja, ele pergunta. Nesta incessante busca pelo saber destacam-se os primeiros filósofos na antiguidade grega. Eles queriam saber de que era feito o mundo, procurando uma resposta racional para sua origem.

²³ Extraído originalmente do Livro “Iniciação à Filosofia”, da autora Marilena Chauí, p.29: filosofia Palavra composta dos termos gregos *philo* e *sophía*: *Philo* quer dizer ‘aquele ou aquela que tem um sentimento amigável’, pois deriva de *philia*, ‘amizade e amor fraterno’. *Sophía* quer dizer ‘sabedoria’ e dela vem a palavra *sophós*, ‘sábio’. Filosofia significa, portanto, ‘amizade pela sabedoria’, e filósofo, ‘o que tem amizade pelo saber’.

Eles ficaram conhecidos como os filósofos da natureza, pois, acreditavam que a explicação de tudo estava na lógica do movimento determinado pela própria natureza. Eles romperam com o pensamento mitológico e deram início à filosofia. Tal grupo de pensadores também ficou conhecido como Pré-Socráticos, os primeiros a usarem o pensamento racional para explicar as questões do homem e da natureza.

Podemos, assim, afirmar que os pré-socráticos no intuito de explicar o universo através do debate e da formulação racional, fizeram parte da primeira grande escola filosófica da antiguidade. Nesse período, outros pequenos grupos foram se formando a partir dos diferentes representantes e correntes de pensamento, como a Escola Jônica, de Tales de Mileto, considerado o pai da filosofia, com o objetivo de identificar pelo menos um dos quatro elementos da natureza como fundamento: água, ar, terra ou fogo; a Escola de Eléia, com Parmênides, que acreditava que a única realidade existente era o ser; a Escola Sofista de Protágoras, com objetivo de divulgar cultura e de maneira prática formar os futuros líderes políticos da democracia ateniense; e por último a Escola Atomista, com Demócrito, defendendo que os seres humanos e coisas são formados pela junção de partículas indivisíveis, os átomos.

Essas escolas funcionavam em área pública e qualquer pessoa podia participar. Nos encontros, mestres e discípulos interagiam através do diálogo; a fala e a argumentação eram o principal método utilizado. Os gregos sem dúvida, construíram algumas bases do pensamento humano por meio da filosofia. Os diálogos dos filósofos, os debates, as argumentações e refutações configuraram o início do ensino e estudo da filosofia.

Posteriormente tivemos o Período Clássico ou, igualmente, Período Socrático, marcado por profundas mudanças sociais, econômicas e políticas. A Grécia passa a ter uma vida mais urbana, com uma indústria artesanal e um novo comércio. E o surgimento de uma nova classe trabalhadora começa a alterar a ordem social e política. Segundo o historiador Boulos Júnior:

A partir de 508 a.C, o arconte Clístenes, que chegou ao poder com o apoio popular, introduziu em Atenas uma série de reformas de grande impacto político e social. (...) diminuiu a força das famílias aristocráticas e aumentou a do povo comum, chamado pelos gregos de *demos* (...) A democracia grega era direta e aberta à participação de todos os cidadãos ; o cidadão comparecia na ágora para discutir e votar: erguia o braço para dizer sim e mantinha-o junto ao corpo, para dizer não. É difícil imaginar maior participação popular!”(BOULOS Júnior, Alfredo. 2011,p.119)

Todas essas mudanças refletiram conseqüentemente na filosofia, principalmente em relação aos conceitos de ética e política. Neste cenário , destacaram-se no desenvolvimento de algumas ideias, três filósofos: Sócrates, o primeiro a propor precisas reflexões e definições

sobre virtude e moral e ainda criou um método ensino e pesquisa que faz uso da dialética²⁵; Platão, discípulo de Sócrates, buscava a razão, a essência de tudo, e a verdade, em suas obras escreveu sobre política, valores, justiça, amizade, amor e o belo; e Aristóteles, aluno de Platão, que apresentou importantes trabalhos para a ciência nas áreas da física, biologia, ética, política e metafísica. Sócrates, Platão e Aristóteles foram grandes representantes do pensamento filosófico no período clássico. Estimularam grandes debates sobre temas até hoje fundamentais para o homem e a sociedade.

Com o fim do período clássico, a Grécia novamente passa por outras mudanças, perde sua hegemonia nos estudos filosóficos e fica submetida à autoridade romana. Aulas de Filosofia são estabelecidas no ensino oficial da cidade e o “mestre” agora passava a ser remunerado. As principais escolas da época, que eram o platonismo, aristotelismo, epicurismo e o estoicismo, ganham um espaço próprio com institucionalização realizada pelo imperador romano Marco Aurélio. Com essa nova organização, os filósofos deixaram de ser os mestres de antes, onde tinham contato direto público com seus discípulos, explicando e argumentando suas ideias. Suas doutrinas agora estavam em registros escritos que eram lidos para um grupo de aprendizes, porém nem sempre compreendidas, devido as dificuldades de entendimento. O ensino da filosofia se resumia na explicação dos discursos dos filósofos, na maioria incompreensíveis. E conforme consta no texto do PNLD 2018: filosofia – guia de livros didáticos – Ensino Médio/ MEC, “para auxiliar a tarefa do professor, surgiram os primeiros manuais, os quais comentavam e resumiam as teses, a vida e a obra de um filósofo. Retrospectivamente, estes correspondem aos primeiros materiais “didáticos” no ensino de Filosofia.”

Já no período o Medieval, a filosofia passou a sofrer as influências da Igreja Católica. O pensamento religioso definia e influenciava as correntes de pensamento e a ciência. Como principais representantes desse período tivemos Santo Agostinho que defendia que a origem do conhecimento é divina, e, portanto, a verdade e a explicação de tudo está na palavra de Deus; e São Tomás de Aquino, representante da filosofia escolástica, onde fé e razão deveriam ser unidas. O PNLD 2018: filosofia – guia de livros didáticos – Ensino Médio/ MEC, afirma que:

²⁵ Na verdade, Sócrates estava introduzindo uma novidade na discussão filosófica por meio de seu método, constituído de duas etapas, a ironia e a maiêutica. A *ironia*, termo que em grego significa “perguntar, fingindo ignorar”, é a fase “destrutiva”. Diante do oponente, que se diz conhecedor de determinado assunto, Sócrates afirma inicialmente nada saber. Com hábeis perguntas, desmonta as certezas até que o outro reconheça a própria ignorância ou desista da discussão. A *maiêutica* (do grego, “parto”) foi assim denominada em homenagem à sua mãe, que era parteira: enquanto ela auxiliava no parto de crianças, Sócrates “dava à luz” novas idéias. Em diálogo com seu interlocutor, após destruir o saber meramente opinativo (a doxa), dava início à procura da definição do conceito, de modo que o conhecimento saísse “de dentro” de cada um. Fonte: *Filosofando: Introdução à Filosofia*, p.107.

As universidades, não obstante inspiradas nas antigas escolas filosóficas, surgiram vários séculos depois da extinção destas, sob os auspícios da Igreja Católica. Há um amplo consenso de que as antigas filosofias foram subordinadas nestas instituições à Teologia, como uma espécie de suporte teórico para auxiliar na meditação dos mistérios da fé. Daí que o ensino das disciplinas filosóficas ocupava toda a educação básica dos estudantes, os quais, quando fosse o caso, ascendiam para os estudos teológicos superiores. Uma vez que havia um número reduzido de textos traduzidos para a língua franca de então, o latim, o que dificultava o acesso direto à bibliografia primária, além da necessidade de se dirimir certas disputas doutrinárias, deu-se a criação de um tipo específico de manual escolar. Estes não visavam o esclarecimento de uma ou outra filosofia, porém a sistematização de todo o conhecimento disponível a partir das principais “autoridades”. A composição e o uso desses materiais didáticos sedimentaram uma maneira de ensinar por meio de teses que caracterizou, em linhas gerais, uma certa orientação pedagógica: a “escolástica”. (PNLD 2018: filosofia,p.9)

Com o Renascimento cultural e científico, a filosofia se desvincula dos pensamentos religiosos e adere ao modernismo, unindo agora a razão e ciência. Sob as ideias iluministas, somente com o uso da razão e dos métodos científicos seria possível atingir o conhecimento. Como principais representantes e correntes desse período tivemos o cartesianismo de René Descartes, em que a matemática e a razão eram as únicas bases para o conhecimento; a doutrina contratualista de Rousseau, que explicava o surgimento da Sociedade e do Estado a partir do contrato social; o pensamento crítico de Montesquieu sobre as monarquias absolutistas e a sua proposta na divisão dos poderes legislativo, executivo e judiciário; a filosofia de Karl Marx com o método dialético com foco nas relações de trabalho e a filosofia crítica de Friedrich Nietzsche ao modelo social cristão. Foi no Período da Idade Moderna, segundo, PNLD 2018: filosofia – guia de livros didáticos – Ensino Médio/ MEC, que: “(...) as reformas educacionais influenciadas pela ‘revolução científica’ se consolidaram nos principais centros da Europa. (...) momento em que a Filosofia, até ali entendida como o conjunto de todos os saberes, passou a designar apenas uma dentre outras áreas do conhecimento ou um tipo de saber transversal.”

No período contemporâneo, o ensino da filosofia é marcado por sua separação às influências da Igreja. Na França, ainda em 1809, a filosofia se tornava uma “disciplina” obrigatória no último ano do ensino secundário, seguindo o modelo dos colégios jesuítas, com aulas em latim de Metafísica, Lógica e Ética. Porém, logo mais, em 1820, um professor liberal chamado Victor Cousin ocupa o cargo de “ministro da instrução pública”²⁶ e conclui o processo de laicização do ensino, levando a criação de um currículo oficial da Filosofia, o fim das aulas em latim e a introdução de novas disciplinas e conteúdos. De certa forma, Cousin democratizou e modernizou o ensino de filosofia quando defendeu o fim da exclusividade em uma única escola, propôs um novo currículo mais diversificado, e “escreveu e traduziu livros didáticos

²⁶ Extraído de PNLD 2018: filosofia – guia de livros didáticos – Ensino Médio/ MEC.

que apresentavam uma abordagem histórica das doutrinas filosóficas, consolidando assim uma nova disciplina de estudos, a História da Filosofia.”, conforme PNLD 2018: filosofia – guia de livros didáticos – Ensino Médio/ MEC.

No Brasil colonial, o ensino de filosofia recebeu a influência pedagógica dos jesuítas, assim como toda a educação brasileira no século XVI, que catequisavam as colônias nas bases da propagação do cristianismo. Essa orientação pedagógica tinha a referência dos colégios europeus, mais especificamente na escolástica e nos pensamentos de Sto. Tomás de Aquino e Aristóteles. A história da filosofia em nosso país acompanhou a nossa própria história. Como um país colonizado, a produção cultural foi trazida de Portugal, e a educação era voltada para a elite, completamente livresca.

Contudo, no Brasil império, o pensamento filosófico acompanha as mudanças econômicas e políticas. A expansão comercial exigia mudanças na educação. O pensamento filosófico ganha características empiristas e influência do nacionalismo positivista do filósofo francês Auguste Comte. A filosofia e seu ensino volta-se para a formação profissional, passando a ser obrigatória e enciclopédica. Busca-se a libertação da dominação eclesiástica, a valorização das ciências e da produção cultural brasileira. Outro importante representante desse período foi Benjamin Constant, decretando a gratuidade, a liberdade e a laicidade no ensino primário. Contrária a essa linha de pensamento, surgiu outro movimento, a Escola de Recife com a representação de Tobias Barreto, uma importante evolução para o pensamento brasileiro.

No Brasil república, a formação de uma elite intelectual, estimula o desenvolvimento de uma sociedade mais racional, com ideias culturalistas, preocupada com o social e com a originalidade de uma filosofia brasileira, livre das influências europeias. Surge nessa época também, a corrente teológica chamada de teologia da libertação, propondo uma reflexão sobre a liberdade dos povos que sofriam desigualdades, aliada à corrente marxista.

Já o século XX foi marcado por várias mudanças, porém em seu início a educação se mantinha na proposta liberal para as elites políticas e econômicas. No ano de 1915, a disciplina Filosofia passa a ser facultativa após uma reforma educacional. Na década de 1930, em outra reforma, a educação passa a objetivar a formação integral do homem, com a influência do filósofo americano John Dewey no chamado movimento Escola Nova. Vários educadores, intelectuais e humanistas como Rui Barbosa e Anísio Teixeira, questionavam o modelo de escola elitista. Nesse período, a Filosofia continuava no currículo da escola secundária, apenas no último ano, como acontecia no modelo francês. Herdamos dos franceses os principais

exemplos sobre o ensino da filosofia, centrada na História da Filosofia, no estudo da coleção Os Pensadores, no contato direto aos textos dos filósofos:

[...] os jovens professores franceses praticavam um modelo “estrutural” de leitura voltado a reconstrução da “ordem de razões” específica de cada doutrina, considerando-as irredutíveis umas às outras. Dessa perspectiva, propôs-se uma pedagogia avessa ao uso generalizado de manuais, valorizando-se o comentário minucioso e o estímulo ao contato direto com os textos originais. (PNLD-MEC, 2018,p.10)

Em 1942, novamente, com outra reforma, o ensino secundário foi dividido em ginásio e colegial. O colegial ainda foi subdividido em científico e clássico. O primeiro focava no ensino das ciências e o segundo com fins a formação intelectual. separava quatro horas para o ensino da filosofia. No ano, 1961, a Filosofia deixou de ser uma disciplina obrigatória, e foi recomendada apenas como disciplina complementar na publicação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n°. 4024. Logo em 1964, com o golpe militar, a Filosofia foi extinta dos currículos e tornou-se facultativa. Com a expansão econômica e o novo cenário político a educação ganhou um caráter notadamente técnico.

Após o fim da ditadura, a volta da Filosofia no Ensino Médio aconteceu de maneira lenta e gradual, conforme o processo da redemocratização. Em 1999, a Filosofia é indicada nos Parâmetros Curriculares Nacionais como conteúdo complementar dos Temas Transversais. Depois, no ano 2000, foi lançado um projeto de lei complementar que pedia a presença obrigatória da disciplina de Filosofia no currículo do Ensino Médio. Mas o projeto foi vetado em 2001, pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso, com a justificativa de recursos humanos qualificado em número suficiente para atender à demanda. Finalmente, em 2006, o Conselho Federal de Educação, como resolução, definiu como obrigatório o Ensino de Filosofia no Ensino Médio. Porém, os estados não eram obrigados a implementá-lo, pois ainda não era lei. Contudo, com a Lei 11.684 no ano 2008, algumas mudanças foram feitas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e as disciplinas de Filosofia e Sociologia passaram a ser obrigatórias nos currículos do Ensino Médio.

O ensino de filosofia sempre esteve ligado a história das sociedades e aos fatores nela envolvidos: econômico, político, cultural e ideológico. Ensinar filosofia vincula a busca do querer saber para poder fazer e poder ser. O contexto da atividade filosófica ultrapassa os limites do tempo. Em especial, no Brasil, o seu ensino tem sido uma prática construtiva de aprendizagem e conhecimento. O desejo de tê-la como disciplina nos currículos, atende as

várias projeções de uma sociedade que olha para o passado, presente e futuro de maneira mais reflexiva, crítica e dinâmica.

2.2 Proposta da Educação Bilíngue

A Educação Bilíngue para surdos é uma realidade instituída legalmente no Brasil, através DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005²⁷, que regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua de Sinais B - Libras:

Art. 22. As instituições federais de ensino responsáveis pela educação básica devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio da organização de:

I - escolas e classes de educação bilíngüe, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngües, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;

II - escolas bilíngües ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade lingüística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa.

§ 1º São denominadas escolas ou classes de educação bilíngüe aquelas em que a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo.

No que concerne à Secretaria de Estado de Educação e ao Governo do Distrito Federal, conforme consta na LEI Nº 5.016, DE 11 DE JANEIRO DE 2013, e no Projeto Político e Pedagógico-PPP (2017,p.6) da Escola Bilíngue Libras e Português Escrito de Taguatinga em Brasília, a educação bilíngue projeta

a garantia do atendimento, e promoção da inclusão educacional e social dos surdos, garantindo uma educação diferenciada, específica, cultural e bilíngue, para estudantes que têm a língua de sinais como sua primeira língua e o português escrito como segunda língua, sendo estas as línguas de comunicação e de instrução das atividades escolares para o ensino de todas as disciplinas curriculares, em todos os níveis da educação básica (Lei 5.016/2013)²⁸.

Legalmente, a nossa realidade entende que a educação dos alunos surdos em contexto bilíngue, envolve um processo de ensino específico em respeito ao direito linguístico de ser instruído em sua língua materna. Ao reconhecer o direito dos surdos à educação bilíngue, os

²⁷ Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm> Acesso em: 09/01/2020.

²⁸ Fonte: Diário Oficial do Distrito Federal - DODF nº 11, Seção 1, de terça-feira, dia 15 de janeiro de 2013, páginas 2 e 3.

sistemas de ensino precisam garantir o processo de ensino aprendizagem na primeira língua- LSB, e na Língua Portuguesa, segunda língua.

2.2.1 POLÍTICAS PÚBLICAS

Uma política de Educação Inclusiva para estudantes surdos precisa levar em consideração suas especificidades linguísticas, culturais e identitárias. Durante muitos anos, a educação de surdos fez parte da proposta do Ensino Especial em escolas e turmas especiais. Posteriormente, a partir da Política de Educação Inclusiva, os surdos passaram a frequentar as escolas regulares com o apoio de intérpretes, como uma forma de adequação e garantia às suas necessidades de acessibilidade. A educação inclusiva é o resultado de uma mobilização mundial na defesa dos direitos humanos, para assegurar à todos o direito de estudarem juntos, sem nenhuma forma de discriminação. Um dos objetivos da educação inclusiva, era debater e encontrar soluções para o fim da exclusão e dos estereótipos preconceituosos acerca dos alunos portadores de necessidades especiais, conforme consta no portal do Ministério da Educação²⁹:

Nesta perspectiva, o Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão apresenta a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, que acompanha os avanços do conhecimento e das lutas sociais, visando constituir políticas públicas promotoras de uma educação de qualidade para todos os estudantes.

A questão maior porém, na educação de surdos, é a inacessibilidade linguística. Por isso, novas políticas públicas adotaram a proposta do bilinguismo como metodologia. No espaço inclusivo pela proposta do ensino bilíngue, a diversidade humana é considerada e o estudante surdo tem o seu direito de aprender na língua materna assegurado. A inclusão na sociedade representa grandes oportunidades para o crescimento pessoal, acadêmico e profissional das pessoas. A inclusão para os surdos começa com a educação bilíngue. É dentro da escola que começamos a identificar o protagonismo surdo, representado por estudantes independentes, com grande autonomia, lutando por seus direitos e convicções; exercendo a cidadania em sua forma mais plena, a partir da educação.

O tema da acessibilidade é muito discutido e abordado atualmente. Acessibilidade pode ser entendida como o rompimento de barreiras que impedem o acesso e a participação do

²⁹ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192> Acesso em 03/02/2020.

indivíduo portador de necessidades especiais em várias áreas sociais. A legislação brasileira, por meio da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000³⁰, dispõe:

“Art. 2º :

I - acessibilidade: possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida;

II - barreiras: qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade, à liberdade de movimento e de expressão, à comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com segurança, entre outros, classificadas em:

a) barreiras urbanísticas: as existentes nas vias e nos espaços públicos e privados abertos ao público ou de uso coletivo;

b) barreiras arquitetônicas: as existentes nos edifícios públicos e privados;

c) barreiras nos transportes: as existentes nos sistemas e meios de transportes;

d) barreiras nas comunicações e na informação: qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens e de informações por intermédio de sistemas de comunicação e de tecnologia da informação;”

Dentre as barreiras dispostas na lei, talvez a que mais se aproxime da necessidade dos surdos são as barreiras nas comunicações e na informação. Afirmamos isso, por acreditar que talvez essa nomenclatura devesse ser complementada com barreira linguística, para contemplar o caso específico dos surdos. A acessibilidade dos surdos depende quase que exclusivamente da questão linguística. Os surdos representam uma minoria com uma especificidade linguística, a maior de todas as barreiras desse grupo no processo de participação e inclusão social. A barreira linguística criada ao longo da história, ainda gera prejuízos e compromete o cumprimento da legislação. O respeito do direito à acessibilidade dessa minoria até agora é moroso.

Uma das primeiras formas que o indivíduo tem de participação social é o acesso à educação formal. A educação, teoricamente, é uma prioridade de praticamente todos os governos de vários países pelo mundo. Neste caso específico, além da acessibilidade à educação formal, os surdos precisam da acessibilidade linguística dentro da educação formal. Todo o sistema de ensino foi preparado para alunos ouvintes. Assim, tudo que está dentro da escola funciona bem para alunos que usam a língua portuguesa. Na verdade, temos que reconhecer

³⁰ Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10098.htm>. Acesso:06/01/2019.

que o aumento de escolas bilíngues para surdos é um enorme desafio para o país, em respeito à acessibilidade linguística. Por isso, é fundamental organizar e estruturar essas escolas com profissionais capacitados, materiais e recursos adequados a esse público.

A realidade do aluno surdo em escolas regulares é bastante delicada. A falta de acessibilidade linguística compromete gravemente a acessibilidade ao conhecimento. O texto na figura abaixo apresenta o depoimento³¹ de uma aluna surda sobre as diferenças no ensino de filosofia em uma escola inclusiva e em uma escola bilíngue LSB/LP:

Quadro 3 – Relato de Vivência

Meu nome é Stefany, atualmente sou aluna do curso Letras-Libras na Universidade de Brasília -UNB. Vou falar um pouco da minha experiência na disciplina de Filosofia, quando fui aluna na inclusão no Ensino Regular e em uma Escola Bilíngue para surdos. No ano de 2013, eu era aluna do 1º ano do Ensino Médio no Centro Educacional 6 de Ceilândia, numa turma inclusiva. Na sala de aula, junto com os alunos ouvintes, eu assistia às aulas de filosofia com o apoio de um intérprete da LSB. Mas, a interpretação era insuficiente, não conseguia entender, nem acompanhar. O professor ficava oralizando e debatendo com os alunos... eles falavam muito rápido. Os surdos não conseguiam participar, muito menos entender como os ouvintes. Nós não sabíamos nem o que significava Filosofia! Não entendíamos nada! Não entendíamos o conteúdo, nem as discussões! Não entendíamos absolutamente nada! Parecia difícil e que tudo “estava fechado”! Não dava para interagir, expor nossas opiniões e deixar tudo mais claro. Não dava pra entender... parecia muito difícil! Tinha uma barreira! Assim, eu não tinha interesse, nem vontade de aprender. Ficava muito desmotivada! O intérprete às vezes faltava e não tinha substituto, ficávamos na sala sozinhos, completamente excluídos sem entender coisa alguma, enquanto toda a turma de ouvintes, discutia e debatia. Outro problema com os intérpretes, é que eles também não conseguiam explicar de maneira clara, eles perdiam alguns detalhes, na verdade não conseguiam acompanhar a explicação do professor; não dava tempo, a oralização era rápida. Virava uma bagunça. Depois, quando mudamos para a Escola Bilíngue, a sala de aula era muito diferente! Nós passamos a ter uma professora de filosofia fluente em LSB e éramos somente nós, os surdos, sem ouvintes. Os meus olhos brilharam! Se abriram! Eu fiquei fascinada! A professora com fluência e com outra metodologia. Era perfeito! Usava material didático visual, colocava imagens e os textos no data show. Ela explicou qual era o significado da Filosofia... quais eram os conteúdos... qual era o objetivo da filosofia... como usaríamos e qual contexto da filosofia na sociedade... o sentido na vida de verdade. Refletimos sobre a vida em sociedade e todos nós, surdos começamos a debater e mostrar nossas opiniões! Fui vendo tudo aquilo e a minha mente se abriu! Passei a ter interesse e a gostar da disciplina. As reflexões, os debates sobre vários temas diferentes tudo em língua de sinais. Principalmente porque era em língua de sinais, se não fosse através dela, continuaria sem entender absolutamente nada. Teria prejuízo na disciplina. Com a fluência da professora, nós quase não acreditávamos no que estava acontecendo, ficávamos seduzidos e encantados com as trocas que fazíamos.

³¹ O depoimento foi transposto para a LP, no original em LSB, formato de vídeo, disponível em: <https://youtu.be/95Jlb8Hfr38>

Foi maravilhoso! Eu amei! Na Escola Bilíngue era muito melhor. A fluência dos professores e a metodologia era muito melhor. Os surdos gostaram, passaram a ter interesse... tudo ficou muito diferente de como era na inclusão, com a barreira linguística. Na escola Bilíngue melhorou 100%. Nós abrimos a mente e só assim entendemos o que era e qual a importância da filosofia. A Filosofia ajuda o surdo a se desenvolver, a ter ideias, a expor sua opinião, a falar dos seus direitos, a lutar e a se esforçar. A Filosofia abre a mente para a vida, para nos desenvolvermos profissionalmente! Tenho que agradecer a professora de Filosofia, que nos três anos no Ensino Médio, nos motivou, nos provocou e despertou o nosso interesse. Eu amo. Preciso agradecer. Ela sempre ajudou muito a gente, como acontece com os ouvintes!

Autoria: Stefany Marques

2.2.3 O MATERIAL DIDÁTICO

Na educação bilíngue para surdos o material didático deve contemplar a proposta de uma pedagogia visual. Assim, as aulas ministradas geralmente dependem de um criterioso planejamento prévio pelo professor de cada disciplina, para seleção de imagens, confecção de cartazes e preparo de *slides* para projeção em sala de aula.

O material escrito, como apostilas, textos e avaliações, também deve ser adaptado ao público. Busca-se sempre apresentar textos mais curtos, acompanhados de muitas ilustrações.

Conforme o PPP-EBT foi elaborada uma Proposta de Sequência Didática, fruto de planejamento coletivo do corpo docente para organização de slides pelo professor.

1º Definição do tema - leitura de mundo: contextualização e trabalho com temas transversais: Educação para Diversidade, Cidadania e Educação em e para os Direitos humanos, Educação para a Sustentabilidade.

2º Apresentação de um texto sobre o tema definido conforme nível da turma. Leitura do texto pelo aluno apenas com os olhos. O aluno sublinha as palavras desconhecidas.

3º Estudo do vocabulário com apoio de imagens. Palavra = significado adaptado + imagem relacionada + sinal em Libras. Exemplo: frase (vocabulário contextualizado: a palavra em uso) com apoio de imagem.

4º Atividades de fixação do vocabulário. Atividades para relacionar palavra e imagem (pode-se utilizar os comandos: ligue, associe, enumere). Atividades para relacionar palavra e significado. Atividades com frases (pode-se utilizar o comando completo com apoio do banco de palavras).

5º Elaboração de glossário. O aluno registra num caderno ou portfólio o vocabulário aprendido para consulta quando necessário.

6º Retorno à leitura do texto. O aluno realiza novamente a leitura com os olhos (agora com conhecimento das palavras desconhecidas). Leitura coletiva: pode-se pedir que um aluno leia um parágrafo e faça a interpretação em Libras.

7º Interpretação coletiva do texto (perguntas direcionadas: O que? Como? Onde? Por que?).

8º Atividades de interpretação de texto.

9º Técnica: Tempestade de palavras sobre o tema explorado (registrar no quadro).

10º Produção escrita com apoio do banco de palavras registrado no passo anterior.

Obs. Para os alunos que estão em processo de alfabetização do português escrito, sugere-se que o professor explore o 3º e o 4º passo antes da apresentação do texto, assim quando o aluno ler o texto já conhecerá o novo vocabulário. (Projeto Político e Pedagógico-PPP-EBT, 2017, p. 43)

Por essa proposta didática, é nítida a importância do vocabulário e glossário nas aulas. A língua portuguesa escrita é a segunda língua dos alunos surdos e, apesar de estarem nos Anos Finais dos ensinos Fundamental e Médio, continuam apresentando dificuldades em relação ao domínio e ampliação do repertório em LP.

2.2.3.1 O livro didático

O livro-didático é uma importante ferramenta no processo de ensino-aprendizagem. Podemos, inclusive, afirmar que o livro é um dos principais recursos didáticos. Alunos e professores têm acesso e podem manusear o livro tanto em sala de aula como em outros espaços e horários de estudo. Ele é o material de referência nas leituras coletivas e individuais, na consulta e pesquisa para elucidação de dúvidas e na proposta de atividades interpretativas, de fixação e revisão de conteúdos. O livro estabelece um elo de comunicação e aprendizagem direto entre alunos e professores.

2.2.3.2 O livro didático no Programa Nacional do Livro e do Material Didático

Uma das maneiras de garantir acesso ao livro didático e ao conhecimento foi a criação pelo Governo Federal do Programa Nacional do Livro e do Material Didático-PNLDD. Segundo o portal do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação do Ministério da Educação³³-PNLDD “compreende um conjunto de ações voltadas para a distribuição de obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, destinados aos alunos e professores das escolas públicas de educação básica do País.”

As escolas participantes do PNLDD recebem materiais gratuitamente a cada três anos, depois disso o processo de escolha das obras e autores é feito novamente pelos professores de cada escola ou de forma conjunta pela rede de ensino.

2.2.3.2.1 O público-alvo

³³ Disponível em < <https://www.fnede.gov.br/programas/programas-do-livro> > Acesso em 10/01/2020.

Os livros do PNLD³⁴ destinam-se “aos alunos e professores das escolas públicas de educação básica, como também de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público.”

Os livros são destinados aos alunos em geral sem levar em consideração as especificidades da Educação Inclusiva ou Bilíngue. Acreditamos que isso ocorra também pela falta de material adaptado produzido pelas editoras. Segundo Assessoria de Comunicação Social do FNDE com informações do Ministério da Educação:

Neste início de ano letivo, estudantes das primeiras séries do ensino fundamental que têm deficiência auditiva receberão um livro digital em libras, a língua brasileira de sinais, para a alfabetização. A ação inovadora faz parte do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). A distribuição dos 16,5 mil exemplares já está sendo feita em escolas públicas de todos os estados que tenham alunos surdos matriculados. De acordo com a secretária nacional de educação especial, Cláudia Dutra, é a primeira vez que um livro didático é feito nesse formato. "O Ministério da Educação já tinha feito, por meio do PNLD, a distribuição de textos de literatura em libras e de dicionários trilingües – inglês, português e libras – que tiveram boa repercussão e contribuíram muito para o desenvolvimento dos alunos", afirmou Cláudia. "A partir dessa primeira experiência, surgiu a iniciativa de fazer o primeiro livro didático." Os exemplares são formatados em CD-rom e trazem, ao final de cada título, atividade ou questão em português e um ícone de TV, o qual, ao ser clicado pelo aluno, abre uma janela. Nela, um tradutor-intérprete apresenta o conteúdo, em libras. Além do CD-rom, o material inclui um livro impresso, com o mesmo conteúdo, para auxiliar no aprendizado da língua portuguesa. **Dificuldades** – Cláudia explica que, a partir de uma avaliação feita pela escola e pelos alunos da eficiência do material, existe a possibilidade de serem elaborados outros livros didáticos em libras e, dessa forma, ampliar o acesso dos alunos surdos. Hoje, com o livro regular, eles têm dificuldades, uma vez que a língua portuguesa oral não é utilizada por essas crianças que chegam à escola." Essa concepção de acessibilidade que é trabalhada hoje é benéfica para reverter índices de exclusão, de evasão e de repetência. Muitos alunos repetiam ou abandonavam a escola por não conseguirem participar e aprender", disse Cláudia. "É uma concepção de atenção à diversidade que a educação inclusiva está imprimindo no sistema educacional brasileiro." (Escrito por Assessoria de Comunicação Social do FNDE com informações do Ministério da Educação, Sexta, 2007³⁵)

Sabemos que falta muito para o atendimento às especificidades linguísticas dos surdos em relação ao material didático. Faz-se necessário o envolvimento de todas as entidades responsáveis. As editoras poderiam desenvolver parcerias com as Universidades e Escolas Bilíngues para a produção desses materiais didáticos e posterior distribuição pelo PNLD. Projetos técnico-científicos em LSB, como o aqui apresentado, um Glossário de Filosofia, assim como vários outros já desenvolvidos, podem e precisam ser utilizados em sala de aula. Os alunos precisam desse material para a plena acessibilidade ao conhecimento. Reconhecemos

³⁴ Disponível em < <https://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro>> Acesso em 10/01/2020.

³⁵ Disponível em <<https://www.fnde.gov.br/aceso-a-informacao/institucional/area-de-imprensa/noticias/item/1064-livro-digital-em-libras-contribui-para-alfabetiza%EF%BF%BD%EF%BF%BDo-de-alunos-com-surdez?tmpl=component&print=1/>> Acesso em 10/01/2020.

o esforço e algumas tentativas do PNLD na distribuição de materiais de apoio como dicionários e livros didáticos em formatos acessíveis. Mas nos Anos Finais e Ensino Médio, o uso do livro regular não tem favorecido o público surdo de maneira objetiva.

Algumas editoras já desenvolveram propostas de Livros Didáticos Digitais Bilíngues para as quatro séries iniciais do Ensino Fundamental. O conteúdo desses livros são para os estudantes ouvintes, que não apresentam deficiência, ou seja, os textos são escritos na LP sem adaptação (são textos longos e com vocabulário mais rebuscado); mas para tornar acessíveis os livros aos estudantes surdos, apenas se faz a tradução dos textos para LSB.

No entanto, similarmente é preciso ampliar essa proposta às disciplinas de áreas específicas no Ensino Médio. Novas propostas da mesma forma, poderiam ser apreciadas, como por exemplo, a complementação nos livros regulares com Glossários Digitais em LSB de cada disciplina. Hoje, é crescente a participação de alunos surdos em exames como o ENEM, PAS PROUNI, ENCEJA e outros concursos públicos. Existe uma demanda para acessibilidade desse público ao livro didático e outros materiais didáticos acadêmicos.

A falta de materiais didáticos adequados em LSB compromete acessibilidade dos surdos e o cumprimento legal da proposta de uma Educação Bilíngue.

3 A LINGUÍSTICA DE CORPUS

3.1 Características

Tendo em vista o objetivo maior desta pesquisa, que é a criação de um repertório de sinais-termo, para a criação de um glossário bilíngue LP-LSB, para atender a demanda na educação dos surdos na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). a compilação da terminologia da filosofia em Língua Portuguesa será feita por meio de uma metodologia de análise baseada na Linguística de Corpus (LC). É importante ressaltar que, apesar da nossa proposta de explorar uma linguagem especializada, na amplitude do texto e de seus diferentes elementos via informatização, não é possível esquecer a real necessidade de lidarmos também com suas inter-relações. Para Cabré (2005, p. 9):

Así, pudimos constatar un cambio en la percepción de los fundamentos de la terminología como campo de conocimiento. Para algunos autores, este cambio se debe en parte a la utilización de las nuevas tecnologías que había permitido desarrollar la lingüística de corpus. Esta nueva aproximación a los datos obliga a partir necesariamente de los textos reales, producidos por los especialistas en distintas situaciones de producción y transmisión de conocimiento, y extraer información muy variada sobre el discurso especializado. Condiciona también un cambio en la metodología del trabajo terminológico y en los criterios de reconocimiento de las unidades terminológicas³⁶.

De acordo com Sardinha (2004, p. 3 *apud* TEIXEIRA, 2008, p. 151), a LC ocupa-se “da coleta e exploração de corpora ou conjunto de dados linguísticos textuais coletados criteriosamente, com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística”.

A Linguística de Corpus pode ser caracterizada como uma metodologia (ou uma ferramenta) e também como uma prática teórica, com bases computacionais na seleção de um corpus. Teixeira (2008, p. 61) afirma que:

[...] para Cabré a Terminologia deve partir da observação de textos reais, organizados num corpus. Nesses textos serão identificadas unidades de conhecimento especializado – morfemas, lexemas, sintagmas, orações e os próprios textos – de onde se extraem as “unidades terminológicas”, respeitando-se as necessidades específicas dos usuários a que se destina a aplicação. Essas unidades são então descritas em seus

³⁶ Tradução nossa: “Assim, podemos observar uma mudança na percepção dos fundamentos da terminologia como um campo de conhecimento. Para alguns autores, essa mudança se deve, em parte, ao uso de novas tecnologias que permitiram o desenvolvimento da linguística de corpus. Essa nova abordagem aos dados exige necessariamente partir dos textos reais, produzidos por especialistas em diferentes situações de produção e transmissão de conhecimento, e extraindo informações muito variadas sobre o discurso especializado. Também condiciona uma mudança na metodologia do trabalho terminológico e nos critérios de reconhecimento das unidades terminológicas”.

aspectos morfológicos, semânticos, sintagmáticos, funcionais e discursivo-pragmáticos. A partir da descrição é possível extrair generalizações.

Em conformidade com a Linguística de Corpus, observaremos textos reais em um corpus, com objetivo de identificar principalmente os sintagmas e as orações para extração das unidades terminológicas ou termos. De acordo com Biber, Conrad e Reppen (1998, p. 4 *apud* TEIXEIRA, 2008, p. 4),

[...] os principais diferenciais dos estudos em L.C., que vêm atraindo atenção de pesquisadores dos mais variados campos são: i) as pesquisas são empíricas: analisam os padrões em textos autênticos, produzidos naturalmente; ii) são utilizadas grandes quantidades de dados, criteriosamente organizados (= corpus); iii) o computador é usado extensivamente nas análises; iv) os estudos empregam técnicas qualitativas e quantitativas.

Dessa forma, as várias ferramentas da Linguística de Corpus nos permitirão realizar uma pesquisa empírica com a coleta de termos, dentro de um discurso apresentado em textos autênticos: os textos dos livros didáticos. O trabalho com esses textos seria extremamente árduo sem o tratamento informatizado. Para Shepherd (2009, p. 152), “daí o papel da LC: fornecer meios de lidar com grandes quantidades de dados provenientes do uso, além de, simultaneamente, acompanhar as variáveis contextuais”. Além disso, a identificação dos candidatos a termos presente no texto permitem a leitura dentro de um contexto explicativo, definitório, exemplificatório ou conceitual. Krieger e Finatto (2017, p. 203) reforçam essa ideia:

Assim, em um reconhecimento terminológico com o apoio do computador, além de, por exemplo, executar-se uma detecção de determinadas classes de palavras em um texto, muitos outros aspectos passam a estar sob consideração. As informações sobre o que “acontece” nos textos, linguagens e terminologias tornam-se maiores tanto em número quanto em abrangência.

Com base nos estudos de Hoey (1993) e Stubbs (1996, p. 231), Teixeira (2008, p. 154) afirma:

[...] a importância da incorporação do computador à análise linguística pode ser comparada à invenção do microscópio para a biologia, pois não só ampliou, mas transformou o conhecimento que se tinha até então da língua, permitindo observar fatos que não podiam ser vistos “a olho nu”, ou seja, não se trata apenas de ter uma quantidade maior de dados linguísticos à disposição. As ferramentas computadorizadas de análise textual permitem observá-los de uma outra perspectiva, evidenciando novos fenômenos.

A LC, por meio de suas ferramentas, confere às novas pesquisas mais aplicabilidade da teoria e maior confiabilidade. De acordo com Krieger e Finatto (2017, p. 140), a “contribuição da terminologia computacional tem tornado viável a investigação das linguagens especializadas

em uma grande extensão de documentos, além de agilizar a coleta e seleção de termos em grandes volumes de texto”.

O uso da LC em estudos da tradução permite observar a linguagem em textos representativos da língua de partida utilizando parâmetros comparativos na busca de uma tradução que se configure o mais natural possível.

3.2 Fundamentação

Fundamentalmente, a Linguística de Corpus foi ao encontro da problemática inicial desta pesquisa: a seleção de “candidatos a termo” de uma linguagem de especialidade – a linguagem da filosofia dentro de um contexto de comunicação específico: ambiente escolar da educação básica. A base de investigação fundamenta-se em *corpora*. Para Sardinha (2009, p.7), *Corpora* (plural latim de *corpus*³⁷) é o conjunto de textos e transcrições de fala armazenados em arquivos de computador.

Bowker e Pearson (2002, p. 9 *apud* TEIXEIRA, 2008, p. 161), definem corpus: ‘A corpus can be described as a large collection of **authentic** texts that have been gathered in electronic form according to a specific set of criteria’³⁸ (grifo da autora). Teixeira (2008, p.161) ainda reescreve essa definição:

[...] *corpus* é um conjunto de **textos autênticos** disponível em formato eletrônico, coletado com uma finalidade específica, segundo critérios previamente estabelecidos, e **extenso o bastante** para permitir que sejam feitas **generalizações sobre o(s) aspecto(s)** dessas línguas ou variedades linguísticas que se pretende estudar, isto é, que possa ser considerado uma representação dessa língua ou variedade linguística.

Assim, procurando trabalhar nos fundamentos da LC, o nosso corpus é um conjunto dos “textos autênticos” extraídos dos livros didáticos de filosofia para estudantes do ensino médio da rede pública de ensino, selecionados a nível nacional, pelo Ministério da Educação, sendo “extenso o bastante” para fazermos “generalizações” sobre o uso de termos de uma linguagem de especialidade com a “finalidade específica” de elaboração de um glossário terminológico tanto na LP como na LSB. Porém, devemos ressaltar que a identificação dessa terminologia baseada em corpus não utilizará apenas os dados estatísticos fornecidos pelas diversas

³⁷ O autor faz citação a “adoção da forma latina *corpus* e seu plural *corpora* por estarem dicionarizadas (HOUAISS). Além dessa, existe ainda a forma *cópus*, que começa a ser usada em português para indicar tanto a forma singular quanto plural” SARDINHA (2009, p. 7). Neste trabalho, utilizaremos a forma latina por ser mais conhecida e utilizada: corpus, sem marcação em itálico.

³⁸ Tradução TEIXEIRA (2008, p.161): “Um corpus pode ser descrito como uma extensa coleção de textos autênticos em formato eletrônico organizados de acordo com um conjunto de critérios”.

ferramentas da LC. Os dados estatísticos podem estar alinhados com os objetivos do tradutor na exploração do corpora. Esse processo é citado por Krieger e Finatto (2017, p.205) quando afirmam que: “os aspectos pragmático-comunicativos, tais como objetivos e condições dos interlocutores, muito condicionam o valor especializado que adquirem as unidades terminológicas de um texto... e ainda condicionam o grau de fixação dessas unidades e ao seu uso maior ou menor nos textos especializados”. Tudo isso se estivermos em consonância com perspectiva comunicativa. Assim, significa por exemplo, que o fato de, excluir ou não, um candidato a termo que apresenta uma baixa ou alta frequência não será determinado por um aspecto estatístico matemático. Bevilacqua (1998 *apud* KRIEGER; FINATTO, 2017, p. 206) “avalia que uma proposta abrangente e funcional deveria incluir todos os aspectos antes mencionados (linguísticos gramaticais, variações denominativas e conceituais, pragmáticos-comunicativos, estatísticos) e, sobretudo, deveria articular critérios sintáticos, semânticos e pragmáticos”. Desta forma, apesar de parecer genérico e reducionista o estudo dos termos nos textos com a metodologia da LC por dados estatísticos, o mesmo não dispensa o cuidado criterioso e avaliativo no tratamento dos dados obtidos por especialistas da área de domínio. A LC apresenta dados para serem analisados que podem reiterar ou não uma linguagem especializada. Isso traz mais consistência referencial na elaboração e construção de glossários terminológicos.

É importante ressaltar que vários trabalhos terminográficos apresentam problemas basilares, principalmente no que se refere a ausência de critérios para identificação e seleção dos termos de uma área especializada. Conseqüentemente, apresentam problemas definitórios nas acepções. A LC pode oferecer o caminho mais assertivo para a elaboração de trabalhos terminográficos a partir de critérios mais definidos no momento da estruturação.

A proposta de compilação de um repertório de filosofia nessa pesquisa se inicia então com a investigação dos “candidatos a termo” na Língua Portuguesa, nas seguintes obras³⁹:

- *Filosofia e filosofias: existência e sentidos* – Editora Autêntica;
- *Filosofia: experiência do pensamento* – Editora Scipione;
- *Reflexões: Filosofia e cotidiano* – Editora SM;
- *Filosofia: temas e percursos* – Editora Berlendis & Vertecchia Editores;
- *Fundamentos de Filosofia* – Editora Saraiva Educação;

³⁹ As obras selecionadas referem-se aos livros didáticos selecionados e aprovados pelo Ministério da Educação no Programa Nacional do Livro Didático, para a Educação Básica.
Ver: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnld>>. Acesso em: 29 de abril de 2019.

- *Iniciação à Filosofia* – Editora Ática;
- *Filosofando: introdução à Filosofia* – Editora Moderna; e
- *Diálogo: primeiros estudos em Filosofia* – Editora Moderna.

E também nas questões de Filosofia dos cadernos de provas de ciências humanas e suas tecnologias do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), disponíveis no portal do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep)⁴⁰. Já a observação dos sinais-termo de filosofia já existentes na LSB será realizada na plataforma “Enem em Libras”⁴¹.

De acordo com Teixeira (2008, p. 159-160), a definição que menciona os pontos mais importantes que caracterizam um corpus é a de Sánchez e Cantos (1996). Esses autores apontam alguns critérios a serem considerados na compilação de um corpus para que este possa servir de pesquisa em LC:

- **Autenticidade** (os textos devem ser naturais, sem o propósito explícito de serem usados em determinada pesquisa);
- **Naturalidade** (os textos devem ter sido produzidos por falantes nativos);
- **Representatividade** (devem ser representativos da linguagem ou variedade linguística para a qual servirão como fonte de evidências – o que, em geral, significa que são extensos);
- **Formato** (os corpora devem estar em formato eletrônico, de forma que possam ser explorados por ferramentas computacionais diversas);
- **Propósito** (os corpora devem ter sido coletados com o propósito específico de servirem de fonte para uma determinada investigação linguística, ou seja, a reunião de textos que o compõem não é aleatória – deve seguir critérios bem definidos e previamente determinados (TEIXEIRA, 2008, p. 159-160, grifos no original).

No que diz respeito a esses critérios, podemos afirmar que os textos dos livros didáticos citados anteriormente e as provas do Enem são: a) **autênticos**, pois foram elaborados para serem materiais de apoio à prática educativa; b) **naturais**, já que foram produzidos com outro fim que não para esta pesquisa; c) **representativos**, tendo em vista que, no conjunto, são extensos; d) têm **formato**, porque podem ser formatados eletronicamente para serem explorados; e e) seguem um **propósito** específico, isto é, vão servir de fonte para uma pesquisa terminológica da área de filosofia, para um público específico.

⁴⁰ Disponível em: <<http://inep.gov.br/web/guest/inicio>>. Acesso em: 4 de maio de 2019.

⁴¹ Disponível em: <<http://enemvideolibras.inep.gov.br/>>. Acesso em: 4 de maio de 2019.

É interessante salientar que falamos de uma metodologia baseada em dados computacionais, mas com uma abordagem comunicativa. Estamos lidando com textos que originalmente vieram de uma prática comunicativa. Shepherd (2009, p. 151), diz que a LC

aborda significados co-construídos: o significado de um item lexical ou expressão é o que é, porque nos foi passado por uma ou várias pessoas e essas devem tê-lo ouvido ou lido de outras... em suma, sendo sobre Linguística de Corpus...entende que seu 'objeto de estudo' não é um fenômeno mental, mas um fenômeno social, algo observável e acessível através de evidências que advêm de corpus digitalizado.

4 -METODOLOGIA PARA EXTRAÇÃO DOS TERMOS DE FILOSOFIA DOS LIVROS DIDÁTICOS EM LÍNGUA PORTUGUESA

Neste capítulo, apresentaremos todo o processo de pesquisa terminológica que culminou na produção do glossário. A primeira etapa expõe a abordagem e a natureza da pesquisa, com o objetivo e público-alvo; as instituições e os grupos representativos envolvidos na área-objeto e a seleção das fontes de pesquisa. A segunda etapa mostra a compilação, sistematização e análise do corpus de filosofia em LP e está subdividida em: i) seleção dos textos e material; ii) levantamento dos candidatos a termos; iii) registro dos conceitos e reconhecimento dos termos em LP; iv) elaboração e preenchimento das fichas de extração; v) organização da base de dados; vi) redação dos conceitos; e vii) elaboração dos mapas conceituais; viii) organização do banco de dados; ix) elaboração das fichas terminológicas bilíngues; x) validação dos conceitos dos termos; xi) a macroestrutura; xii) a microestrutura. Por fim, a quinta e última etapa trata da organização da proposta do glossário de filosofia bilíngue e está subdividida em: i) elaboração dos conceitos em LSB e criação dos sinais-termo; ii) organização da macroestrutura e da microestrutura; iii) validação dos sinais-termo.

4.1 Abordagem e Natureza da Pesquisa

Neste trabalho, utilizaremos uma abordagem qualitativa, pois trataremos de questões da língua da comunidade surda, a partir de uma perspectiva quantitativa – em virtude do uso da Linguística de Corpus. O objetivo é buscar uma compreensão a partir de uma pesquisa terminológica documental, dentro do contexto do nosso problema. Pretendemos proporcionar uma visão geral sobre a problemática da terminologia da área de filosofia, que ainda é pouco explorada, mas fundamentalmente necessária ao contexto citado.

Esta pesquisa também assume um caráter teórico e prático, pois a utilização dos resultados será complementar, e não excludente, pois, os fundamentos teórico-científicos são também extremamente importantes para uma aplicação prática.

A produção deste material terminológico seguirá as bases da abordagem da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) estabelecidas por Cabré (1999). A TCT é uma teoria linguística, de base cognitiva, que trata do complexo caráter comunicativo dos termos e de sua colocação no discurso especializado, partindo dos textos reais, organizados em um corpus.

Briones (1999, p. 343) afirma que “la metodología de trabajo de una teoría comunicativa debe partir del principio de que la realidad de los datos presenta variación en toda su dimensión”⁴². Assim, os objetos terminológicos desta pesquisa, vistos sob o prospecto da multidimensionalidade, valendo-se dos textos especializados dos livros didáticos de filosofia e de suas unidades terminológicas, serão estudados a partir de três perspectivas: **social, cognitiva e linguística**, conforme Cabré (1999, p. 183):

Ni las unidades terminológicas pueden reducirse a sus aspectos gramaticales o solo a su vertiente cognitiva, ni la traducción es un proceso únicamente lingüístico o solamente psicológico. Explicar las unidades terminológicas supone describir las tres vertientes que las componen: la vertiente cognitiva, la comunicativa y la lingüística sin que sea posible eludir ninguna de ellas a riesgo de tratar el objeto de análisis de forma parcial. E igualmente en el caso de la traducción⁴³.

A perspectiva social e comunicativa trata das características que um trabalho terminológico deve ter para ser útil e adequado às necessidades comunicativas de um grupo específico. As necessidades comunicativas deste trabalho terminológico, por exemplo, dizem respeito a acessibilidade de uma comunidade surda em sua língua materna, LSB, e em uma segunda língua, LP, dentro ambiente escolar.

Já sob a perspectiva cognitiva, trabalharemos as especificidades da área de filosofia no contexto escolar, em nível secundário, identificando a sua terminologia. Por fim, na perspectiva linguística, será o uso e aplicação dessa terminologia na Língua Portuguesa e na LSB.

Assim, segundo Cabré (1998, 1999 *apud* ALMEIDA, 2003, p. 217):

A Terminologia, vista como uma disciplina linguística, deve dar conta da descrição dos códigos, da descrição dos atos comunicativos especializados reais, da explicação do funcionamento da terminologia dentro da linguagem natural e da elaboração de aplicações terminológicas diversas que satisfaçam necessidades comunicativas igualmente diversas.

De acordo com Almeida (2003, p. 219), um projeto terminológico que tenha como base teórica a TCT deve seguir etapas imprescindíveis apresentadas a seguir:

1) Delimitação da área-objeto.

⁴² Tradução nossa: “A metodologia de trabalho de uma teoria comunicativa deve partir do princípio de que a realidade dos dados apresenta variação em toda a sua dimensão”.

⁴³ Tradução nossa: “Nem as unidades terminológicas podem ser reduzidas aos seus aspectos gramaticais ou apenas ao seu lado cognitivo, nem a tradução é um processo linguístico ou apenas psicológico. A explicação das unidades terminológicas supõe a descrição dos três aspectos que as compõem: os aspectos cognitivos, os aspectos comunicativos e a linguística, sem que seja possível evitar qualquer um deles sob o risco de tratar parcialmente o objeto de análise. E igualmente no caso da tradução”.

- 2) Identificação das instituições, associações e/ou demais organismos que representam e/ou fazem parte dos setores envolvidos com a área-objeto.
- 3) Escolha dos representantes de cada um dos setores acima mencionados.
- 4) Seleção das fontes (textos escritos, textos digitais, fontes orais etc.).
- 5) Organização da estrutura conceitual, “etapa imprescindível para a elaboração de uma obra terminográfica e, de forma mais ampla, para a orientação de qualquer empreendimento terminológico” (CASTILLO, 1997, p. 21).
- 6) Seleção dos termos que constituirão entradas do dicionário: os termos são selecionados de acordo com o critério de relevância de cada termo no campo nocional do qual faz parte.
- 7) Elaboração das fichas terminológicas: etapa igualmente importante em um trabalho terminológico, já que as fichas funcionam como verdadeiros dossiês dos termos.
- 8) Organização do dicionário: macro e microestruturas.

Esperamos que, por meio do reconhecimento dos termos da área de filosofia e de posterior revisão terminológica (mediante acesso a um banco de dados), com consulta a especialistas e identificação das estruturas do texto dentro de um contexto, possamos estabelecer parâmetros mais eficientes para esse processo de produção.

Essa busca, talvez, nos leve a reflexões mais aprofundadas sobre o dinamismo teórico-prático da atividade terminológica, dando conta de como a terminologia especializada se apresenta na realidade e de sua diversidade existente a qualquer registro de linguagem.

4.1.1 OBJETIVO E PÚBLICO-ALVO

Nessa etapa, definimos que o objetivo da pesquisa é a compilação terminológica, em Língua Portuguesa, da área de filosofia presente nos livros didáticos fornecidos pelo MEC, em nível nacional, e nas provas do Enem, para criação e validação de um repertório de sinais-termo, por meio da proposta de um glossário bilíngue. O público-alvo desta pesquisa são os docentes que trabalham na educação de surdos e os discentes surdos da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), objetivando-se, primordialmente, atender à comunidade surda, mediante a oferta da terminologia dos conhecimentos da área de filosofia, conforme as competências e as habilidades previstas no currículo da educação básica da SEEDF.

4.1.2 INSTITUIÇÕES E REPRESENTAÇÕES

Esta pesquisa conta com a representação fundamental de quatro instituições e de representantes diversos da comunidade surda.

A primeira instituição é a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), sendo esta pesquisadora a sua principal representante.

A segunda instituição é a Universidade de Brasília (UnB), com três frentes em núcleos de pesquisa: 1) Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (POSTRAD) do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET), representado por esta pesquisadora e por seu orientador, Prof. Dr. René Strehler, nas linhas de Lexicologia e Lexicografia; 2) Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP), representado pela Profa. Dra. Sandra Patrícia de Faria do Nascimento, coordenadora do Grupo de Pesquisa de Neologismos em Língua de Sinais (NEOLS) e do Grupo de Pesquisa em Estudos Terminológicos da Língua de Sinais Brasileira (GPET-LSB), ambos vinculados ao Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro Lexterm); e 3) Laboratório Corpus Multilíngue para Pesquisas em Línguas Estrangeiras, Tradução e Terminologia (COMPLETT), coordenado pela Profa. Dra. Elisa Duarte Teixeira, na linha de Terminologia e Linguística de Corpus.

A terceira instituição é a Universidade Católica de Brasília, com a representação do Departamento de Filosofia, pelo Prof. Dr. Luiz Cláudio Batista de Oliveira, coordenador do Curso de Filosofia - Bacharelado Presencial.

A quarta instituição é o Centro Universitário e Faculdade Projeção, representado pela Professora Vanessa Ribeiro, coordenadora do curso de Sistemas da Informação, no voluntariado para o desenvolvimento de uma plataforma online para o Glossário Bilíngue.

A representação da comunidade surda é registrada pelos grupos de pesquisa Neologismos em Língua de Sinais (NEOLS) e GPET-LSB, ambos vinculados ao Centro Lexterm, com foco na coleta de sinais existentes e de neologismos em LSB, bem como na criação e validação dos sinais-termo. Seus representantes são: Fábio Selani, Viviane Mara de Oliveira Selani, Saulo Machado Mello de Sousa, Messias Ramos Costa, Maria de Fátima Félix Nascimento, Roberta Gomes de Lima, Rogério Feitosa Oliveira da Silva, Francisca Vanete Rodrigues de Oliveira e Stefany Marques.

4.1.3 SELEÇÃO DAS FONTES DE PESQUISA

A fonte principal desta pesquisa é o livro didático do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), conforme informações apresentadas pelo portal do Ministério da Educação:

Os materiais distribuídos pelo MEC às escolas públicas de educação básica do país são escolhidos pelas escolas, desde que inscritos no PNLD e aprovados em avaliações pedagógicas coordenadas pelo Ministério da Educação e que conta com a participação de Comissões Técnica específica, integrada por especialistas das diferentes áreas do conhecimento correlatas [...]. As obras são inscritas pelos detentores de direitos autorais, conforme critérios estabelecidos em edital, e avaliadas por especialistas das diferentes áreas do conhecimento. Se aprovadas, compõem o Guia Digital do PNLD, que orienta o corpo discente e o corpo diretivo da escola na escolha das coleções para aquela etapa de ensino (Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio)⁴⁴.

⁴⁴ Informações disponíveis em: <<http://portal.mec.gov.br/busca-geral/318-programas-e-acoes-1921564125/pnld-439702797/12391-pnld>>. Acesso em: 19 mar. 2019.

Figura 4 - Guia digital de Filosofia.

<PNLD2018> GUIA DIGITAL | FILOSOFIA
RESENHAS SOBRE O GUIA

ACESSIBILIDADE A- A A+ CONTRASTE AJUDA

APRESENTAÇÃO
BIOLOGIA
FILOSOFIA
FÍSICA
GEOGRAFIA
HISTÓRIA
LÍNGUA ESPANHOLA
LÍNGUA INGLESA
LÍNGUA PORTUGUESA
MATEMÁTICA
QUÍMICA
SOCIOLOGIA

RESENHAS <PNLD2018>

Diálogo: gênero misto em Filosofia
Ricardo Melani

FILOSOFANDO Introdução à Filosofia
Marta Lúcia de Araújo Araújo
Marta Lúcia de Araújo

FILOSOFIA e contexto
Lúcia Helena de Souza

FILOSOFIA
TEMAS E PROBLEMAS

Equipe

Apresentação Geografia Língua Portuguesa

Acesso à Informação

Fonte: <<http://www.fnnde.gov.br/pnld-2018/index.html>>.

Essas obras são voltadas para os alunos da educação básica que frequentam o ensino regular. Escolas com outras propostas pedagógicas também fazem uso desse material, cabendo ao docente realizar as devidas adequações. No entanto, isso nem sempre é possível. Dessa forma, apesar de termos ações políticas em prol de uma educação bilíngue para surdos já legisladas, o processo de organização e produção de material didático no âmbito das organizações governamentais ainda precisa de mais investimentos. O livro didático não foi elaborado para estudantes surdos, porém, como o português escrito é a segunda língua de instrução, ele se torna o material de consulta e referência dentro de sala de aula. No portal do MEC, é salientado que “o livro didático deve ser adequado ao projeto político-pedagógico da escola; ao aluno e professor; e à realidade sociocultural das instituições”⁴⁵.

A outra fonte de nossa pesquisa são as questões de filosofia das provas do Enem⁴⁶, em LP e LSB, de 2017, 2018 e 2019.

Figura 5 - Provas do Exame Nacional do Ensino Médio em Língua Portuguesa e Língua de Sinais Brasileira.



Fonte: <<http://inep.gov.br/web/guest/educacao-basica/enem/enem-em-libras>> e <<http://inep.gov.br/web/guest/provas-e-gabaritos>>.

Inicialmente, ao pensarmos na terminologia de filosofia no contexto de sala de aula, voltamo-nos indubitavelmente para o livro didático adotado pela escola. Esse material é uma fonte autêntica e serviria como base de consulta para localizar os termos e seus conceitos. Cabe ressaltar que o livro didático dos alunos não possui um vocabulário ao final, como normalmente costumava ocorrer em praticamente todos os livros (com exceção do livro “ Iniciação à Filosofia”- Marilena Chauí). Assim, caso desejem consultar o significado de algum termo, os estudantes recorrem aos dicionários de português da língua geral. E, ao abrimos o debate no grupo de pesquisa sobre os conceitos de alguns termos, também sentimos a necessidade de realizar consultas em dicionários de filosofia. Como dicionários especializados, selecionamos dois: o *Dicionário Básico de Filosofia*, dos autores Hilton Japiassú e Danilo Marcondes, e o

⁴⁵ Informação disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pnld/index.php?option=com_content&view=article&id=13658>. Acesso em: 5 de maio de 2019.

⁴⁶ Material disponível em: <<http://inep.gov.br/web/guest/provas-e-gabaritos>>. Acesso em: 5 de maio de 2019.

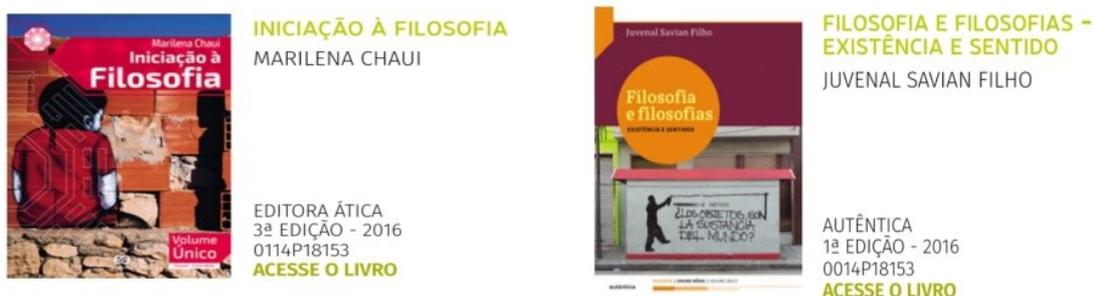
Dicionário de Filosofia, do autor Nicola Abbagnano. As duas obras têm propostas muito diferentes entre si. Uma apresenta linguagem simples, voltada para consulentes sem experiência na área de filosofia. A outra possui um formato mais enciclopédico, com uma linguagem filosófica mais clássica, erudita e rebuscada. E, nessas bases, alguns termos foram estudados.

Quando começamos, por meio da metodologia da Linguística de Corpus, a identificação e a extração de termos apenas no livro didático adotado pela escola, verificamos que haveria certa insuficiência no volume de dados. Nesse sentido, concluímos que a base de consulta textual para a seleção e o estudo dos termos teria que ter uma amplitude maior, com a consulta em todas as obras de filosofia aprovadas pelo PNLD para a educação básica⁴⁷. Assim, teríamos mais abrangência e consistência referencial para a escolha dos termos, conceitos e também comparar e analisar dos dados. A obras referidas são:

Figura 6 - Livros didáticos – Programa Nacional do Livro e do Material Didático 2018_2020.



⁴⁷ Disponível em: <fnde.gov.br/pnld-2018>. Acesso em 19 de março de 2019.



Fonte: <fnde.gov.br/pnld-2018>.

A tarefa de coleta dos livros foi desafiadora. Em um primeiro momento, procuramos o Ministério da Educação e não tivemos êxito. Na ocasião, o órgão informou que a única forma possível de se ter acesso aos livros é por meio de uma chamada pública, na qual a escola solicita a reposição apenas dos livros que estão faltando para os alunos (Apêndice A). Pessoalmente, estivemos na sede da SEEDF e fomos orientados a realizar uma solicitação junto à Gerência de Políticas de Leitura e Tecnologias Educacionais, localizada no Setor de Indústria e Abastecimento (SIA). Também resolvemos ir pessoalmente a esse local, mas nos foi solicitada uma requisição via e-mail. O pedido foi enviado, e a resposta foi negativa, conforme documento disponibilizado no Apêndice B.

A busca passou então a ser feita em todas as escolas da rede pública de ensino, o que também foi bastante complicado, pois a SEEDF não sabe informar qual o título da obra nem o nome do autor do livro adotado em cada escola. Assim, mais uma vez, a procura teve de ser feita fisicamente. Muitas escolas adotaram o mesmo título e, ao término da busca, tivemos de recorrer diretamente às editoras dos livros que estavam faltando (Apêndices C e D). As editoras procuradas nos forneceram exemplares do professor que não eram mais da edição do PNLD, pois já haviam sido esgotados, informando que as diferenças estavam apenas na diagramação e na formatação, sem prejuízo do conteúdo. Por esse motivo, alguns livros não têm o selo do PNLD, com exceção da Editora Ática, por indisponibilidade do livro “Iniciação à filosofia”, de Marilena Chauí, que foi adquirido em uma livraria.

4.2 Compilação, Sistematização e Análise do Corpus

As propostas e as estratégias a serem apresentadas aqui buscam, sobretudo, um trabalho mais cuidadoso na seleção e identificação dos termos. Tencionamos mais confiabilidade e consistência na coleta dos dados conceituais dentro do texto específico para estudantes da educação básica.

Para tal, esta pesquisa utilizará a metodologia da Linguística de Corpus (LC), representada historicamente por diversos autores, citados por Sardinha (2000, p. 332): Sinclair e Leech (1966); Biderman (1969); Francis e Kucera (1982); Biber (1988); Aijmer e Altenberg (1991); Svartvik (1992); Castilho et al. (1995); Francis e Hunston (1996); e Partington (1998). Outros autores também serão abordados: Cabré (1993,1999), Sardinha (2004,2009,2012), Tagnin (2005) e Teixeira (2008).

Por meio da LC, será feito um levantamento de dados nos livros didáticos de filosofia aprovados pelo PNLD (total de oito obras, já citadas) e nas questões de filosofia das provas do Enem, utilizando-se ferramentas computacionais para compilar e analisar os termos, com objetivo de organizar um glossário bilíngue (LP-LSB) da área de filosofia voltado para alunos surdos do 1º, 2º e 3º anos do ensino médio e professores regentes.

Esse glossário visa atender à comunidade surda, oferecendo a terminologia dos conhecimentos da área de filosofia, conforme competências e habilidades previstas no currículo da educação básica da SEEDF.

4.2 Seleção e Organização dos Textos

Inicialmente, a tarefa de coleta das oito obras não foi fácil. O livro físico foi difícil de ser identificado nas escolas da rede da SEEDF. A escolha e a aquisição da obra são feitas diretamente junto ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), responsável por toda a logística desse material didático, por meio da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT), que realiza a entrega dos livros diretamente nas escolas. Assim, para saber qual obra foi adotada por cada instituição de ensino, tivemos de ir pessoalmente a cada uma delas.

O MEC também não possui acervos nem a versão digital para *download* dessas obras. As editoras participantes, por sua vez, não fornecem acesso aos textos em formato digital, por conta de suas políticas internas.

Com os livros digitalizados em formato *pdf, passamos para a etapa seguinte. Usamos a ferramenta ABBYY FineReader 14: um software com sistema de reconhecimento ótico de caracteres (OCR), que converte e edita documentos em formatos diferenciados como por exemplo: um arquivo em *pdf para *doc, *xml, ou para formatos populares, como *rtf (*Rich Text Format* - literalmente, *formato de texto enriquecido*); *pptx (uma extensão do PowerPoint da Microsoft); e *odt (*OpenDocument* - odt são compatíveis com os aplicativos Word, mas sem

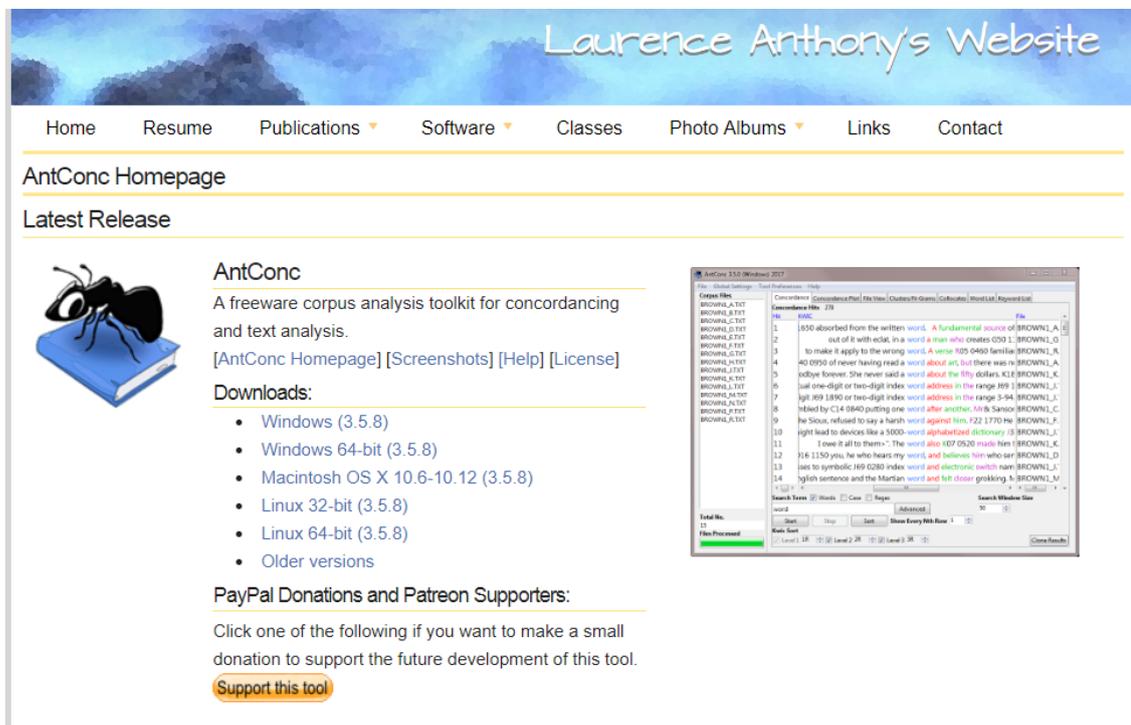
alguns recursos). Isso porque, precisávamos editar os textos em formato *txt (Texto sem Formatação). Esse *software* oferece uma versão gratuita experimental, com um limite de processamento de páginas. Nesse caso específico, devido ao volume de páginas, tivemos de comprar uma licença para realizar o processo de coleta de dados.

Para fazer a compilação, foi necessário preparar o corpus com todas as obras em formato editável de texto sem formatação, “arquivo de texto puro”, sem as fotos e as imagens que o livro didático traz. Com o corpus pronto, passamos para a coleta de dados. Existem algumas opções de *Softwares* desenvolvidos especificamente para a análise de dados linguísticos. Entre eles utilizamos:

I. AntConc 3.5.7

O AntConc 3.5.7 (2018)⁴⁸, é um *software* de uso livre, disponível para *download* no seguinte *link*: <<https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>>. Essa tecnologia foi desenvolvida por Laurence Anthony, PhD em linguística aplicada pela Universidade de Birmingham (Inglaterra), em versões para Windows, Mac e Linux. Ver figura 7.

Figura 7 - Software AntConc.



The image shows a screenshot of the Laurence Anthony's Website. The website has a blue header with the text "Laurence Anthony's Website" and a navigation menu with links: Home, Resume, Publications, Software, Classes, Photo Albums, Links, and Contact. Below the navigation is the "AntConc Homepage" section, which includes a "Latest Release" section. This section features an image of an ant on a book, the title "AntConc", and a description: "A freeware corpus analysis toolkit for concordancing and text analysis." It also provides links for "[AntConc Homepage]", "[Screenshots]", "[Help]", and "[License]". Under "Downloads:", there is a list of operating systems and versions: Windows (3.5.8), Windows 64-bit (3.5.8), Macintosh OS X 10.6-10.12 (3.5.8), Linux 32-bit (3.5.8), Linux 64-bit (3.5.8), and Older versions. Below this is a section for "PayPal Donations and Patreon Supporters:" with a button that says "Support this tool". To the right of the website content is a screenshot of the AntConc software interface, showing a list of concordance results with columns for line number, word, and file name.

Fonte: <<https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>>.

⁴⁸ Ver: <<http://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>>. Acesso em: 5 de maio de 2019.

II. *TermoStat Web 3.0*

O TermoStat Web 3.049 é um software gratuito, sendo preciso apenas um cadastro para a sua utilização. Nele podemos explorar o corpus em relação aos dados linguísticos e estatísticos dos termos potenciais. O TermoStat foi criado por Patrick Drouin, do Observatório de Linguística (OLST) da Université de Montréal. Ver figura 8.

Figura 8 - Software TermoStat Web 3.0.

Fonte: < <http://termostat.ling.umontreal.ca/> >

III. *Sobek Mining*

O Sobek Mining⁵⁰ é um software desenvolvido pelo grupo de pesquisa chamado “Gtech.Edu Research” da Universidade do Rio Grande do Sul- UFRGS. Esse programa foi criado para apoiar professores e alunos em práticas de trabalhos com textos. Ele cria diagramas, como mapa conceituais, com os principais termos e suas ligações dentro do texto. O seu uso é gratuito e tem duas versões, uma online que é animada, e outra para download que é estática. Ver figura 9.

⁴⁹ Ver: < <http://termostat.ling.umontreal.ca/> >. Acesso em 15/05/2019

⁵⁰ Disponível em: < <http://gtech.nuvem.ufrgs.br/sobek/index.html> >. Acesso em 10/05/2019.

Figura 9 - Software Sobek Mining.



Fonte: < <http://gtech.nuvem.ufrgs.br/sobek/index.html> >

Todos esses programas computacionais dispõem de várias ferramentas para exploração do corpora e são relativamente simples e eficientes para a seleção de termos de um repertório terminográfico. O uso deles não exigem conhecimentos mais aprofundados em Linguística de Corpus.

4.2.1 Levantamento dos candidatos a termos

Após a seleção e a organização dos textos, passamos para o levantamento do corpus. Esse levantamento constituiu-se da seleção dos candidatos a termos por meio da exploração dos dados no *software* AntConc. Inicialmente, salvamos os arquivos dos textos de todas as obras no formato *.txt, na opção *File: open file (s)*. No AntConc, os textos são armazenados e aparecem no quadro *Corpus Files*, à esquerda da tela, apresentados na figura 10:

Com os arquivos carregados, passamos para a elaboração da *Word List* (“Lista de palavras por frequência”), conforme figura a seguir. Essa opção nos oferece a lista de palavras por frequência⁵¹ e a classificação em ordem crescente, decrescente e alfabética.

⁵¹ Frequência significa o número de vezes que a palavra aparece no corpus.

Figura 11 - Software AntConc (Corpus Files).

AntConc 3.5.8 (Windows) 2019

File Global Settings Tool Preferences Help

Corpus Files

Dialogo Primeiros Est
Filosofando Iniciação
Filosofia e Filosofias.tx
Filosofia Experiência d
Filosofia Temas e Perc
Fundamentos de Filo
Iniciacao a Filosofia - I
Reflexoes Filosofia e C

Concordance Concordance Plot File View Clusters/N-Grams Collocates **Word List** Keyword List

Word Types: 51860 Word Tokens: 1527365 Search Hits: 0

Rank	Freq	Word	Lemma Word Form(s)
1	62266	a	
2	59132	de	
3	46597	e	
4	45700	que	
5	45127	o	
6	23503	da	
7	22550	é	
8	20939	do	
9	19616	se	
10	18111	em	
11	15465	uma	
12	15021	um	
13	14361	não	
14	14005	os	
15	13150	como	
16	12833	para	
17	12600	por	
18	12050	as	
19	10544	com	

Search Term Words Case Regex Hit Location Search Only 0

Start Stop Sort

Lemma List Loaded
Word List Loaded

Sort by Invert Order
Sort by Freq

Clone Results

Total No. 8
Files Processed

Fonte: Elaboração própria.

A elaboração da *Word List* por frequência foi o passo inicial do nosso trabalho. Nesta etapa da pesquisa, começamos a estudar e a debater no grupo de pesquisa NEOLS (Neologismos em Língua de Sinais) do Centro Lexterm quais seriam os possíveis candidatos a termos da filosofia encontrados no corpus. A ideia inicial era comparar a *Word List* com a primeira lista de termos sugeridos por esta pesquisadora durante a prática como professora de filosofia, com base na necessidade diária de sinais-termo em sala de aula. Assim, identificamos quais coincidiram e verificamos a frequência na *Word List*. Depois, pesquisamos a ocorrência da frequência de outras palavras, uma vez que a base de referência bibliográfica passou a ser de oito livros didáticos, selecionados nessa pesquisa (antes era de apenas um livro didático).

A lista de palavras gerada do corpus apresentou um total de 1.527.365 (um milhão, quinhentos e vinte e sete mil, trezentos e sessenta e cinco) palavras. Diante disso, esta pesquisadora, especialista da área em estudo, realizou uma segunda análise para uma nova *Word List* a partir da original, chegando a uma nova lista mais precisa, menos lematizada, no total de 920 candidatos a termos.

Para alimentar o debate, visualizávamos a disposição dos candidatos a termos elencados na *Word List* e na lista de termos dispostos em uma tabela, ver Figura 12, (Apêndice E). Nela, destacamos as dúvidas, os possíveis sentidos do termo e se já existia algum sinal equivalente sendo utilizado em LSB sem o “status” de sinal-termo.

Figura 12 - Tabela de análise da seleção dos termos.

Terminologia da Filosofia no Livro Didático PNLD-MEC ☆

Arquivo Editar Ver Inserir Formatar Dados Ferramentas Complementos Ajuda Todas as alterações foram salvas no Google Drive

100% R\$ % .0 .00 123 Calibri 11 B I S A

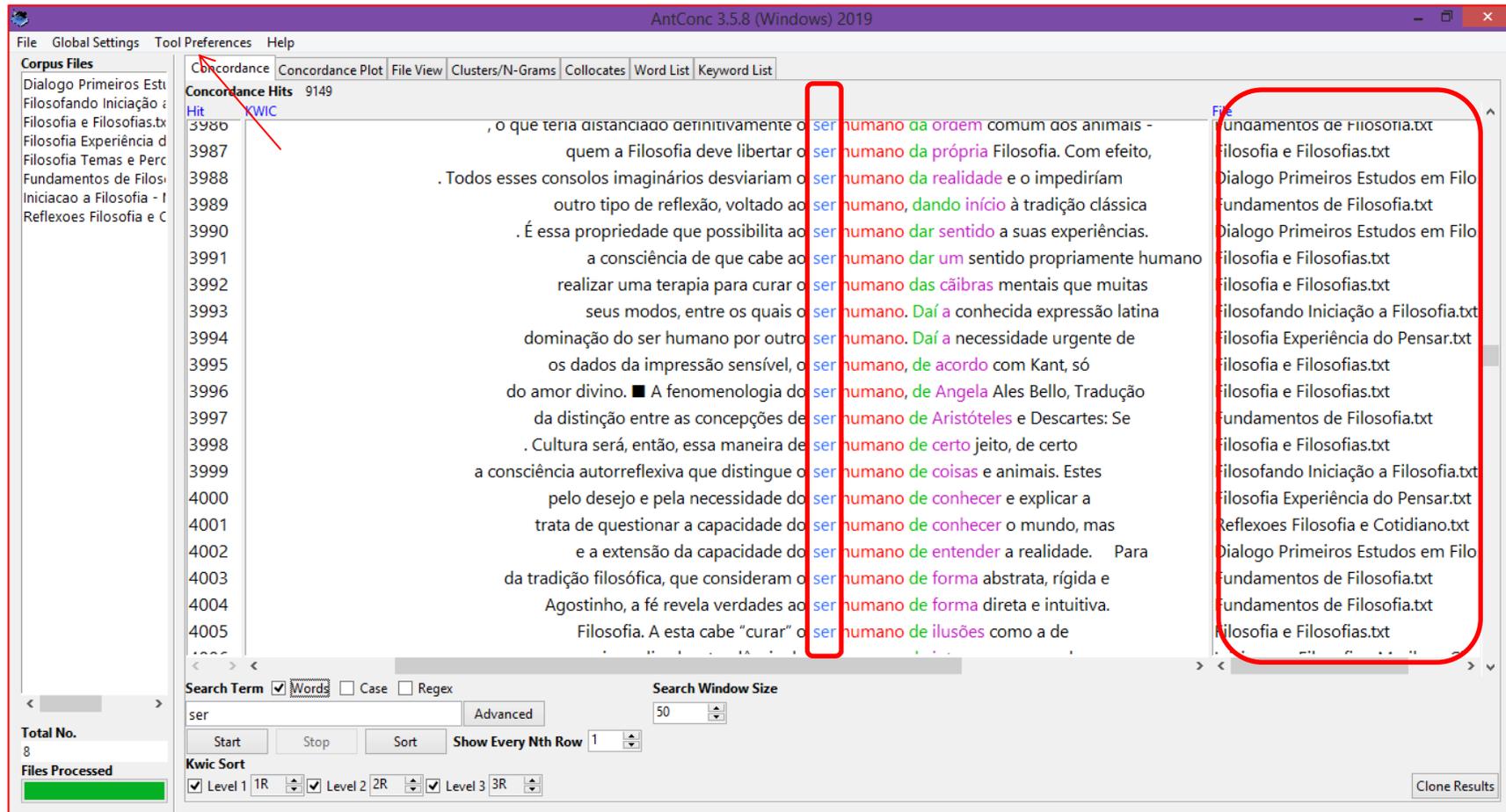
Rank	Frequência	Termos Extraídas	Word List Original	Clusters	WordList Ordem Alfabética	Keyword List	Termos Lista Grupo de Pesquis
1	22	9149	SER	humano,o,e,um,que,é,uma,considerado,divin	Abbagnano		1. Absoluto absolutismo
2	34	4195	Filosofia	e,da,de,é,na,grega,política,moderna,contempr	Abelardo		2. Abstração
3	36	3563	Mundo	e,é,das,sensível,de,que,em,inteligível,exterior,	Absoluta		3. Agnosticismo gnosticismo
4	42	3045	Vida	e,humana,de,social,em,política,é,cotidiana,fe	Absolutismo		4. Alienação
5	46	2722	Conhecimento	científico,e,verdadeiro,de,que,da,é,humano,ra	Abstracionismo		5. Alteridade
6	48	2505	Razão	e,humana,é,pura,de,não,para,instrumental,su	Abstrata/Abstração/Abstrai		6. Amoral
7	50	2434	Coisa	que,é,em,de,pensante,externa,como,pública,c	Abstrato		7. Analogia
8	52	2367	Natureza	e,humana,ou,é,da,do,como,de,que,em,própri	Ação/Ato/Agir/Atitude		8. Anarquia
9	54	2313	Humano (a, os)	é,e,não,como,pode,tem,em,de,se,com,seria,q	Acepção		9. Anarquismo
10	55	2300	Pensamento	de,e,filosófico,político,que,do,é,científico,rac	Acritica		10. Antitético
11	61	2132	Exemplo	a,de,que,o,é,da,se,quando,os,um,na,de,c	Acritico		11. Antropomórfico antropomorfismo
12	64	1999	Sentido	da,de,do,que,e,para,mais,a,à,ao,é,dos,no,pej	Adorno		12. Aposteriori
13	66	1954	Modo	de,como,que,a,geral,o,algum,mais,diferente,p	Afirmção/Afirmar		13. Apriori
14	68	1920	Poder	de,político,e,do,da,que,sobre,é,econômico,so	Aforismática		14. Atributo
15	70	1913	Forma	de,que,e,do,mais,da,como,a,o,lógica,em,gera	Aforismo		15. Autonomia
16	74	1887	Tempo	e,que,de,é,em,todo,não,da,como,para,livre,a,	Aforismos		16. Caráter
17	75	1866	Sociedade	e,civil,de,em,que,contemporânea,brasileira,pc	Agir		17. Cartesiano
18	79	1809	Outros	seres,animais,e,filósofos,pensadores,exemplo:	Agnosticismo		18. Cartesiano

Plan1 Plan2 Plan3 Explorar

Fonte: Elaboração própria.

Nessa fase, passamos a conferir as linhas de concordância e os *clusters*, que são as combinações com duas ou mais palavras que ocorrem com o termo em uma determinada frequência dentro do corpus, são os agrupamentos em que aparecem o candidato a termo. O objetivo era poder contextualizar e localizar as palavras dentro do texto, além de, eliminar dúvidas quanto à aplicação ou não da palavra como termo na área de filosofia. Nas linhas de concordância, é possível visualizar, à direita da tela, além do termo em contexto, o arquivo de origem, conforme nos mostra a figura a seguir, em que o termo “ser” é a palavra com o maior índice de frequência no corpus:

Figura 13 - Software AntConc (Índice de frequência do termo “ser”).

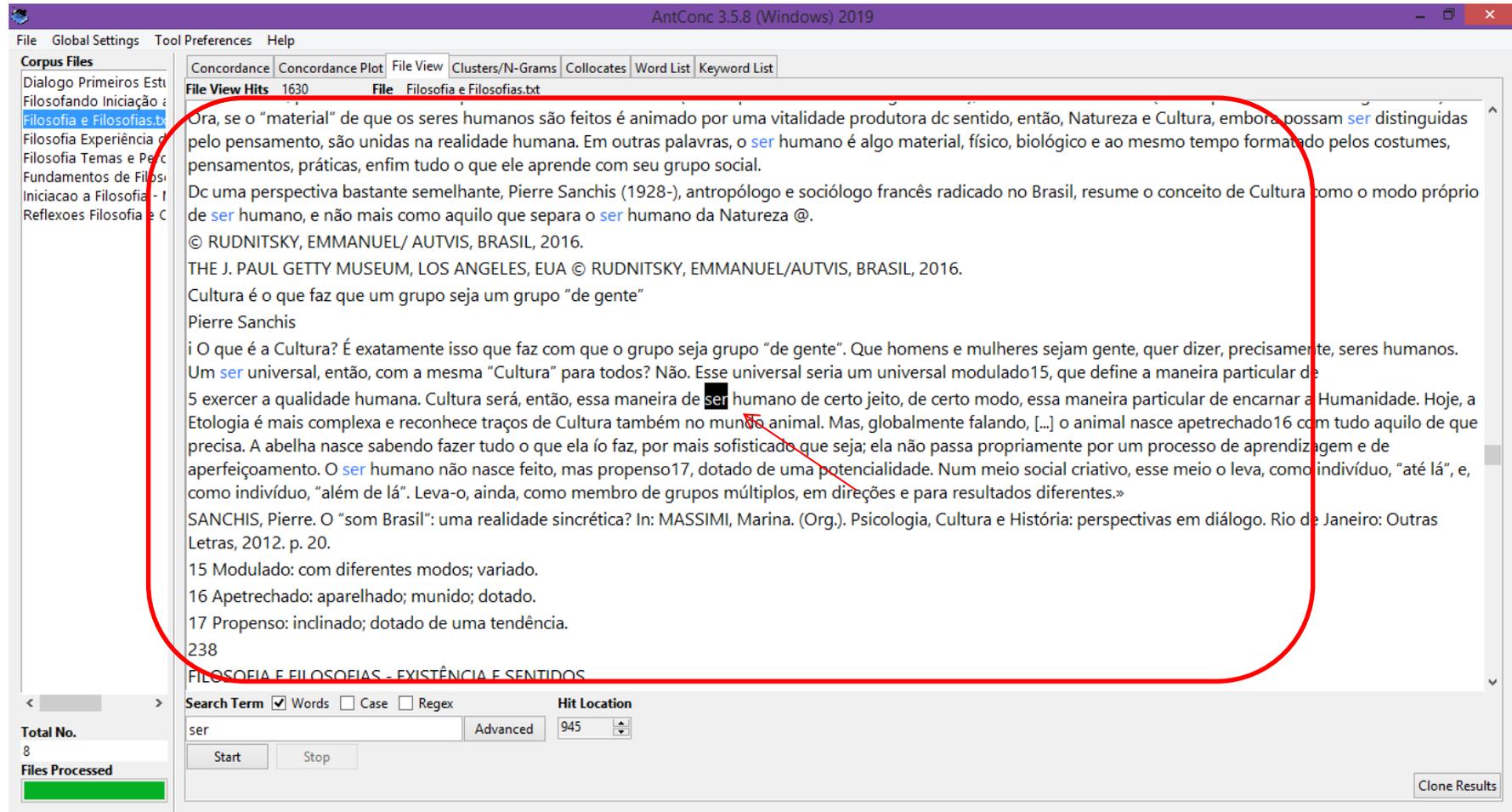


Fonte: Elaboração própria.

Ao analisarmos os dados dentro de um contexto, sob o viés das palavras-chaves, nas linhas de concordância, ocorrências e frequências, a visualização do conceito em relação à língua comum, que antes passava despercebido, ficou evidente. Os concordanciadores permitiram uma melhor compreensão e investigação no texto e, conseqüentemente, dos termos e seus significados.

Na opção *File View*, o programa remete diretamente a fonte específica para abrir o texto completo no qual o termo está localizado. Para isso, basta escolher a frase clicando em cima da palavra em destaque. Essa visualização rápida foi muito importante no momento de escolha dos termos. Concluiu-se que, se esse procedimento tivesse de ser feito manualmente, tudo seria mais demorado, sem a precisão das ferramentas computacionais.

Figura 14 - - Software AntConc (File View).



Fonte: Elaboração própria.

Pudemos ainda identificar os *clusters*. Como identificar a palavra “ser”? Qual o sentido e a relevância do termo “ser” nos textos de filosofia? O “ser” representa o homem biológico, material? Ou o “ser” remete à existência preconizada de um sentido? Ver figura 15.

Na figura a seguir, pudemos também observar que a maior frequência e o maior “alcance” – “*RANGE*” - da palavra “ser” acompanhava a palavra “humano”, o que indica uma unidade terminológica da filosofia nos livros didáticos: “ser humano”. O alcance aponta em quantas obras os *clusters* aparecem, nesse caso, nas oito obras de referência. Igualmente, indica que “o ser é” está no sentido de “indivíduo”, “homem”, podendo também nos oferecer, de forma imediata, exemplos contextualizados no corpus:

Figura 15 – Software AntConc (Clusters/N-Grams).

AntConc 3.5.8 (Windows) 2019

File Global Settings Tool Preferences Help

Concordance Concordance Plot File View Clusters/N-Grams Collocates Word List Keyword List

Corpus Files

Dialogo Primeiros Est...
Filosofando Iniciaçã...
Filosofia e Filosofias...
Filosofia Experiênci...
Filosofia Temas e Perc...
Fundamentos de Filo...
Iniciacao a Filosofia...
Reflexoes Filosofia e C...

Total No. of Cluster Types 2492 Total No. of Cluster Tokens 9149

Rank	Freq	Range	Cluster
1	1572	8	ser humano
2	182	8	ser o
3	173	8	ser e
4	143	8	ser um
5	127	8	ser que
6	107	8	ser é
7	105	8	ser a
8	87	8	ser uma
9	81	8	ser considerado
10	79	8	ser de
11	64	4	ser divino
12	61	6	ser feliz
13	60	8	ser livre
14	57	8	ser mais
15	53	8	ser considerada
16	53	8	ser ou
17	46	8	ser em
18	45	8	ser não
19	41	7	ser entendida

Search Term Words Case Regex N-Grams

Cluster Size Min. 2 Max. 2

Min. Freq. 1 Min. Range 1

Search Term Position On Left On Right

Total No. 8

Files Processed

Clone Results

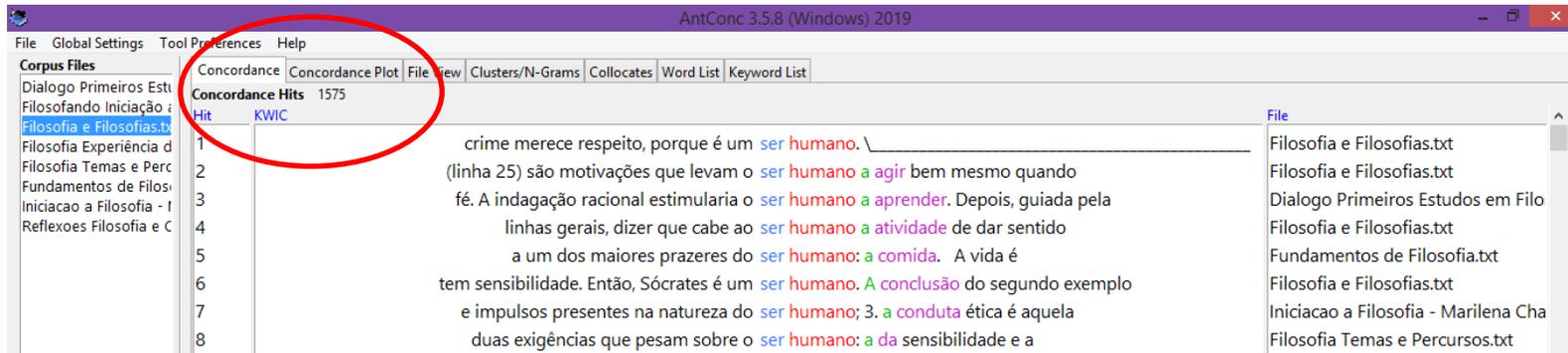
Fonte: Elaboração própria.

Esse tipo de informação, no momento da seleção do repertório que fará a composição do glossário terminológico, é determinante. Por exemplo, as reflexões sobre as unidades terminológicas “ser”, “o ser”, o “ser-aí” e “ser divino”, a partir da frequência dentro de determinado contexto e alcance, nos fornecem dados suficientes para incluir ou excluir os termos em questão.

As unidades terminológicas “ser-aí” e “ser humano” possuem a mesma frequência e relevância nos textos de referência e no contexto de sala de aula? As escolhas foram tomadas não apenas nos dados estatísticos, mas também no propósito comunicativo do repertório.

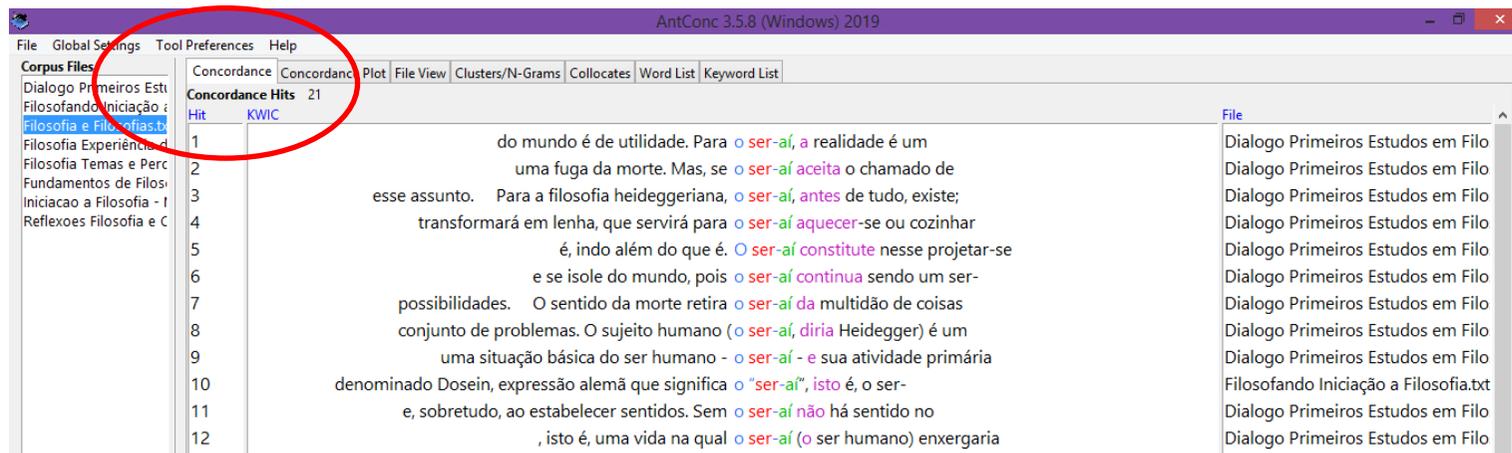
O *software* indica o número de ocorrências da palavra ou termo: o *Concordance*, que mostra a relação de todas as ocorrências do candidato a termo no seu contexto. Em geral, ele fica destacado no centro, da lista. (Ver figuras 16 e 17, respectivamente):

Figura 16 – Software AntConc (Concordance).



Fonte: Elaboração própria.

Figura 17 – Software AntConc (Concordance Hits).



Fonte: Elaboração própria.

Foi possível identificar a unidade terminológica “ser humano” em um *hit* (número total de resultados) de 1.575, enquanto a unidade terminológica “ser-aí” estava em um *hit* de 21. Isso nos fez perceber que, na compilação terminológica do glossário aqui proposto, “ser humano” tem muito mais relevância do que “ser-aí”, pensando não apenas nos dados matemáticos representativos, mas também no contexto ao qual ele se aplica. Se estivéssemos elaborando um glossário para outro público, com uma temática exclusivamente existencialista, o “ser-aí” talvez devesse acompanhar a entrada “ser”, mesmo não apresentando uma quantificação expressiva.

Outro programa computacional da LC que utilizamos para a extração de candidatos a termo nos textos foi o TermoStat Web 3.0⁵². A proposta do programa é oferecer um repositório de terminologia on-line que agregue métodos estatísticos e linguística, para achar candidatos a termo no corpus a ser analisado. Esse programa também é gratuito e simples de ser usado. E, a quantidade de recurso disponíveis enriquece de maneira significativa a pesquisa terminológica. Nesse programa começamos pela Lista dos candidatos a termos. Optamos por trabalhar o corpus de cada um dos livros didáticos e depois os corpora para análise e cruzamento de dados. No TermoStat Web 3.0, após o processamento do corpus para análise, pudemos identificar no menu a opção Lista de Termos: os candidatos a termo, ou seja, os termos que repetem padrões terminológicos com maior frequência, a partir de dados estatísticos e linguísticos. Esses padrões foram comparados a outro corpus de referência da língua portuguesa, descrito como não técnico, isto é, textos jornalísticos sobre temas diversos. O software também oferece corpus de referência em várias outras línguas como o francês, inglês, espanhol e italiano. O programa dispõe de algumas opções que determinam que tipos de termos se quer extrair, “termos **simples** (uma palavra), ou **termos nominais complexos** (uma série de palavras) e também por **categorias** (adjetivos, advérbios, nomes, verbos)”, como podemos verificar na figura 18:

⁵² Disponível em: < <http://termostat.ling.umontreal.ca/> >

Figura 18– SoftwareTermoStat (Entrada principal).

monicabraz | Aide | Déconnexion

TermoStat Web 3.0

Nouveau corpus

Fichier Nenhum arquivo selecionado

Langue

Extraction

termes simples

termes complexes

- adjectifs
- adverbes
- noms
- verbes

Tous les corpus soumis à TermoStat doivent être en format **TEXTE BRUT.**
 (pas de PDF, pas de Microsoft Word)
 Assurez-vous de les convertir avec Word, Adobe Acrobat ou tout autre logiciel approprié.

Mes corpus

	arquivo_nico_livros_filosofia_pnld_cpia	
	dialogo_primeiros_estudos_em_filosofia	
	filosofando_inicio_a_filosofia	

Fonte: Elaboração própria.

A entrada do programa também destaca que para processar os arquivos, os textos do corpus precisam estar no formato *.txt.

Logo após o corpus ter o processo de análise concluído, pudemos visualizar os resultados obtidos. O primeiro resultado identificou os Candidatos a termo por Agrupamento, ou seja, por lematização⁵³. A Frequência corresponde ao número de vezes que o candidato aparece no texto. A Pontuação/Especificidade, segundo o Tutorial TermoStat Web Nível I, na Avaliação da Extração, é o resultado de algumas fórmulas⁵⁴: “O valor da especificidade resulta

⁵³ Conforme o Tutorial TermoStat Web Nível I: “o TermoStat usa um processo chamado de **lematização**; ele traz para suas formas forma flexionada básicos de termos candidatos (p. ex. em **direitos indígenas**, forma **indígena**, **ancestral** e **tradicional** seria reduzido à forma **ancestral** e **direitos** para **a direita**) e cada ocorrência de uma dessas formas é contado como uma ocorrência desta forma básica. Por esse motivo, os resultados exibidos incluem dois campos: o **candidato a agrupamento** (que é a forma básica ou a seguir das formas básicas identificadas pelo TermoStat) e as **variantes ortográficas** (que são as formas observadas no próprio texto).” Disponível em: <http://linguistech.ca/TermoStat_F_TUTCERTT_I_PartieI>

⁵⁴ Conforme o Guia do Usuário por Patrick Drouin: “O cálculo da especificidade foi proposto por Lafon (1980) para definir o vocabulário específico de um sub-corpus em relação a todo um corpus. $\log P(X = b) = \log(a + b)! + \log(N - (a + b))! + \log(b + d)! + \log(N - (b + d))! - \log N! - \log a! - \log b! - \log(N - (a + b + d))!$ Esta abordagem permite comparar o comportamento das unidades lexicais de acordo com critérios de variáveis.

da comparação entre a frequência da unidade no texto analisado (**corpus de análise**) e um corpus de textos gerais (**corpus de referência**). Quanto maior a frequência dos candidatos a termo, mais específica a unidade é para o texto (isto é, é particularmente frequente) e maior a probabilidade de que seja um termo”. Além disso, temos as variações ortográficas, que apresentam as variações não-lematizadas. E ainda o “*pattern*”, a padronização gramatical, ou “*matrice*”, a matriz, as categorias gramaticais do candidato a termo. Ver figura 19.

Adaptamos ligeiramente a abordagem mesclando o corpus de referência e o corpus de análise para verificar se o léxico do último se comporta como o léxico do primeiro. O cálculo de especificidades leva à obtenção de um escore que facilita a classificação dos TCs em relação um ao outro.

X²

O teste de X² foi usado por Rayson et al. (1997) para a análise de conversas dentro do British National Corpus. Também foi explorado por Kilgarriff (2001) para avaliar a consistência dos corpora.

$$X^2 = N (ad-bc)^2 / ((a+b)(c+d)(a+c)(b+d))$$

Usamos aqui simplesmente para comparar as frequências de ocorrência de CT. As unidades que mais se destacarem receberão um valor maior.

Log-probabilidade

Proposto por Dunning (1993), a log-verossimilhança foi utilizada, entre outros, por Rayson e Garside (2000) para a comparação de corpora (e não de unidades lexicais diretamente). É calculado da seguinte forma:

$$E1 = ((a+c)(a+b)) / ((a+c)(b+d))$$

$$E2 = ((b+d)(a+b)) / ((a+c)(b+d))$$

$$LL = 2 * ((a * \ln(a/E1)) + (b * \ln(b/E2)))$$

Quanto às duas medições anteriores, o log A probabilidade leva à obtenção de um peso. Quanto maior a diferença entre a frequência relativa observada no corpus de análise e a que poderia ser prevista a partir do corpus de referência, maior o escore de verossimilhança. Assim, uma TC que obtenha um peso elevado é potencialmente mais interessante do ponto de vista terminológico do que uma TC com um valor mais baixo.”

Figura 19 - SoftwareTermoStat (Lista de termos).

Corpus >> dialogo_primeiros_estudos_em_filosofia monicabraz | Help | Log out

Results

List of terms Cloud Stat Structuration Bigrams

Candidate (grouping variant)	Frequency	Score (Specificity) +	Variants	Pattern
filosofia	550	124.6	<i>filosofia</i> <i>filosofias</i>	Common_Noun
a	349	117.7	<i>a</i> <i>as</i>	Common_Noun
proposição	243	104.08	<i>proposição</i> <i>proposições</i>	Common_Noun
ser humano	330	100.81	<i>ser humano</i> <i>seres humanos</i>	Common_Noun Adjective
filósofo	248	100.13	<i>filósofo</i> <i>filósofa</i>	Common_Noun
ação	179	90.4	<i>ação</i> <i>ações</i>	Common_Noun
conhecimento	498	86.69	<i>conhecimento</i> <i>conhecimentos</i>	Common_Noun
objeto	159	85.17	<i>objeto</i> <i>objetos</i>	Common_Noun
natureza	413	79.13	<i>natureza</i> <i>naturezas</i>	Common_Noun
pensamento	266	78.18	<i>pensamento</i> <i>pensamentos</i>	Common_Noun

Fonte: Elaboração própria.

Apenas na Lista de Termos inicial conseguimos fazer comparações com os corpora já explorados no AntConc. A lista de termos por frequência coincidiu em alguns termos como: filosofia, natureza, filósofo, conhecimento, pensamento, essência e outros. A lista dos candidatos a termo no programa TermoStat Web 3.0, vem acompanhada das variações dos termos, da frequência e da especificidade. Dados importantes no desenvolvimento de um trabalho terminográfico. Para fazer comparações e análises, tudo foi disposto em tabela para otimizar e visualizar os dados obtidos. Ver figura 20, tabela *Word List*⁵⁵ (Anexo E):

Figura 20 - *Word List* (Candidatos a Termo)

Candidatos a Termo Filosofia LP-LSB		
Lista Termos Extraídos 16/05/2019	Lista Inicial LexTerm	Lista Termos Extraídos Fusão Corpus /Inicial
ABSTRAÇÃO	1. Absoluto absolutismo	ABSTRAÇÃO
ALEGORIA	2. Abstração	AÇÃO
ANALOGIA	3. Agnosticismo gnosticismo	AGNOSTICISMO
CAUSA	4. Alienação	ALEGORIA
COISA	5. Alteridade	ALIENAÇÃO
CONTRATO SOCIAL	6. Amoral	ALMA
DEDUÇÃO	7. Analogia	ALTERIDADE
DETERMINISMO	8. Anarquia	ANALOGIA
DOCTRINA	9. Anarquismo	ANTAGONISMO
EPISTEMOLOGIA	10. Antitético	ANTÍTESE
ESPIRITO	11. Antropomórfico antropomorfismo	ANTROPOMÓRFICO
ÉTICA	12. A posteriori	ANTROPOMORFISMO
EXPERIÊNCIA	13. Apriori	APOSTERIORI
FALACIA	14. Atributo	APRIORI
FENOMENOLOGIA	15. Autonomia	ARGUMENTAÇÃO
FILOSÓFO	16. Caráter	ATO
FUNDAMENTALISMO	17. Cartesiano	BELEZA
HUMANIDADE	18. Cartesiano	CARÁTER
IDEALISMO	19. Ceticismo	CARTESIANO
IDENTIDADE	20. Cidadania cidadão (acrescente)	CAUSA
ILUMINISMO	21. Cientificismo	CAUSALIDADE
ILUSÃO	22. Civilização	CETICISMO
IMAGINAÇÃO	23. Cognitivo	CIÊNCIA
INDUÇÃO	24. Comunismo	COGNITIVO
INSTINTO	25. Comportamento	COISA
INTELECTO	27. Concepção	CONCEITO
INTUIÇÃO	28. Concreto	CONCEPÇÃO
JUIZO	29. Conhecimento	CONCRETO
LIBERALISMO	30. Conotação	CONHECIMENTO
LÓGICO-DEDUTIVO	31. Consciência	CONHECIMENTO CIENTÍFICO

Fonte: Elaboração própria.

No TermoStat Web 3.0, também pudemos gerar a *nuage* - “nuvem”, que nesse programa é a representação dos 100 candidatos a termo se destacam no corpus, com maior valor de especificidade, ver figura 21:

⁵⁵ Tabelas completas disponíveis: <https://drive.google.com/file/d/12ertu-DnH1C_xD4IpyNYc6jqic-ZjNRK/view?usp=sharing>2<<https://drive.google.com/file/d/0B9X5xV9XvwYTZTVuOXpYMVfubV9rSIQyRld0R1dWtk9CMWkw/view?usp=sharing>>

Figura 21 - *SoftwareTermoStat* (Nuvem de termos).

Fonte: Elaboração própria.

Na “nuvem” selecionamos um termo e buscamos o seu contexto por concordâncias e frases; basta clicar no termo escolhido. Essa ferramenta foi bastante útil na elaboração dos conceitos dos termos que compuseram o glossário tanto em LP, como em LSB. Devido ao volume de textos, fazer esse processo manualmente demandaria um tempo considerável, contudo, o processamento computacional foi realizado em segundos. Como mostra a figura abaixo:

Figura 22– SoftwareTermoStat (Contextos).

The screenshot shows the 'Contextes' software interface. At the top, there is a dark blue header with the word 'Contextes' in white. Below the header, there are two tabs: 'Phrases' and 'Concordance', with 'Concordance' being the active tab. The main content area displays search results for the term 'essência'. The results are organized into three columns. The first column contains various text snippets from a corpus, such as 'A aparência essência, 73 0 movimento éa', 'A fenomenologia :a ciência das', and 'Falavam de várias coisasmas não compreendiam'. The second column lists the word 'essência' in blue, indicating it is a match. The third column shows the context of the matches, such as 'da natureza 74 Logos :a razãoque governao', '321 Intuição de fatose essências, 322 Os', and 'décadade .'. The interface is framed by a red border.

Fonte: Elaboração própria.

No programa, ainda temos a ferramenta “*structuration*”- “estruturação”, que apresenta os candidatos a termo por agrupamentos conforme frequência e ainda os “termos incluídos” que corresponderia ao “clusters” no programa AntConc:

Figura 23 - SoftwareTermoStat (Estruturação- Provas ENEM).

Corpus >> prova_enem_corpus_original_1 monicabraz | Aide | Déconnexion

Résultats

[Liste des termes](#) | [Nuage](#) | [Statistiques](#) | **[Structuration](#)** | [Bigrammes](#)

Candidat de regroupement	Fréquence	Terme inclus
a	17	
questão	17	
c	15	
b	15	
d	15	
texto	12	
homem	9	
paulo	8	
abril cultural 	8	
razão	8	
conhecimento	7	
modelo	6	
verdade	5	
saber	5	
natureza	5	
no	5	
deus	5	
abril 	4	abril cultural
realidade	4	
movimento	4	
produção	4	
século	4	
palavra	4	
martins fonte 	4	
pensamento	4	
filósofo	4	
cultural 	4	abril cultural

Fonte: Elaboração própria.

Figura 24 -- *SoftwareTermoStat* (Estruturação-Livro Diálogo Primeiros Estudos em Filosofia).

Corpus >> dialogo_primeiros_estudos_em_filosofia monicabraz | Aide | Déconnexion

Résultats

[Liste des termes](#) | [Nuage](#) | [Statistiques](#) | [Structuration](#) | [Bigrammes](#)

Candidat de regroupement	Fréquence	Terme inclus
ser	594	sentido do ser - ser livre - ser humano - ser supremo - ser social
coisa	593	coisa externa - existência de coisas - coisa da natureza - problema da coisa - coisa física - coisa sensível - coisa do mundo - coisas materiais - coisas humanas - essência das coisas - coisa existente - coisa pensante - coisas visíveis - coisa criada
filosofia	550	filosofia crítica - história da filosofia - filosofia grega - origem da filosofia - introdução à filosofia - princípios da filosofia - filosofia analítica - filosofia cristã - críticas à filosofia - filosofia transcendental - filosofias helenísticas - filosofia prática - filosofia natural - filosofia primeira - problemas da filosofia - a filosofia - filosofia moderna - filosofia positiva - filosofia matemática - filosofia pagã - filosofia clássica
mundo	538	mundo visível - mundo da aparência - mundo midiático - mundo exterior - mundo inteligível - coisa do mundo - mundo celeste - compreensão do mundo - mundo humano - lugar do mundo - mundo natural - criação do mundo
conhecimento	498	origem de conhecimento - base do conhecimento - conhecimento sensível - limite do conhecimento - tipo de conhecimento - área de conhecimento - conhecimento científico - conhecimento humano - conhecimento seguro - teoria de conhecimento - conhecimento verdadeiro - sujeito do conhecimento - construção do conhecimento - fonte de conhecimento - meio do conhecimento - relação ao conhecimento - princípios do conhecimento - conhecimento direto - objeto do conhecimento - conhecimento empírico - conhecimento verdade
tempo	422	tempo objetivo - dimensões do tempo - tempo subjetivo - tempo humano - tempo contemporâneo - tempo da consciência - tempo ii
natureza	413	lei da natureza - estado de natureza - coisa da natureza - natureza humana
vida	407	condição de vida - sentido da vida - vida feliz - vida social - a vida - vida boa - modo de vida - vida

termostat.linc.umontreal.ca/diologia/repair/inscription/dms/file=dialogos_primeiros_estudos_em_filosofia.tcf.fr/terms/vtr=387+coisa+sercantat > processo de vida

Fonte: Elaboração própria.

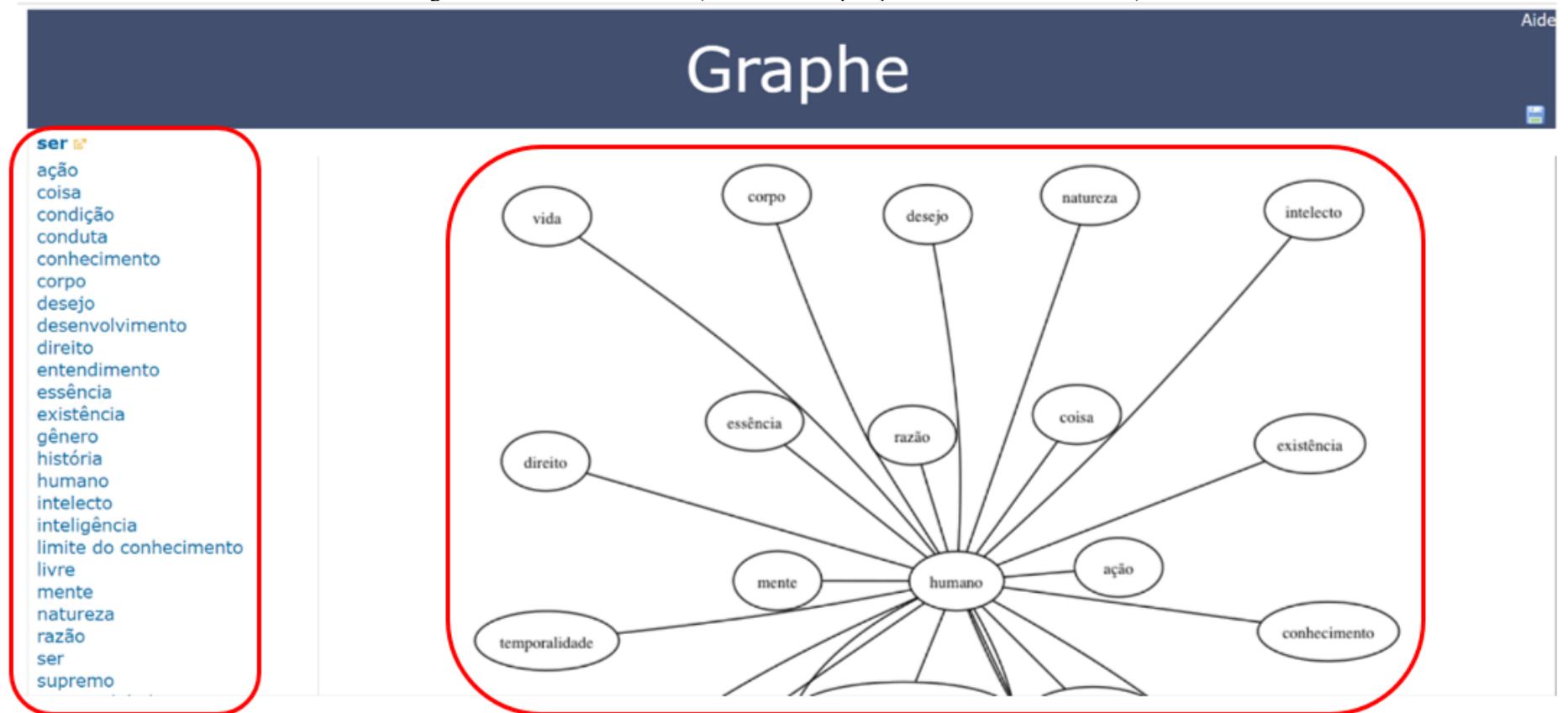
Nessa ferramenta é possível expandir a exploração da colocação do termo no texto através da *décomposition* - “decomposição”. Nela temos os termos que se relacionam com o termo principal e contexto. A partir da decomposição é possível gerar ainda outro gráfico do termo, (clitando num ícone de expansão). Ver figuras 25, 26 e 27:

Figura 25 – SoftwareTermoStat (Decomposição).

ser 	
Tete	--
Expansion	--
Apposition gauche	--
Apposition droite	--
Adjectif	--
Termes en relation	humano (1742.99) livre (34.08) supremo (19.46)
Inclus dans	sentido do ser ser humano ser livre ser social ser supremo

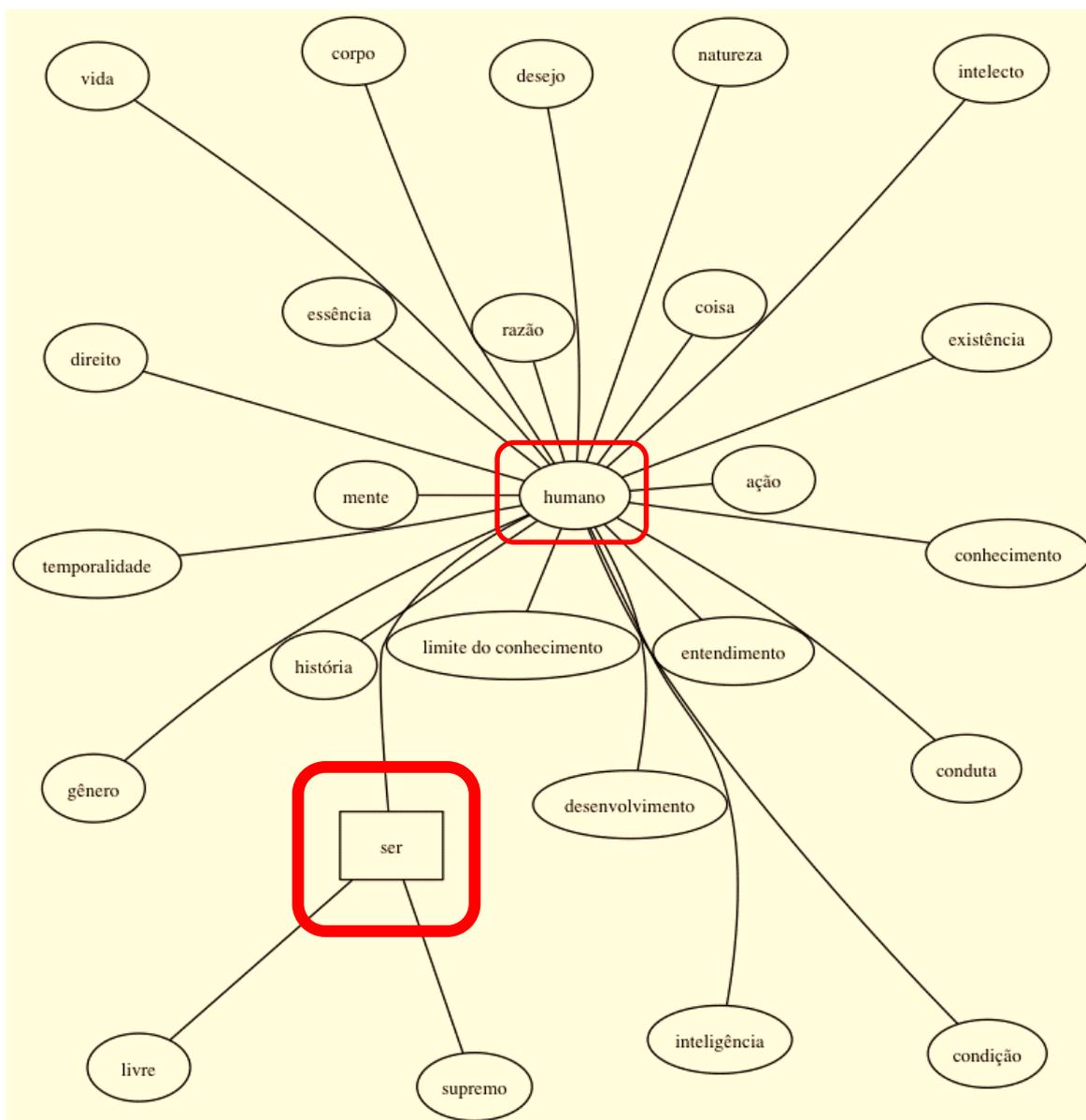
Fonte: Elaboração própria.

Figura 26 - SoftwareTermoStat (Gráfico-decomposição-Candidato a Termo SER).



Fonte: Elaboração própria.

Figura 27– SoftwareTermoStat (Expansão da Decomposição Candidato a Termo: SER).



Fonte: Elaboração própria.

Com a expansão do gráfico de decomposição pudemos fazer vários apontamentos sobre o candidato a termo, no que se refere à extensão de domínio numa área de especialidade, que consequentemente levou a formulação conceitual específica mais adequada ao público-alvo e aos objetivos centrais desse trabalho terminográfico. Observamos as estruturas e as relações entre os termos. Acreditamos que antes de termos o acesso a essa ferramenta, passamos duas a três reuniões no grupo de pesquisa, indo e voltando aos contextos que continham os candidatos por maior frequência nos corpora: “ser” e “ser humano”, sem conseguir uma conclusão. No gráfico acima, temos no retângulo o termo principal selecionado “SER”, que está relacionado

diretamente nas figuras ovais, com “livre”, “supremo” e ‘humano’. Observa-se que os termos, “SER” e “HUMANO”, dimensionam-se substancialmente com outros, e configuram-se dentro do discurso do corpus como uma unidade, adquirindo uma significação funcional em uma linguagem de especialidade - da linguagem filosófica. Ainda, anunciam e confirmam outras unidades representativas já apontadas na lista de Candidatos por Agrupamento como por exemplo: “natureza”-“ser-humano”; “essência”-“ser-humano”; “mente”-“ser-humano”; “coisa”-“ser-humano”, “ação”-“ser-humano”; ‘existência”-“ser-humano”...e outros.

No TermoStat Web 3.0, ainda consultamos os “*Bigrammes*”- “Bigramas” que apresentam os pares de verbos com os substantivos. Porém, não conseguimos entender o fato de algumas palavras que não são verbos estarem classificadas como tal nessa coluna. Ver figura 28.

Figura 28 - SoftwareTermoStat (Bigramas).

Corpus >> dialogo_primeiros_estudos_em_filosofia monicabraz | Aide | Déconnexion

Résultats

Liste des termes Nuage Statistiques Structuration **Bigrammes**

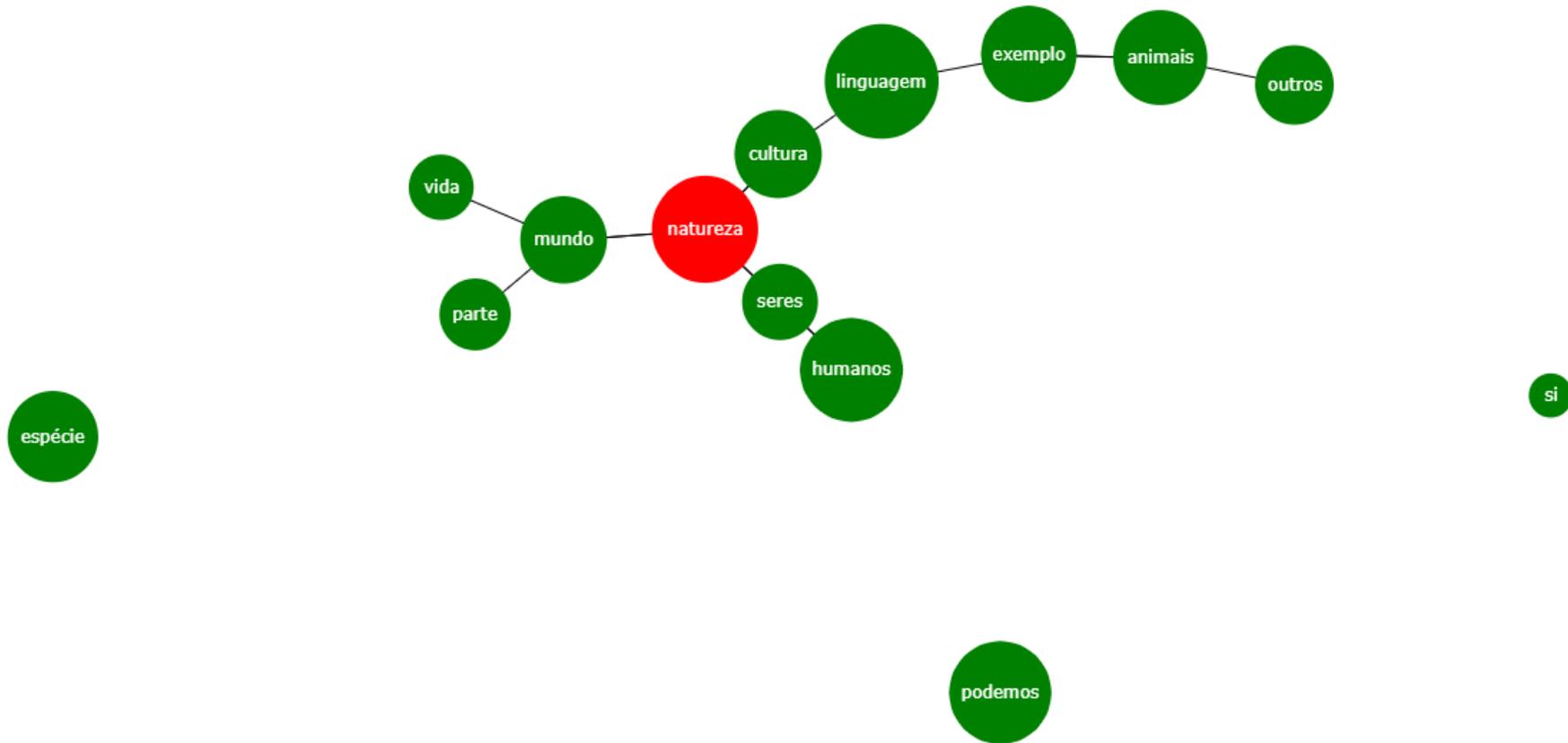
Verbe	Nom	Fréquence	Score d'association
os	coleção-S	62	355,42
os	pensador-O	60	346,65
responder	questão-O	49	306,40
proibir	reprodução-S	24	243,64
seguir	trecho-S	32	188,24
estudar	capítulo-O	28	165,00
p.	cultural-S	39	151,68
p.	coleção-O	34	144,83
são	paulo-O	11	141,18
xix	século-S	16	130,70
descobrir	tradição-O	15	117,65
p.	fonte-S	31	111,32
com	base-O	15	105,63
responder	pergunta-O	18	104,26
aprofundar	leia-O	10	101,76
xvii	século-S	12	98,63
outras	perspectiva-O	7	94,23
elaborar	texto-O	18	90,08
	século-S	10	82,60
		10	81,92

termostat.ing.umontreal.ca/contexte.php?num=pensador-O&ile=dialogo_primeiros_estudos_em_filosofia.txt&termis&candidat=pensador-O

Fonte: Elaboração própria.

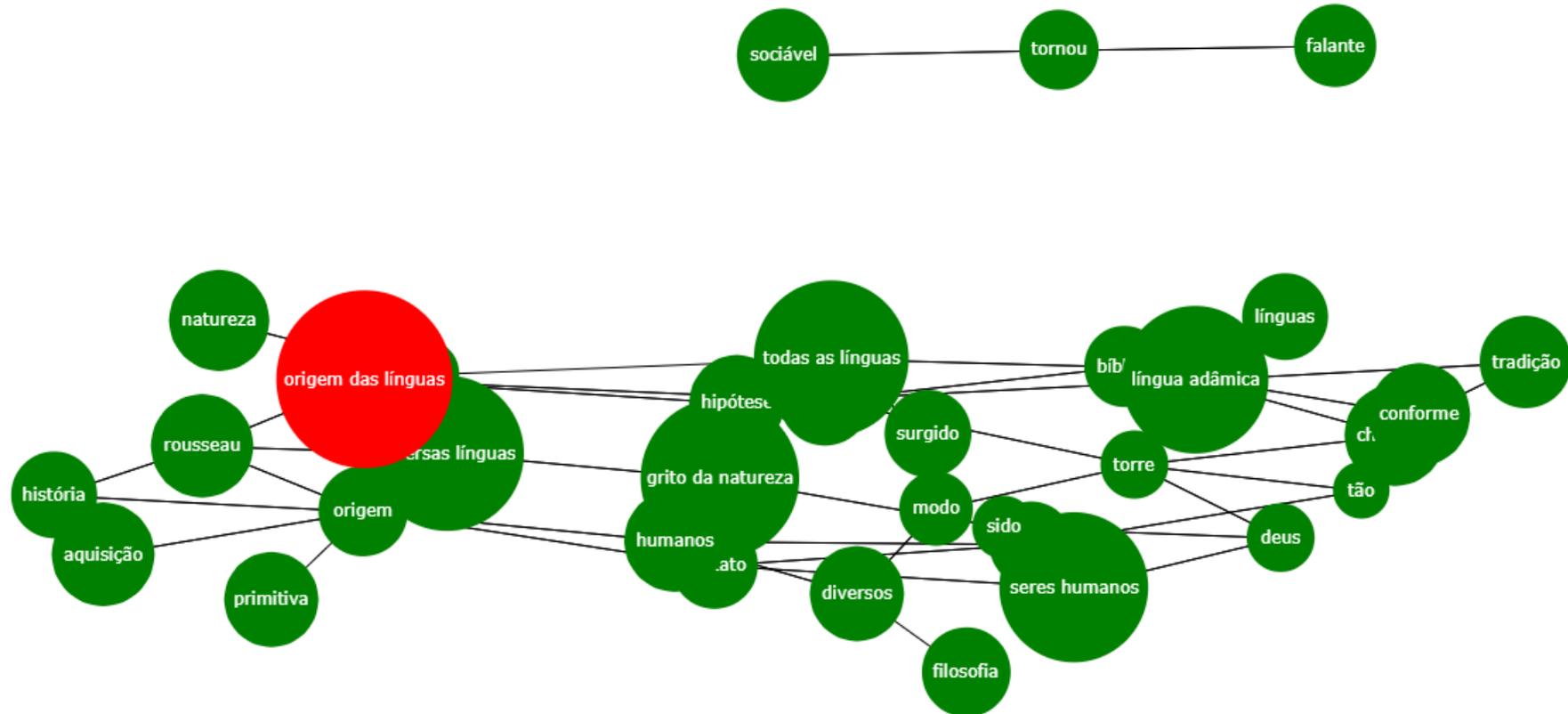
Do mesmo modo, o *software* Sobek Mining auxiliou-nos na compilação terminológica com a identificação dos termos mais relevantes e significantes. Tivemos que escolher uma área temática da filosofia, pois esse programa em sua versão online só realiza o processamento em um corpus pequeno. Após anexar o corpus no programa ele cria um diagrama dos principais termos e a dinâmica de ligação entre eles dentro do texto. Seguem aos exemplos nas figuras 29, 30 ,respectivamente:

Figura 29– Software Sobek Mining – Natureza e Cultura.



Fonte: Elaboração própria.

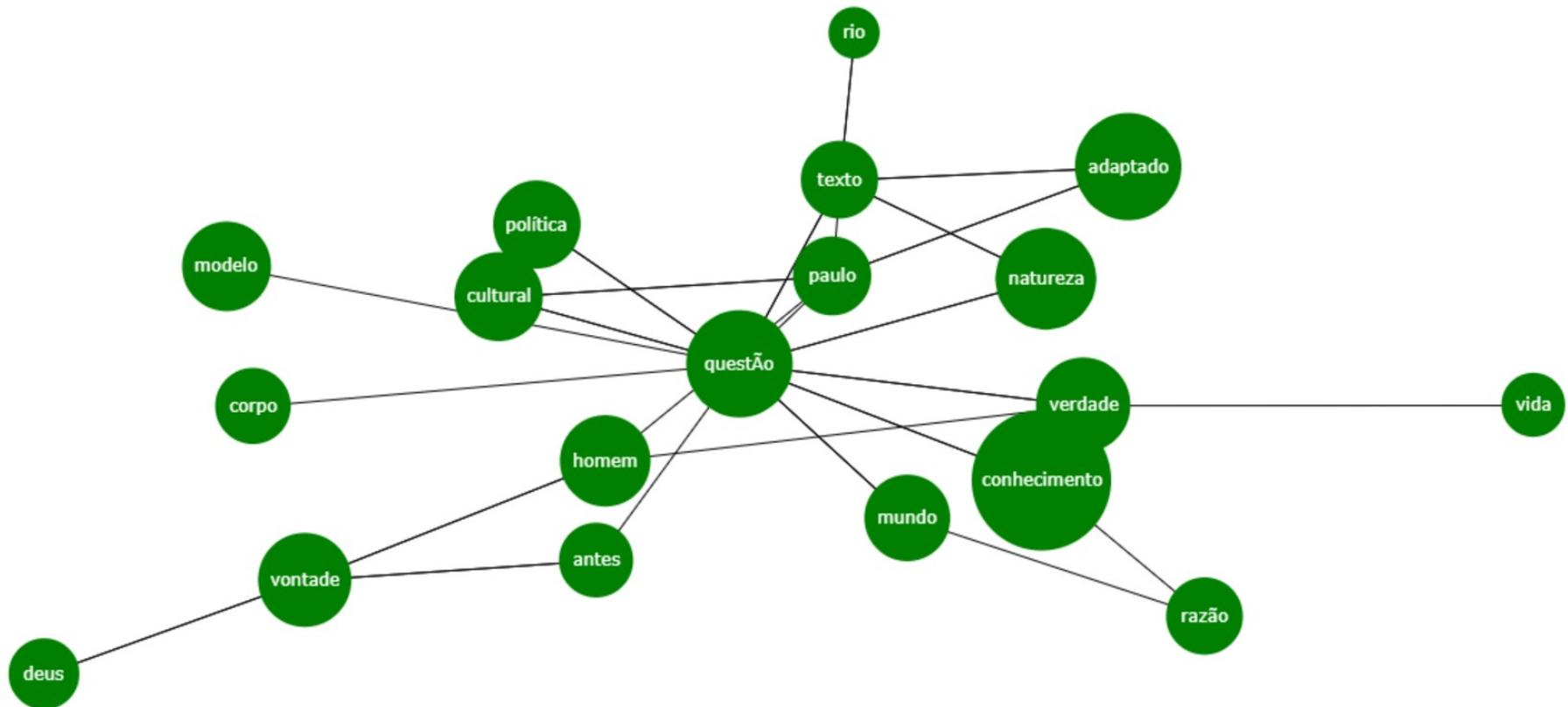
Figura 30 - – Software Sobek Mining – Filosofia da Linguagem.



Fonte: Elaboração própria.

Usamos o Sobek Mining para identificar os termos de Filosofia nas provas da área de Humanas e suas Tecnologias no Exame Nacional do Ensino Médio-ENEM, como mostra a figura 31:

Figura 31– Software Sobek Mining – ENEM/ Filosofia (2017,2018 e 2019).



Fonte: Elaboração própria.

Desse modo, ressaltamos que a Linguística de Corpus, apesar de dispor de dados computacionais, considera que os dados são apenas probabilísticos, isto é, o corpus nos fornece o que é provável que ocorra na língua, cabendo aos seus usuários conferir o que realmente deve ser destacado e utilizado, conforme o objetivo de suas buscas, como afirma Sardinha (2004, p. 25):

A outra perspectiva, a partir da qual se pode focar a questão da representatividade, é por meio da pergunta *representativo para quem?*, que tem validade porque, conforme discutido antes, não se pode demonstrar, nesse estágio do conhecimento dos fenômenos de larga escala da linguagem, qual seria uma amostra representativa. Em razão disso, tem-se falado em representatividade como um ato de fé (144, p. 27). Em outras palavras, os usuários de um corpus atribuem a ele a função de ser representativo de uma certa variedade. O ônus de demonstrar a representatividade da amostra e de ser cuidadoso em relação à generalização dos seus achados para uma população inteira (um gênero ou a língua inteira, por exemplo) é dos usuários. [grifo no original]

Na seleção dos termos, não podemos perder de vista a quem se destina o glossário em construção e em qual contexto esse material será utilizado. As ferramentas computacionais nos forneceram dados probabilísticos a serem analisados para um propósito linguístico: atender a uma necessidade de comunicação e garantir acessibilidade ao conhecimento de uma comunidade linguística de surdos em contexto escolar. Esse propósito determina a representatividade da escolha dos termos.

Ressaltamos a importância desta etapa para a elaboração do Glossário. A escolha dos termos que compuseram o Glossário foi uma tarefa exaustiva e demorada, mas esse processo foi decisivo para uma proposta de trabalho terminológico. O cuidado no tratamento da extração dos termos dentro dos textos foi substancial. Assim, apresentamos aqui possibilidades com o uso de ferramentas computacionais que simplificaram e indicaram escolhas importantes no estudo de dados do corpus.

Após a realização de exploração dos corpora de filosofia, muitas dúvidas sobre a terminologia da filosofia nos livros didáticos foram dirimidas. E a elaboração do conceito na LP dentro do contexto do texto foi fundamental para não perdermos o referencial comunicativo do público-alvo.

4.2.2 REGISTRO DOS CONCEITOS E RECONHECIMENTO DOS TERMOS EM LÍNGUA PORTUGUESA

4.2.2.1 *Elaboração e preenchimento das Fichas de Extração*

Após a identificação e seleção dos termos, passamos à elaboração dos conceitos na língua portuguesa adaptada para os surdos.

O primeiro passo foi extrair de cada livro didático, e dos dicionários, as definições dos autores. O resultado dessa extração foi transposto para tabelas⁵⁶, (ver figura 32) cuja função era oferecer um material funcional de rápido acesso e organizar todas as informações úteis para a elaboração dos conceitos. Primeiro, fizemos uma tabela com da lista total do projeto do Glossário: 182 termos⁵⁷. Num segundo momento, foi necessária outra seleção para compor apenas a versão experimental, que é a atual, com: 70 termos⁵⁸. Porém, esse número foi necessário, devido a relação entre conceitos de um termo com outro. Assim, muitas vezes para compreender e elaborar o conceito de um termo era necessário recorrer à outros conceitos de outros termos, formando uma cadeia relacional. Como exemplo a inter-relação entre «SER»«COISA»«ENTE»«ESSÊNCIA»«SUBSTÂNCIA». Contudo o número de sinais criados para este Glossário foi de 40 termos⁵⁹.

Essa parte da identificação dos conceitos nos textos dos livros didáticos é extremamente difícil, demorada e fatigante. Identificar o conceito do termo no livro didático nem sempre é fácil, pois os livros não têm a característica dicionarista de apresentar o termo e seu conceito de forma destacada e direta. O termo geralmente está dentro de um texto explicativo onde podemos encontrar o seu conceito. Por isso, apesar de termos a ajuda das ferramentas da LC na localização do termo dentro do livro, às vezes era necessário a leitura de algumas páginas para encontrarmos o conceito, o que requer tempo e disposição.

⁵⁶ Figura 32-Tabela **Excell-Fichas de Extração Glossário Completo**-Ver tabela completa:<<https://drive.google.com/file/d/0B9X5xV9XvwYTa3MzRHIMNmZ3cTQ5RV9jUE12Z1o4QUdtaERF/view?usp=sharing>> e **Fichas de Extração Glossário Atual**-Ver tabela completa:<<https://drive.google.com/file/d/0B9X5xV9XvwYTanh2R0h5b3BiUklrZ19WRFJtMWdlQ2piT3FN/view?usp=sharing>>

⁵⁷ Lista Geral de Termos-182: ver Anexo F.

⁵⁸ Lista Geral Banco de Dados Glossário Atual de termos-70: ver Anexo F.

⁵⁹ Lista Sinais-Termo Glossário-39: ver Anexo F

Figura 32 - Tabela Excell Fichas de Extração

	A	B	C
1			
2		Definições Livros Didáticos e Dicionários de Filosofia	
3			
4			
5	ENTRADA	DEFINIÇÕES EM PORTUGUÊS	DEFINIÇÃO Português FINAL
6	NOME EM PORTUGUÊS	acepções - SIGNIFICADO (fonte)	
7		1. Abstração é o ato de "isolar", "separar de": abstrairmos ao isolarmos um elemento que não se encontra separado na realidade. Fonte: Filosofando-Iniciação a Filosofia. P. 76.	
8		2. Abstração Ato de isolar mentalmente um elemento comum a diversas entidades. Fonte: Iniciação a Filosofia.P.366.	
9		3. Abstração: algo que é destacado de um conjunto por nosso ato mental , mas que na realidade não existe separadamente do conjunto. Também tem o conotação de uma ideia forçada ou de um nome mais ou menos artificial para falar de algo concreto. Fonte: Filosofia e Filosofia.P.130.	
10		4. É o conhecimento intelectual recebe as formas inteligíveis abstraindo-as das formas sensíveis em que estão presentes. Fonte: Dicionário Nicola	
	1-Abstração	5. Abstração (lat. tardio abstractio, de abstrahere: separar de) 1. Operação do espírito que isola, para considerá-lo à parte, um elemento de uma representação, o qual não se encontra separado na realidade. Ex.: a forma de um objeto independentemente de sua cor. 2. Processo pelo qual o espírito se desvincula das significações familiares do vivido e do mundo das percepções para construir "conceitos". 3. Na filosofia hegeliana, o momento da abstração ou do "universal abstrato, por oposição ao universal concreto, constitui a etapa do entendimento no devir do espírito. A atitude filosófica que lhe corresponde é a do dogmatismo.	"Abstração é um ato mental que fixa a atenção em um elemento da realidade." "Abstração é um conhecimento, um raciocínio...uma imagem mental de uma coisa, de uma ideia, que é não material." Def.Adap: "Abstração é um raciocínio, uma imagem mental de uma coisa, ou uma ideia."
11			

Fonte: Elaboração Própria

4.2.2.2 Organização da Base de Dados

O segundo passo, foi elaborar outra tabela⁶⁰ com todas as informações sobre o termo, como, os conceitos e suas respectivas fontes, a escrita do termo em SignWriting, a categoria gramatical, o conceito final que iria constar no glossário, as remissivas, as observações dos especialistas da área, exemplos, imagens, links do Youtube e tudo mais que julgamos importante. (Ver figura 33)

⁶⁰ Figura 29-Tabela *Excell-Base de Dados Glossário Atual*-Ver tabela completa:

<https://docs.google.com/spreadsheets/d/1lie5pxhb8nDeeyJoie16qG05Ggu5Aofjmp_ojschuqk/edit?usp=sharing>

Figura 33 – Base de Dados.

Definição 5	Definição 6	Definição 7	Definição 8	Definição 9	Definição 10	Dicionários Língua Geral	Minha Def.Descritores
#N/D	a. Kant chamou esse tipo de conhecimento , fundamentado na experiência sensível, de a posteriori , ou seja, adquirido depois da experiência . Fonte: Diálogos Primeiros Estudos em Filosofia.P. 197.	a. "...os conhecimentos empíricos ou aqueles que são possíveis apenas a posteriori, isto é, por experiência." KANT, Crítica da razão pura, Introdução; intertítulos nossos. Fonte: Fundamentos da Filosofia.P. 201.	a. Etimologia: A posteriori. Do latim posterus, posterioris, "posterior". Fonte: Filosofando Iniciaçãoà Filosofia. P.130.	a. A posteriori (expressão latina: posterior à experiência). Que é estabelecido e afirmado em virtude da experiência. Ex.: a água entra em ebulição a 100 graus centígrados. Opõe-se a "a priori. Na lógica, essas duas expressões determinam os juízos. Um juízo a priori é independente da experiência, não tendo necessidade dela para ser verificado. Um juízo a posteriori, ao contrário, só pode ser estabelecido pela experiência. As proposições apodíticas exprimem juízos a priori, as proposições assertóricas exprimem juízos a posteriori. Fonte: Dicionário Básico de Filosofia JAPIASSÚ.P.14.	a. A PRIORI e A POSTERIORI com esses dois termos foram designados os elementos das três distinções seguintes: 1ª distinção entre a demonstração que vai da causa ao efeito e a que vai do efeito à causa; 2ª a distinção entre os conhecimentos que podem ser obtidos com a razão pura e os conhecimentos que podem ser obtidos com a experiência; 3ª a distinção entre tautologias e verdades empíricas. Fonte Dicionário Abagnano. P. 76	a posteriori [à pôstèriór] (locução latina, com significado de "a partir do que é posterior", de a, a partir de, desde, de + posterior, -ius, que está atrás, posterior) "a posteriori", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, https://dicionario.priberam.org/a%20posteriori [consultado em 29-09-2019].	"A posteriori é um tipo de conhecimento que só pode acontecer com a experiência."
a. Segundo Kant, para que a ciência fosse possível, seria necessário encontrar outro fundamento para a universalidade das leis científicas. Restaria, então, que houvesse no próprio sujeito formas a priori - isto é, anteriores à experiência - que garantissem a universalidade do conhecimento. De acordo com essa concepção, o conhecimento não seria uma ação do objeto sobre um sujeito passivo, mas sim uma construção ativa do	a. Kant afirma, ainda, a existência de outro tipo de conhecimento , que não depende da experiência sensível e é necessário, universal e fundamentado apenas na razão. Esse conhecimento alicerçado no raciocínio lógico ele denomina a priori , ou seja, anterior à experiência sensível. Já vimos em capítulos anteriores exemplos de conhecimento a priori: "O triângulo tem três lados", "O casado não é solteiro", "Todo corpo tem extensão". Fonte: Diálogo	a. "[...] por conhecimentos a priori entenderemos não os que ocorrem independente desta ou daquela experiência, mas absolutamente independente de toda a experiência. " KANT, Crítica da razão pura, Introdução; intertítulos nossos. Fonte: Fundamentos da Filosofia.P.201.	a. As formas a priori da sensibilidade ou intuições puras são o espaço e o tempo. Ou seja, o espaço e o tempo não existem como realidade externa, mas são formas a priori que já existem no sujeito e servem para organizar as coisas. Explicando de outra maneira, fora de nós estão as coisas, mas quando as percebemos "em cima", "embaixo", "do lado" ou então "antes", "depois", "durante" é porque temos a intuição	a. A priori (expressão latina: anterior à experiência). Que é logicamente anterior à experiência e dela independe. b. Em Kant , são a priori, quer dizer, universais e necessárias, as formas ou intuições puras da sensibilidade (espaço e tempo), as categorias do entendimento e as idéias da razão . c. Idéia a priori: idéia preconcebida (e preconceituosa) ou hipótese anterior a toda e qualquer verificação experimental.	a- Segundo Kant - A priori é a forma do conhecimento. Fonte Dicionário Abbagnano. P. 77	a priori [à priór] (locução latina que significa "a partir do que é anterior", de a, a partir de, desde, de + prior, prius, que está mais à frente, precedente, anterior) "a priori", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, https://dicionario.priberam.org/a%20priori [consultado em 29-09-2019].	"A priori é um tipo de conhecimento que existe antes da experiência e não depende dela."

Fonte: Elaboração própria.

Cada campo da tabela, foi preenchido à medida que os profissionais envolvidos iam estudando e avaliando as informações extraídas dos livros de filosofia.

4.2.2.3 Redação dos conceitos

Para a redação dos conceitos nas fichas terminológicas, adotamos a busca pelo contexto no texto do livro didático por meio das ferramentas dos *softwares* utilizados nesta pesquisa, como as linhas de concordância do termo. E, o conceito final na língua portuguesa adaptada, recebeu uma atenção especial de um grupo multidisciplinar de professores de Língua Portuguesa, professores especialistas de Filosofia, Linguistas e Surdos. Nesta tabela com os diferentes conceitos alinhados, pudemos identificar os descritores⁶¹. Segundo Barros (2004, p. 89): “[...] *descritores*, ou seja, palavras-chave que facilitam o acesso à informação”.

Os descritores geralmente se repetem nos conceitos do mesmo termo, mas de autores e fontes diferentes. Esses descritores que se repetem, são palavras-chave fundamentais para a elaboração do conceito dentro de um contexto. Alguns exemplos: “tipo de conhecimento...”; “método de...”, “área da...”, “capacidade...”, “característica...”, “é...”, “significa...” A partir da identificação dos descritores pudemos estabelecer relações entre os conceitos com mais segurança e precisão, identificando a essência de cada um deles. Ver quadro 4.

Quadro 4 – Relação entre conceitos-**Descritores**.

TERMO	Descritores	CONCEITO
<i>Axiologia</i>	ÁREA da	filosofia sobre a teoria dos valores.
<i>Ética</i>	ÁREA da	filosofia dedicada a refletir sobre as ações humanas em relação à vida em coletividade e à vida de cada um.
<i>Lógica</i>	ÁREA da	filosofia que investiga os elementos que dão base para avaliar as formas corretas de raciocinar.
<i>Metafísica</i>	ÁREA da	filosofia que estuda a essência do ser humano além de sua existência física.
<i>Razão</i>	CAPACIDADE	humana específica de conhecer a verdade.

⁶¹ Figura 30-Relação entre conceitos-**Descritores**-Glossário Atual. Ver tabela completa:

<<https://drive.google.com/file/d/0B9X5xV9XvwYTVWpsZmFfNTZxTHpOYjJMODFzVVYxeVJJRFRN/view?usp=sharing>>

<i>Pensamento</i>	CAPACIDADE	intelectual/raciocínio.
<i>Pensamento</i>	CAPACIDADE	de raciocinar, criar conhecimento.
<i>Intelecto</i>	CAPACIDADE	humana de pensar e criar ideias ou conceitos.
<i>Inteligência</i>	CAPACIDADE	humana de raciocínio de criar conhecimentos.
<i>Modo</i>	CARACTERÍSTICA	de qualquer coisa.
<i>Essência</i>	CARACTERÍSTICA	intrínseca do ser.
<i>Racional</i>	CARACTERÍSTICA	especificamente humana com o uso da razão para criar ideias/conhecimento??.
<i>Racionalidade</i>	CARACTERÍSTICA	principal do ser humano: pensar, usar a razão.
<i>Verdade</i>	RESULTADO	da relação entre a subjetividade do intelecto e os fatos.

Fonte: Elaboração própria.

É importante dizer, que esta etapa deste trabalho terminográfico teve sua fundamentação teórica em alguns autores como Jennifer Pearson (2004) e Lidia Almeida Barros (2004) que oferecem um verdadeiro manual prático do estudo do termo. Assim, após a redação do conceito reconhecemos que o candidato a termo, realmente é termo da área de especialidade da filosofia ou o excluimos por pertencer léxico comum.

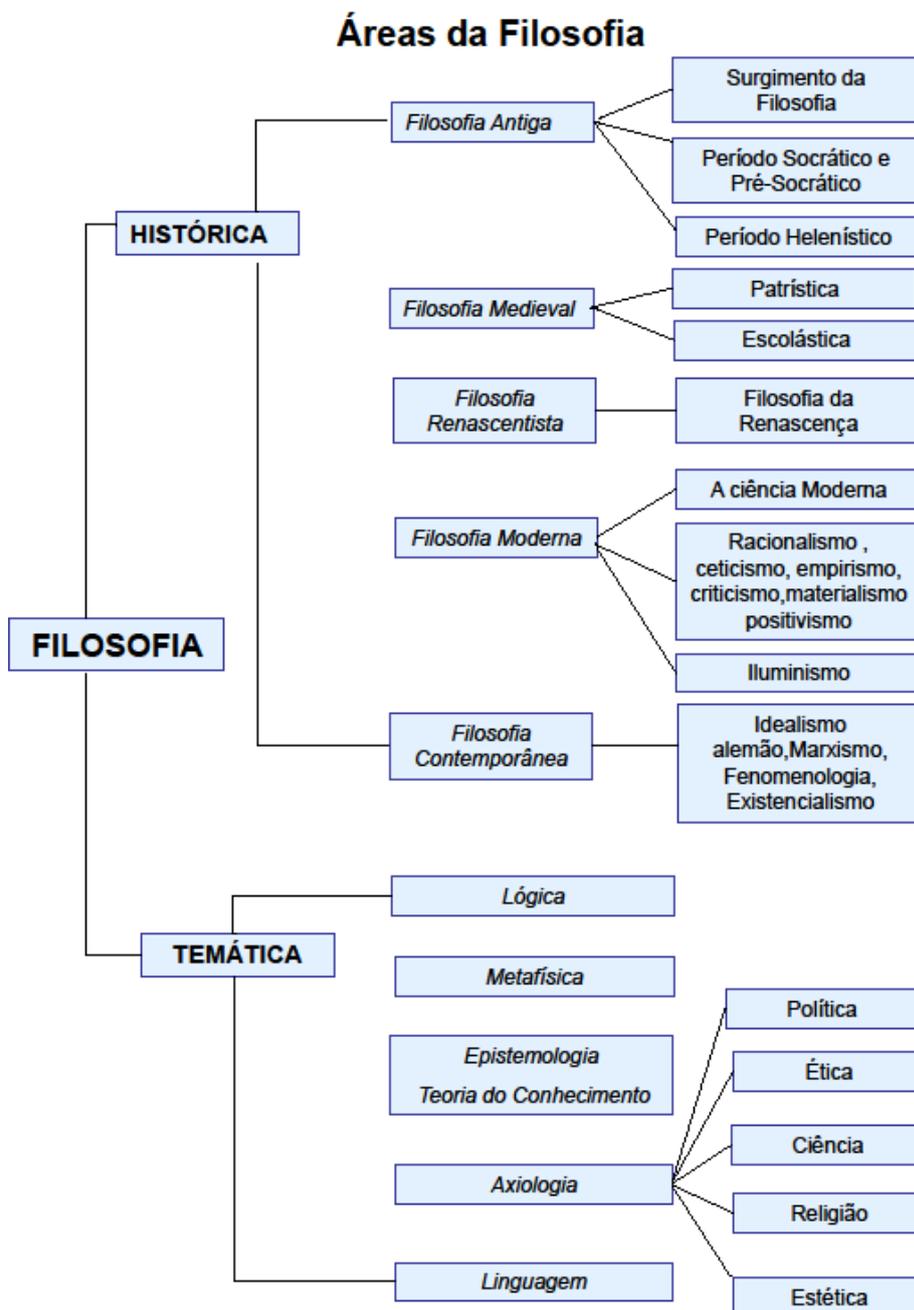
Compreendemos que, a redação dos conceitos é uma das etapas mais importantes para o processo de neologia e elaboração de um glossário terminológico em LSB, pois, o sinal-termo só poderá ser pensado pelo surdo, a partir da compreensão e abstração desse conceito escrito em LP e traduzido para LSB. Então, nesta etapa, são observadas e corrigidas as circularidades definitórias que acabam por não conceituar o termo; assim como, é escolhido um estilo para os conceitos do glossário, conforme o público-alvo, se ele vai ser definitório, explicativo, enciclopédico ou exemplificatório.

4.2.2.4 Elaboração dos Mapas Conceituais

Com os conceitos prontos, passamos para a elaboração dos mapas conceituais. Que nada mais são que, a organização em estruturas das características de um sistema de conceitos dentro de uma área de domínio. Os mapas contribuíram para a identificação do lugar que o termo ocupa em uma linguagem especializada. Tal ação permite mais precisão na definição e visualização para organização e disposição do termo dentro do glossário.

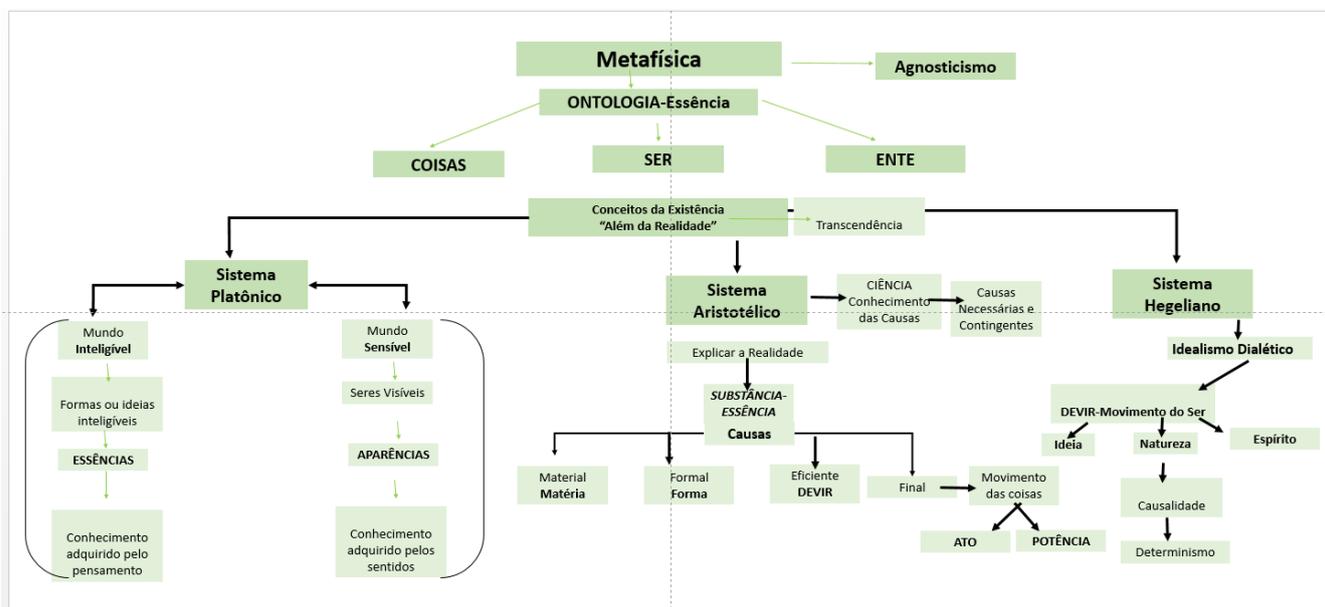
Os termos selecionados estão circunscritos dentro das áreas de abrangência da filosofia, conforme a proposta de organização dos livros didáticos, em: Histórica e Temática.

Figura 34 - Mapa conceitual- Áreas da Filosofia



Fonte: Elaboração Própria

Após esse reconhecimento, com a lista de termos e conceitos, passamos a distribuí-los cada um dentro de seu tema (ver Apêndice G). Como exemplo, em referência à área temática da filosofia, localizamos onde cada termo deve ficar, conforme a imagem abaixo:



4.2.2.5 Organização do Banco de Dados

Organizar o banco de dados é transpor todos os dados coletados na tabela Excel, “Base de Dados” (ver figura 33), para o Word via mala direta, e configurada no formato de fichas individuais, para que a consulta e pesquisa durante a elaboração do Glossário fique de maneira mais organizada e prática para consulta e impressão.

Cada termo do corpus possui uma ficha no banco de dados⁶². No corpus, um mesmo termo pode aparecer várias vezes. Todas as ocorrências consideradas importantes ficam nas fichas individuais do banco de dados. Por exemplo, quando escolhido o termo “SER”, encontramos no contexto “maneira de pensar o SER” e não diz como cada filósofo entende o “SER”. É a partir da ficha individual que determinamos o que importante para constar na ficha terminológica.

⁶² Figura 35 - Banco de Dados-Glossário Atual. Ver arquivo completo:

<<https://drive.google.com/file/d/0B9X5xV9XvwYTekd5UFN5NjJwX3g2SHlNdXdtUVdiU1JnbnRB/view?usp=sharing>>

4.2.2.6 Elaboração das Fichas terminológicas Bilingües

Após a organização dos dados coletados por meio das fichas individuais, passamos a trabalhar com as fichas terminológicas. A ficha terminológica é basilar para o registro de um vocabulário de uma linguagem de especialidade. Cabré (1993, p. 281) nos explica o que é essa ficha:

Las fichas terminológicas son materiales estructurados que deben contener toda la información relevante sobre cada término. Las informaciones que presentan se extraen de las fichas de vaciado o de la documentación de referencia, y se representan siguiendo unos criterios fijados previamente. Hay muchos modelos de fichas terminológicas, de acuerdo con los objetivos de cada trabajo y las necesidades de cada organismo. De entrada, podemos distinguir entre fichas monolingües, fichas monolingües con equivalencia y fichas bilingües o plurilingües⁶³.

Nossa ficha terminológica caracteriza-se por ser bilíngue em língua portuguesa brasileira, e em Língua de Sinais Brasileira. Vários modelos já foram propostos e, dentre eles, podemos citar os de Aubert (1996), Krieger e Finatto (2004), Faulstich (2010) e Barros (2004). Para Barros, o modelo de ficha terminológica:

[...] varia de acordo com a natureza do projeto. Cada equipe determina o tipo das unidades linguísticas e dos dados a serem recolhidos e, a partir daí, elabora um modelo de ficha contendo campos, isto é, áreas predeterminadas reservadas ao registro de um tipo específico de dado (Boutin-Quesnel, 1985, p. 28). A quantidade e a função deste variam de acordo com as necessidades de registro das informações, que, por sua vez, também variam segundo a natureza da unidade linguística estudada e as características particulares da pesquisa em questão (BARROS, 2004, p. 211).

Nesta pesquisa, a função da ficha terminológica em LP e em LSB é servir de material de consulta referencial para a criação dos sinais-termo. A ficha terminológica é o espelho da coleta dos termos da área de uma linguagem de especialidade. Nela, estarão presentes as informações pertinentes para a identificação interpretativa e o debate dentro do grupo de pesquisa.

O modelo que tomamos como exemplo segue o de Faulstich (2010, p. 184), elaborado no Centro Lexterm, citado por Santos (2017, p. 135):

⁶³ Tradução nossa: “As fichas terminológicas são materiais estruturados que devem conter todas as informações relevantes sobre cada termo. As informações apresentadas são extraídas das planilhas de esvaziamento ou da documentação de referência e são representadas de acordo com critérios previamente fixados. Existem muitos modelos de fichas terminológicas, de acordo com os objetivos de cada trabalho e as necessidades de cada organização. Desde o início, podemos distinguir entre fichas monolíngues, fichas monolíngues com equivalência e fichas bilíngues ou multilíngues”.

Quadro 5 – Modelo de ficha terminológica.

Ficha Terminológica	
1. Número	Ordem numérica do registro feito.
2. Entrada	Unidade linguística que possui o conteúdo semântico da expressão terminológica na linguagem de especialidade. É o termo propriamente dito, o termo principal.
3. Categoria gramatical	Indicativo da categoria gramatical à qual o termo pertence ou da sua respectiva estruturação sintático-semântica. Pode ser n = nome; s = substantivo; v = verbo; utc = unidade terminológica complexa ou outra que seja necessária.
4. Gênero	Indicativo do gênero a que pertence o termo na língua descrita, a saber: m = masculino; f = feminino.
5. Variantes(s)	Formas concorrentes com a entrada. As variantes correspondem a uma das alternativas de denominação para um mesmo referente. Elas podem ser variantes terminológicas linguísticas ou variantes terminológicas de registro.
6. Sinônimo(s)	Formas concorrentes no discurso da linguagem de especialidade, cujo significado é idêntico ao do termo da entrada.
7. Área	Indicativo da área científica ou técnica em que o termo é usado.
8. Definição	Sistema de distinções recíprocas que servem para descrever conceitos pertinentes aos termos.
9. Fonte de constituição da definição	Registro do nome do autor, da obra, data etc. de onde foi compilada a definição. O campo deve ser preenchido mesmo que o autor do dicionário ou glossário seja o autor ou o adaptador das definições. Nesses casos, para evitar repetições desnecessárias, a referência pode aparecer na apresentação da obra.
10. Contexto	O contexto é um fragmento de texto no qual o termo principal aparece registrado, transcrito com o fim de demonstrar como é usado na linguagem de especialidade.
11. Fonte do contexto	Registro do autor, obra, data de onde foi extraída a frase contextual. Também é chamada de abonação. O campo deve ser preenchido mesmo que o autor do dicionário ou glossário seja o autor dos contextos. Neste caso, para evitar repetições desnecessárias, a referência única pode ser informada na apresentação da obra.
12. Remissivas	Sistema de relação de complementariedade entre termos. Os termos remissivos se relacionam de maneira diversa, dependendo da contiguidade de sentido. Podem ser termos hiperônimos, hipônimos e termos conexos.
13. Nota	Comentário prático, linguístico ou enciclopédico, que serve para complementar as informações da definição.
14. Equivalente	Termos de línguas estrangeiras que possuem o mesmo referente. No dicionário, incluem-se os termos equivalentes das línguas selecionadas, segundo o plano da obra.

15. Autor	Registro do nome do responsável intelectual pela elaboração da ficha de terminologia; o registro pode ser feito por meio de sigla ou abreviação.
16. Redator	Registro do nome do responsável pelo preenchimento/digitação da ficha de terminologia; o registro pode ser feito por meio de sigla ou abreviação.
17. Data	Registro do dia, mês e ano em que a ficha foi preenchida/digitada.

Fonte: Faulstich (2010, p. 180-183 *apud* SANTOS, 2017, p. 135).

Neste trabalho, adaptamos o modelo acima da seguinte maneira: primeiro sem numeração, o título do glossário: “Glossário terminológico de filosofia LP-LSB”); depois a numeração de identificação da ficha, seguida dos itens que se referem a: 1. **Entrada**, onde estará destacado o termo; 2. **Categoria gramatical/gênero**, a que pertence o termo, conforme sua morfologia; 3. **Variante (s)**, quando houver; 4. **Equivalente (s)** que foram encontrados no próprio corpus; 5. **Conceito**, onde será feito o registro da definição; 6. **Fonte do Conceito**; 7. **Exemplo**, exemplo de uso do termo; 8. **Fonte do Exemplo**; 9. **Imagem**; e **Fonte da Imagem**; 10. **Remissiva**, apenas quando houver; 11. **Autor**; e 12. **Data**. 1. Entrada

As abreviações que compõem a ficha são as seguintes: s. = substantivo; v. = verbo; f. = feminino; m. = masculino; LD. = livro didático.

Um modelo de ficha terminológica⁶⁴ é apresentado a seguir:

Quadro 6 – Modelo de ficha terminológica.

Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
01			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Argumentação	1. Entrada	Argumentação 
2. Categoria gramatical	-Substantivo Masculino	2. Categoria gramatical	Substantivo Masculino
3. Variante (s)		3. Variante (s)	Argumento

⁶⁴ Ver **Fichas Terminológicas-Completo**: Apêndice H.

			
4. Equivalente (s)		4. Equivalente (s)	
5. Conceito	Argumentação é o modo de apresentar um raciocínio lógico para provar uma ideia.	5. Conceito	Argumentação é o modo de apresentar um raciocínio lógico para provar uma ideia. Ver raciocínio lógico.
6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP
7. Exemplo de uso	"Vou sair com meus amigos para ir a uma festa; há um ponto de ônibus na porta do local, portanto é rápido e seguro chegar até lá."	7. Exemplo de uso	
8. Fonte/ Exemplo	Filosofia Experiência do Pensar.P.37	8. Fonte/ Exemplo	Filosofia Experiência do Pensar.P.37
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			https://images.app.goo.gl/mC9GvRgxVuTnxpMC6
10. Remissiva	Raciocínio Lógico; Ideia	10. Remissiva	Raciocínio Lógico; Ideia
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

Fonte: Elaboração própria.

4.2.2.7 Validação dos conceitos dos termos

Nessa pesquisa a validação dos termos da filosofia se efetivou na própria confiabilidade e autenticidade dos textos dos livros didáticos. Além disso, tivemos a revisão de um grupo de especialistas da área e de professores da LP.

4.2.2.8 A Macroestrutura

Para Barros (2004, p. 151), “por macroestrutura entende-se a organização interna de uma obra lexicográfica ou terminográfica (...) relacionado às características gerais do repertório, ou seja, à estruturação das informações em verbetes(...), à presença ou não de anexos, índices remissivos, ilustrações, setores temáticos, mapa conceptual e outros.”

A organização desse repertório lexicográfico reflete especificamente o atendimento à uma necessidade de acessibilidade linguística à terminologia da filosofia na Educação Básica. O público-alvo são estudantes surdos do Ensino Médio que precisam entender essa terminologia. Dessa forma, houve um cuidado especial na organização interna do repertório. Nos preocupamos em fornecer informações na LP, menos densas e essenciais de forma clara e objetiva, como se fosse um protótipo inicial de um glossário que comporia as páginas finais de um livro didático de filosofia.

As abreviações aparecem sempre em *itálico* dentro do verbete e correspondem à:

- *s.m* = substantivo masculino
- *s.f.* = substantivo feminino
- *v*=verbo
- *pl*=plural
- *var.*=variante
- *var∅*.=não consta variante
- *eq*=equivalente.
- *eq∅*=equivalente.
- *Ver*=remissiva
- *Ex*=exemplo

A lista de entradas selecionada para compor a nomenclatura da obra segue a ordem alfabética contínua, que segundo Barros (2004, p. 154), ignora o apóstrofo e o hífen e considera somente a sequência alfabética:

Quadro 7 – Lista de Entradas

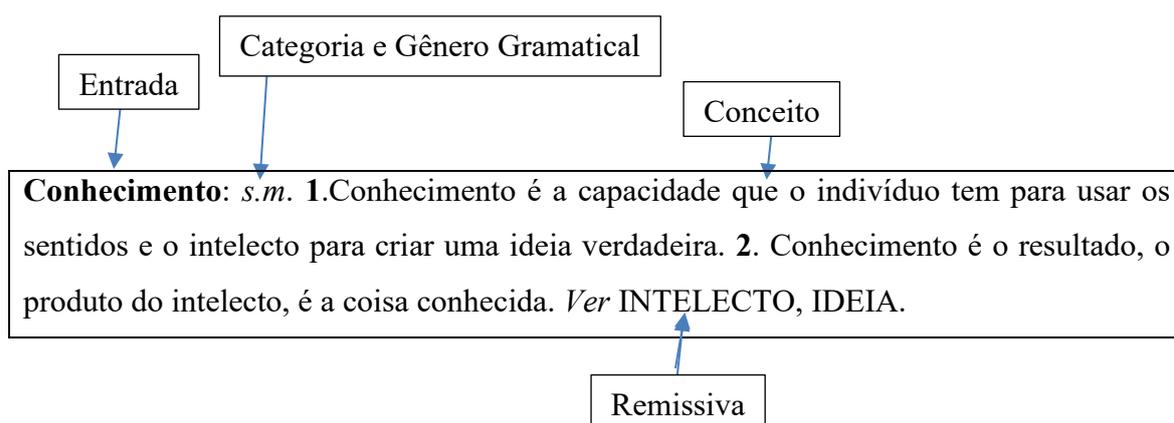
1. Argumentação	22. Metafísica
2. Axiologia	23. Ontologia
3. Ciência	24. Pensamento
4. Coisa	25. Política
5. Concepção	25.1.1. 2-Política Discurso /
6. Conhecimento1(capacidade)	25.1.2. 3-Política Relação Social/
6.1.1.Conhecimento2	25.1.3. 4-Político Profissão
(resultado/produto)	
7. Corrente	26. Princípio
8. Crença	27. Raciocínio/
9. Doutrina	27.1.1. 2-Raciocínio Lógico
10. Ente	28. Razão
11. Epistemologia	29. Reflexão
12. Essência	30. Religião
13. Estética	31. Sabedoria
14. Ética	32. Saber
15. Filosofia	33. Ser
16. Ideia/Ideias	34. Subjetividade
17. Intelecto	35. Substância
18. Inteligência	36. Teoria
19. Linguagem	37. Teoria do Conhecimento
20. Lógica	38. Valor
21. Maiêutica	39. Valores
	40. Verdade

4.2.2.9 A Microestrutura

O verbete é a unidade estrutural do nosso Glossário. Neste Glossário os termos ou expressões em **negrito** correspondem à entrada do verbete. As informações relativas ao termo que constam no verbete, foram estruturadas lexicograficamente na seguinte ordem: <entrada> + <categoria e gênero gramaticais> + <variante>+< equivalente>.+<conceito> +< remissiva>. Segundo Barros (2004,p.152), “os verbetes (...) compõem-se de pelo menos dois elementos: entrada e o enunciado lexicográfico/ terminográfico, ou seja, respectivamente unidade lexical

ou terminológica que encabeça um verbete e as informações fornecidas sobre ela.” Esse modelo serve um propósito inicial para compreensão do significado do termo. Com isso, optamos por não apresentar informações sobre o termo em excesso, pois os alunos surdos desse nível de ensino ainda tem algumas dificuldades com a leitura e interpretação em LP. Desse modo, optamos por uma estrutura mais concisa.

Podemos observar o modelo neste glossário:



Os verbetes⁶⁵ em LP ficaram assim estruturados:

A

ARGUMENTAÇÃO *s.m.* é o modo de apresentar um raciocínio lógico para provar uma ideia. *Ver* ARGUMENTO; RACIOCÍNIO LÓGICO; IDEIA.

AXIOLOGIA *s.f.* é a área da filosofia sobre a teoria dos valores.

Ver VALORES; MORAL; ÉTICA.

C

CIÊNCIA *s.f.* é um conhecimento resultante de um raciocínio avaliativo, organizado em etapas e regras. *Ver* Conhecimento; Raciocínio.

COISA *s.f.* é tudo aquilo que existe. É o que eu percebo no mundo, que foi promovido do desconhecido para o que é conhecido. *Ver* Ser; Ente.

CONCEPÇÃO *s.f.* é o entendimento que o indivíduo tem a partir de suas experiências formulando uma teoria. *Ver* Teoria; Corrente; Crença; Doutrina.

⁶⁵ Todos os conceitos aqui apresentados ainda são passíveis de revisão e reformulação conforme continuidade dos estudos e pesquisa para posterior versão final.

CONHECIMENTO *s.m.* 1. é a capacidade que o indivíduo tem para usar os sentidos e o intelecto para criar uma ideia verdadeira. 2. *eq. SABER, SABEDORIA* é o resultado, o produto do intelecto, é a coisa conhecida. *Ver* Intelecto, Ideia, Epistemologia.

CORRENTE *Adv.* é um conjunto de ideias seguidas por um grupo de pessoas. *Ver* Doutrina, Ideia, Crença, Princípio.

CRENÇA *s.f.* é uma atitude do indivíduo de acreditar no que não pode ser provado racionalmente, é uma opinião. *Ver* Opinião; Doutrina; Corrente.

D

DOCTRINA *s.f.* é conjunto de ideias, concepções teóricas ensinadas como verdadeiras por uma pessoa ou corrente de pensamento. *Ver* Ideia; Concepção; Teoria; Corrente.

E

ENTE *s.m.* é o que é, de uma maneira delimitada, com uma essência que o caracteriza. *Ver* Ser; Coisa.

EPISTEMOLOGIA *s.f. eq. Teoria do Conhecimento.* é uma área da Filosofia que estuda o que é conhecimento, quais suas possibilidades e limites. Também recebe o nome de "Teoria do Conhecimento. *Ver* Conhecimento; Teoria do Conhecimento.

ESSÊNCIA *s.f. eq. SUBSTÂNCIA* é a característica intrínseca do ser. É o que manifesta, mas permanece, não se perde. *Ver* Substância.

ESTÉTICA *s.f.* é uma área da filosofia que estuda os sentimentos, conceitos e opiniões sobre o belo e a arte. *Ver* Belo.

ÉTICA *s.f.* é a área da filosofia dedicada a refletir sobre as ações humanas em relação à vida em coletividade e à vida de cada um. *Ver* Moral

F

FILOSOFIA *s.f.* é uma disciplina de investigação crítica, amiga do saber. *Ver* Saber, Sabedoria

I

IDEIA *s.f.* 1. é uma representação mental do pensamento. 2. **Ideias.** *s.f.pl.* são várias representações mentais do pensamento. *Ver* Pensamento.

INTELECTO *s.m. eq. RAZÃO* é a capacidade humana de pensar e criar ideias ou conceitos. É também o lugar onde criamos as ideias. *Ver* Razão; Ideia; Pensamento.

INTELIGÊNCIA *s.f.* é a capacidade humana mensurável de raciocínio, de criar conhecimentos. *Ver* Conhecimento; Raciocínio.

L

LINGUAGEM *s.f.* é um sistema humano de signo com uma estrutura lógica, formal e abstrata aceito por um grupo social que possibilita a comunicação.

LÓGICA *s.f.* é uma área da Filosofia que investiga os elementos que dão base para avaliar as formas corretas de pensar. *Ver* Raciocínio Lógico

M

MAIÊUTICA *s.f.* é um método de raciocínio que se utiliza de perguntas e respostas para descobrir o próprio conhecimento. *Ver* Raciocínio, Conhecimento, Ideia;

METAFÍSICA *s.f. eq. ONTOLOGIA* é a área da Filosofia que estuda a essência do ser humano além da realidade física. *Ver* Essência; Ontologia

O

ONTOLOGIA *s.f. eq. METAFÍSICA* é o estudo do significado do "ser enquanto ser", da sua essência. *Ver* Metafísica; Essência

P

PENSAMENTO *s.m.* é uma capacidade intelectual, um processo de raciocinar e criar conhecimento. *Ver* Raciocínio; Conhecimento.

POLÍTICA *s.f.* significa o bem comum em sociedade, tudo aquilo que diz respeito aos cidadãos e ao governo.

POLÍTICA, RELAÇÃO SOCIAL *sintag.nom.* significa a troca de ideias para o consenso do bem comum. *Ver* Política.

POLÍTICO *s.m.* é a profissão de uma pessoa que tem responsabilidades e deveres políticos com o governo e a sociedade. *Ver* Política

POLÍTICO, DISCURSO significa argumentar fortemente para convencer, em nome do bem comum. *Ver* Política.

PRINCÍPIO *s.m.* significa partir daquilo que se pretende provar. *Ver* Corrente; Doutrina; Concepção; Crença.

R

RACIOCÍNIO *s.m.* é a relação de um conjunto de argumentos lógicos que leva a uma conclusão. *Ver* Pensamento; Lógica

RACIOCÍNIO LÓGICO *s.m.* é a relação de um conjunto proposições lógicas que leva a uma conclusão. *Ver* Raciocínio.

RAZÃO *s.f. eq. INTELECTO* é a capacidade humana específica de estabelecer relação entre as coisas. *Ver* Intelecto; Raciocínio.

REFLEXÃO *s.f.* é o processo de retomada do pensamento, é pensar outra vez. *Ver* Pensamento.

RELIGIÃO *s.f.* é um conjunto de crenças que une o natural e o sobrenatural explicados pela fé. *Ver* Crença.

S

SABEDORIA *s.f. eq. CONHECIMENTO* é o conhecimento prático e/ou científico de tudo o que os homens podem saber. *Ver* Conhecimento; Saber.

SABER *v. eq. CONHECIMENTO.* é conhecimento. *Ver* Conhecimento.

SER *s.m.* é a característica mais geral de algo. *Ver* Coisa; Ente.

SUBJETIVIDADE *s.f.* é a consciência individual. O que é próprio do sujeito. *Ver* Verdade; Consciência.

SUBSTÂNCIA *s.f. eq. ESSÊNCIA.* é a essência do ser. *Ver* Essência.

T

TEORIA *s.f.* é um conjunto de ideias possíveis sobre um fato de forma lógica. *Ver* Doutrina; Ideia; Concepção.

TEORIA DO CONHECIMENTO *s.f., eq. EPISTEMOLOGIA* é uma área da filosofia de reflexão sobre o conhecimento. quais suas possibilidades e limites. *Ver* Epistemologia.

V

VALOR *s.m.* é uma consciência de julgar o que é útil, estético, moral, ético, lógico e religioso. *Ver* Consciência; Valores.

VALORES *s.m.pl.* são padrões de comportamento em sociedade considerados bons e justos. *Ver* Moral; Ética.

VERDADE *s.f.* é o resultado da relação entre a subjetividade do intelecto e os fatos. *Ver* Subjetividade.

4.3 Organização do Glossário de Filosofia Bilíngue Língua Portuguesa-Língua de Sinais Brasileira

A criação dos sinais-termo da área da filosofia primaram nessa pesquisa pelo respeito a estrutura linguística da LSB. A constituição do sinal-termo deste glossário traz consigo uma morfologia, ou seja, uma estrutura interna de formação que precisa ser observada. As unidades mínimas de significação, que são os morfemas, permitiram a criação de novos sinais a partir de um já existente no mesmo campo semântico. Esse processo de criação é naturalmente reproduzido pelos surdos.

4.3.1 ELABORAÇÃO DOS CONCEITOS EM LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA E CRIAÇÃO DOS SINAIS-TERMO

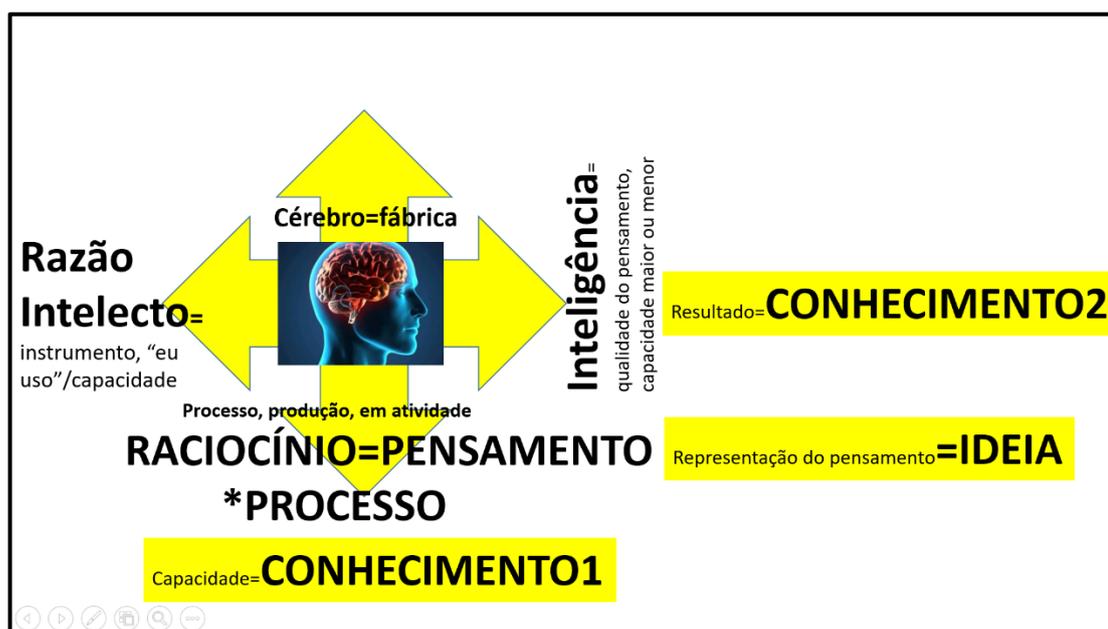
Os conceitos em LSB são elaborados a partir da compreensão individual do significado de uma palavra. Essa compreensão gera uma representação através de uma imagem mental que naturalmente reflete na criação de um sinal. Na LSB a representação do conceito se dá, em sua maioria, através da compreensão do significado.

À vista disso, elaboramos, com base no corpus, um material visual⁶⁶ (ver figura 36 e 37) para apresentarmos os termos da filosofia e seus conceitos ao grupo de surdos no LabLibras- laboratório do Centro Lexterm no Instituto de Letras (IL) da UNB. Nos encontros, detalhávamos o conceito, debatendo sobre o alcance, relacionando com outros termos e outros significados, caso necessário. Sempre tínhamos a representação e contribuição de um especialista da área da Filosofia, por esta pesquisadora, professores de LP, professores de

⁶⁶ Material completo disponível: <<https://drive.google.com/file/d/0B9X5xV9XvwYTbVp5WVdNMVVKdnF2dDNnR0JSWXltelMyaUZF/view?usp=sharing>>

História e das séries iniciais e de Linguistas, para analisarmos a correspondência funcional do sinal-termo na LSB. Nesse momento foi fundamental elucidar as dúvidas dos surdos com o máximo de informações e exemplos possíveis. E, assim que o sinal-termo “nascia”, fazíamos o registro em vídeo no próprio laboratório.

Figura 36 - **Material Visual**-recurso elaboração dos conceitos



Fonte: Elaboração Própria

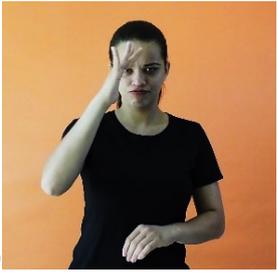
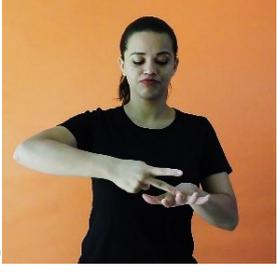
Figura 37 - **Material Visual**-recurso elaboração dos conceitos



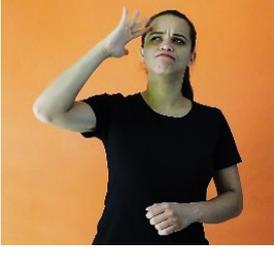
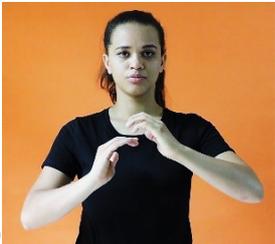
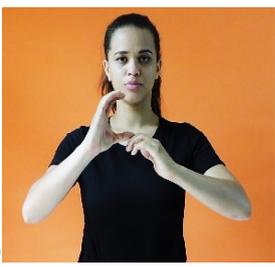
Fonte: Elaboração Própria

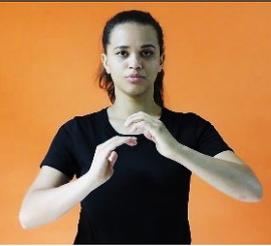
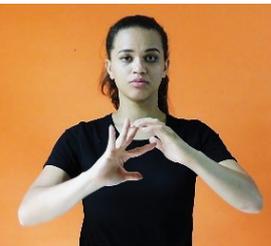
A ocorrência da criação dos sinais- termo, a partir da compreensão do conceito pelos surdos, é um processo surpreendente. Esses novos signos que constituem a língua trazem padrões combinatórios importantes na caracterização de uma terminologia.

Quadro 8 - Coletânea Sinais-Termo do Glossário de Filosofia Bilíngue

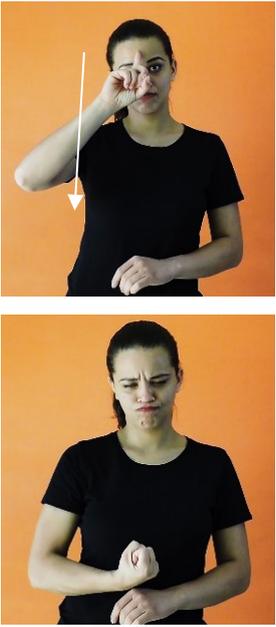
Termo	Sinal-termo	Link	Observação
<p>1- Argumentação</p>	<p>1 </p> <p>2 </p>	<p>https://youtu.be/OB MFHsQr9jM</p>	<p>Sinal já utilizado pela comunidade surda.</p>
<p>2- Axiologia</p>	<p>1 </p> <p>2 </p>	<p>https://youtu.be/vx B9SmNhXts</p>	

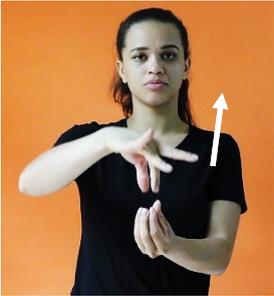
<p>3- Ciência</p>		<p>https://youtu.be/OG4B_mUssQc</p>	<p>Sinal já utilizado pela comunidade surda.</p>
<p>4- Coisa</p>	 	<p>https://youtu.be/nWONR4YiPWs</p>	
<p>5- Concepção</p>		<p>https://youtu.be/3Gw7buQmbWc</p>	

	 <p>1</p>  <p>2</p>  <p>3</p>		
<p>6- Conhecimento 1</p>	 <p>1</p>  <p>2</p>	<p>1. https://youtu.be/rcxxgMYtR7E</p> <p>2. https://youtu.be/X-en9IYgWH4</p> <p>https://youtu.be/u9z3qwRewmc</p>	

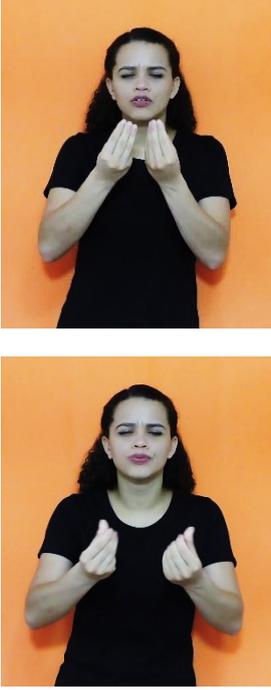
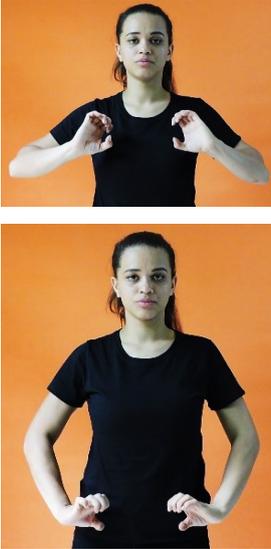
<p>Conhecimento -*Variante1</p>	<p>1 </p> <p>2 </p>		
<p>Conhecimento -*Variante2</p>	<p>3 </p> <p>1 </p> <p>2 </p>		

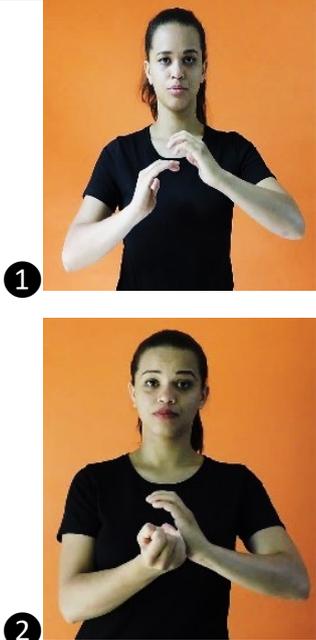
<p>Conhecimento -*Variante3</p>			
<p>7- Corrente</p>		<p>https://youtu.be/6aGa_vQHrPk</p>	
<p>8- Crença</p>		<p>https://youtu.be/Tuq44k4fLRo</p>	

			
<p>9- Doutrina</p>		<p>https://youtu.be/IrmheNdB01w</p>	
<p>10- Ente</p>		<p>https://youtu.be/eH-ud4HA_KE</p>	

<p>11- Epistemologia</p>		<p>https://youtu.be/G2OLXFBsF4g</p>	
<p>12- Essência</p>		<p>https://youtu.be/Om2DAJSVYYk</p>	

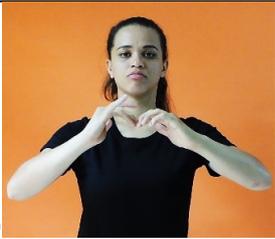
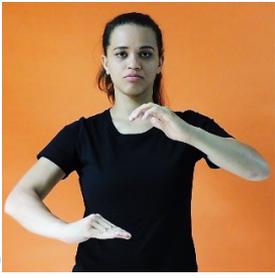
<p>13- Estética</p>		<p>https://youtu.be/7xCpxZYQuoI</p>	<p>Sinal já utilizado pela comunidade surda.</p>
<p>Estética *Variante1</p>		<p>https://youtu.be/qaJ_S7SAzlc</p>	<p>Sinal criado na pesquisa.</p>

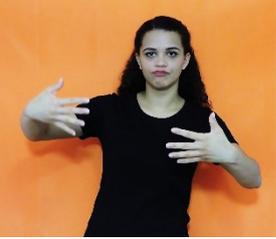
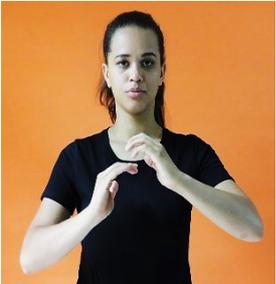
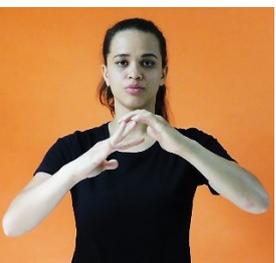
<p>Estética *Variante2</p>		<p>https://youtu.be/IOakI8HR5Ck</p>	<p>Sinal já utilizado pela comunidade surda.</p>
<p>14- Ética</p>		<p>https://youtu.be/yIUkUK8hi-g</p>	<p>Sinal já utilizado pela comunidade surda.</p>
<p>15- Filosofia</p>		<p>https://youtu.be/H0LPlmXT94I</p>	<p>Sinal já utilizado pela comunidade surda.</p>

<p>16- Ideia</p>	 <p>1</p> <p>2</p> <p>3</p>	<p>https://youtu.be/koKJtmpWe_E</p>	
<p>Ideia *Variante</p>	 <p>1</p> <p>2</p>	<p>https://youtu.be/AUMPIceCflw</p>	

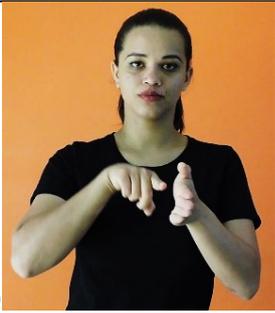
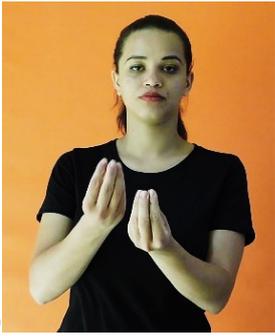
			
<p>Ideias</p>	 	<p>https://youtu.be/fzS-OvyLp30</p>	

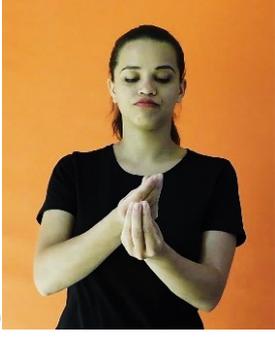
<p>Ideias Variante</p>	<p>3 </p> <p>4 </p> <p>5 </p>	<p>https://youtu.be/zc7KxjvEuJ8</p>	
<p>17- Intelecto</p>	<p>1 </p>	<p>https://youtu.be/sfBPhuC41WQ</p>	
<p>18- Inteligência</p>		<p>https://youtu.be/mRjQiQTmW44</p>	

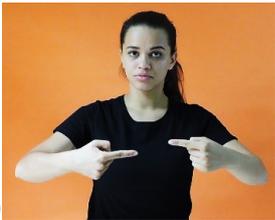
	 <p>1</p>  <p>2</p>  <p>3</p>		
<p>19- Linguagem</p>	 <p>1</p>  <p>2</p>  <p>3</p>	<p>https://youtu.be/bIc_xzRqZx4U</p>	<p>Sinal já utilizado pela comunidade surda.</p>

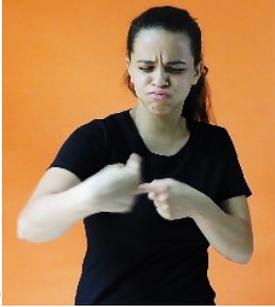
<p>Linguagem *Variante1</p>	<p>1 </p> <p>2 </p> <p>3 </p>	<p>https://youtu.be/bcUvWuo0PIU</p>	
<p>20- Lógica</p>	<p>1 </p> <p>2 </p>	<p>https://youtu.be/ZP8NP8jKKkE</p>	

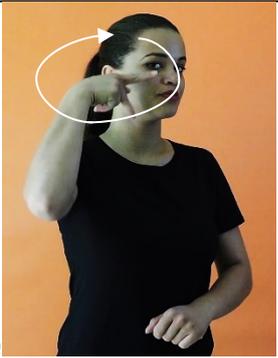
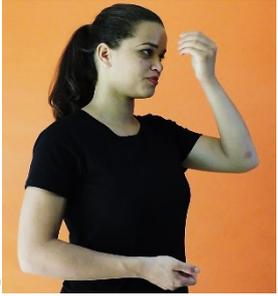
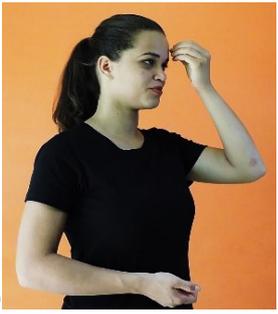
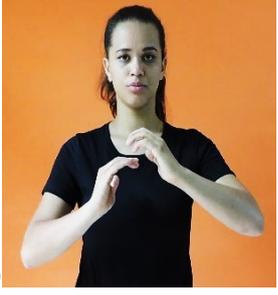
	 <p>3</p>  <p>4</p>		
<p>21- Maiêutica</p>	 <p>1</p>  <p>2</p>	<p>https://youtu.be/haME5JxfoSo</p>	

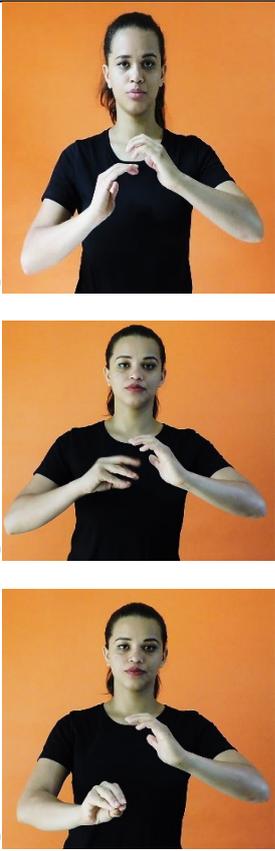
	 <p>3</p>  <p>4</p>		
<p>22- Metafísica</p>	 <p>1</p>  <p>2</p>	<p>https://youtu.be/lsZm7k4adlQ</p>	

	 <p>3</p>  <p>4</p>  <p>5</p>		
<p>23- Ontologia</p>	 <p>1</p>  <p>2</p>	<p>https://youtu.be/lsZm7k4adlQ</p>	

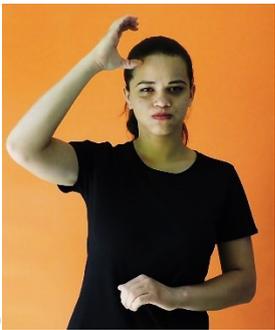
	 <p>3</p>  <p>4</p>  <p>5</p>		
<p>24- Pensamento</p>	 <p>1</p>	<p>https://youtu.be/TmnE8EBNVzU</p>	
<p>25- Política1</p>	 <p>1</p>	<p>https://youtu.be/DYyeYu9Vs4w</p>	<p>Sinal já utilizado pela comunidade surda.</p>

<p>Discurso Político2</p>	<p>1 </p>	<p>https://youtu.be/FwCF8xx3-_Q</p>	<p>Sinal já utilizado pela comunidade surda</p>
<p>Relação Social /Debate Político3</p>	<p>1 </p> <p>2 </p> <p>3 </p>	<p>https://youtu.be/cyzoeIj8JxM</p>	<p>Sinal já utilizado pela comunidade surda</p>

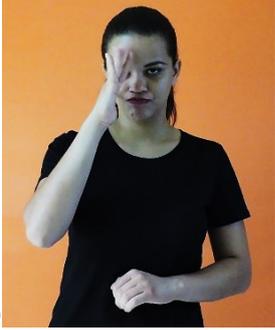
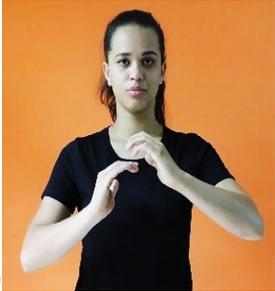
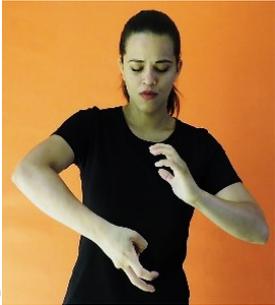
<p>Político(profissão)4</p>		<p>https://youtu.be/9StHA2Fipa0</p>	<p>Sinal já utilizado pela comunidade surda</p>
<p>26- Princípio</p>	 	<p>https://youtu.be/0mg4bvv10Kc</p>	
<p>27- Raciocínio1</p>		<p>https://youtu.be/ZYE2BvVftC8</p>	

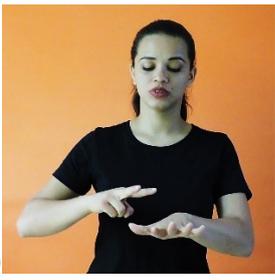
<p>Raciocínio Lógico2</p>	 <p>1</p> <p>2</p> <p>3</p>	<p>https://youtu.be/DvVJ4L38BYM</p>	
<p>28- Razão</p>	 <p>1</p>	<p>https://youtu.be/6ftQf0qAAs8</p>	
<p>29- Reflexão</p>		<p>https://youtu.be/hS89b5yUF4</p>	<p>Sinal já utilizado pela comunidade surda</p>

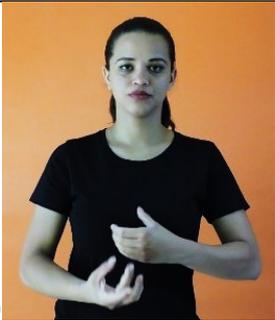
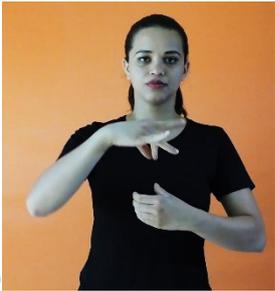
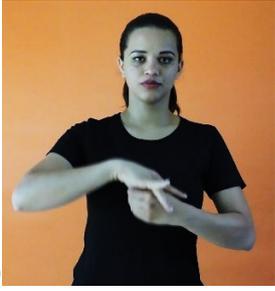
	 <p>1</p>  <p>2</p>		
<p>30- Religião</p>	 <p>1</p>  <p>2</p>	<p>https://youtu.be/WFA6P9AKFfw</p>	

	 		
31- Sabedoria		https://youtu.be/jMoU0chB_Nk	
32- Saber	 	https://youtu.be/yfoHFeXt5sg	
33- Ser		https://youtu.be/oPvUiwgEUkI	

<p>34- Subjetividade</p>	<p>1 </p> <p>2 </p> <p>3 </p>	<p>https://youtu.be/uKB3nV7u7H8</p>	
<p>35- Substância</p>	<p>1 </p>	<p>https://youtu.be/QWvEK8BLqJ4</p>	
<p>36- Teoria</p>		<p>https://youtu.be/MVRXYd3DJg</p>	

	 <p>1</p>  <p>2</p>		
<p>37- Teoria do Conhecimento</p>	 <p>1</p>  <p>2</p>  <p>3</p>	<p>https://youtu.be/id_9sDvpia0</p>	

<p>38- Valor</p>	<p>1 </p> <p>2 </p>	<p>https://youtu.be/hZs_sjnSSSkA</p>	
<p>39- Valores</p>	<p>1 </p> <p>2 </p> <p>3 </p>	<p>https://youtu.be/frHsA5LFFY</p>	
<p>40- Verdade</p>		<p>https://youtu.be/QTcrC8I169w</p>	

	<p>1 </p> <p>2 </p> <p>3 </p>		
--	---	--	--

4.3.2 ORGANIZAÇÃO DA MACROESTRUTURA E MICROESTRUTURA

Figura 38 - Tela Inicial "Glossário de Filosofia"



Fonte: Elaboração Própria

A macroestrutura do Glossário Bilingue de Filosofia LP-LSB⁶⁷ exhibe informações na LP e na LSB (em formato de vídeo e na forma escrita em *SignWriting*). Ver figura 37. Para apresentação do glossário, neste trabalho usamos o programa PowerPoint. Porém, o ideal almejado é o desenvolvimento de uma plataforma online com as mesmas configurações. Por isso, denominamos as indicações das imagens como “telas”.

A entrada principal, mostra o título, seguido da apresentação, do objetivo, público-alvo, como usar, equipe de produção e dúvidas e sugestões. Para ter acesso às informações, o consulente poderá clicar em cada um dos itens listados. Ver figuras 39 e 40:

⁶⁷ Acesso a versão completa do Glossário de Filosofia em apresentação de slides por meio do link: <https://drive.google.com/file/d/1BW3Ca6wkdgX8LVH80fTqUrMOCjbn_nbU/view?ts=5e5a2b4c>. A versão online do Glossário ainda está em construção.

Figura 39 - Tela Entrada Principal Macroestrutura-Apresentação



Fonte: Elaboração Própria

Figura 40 - Tela Entrada Principal Macroestrutura-Apresentação



Fonte: Elaboração Própria

Figura 41 – Tela Objetivo



Fonte: Elaboração Própria

O objetivo expõe que o glossário cumpre o propósito de apoio terminológico na área da filosofia com sinais-termo. Ver figura 41.

A terceira informação apresenta o público-alvo: alunos surdos do Ensino Médio, professores surdos e ouvintes, tradutores e intérpretes de LSB e LP (escrita). Ver figura 42.

Figura 42 - Tela –Público-Alvo



Fonte: Elaboração Própria

A informação seguinte mostra como usar o glossário: o sistema de busca e a organização dos verbetes pela cor, assim como a microestrutura.

Figura 43 - Tela - Como usar



Fonte: Elaboração Própria

O sistema de busca apresenta ao consulente duas formas de busca nas duas línguas- LSB (visual e escrita-SignWriting) e na LP: pela ordem alfabética e pela área temática da filosofia. Ver figuras 44, 45, 46 e 47, respectivamente.

Figura 44 - Tela –Sistema de Busca LP (ordem alfabética)



Fonte: Elaboração Própria

Figura 45 - Tela –Sistema de Busca LSB-*SignWriting* (ordem alfabética)

Fonte: Elaboração Própria

Figura 46 - Tela –Sistema de Busca LP-Áreas Temáticas da Filosofia



Fonte: Elaboração Própria

Figura 47 - Tela –Sistema de Busca LSB-SignWriting-Áreas Temáticas da Filosofia



Fonte: Elaboração Própria

Para acesso à informação em LSB ou LP, o consulente pode clicar na palavra que representa o sinal-termo correspondente disposto na ordem alfabética ou temática.

A seguir (figura 48), é explicitado a utilização das cores da camiseta nos verbetes e suas correspondências: 1- blusa preta é utilizada para o registro da entrada do verbete; 2-blusa de cor verde o registro da definição; 3- blusa vermelha no registro da variante, e 4- blusa de cor azul é usada no registro da equivalente; e 5- blusa rosa é usada no registro da remissiva.

Figura 48 - Tela –Explicação Verbete pela Cor



Fonte: Elaboração própria

Caso o consulente queira conhecer os participantes na elaboração do glossário basta clicar em Equipe de Produção (ver figura 49).

Figura 49 - Tela –Equipe de Produção



Fonte: Elaboração Própria

O último item da macroestrutura é Dúvidas e Sugestões. Nele, os consulentes podem encaminhar, via e-mail, dúvidas e sugestões quanto à organização do glossário.

Figura 50 - Tela - Dúvidas e Sugestões



Fonte: Elaboração Própria

Apresentada a macroestrutura, passamos à microestrutura do glossário. A microestrutura é o verbete em si, é a sua organização interna. Nos dicionários o verbete contém uma entrada e informações sobre a própria entrada. A organização da microestrutura foi planejada para que o consulente pudesse ter acesso às informações tanto em LP quanto em LSB de forma prática e simples. Ver figuras 51 e 52, respectivamente.

Figura 51 - Tela –Explicação Microestrutura



Fonte: Elaboração Própria

Figura 52 - Tela –Exemplo Microestrutura

Glossário de Filosofia Apresentação Objetivo Público-Alvo Como Usar? Equipe de Produção Dúvidas e Sugestões

Sinal-termo
Argumentação

Definição

Variante

Equivalente

Ver

ARGUMENTAÇÃO s.m. é o modo de apresentar um raciocínio lógico para provar uma ideia. Ver: RACIOCÍNIO LÓGICO; IDEIA.

Fonte: Elaboração Própria

O verbete contém a entrada com o termo a ser conceituado; a categoria gramatical do termo; o conceito, com a explicitação do sentido do termo; a variante, que pode ser outra forma de conjugação verbal na LP ou outra configuração de sinal na LSB; a equivalente que se refere à outro termo com o mesmo significado; o exemplo de uso do termo ou do conceito do termo; e a remissiva que remete o consulente à outro verbete que possa ter informações complementares que colaborem com a compreensão do conceito do termo. Todas as informações do verbete estão tanto em LP quanto em LSB-(SignWriting). É importante lembrar que, ainda há uma imagem em referência ao termo, pois elas são auxiliares na compreensão do conceito.

4.3.2.1 As fichas terminológicas

Optamos por elaborar uma ficha terminológica bilíngue na LSB-*SignWriting* e na LP como modelo apresentado no item “4.2.3.6 *Elaboração das Fichas terminológicas Bilingües*” e fichas completas nos Apêndices.

4.3.2.2. *Validação dos sinais-termo*

A validação dos sinais-termo criados nesta pesquisa só poderá ser descrita com a sua aceitação pela comunidade surda. E, para que isso seja observado, é necessário dar tempo aos seus usuários. Como acontece em outras línguas, a frequência e o uso na fala determinará em qual nível esses neologismos terminológicos irão se acomodar. Porém, temos um repertório de sinais-termo criados por um grupo de profissionais dentro do espaço acadêmico, e pelos próprios falantes surdos, a partir de materiais autênticos em total respeito às morfologias de construção. Isso faz parte de um processo de equiparação terminológica linguística que valida todo o processo neológico. Faria-Nascimento (2019, no prelo) afirma que: “a validação acadêmica é a busca de um atestado de qualidade. (...) Essa avaliação, pré-validação ou validação acadêmica consiste em identificar se cada sinal-termo proposto atende a critérios conceituais, linguísticos e visuais”.

Alguns sinais-termo, durante a pesquisa, já foram revisados, reavaliados e modificados não só uma, mas várias vezes. O sinal-termo “essência”, por exemplo, foi um deles. E não sabemos com exatidão se ainda sofrerá mais alguma modificação quando em uso. Contudo, podemos afirmar que, provavelmente a base morfológica não mudará, pois ela representa a compreensão, a abstração do conceito na língua de sinais brasileira. Como já detalhado, esse trabalho é o resultado de uma pesquisa científica da terminologia da Filosofia no nível básico de ensino, em LP e LSB, com critérios rígidos e precisos. Espera-se que a validação desses sinais-termo continue no espaço de convivência dos alunos surdos junto com professores bilíngues, dando a comunidade surda mais um repertório terminológico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste projeto, apresentamos o processo de compilação terminológica da área da filosofia para a elaboração de um Glossário Bilíngue LP-LSB para alunos surdos que frequentam o Ensino Médio, na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.

Acreditamos na legitimidade e necessidade de projetos terminográficos bem organizados em Língua de Sinais Brasileira, fundamentados nos estudos da Terminologia. Para otimizar e garantir autenticidade deste trabalho nas duas línguas envolvidas, seguimos as bases metodológicas da Linguística de Corpus. O uso de ferramentas computacionais permitiu o

reconhecimento terminológico e a análise do léxico de uma especialidade de maneira precisa e probabilística, com menor margem de erros. Nossa intenção ao apresentar um modelo teórico-metodológico alternativo na LC, foi demonstrar que é possível seguir critérios que garantam a composição de um repertório especializado e um bom trabalho terminográfico. Tal investida mostrou-nos a substancial importância de uma boa fundamentação terminológica na LP para posteriormente dar sequência à mesma terminologia na LSB.

Com relação aos fatores limitadores para a realização desse projeto, podemos afirmar que o tempo foi o maior deles. Devido ao grande volume de dados coletados precisaríamos de mais tempo para mais rigor e inclusão de todos os termos que ainda não foram estudados. Outro fator foi a densidade conceitual da área da filosofia. Nas duas línguas, percebemos o quão **complexo** é o conceito de um termo. Levando-nos a reconhecer que esse estudo ainda não reflete a sua completude, mas projeta sua continuidade.

É importante ressaltar que os processos de neologia e elaboração de Glossários terminológicos em LSB exigem muita responsabilidade e envolvimento por sua considerável relevância. Aspiramos mais esforços e investidas com a seriedade que o tema impõe. Produzir glossários e dicionários é uma tarefa laboriosa. Mas, existe uma imprescindibilidade no contexto atual em relação ao léxico de especialidade em LSB. Precisamos, ainda, lembrar que estamos falando de um documento de equiparação terminológica de uma língua. Isso significa que os glossários são documentos extremamente importantes e precisam estar submetidos à normas para sua elaboração. É pertinente inclusive, talvez termos, diretrizes norteadoras e regulamentadoras para glossários na LSB, pois evitaríamos a propagação de materiais sem nenhum rigor metodológico e com problemas estruturais. Muitos dicionários e glossários são apresentados sem critérios para a seleção e identificação dos termos e sem um padrão definitório em seus verbetes. Alguns de vários outros itens estruturais que precisam ser observados.

Cada língua tem seu sistema de significação. E ressignificar um sistema para o outro pode não ser uma tarefa simples. Nós fazemos configurações diferentes da realidade. Estamos todos os dias através da comunicação imprimindo nossas percepções e interpretações. A terminologia oferece contributos significativos nessa atividade, não apenas com propostas, teorias e metodologias, mas com uma preocupação singular de observância e respeito aos princípios fundamentais de uma linguagem especializada em qualquer língua.

O que ansiamos hoje é a derrubada de barreiras que a diferença entre as línguas impõe. Também é possível filosofar em Língua de Sinais! Que este projeto cumpra o seu propósito comunicativo e possibilite a acessibilidade linguística à comunidade surda na educação básica.

E, que, ainda sirva de repertório terminológico para todos os professores de filosofia que trabalham na proposta da educação bilíngue, em respeito à língua materna, em respeito ao surdo e à sua língua- a Língua de Sinais Brasileira.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. Trad. de Ivone Castilho Benedetti. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

ALMEIDA, G. M. B. A Teoria Comunicativa da Terminologia e a sua prática. **Alfa**, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 85-101, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/index.php/alfa/article/viewFile/1413/1114>>. Acesso em: 02 dez. 2018.

_____. O percurso da Terminologia: de atividade prática à consolidação de uma disciplina autônoma. **TradTerm**, v. 9, p. 211-222, 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49087/53162>>. Acesso em: 2 dez. 2018.

ALUÍSIO, S. M.; ALMEIDA, G. M. B. O que é e como se constrói um corpus? Lições aprendidas na compilação de vários corpora para a pesquisa linguística. **Calidoscópico**, v. 4, n. 3, P. 156-178, set./dez. 2006.

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: introdução à Filosofia. 6. ed. São Paulo: Moderna, 2016.

AUBERT, F. H. **Introdução à Metodologia da Pesquisa Terminológica bilíngue**. São Paulo: Humanitas, 1996.

BARBOSA, M. A. “**Dicionário, vocabulário, glossário: concepções**”. In: ALVES, I. M. (Org.). A constituição da normalização terminológica no Brasil. 2 ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001.

Disponível em: <https://filologiauefs.files.wordpress.com/2018/03/barbosa-_m-aparecida-dicionario-vocabulario-glossario.pdf> Acesso em: 22/04/2019.

BARROS, L. A. **Curso básico de Terminologia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

_____. **Lei n. 5.016, de 11 de janeiro de 2013**. Estabelece diretrizes e parâmetros para o desenvolvimento de políticas públicas educacionais voltadas à educação bilíngue para surdos, a serem implantadas e implementadas no âmbito do Distrito Federal, e dá outras providências. Brasília, 2013. Disponível em: <<http://www.conteudojuridico.com.br/vade-mecum-brasileiro,lei-no-5016-de-11-de-janeiro-de-2013-estabelece-diretrizes-e-parametros-para-o-desenvolvimento-de-politicas-p,41874.html>>. Acesso em: 02 dez. 2018.

BRASIL. **Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em: 02 dez. 2018.

_____. Ministério da Educação. **Escolha do livro didático**. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pnld/indexphp?option=comcontentaviewarticleaidindexphp?option=comcontentaviewarticleaid13658>>. Acesso em: 02 dez. 2018.

_____. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Guia digital de Filosofia**. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/pnld-2018/index.html>>. Acesso em: 02 dez. 2019.

_____. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Guia FNLD 2018**. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/pnld/guia-do-livro-didatico/item/11148-guia-pnld-2018>>. Acesso em: 02 dez. 2018.

_____. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Educação de Surdos. **Repositório Digital HUET**. Brasília, 2018.

_____. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **ENEM em Libras**. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://enemvideolibras.inep.gov.br/>>. Acesso em: 02 dez. 2018.

_____. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Provas e gabaritos**. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://inep.gov.br/web/guest/provas-e-gabaritos>>. Acesso em: 02 dez. 2018.

_____. Ministério da Educação. **PNLD**. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnld>>. Acesso em: 2 dez. 2018.

_____. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192> Acesso em 03/02/2020

BOULOS Júnior, Alfredo. História Sociedade e Cidadania: Volume único-1ª Edição-São Paulo. Editora FTD.2011.

BRIONES, M. B. **María Teresa Cabré**: la Terminología: representación y comunicación. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1999.

CABRÉ, M. T. La Terminología, una disciplina en evolución: pasado, presente y algunos elementos de futuro. **Debate Terminológico**, n. 1, 2005. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/riterm/article/download/21286/12263>>

_____. **La Terminología**: teoria, metodología, aplicaciones. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries, 1993.

_____. Terminologie et linguistique: la théorie des portes. Terminologie et diversité culturelle. **Rifal**, n. 21, p. 10-15, jun. 2000. Disponível em: <<http://termisti.ulb.ac.be/archive/rifal/PDF/tn21/rint21.pdf>>. Acesso em: 02 dez. 2018.

_____. Traducción y Terminología: un espacio de encuentro ineludible. In: _____. **La Terminología**: representación y comunicación. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, 1999, p. 199-200.

CHAUÍ, M. **Iniciação à Filosofia**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2016.

COTRIM, G.; FERNANDES, M. **Fundamentos da filosofia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

DARÉ, T. P. **Linguagem e texto filosófico no Ensino Médio**: a posição político-pedagógica de professores de filosofia. 2014. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade do Estado de Minas

Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <<http://fae.uemg.br/dissertacoes/TD0032.pdf>>. Acesso em: 02 dez. 2018.

FAULSTICH, E. **Planificação Linguística e Problemas de Normalização**. Alfa, São Paulo, 42(n.esp.): 247-268, 1998. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/download>> Acesso em 20/09/2019

FAULSTICH, E. Para gostar de ler um dicionário. In: RAMOS, C. M. A. (Org.). **Pelos caminhos da Dialectologia e da Sociolinguística: entrelaçando saberes e vida: homenagem a Socorro Aragão**. São Luís: EDUFMA, 2010, p. 166-185.

FAULSTICH, Enilde. **Sinal-Termo. Nota lexical**. Centro Lexterm, 2014.

FIGUEIREDO, V. (Org.). **Filosofia: temas e percursos**. 2. ed. São Paulo: Berlendis & Vertecchia Editores, 2016.

GALLO, S. **Filosofia: experiência do pensamento**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2016.

ISQUERDO, A. N.; DAL CORNO, G. O. M. (Orgs.). **As ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: UFMS, 2018. v. VIII.

JAPIASSÚ, H. **Dicionário básico de Filosofia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à Terminologia: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

LAURENCE ANTHONY'S WEBSITE. **AntConc Homepage**. 2018. Disponível em: <<https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>>. Acesso em: 02 dez. 2018.

LÉXICO. **Dicionário de Português Online**. 2018. Disponível em: <<https://www.lexico.pt/>>. Acesso em: 02 dez. 2018.

MARTINS, F. C.; STUMPF, M. R. Coleta e registro de sinais-termo psicológicos para Glossário de Libras. **Revista Leitura**, v. 1, n. 57, p. 35-59, jan./jun. 2016.

MELANI, R. **Diálogo: primeiros estudos em Filosofia**. São Paulo: Moderna, 2013.

NASCIMENTO, S. P. F. **Representações lexicais da Língua de Sinais Brasileira: uma proposta lexicográfica**. 2009. 290 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

SANTOS, P. T. dos. **A Terminologia na Língua de Sinais Brasileira: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico em glossário bilíngue**. 2017. 278 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/23754/1/2017_PatriciaTuxidosSantos.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2018.

SARDINHA, T. B. **Linguística de Corpus**. Barueri: Manole, 2004.

_____. Linguística de Corpus: histórico e problemática. **D.E.L.T.A.**, v. 16, n. 2, p. 323-367, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v16n2/a05v16n2.pdf>>. Acesso em: 2 dez. 2018.

SAVIAN FILHO, J. **Filosofia e filosofias**: existência e sentidos. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SÃO PAULO (Estado). Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Projeto Corpus Multilíngue para Ensino e Tradução. **Guia de Uso do AntConc**. São Paulo, s. d. Disponível em: <http://comet.fflch.usp.br/sites/comet.fflch.usp.br/files/u30/AntConc_Instala%C3%A7%C3%A3o%20e%20uso2014.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2019.

SHEPHERD, T. M. G. O estatuto da Linguística de corpus: metodologia ou área da Linguística?. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 150-172, dez. 2009. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/27801/19922>>. Acesso em: 14 maio 2019.

TEIXEIRA, E. D. **A Linguística de Corpus a serviço do tradutor**: proposta de um dicionário de culinária voltado para a produção textual. 2008. 400 f. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-16022009-141747/publico/TESE_ELISA_DUARTE_TEIXEIRA.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2018.

TERMOSTAT WEB 3.0. **Programa computacional**. Disponível em: <http://termostat.ling.umontreal.ca/> e <https://linguistech.ca/TermoStat_F_TUTCERTT_I_PartieI>. Acesso em: 02 dez. 2018.

VASCONCELOS, J. A. **Reflexões**: filosofia e cotidiano. São Paulo: Edições SM, 2016.

Referências pós qualificação

A Constituição da normalização terminológica no Brasil / Ieda Maria Alves (org.). – 2. ed. – São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001. 58p. – (Cadernos de terminologia, 1). Disponível em: <https://filologiauefs.files.wordpress.com/2018/03/barbosa_-m-aparecida-dicionario-vocabulario-glossario.pdf> Acesso em: 15/09/2019.

Censo Educação Superior-MEC-INEP-Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/docman/setembro-2018-pdf/97041-apresentac-a-o-censo-superior-u-ltimo/file>> Acesso: 17/09/2019.

MARTINS, Antonielli Cantarelli. **Lexicografia na Língua de Sinais Brasileira do Rio Grande Do Sul**. Dissertação –Mestrado Programa de Pós Graduação em Psicologia. Área de concentração: Psicologia Experimental. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. 2012. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Documents/Textos%20LIBRAS/Lexicologia%20Libras%20no%20Rio%20Grande%20do%20Sul.pdf>> Acesso em: 17/09/2019.

Lições sobre o SignWriting. Tradução: Marianne Rossi Stumpf; Colaboração: Antônio Carlos da Rocha Costa, e Ronice Muller de Quadros. Tradução Parcial e Adaptação do Inglês/ASL

para Português LIBRAS do livro “Lessons in SignWriting “, de Valerie Sutton, publicado originalmente pelo DAC –Deaf Action Committe for SignWriting.Projeto SignNetCNPq/ProTeM – UCPel/PUCRS/ULBRA. Disponível em: <<http://www.signwriting.org/archive/docs5/sw0472-BR-Licoes-SignWriting.pdf>> Acesso em: 17/09/2019.

BARROS, Mariângela Estelita. **ELiS – Escrita das Línguas de Sinais: proposta teórica e verificação prática.** Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Lingüística na Linha Aquisição e Processamento de Linguagem da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Lingüística.2008. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp135415.pdf>> Acesso em:17/09/2019.

FELTEN,Eduardo Felipe, FAULSTICH, Enilde. **O signo linguístico e as imagens históricas: a criação de sinais-termo na LSB. Comunicaciones en Humanidades.** XVII Congreso Internacional de Humanidades, Palabra y Cultura en América latina: herencias y desafíos Memoria e identidad en el contexto sociolingüístico y cultural latinoamericano . *Facultad de Historia, Geografía y Letras. Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación, Santiago de Chile. 15, 16 y 17 de octubre, 2014.*

file:///C:/Users/User/Downloads/738-Texto%20del%20art%C3%AD_culo-2583-1-10-20170505%20(1).pdf

PROMETI, Daniela; COSTA, Messias Ramos; TUXI, Patrícia. **Sinal-Termo, Língua e Glossário Bilingue: Atuação da Universidade de Brasília nas Pesquisa Terminológicas.** Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Centro de Ensino, Pesquisa, Extensão e Atendimento em Educação Especial– CEPAE . I Congresso Nacional de Libras da Universidade Federal de Uberlândia. I CONALIBRAS-UFU. ISSN 2447-4959. Acesso: <<https://docplayer.com.br/33944511-Sinal-termo-lingua-de-sinais-e-glossario-bilingue-atuacao-da-universidade-de-brasilia-nas-pesquisas-terminologicas.html>> em 20/10/2019.

INEP-MEC- <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/acoes-internacionais/pisa/resultados>> em 04/01/2020.

SUPERINTERESSANTE. **Uma breve História da Filosofia.** Consultado em <<https://super.abril.com.br/especiais/uma-breve-historia-da-filosofia/>> Acesso em 12/11/2019.

FARIA-NASCIMENTO, Sandra Patricia de .**O CONFLITO ENTRE O *IN VIVO* E O *IN VITRO* NO ADVENTO DA TERMINOLOGIA EM LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA: EM BUSCA DO EQUILÍBRIO.** Artigo Prelo. 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Contato FNDE

23/04/2019 Email – Monica Braz Souza – Outlook

Outlook ← editora Filtros 🔍 ⚙️ 🗉️ ? 👤

+ Nova mensagem ↩️ Responder 🗑️ Excluir 📁 Arquivo Morto 🗑️ Lixo Eletrônico 📁 Mover para 🏷️ Categorizar

Caixa de En... 6406

Lixo Eletrônico 165

Rascunhos 179

Itens Enviados

Agendado

Itens Excluídos 17

Arquivo Morto

Conversation Hist...

Junk 1

Nova pasta

Confirmação de Abertura do Protocolo 3655809

M meccentraldeatendimento@mec.gov.br ↩️ ↪️ ⋮

Você 🗑️

static201811ZTBfTEIGaVMYnL...

43 KB

Prezado(a) Sr(a) Mônica Braz de Souza,

O protocolo de nº 3655809, foi aberto e está sendo tratado pela área responsável.

Assunto:
FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação >> Livro Didático - PNLD >> Livro Didático - PNLD

Para mais detalhes, favor entrar em contato com a Central de Atendimento do Ministério da Educação, pelo telefone 0800616161 ou pelo Fale Conosco no Portal do MEC (<http://fale-conosco.mec.call.inf.br>).

Colocamo-nos à disposição para atendê-lo(a).

Agradecemos seu contato.
Esta mensagem foi enviada por um sistema automático. Favor, não respondê-la.

Atualizar para o Office 365 com Recursos premium do Outlook



Parece que você está usando um bloqueador de anúncios. Para maximizar o espaço na sua caixa de entrada, inscreva-se n

<https://outlook.live.com/mail/search/Id/AQMkADAwATZlZmYAZC05NDQAZl1lZQAyZS0wMAItMDAKAEYAAAP1r%2BBQV1HbSawG1R6HpSC9B...> 1/1

APÊNDICE B – Solicitação Livro Didático -SEDF

23/04/2019

Gmail - Solicitação Livro Didático



Monica Braz <monicabrazsouza17@gmail.com>

Solicitação Livro Didático

2 mensagens

Monica Braz <monicabrazsouza17@gmail.com>
Para: glte.dimd@edu.se.df.gov.br

8 de dezembro de 2018 12:09

Bom dia!

Sou professora de Filosofia da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal-SEEDF, e estou fazendo uma pesquisa no meu Mestrado na Universidade de Brasília-UNB sobre a terminologia da Filosofia nos livros didáticos aprovados no PNLD (2018-2020), por isso preciso de um exemplar de cada uma das obras aprovadas*(anexo lista DOU): 8 livros. Por se tratar de um Plano Governamental direcionado, as Editoras não possuem mais exemplares para distribuição aos professores. Destaco a suma importância da composição das obras em minha dissertação. Também, esclareço que já procurei o MEC e o mesmo só faz doação de exemplares excedentes via cadastro das escolas. Agradeço imensamente o atendimento ao meu pedido.

- 1-EDITORA AUTÊNTICA: FILOSOFIA E FILOSOFIAS-EXISTÊNCIA E SENTIDOS
- 2-EDITORA SCIPIONE: FILOSOFIA - EXPERIÊNCIA DO PENSAMENTO
- 3- EDITORA SM : REFLEXÕES: FILOSOFIA E COTIDIANO
- 4- BERLENDIS & VERTECCHIA E D I T O R E S : FILOSOFIA: TEMAS E PERCURSOS
- 5- EDITORA SARAIVA EDUCAÇÃO: FUNDAMENTOS DE FILOSOFIA
- 6-EDITORA ÁTICA : INICIAÇÃO À FILOSOFIA FILOSOFIA
- 7- EDITORA MODERNA: DIÁLOGO: PRIMEIROS ESTUDOS EM FILOSOFIA

Mônica Braz de Souza

Matrícula SEEDF: 29823-9

Email: monicabrazsouza17@gmail.com

Tel: 991248778

edital_pnld_2018_resultado_final (1).pdf
43K

Gerência Políticas de Leitura e Tecnologias Educacionais
<glte.dimd@edu.se.df.gov.br>
Para: monicabrazsouza17@gmail.com

10 de dezembro de 2018
15:08

Boa tarde, Mônica. Infelizmente não temos como ajudá-la, pois o FNDE não nos encaminhou a reserva técnica dos livros este ano. E como a grade cheia de 2018 é do ensino médio, não temos um exemplar para disponibilizar.

Equipe do Livro

[Texto das mensagens anteriores oculto]

—

Gerência de Políticas de Leitura e Tecnologias Educacionais - GLTE

Diretoria de Mídias e Conteúdos Digitais

Coordenação de Políticas Educacionais Transversais

Subsecretaria de Educação Básica

Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal

fone: (61) 3901-7567 e (61) 3901-3105

APÊNDICE C – Solicitação Livro Didático-Editoras

23/04/2019

Gmail - Obra PNLD para Estudos



Monica Braz <monicabrazsouza17@gmail.com>

Obra PNLD para Estudos

1 mensagem

Monica Braz <monicabrazsouza17@gmail.com>
Para: editora@berlendis.com

27 de novembro de 2018 10:24

Bom dia!

Sou professora de Filosofia da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal-SEEDF, e estou fazendo uma pesquisa no meu Mestrado na Universidade de Brasília-UNB sobre a terminologia da Filosofia nos livros didáticos aprovados no PNLD (2018-2020), por isso preciso de um exemplar da obra: "Filosofia: temas e percursos" obra. Destaco a suma importância da composição da obra em minha dissertação. Também, esclareço que já procurei instituições como MEC e a própria SEEDF mas não tive sucesso em conseguir um exemplar. Agradeço imensamente o atendimento ao meu pedido.

Monica Braz de Souza
Professora de Filosofia-SEEDF
Mestranda da UNB-POSTRAD
61-991248778

Livre de vírus. www.avast.com.

APÊNDICE D – Solicitação Livro Didático- Editoras

23/04/2019 Email – Monica Braz Souza – Outlook

Outlook Filtros

+ Nova mensagem Responder Excluir Arquivo Morto Lixo Eletrônico Mover para Categorizar

Caixa de En... 6406

Lixo Eletrônico 165

Rascunhos 179

Itens Enviados

Agendado

Itens Excluídos 17

Arquivo Morto

Conversation Hist...

Junk 1

Nova pasta

ENC: Obra solicitada para avaliação

Você respondeu em

A Angela <angela@grupoautentica.com.br>

Você

Olá Mônica,

Tudo bem?

Esse é o livro que a Escola Bilingue de Taguatinga escolheu no PNLD?
Você não recebeu o exemplar do MEC?

Abraços

Angela Ribeiro Barcelos

"Meus filhos terão computadores, sim, mas antes terão livros. Sem livros, sem leitura, os nossos filhos serão incapazes de escrever – inclusive a sua própria história."
Bill Gates

-----Mensagem original-----
De: Obra solicitada para avaliação [mailto:ng_reply@grupoautentica.com.br]
Enviada em: quinta-feira, 22 de novembro de 2018 10:33
Para: sac@grupoautentica.com.br
Assunto: Obra solicitada para avaliação

Nome: Monica Braz de Souza
Instituição que trabalha: Escola Bilingue de Taguatinga
Tipo: instituição ensino médio
Rede de ensino: rede pública estadual
Disciplina que ensina: Filosofia

Obra solicitada para avaliação: Filosofia e Filosofia existência e sentidos E-mail par contato:
monicabraz1@hotmail.com Endereço para envio:
Rua 06 Chacara 249 Casa 31
Vicente Pires
Brasília -DF
DF
72485-006
Telefone
61991248778

Atualizar para o Office 365 com Recursos premium do Outlook



Parece que você está usando um bloqueador de anúncios. Para maximizar o espaço na sua caixa de entrada, inscreva-se no

<https://outlook.live.com/mail/search/Id/AQM&ADAwATZIZmYAzc05NDQAZI1IQZAYzS0wMAI!MDAKAEYAAAP1r%2BBQV1HbSawG1R6HpSC9B...> 1/1

APÊNDICE E – AMOSTRAGEM DE TERMINOLOGIA DA FILOSOFIA NO LIVRO DIDÁTICO

Terminologia da Filosofia no Livro Didático/PNLD-MEC

WORD TYPES: 51.860								
WORD TOKENS: 1.527.365								
Rank	Frequência	Termos Extraídos Word List Original	Extraídos Word List Original Ordem Alf	Keyword List	Termos Lista Grupo de Pesquisa LEXTERM	Termos que Coincidem Wordlist/LEXTERM	Termos Selecionados Glossário Filosofia	
2	34	4195 Filosofia	Abelardo		2. Abstração	Abstração	ABSTRAÇÃO	
3	36	3563 Mundo	Absoluta		3. Agnosticismo gnosticismo	Agnosticismo	AÇÃO	
4	42	3045 Vida	Absolutismo		4. Alienação	Alienação	AGNOSTICISMO	
5	46	2722 Conhecimento/Conhecer	Abstracionismo		5. Alteridade	Amoral	ALEGORIA	
6	48	2505 Razão /Racionalidade	Abstrata/Abstração/Abstrai		6. Amoral	Analogia	ALIENAÇÃO	
7	50	2434 Coisas /coisa	Abstrato		7. Analogia	Anarquismo	ALMA	
8	52	2367 Natureza	Ação/Ato/Agir/Atitude		8. Anarquia	Antiético	ALTERIDADE	
9	54	2313 Humano	Acepção		9. Anarquismo	Antropomórfico	ANALOGIA	
10	55	2300 Pensamento/Pensar	Acritica		10. Antiético	Aposteriori	ANTAGONISMO	
11	61	2132 Exemplo	Acritico		11. Antropomórfico antropomorfismo	Apriori	ANTÍTESE	
12	64	1999 Sentido # Sentidos	Adorno		12. Aposteiori	Autonomia	ANTROPOMÓRFICO	
13	66	1954 Modo	Afirmção/Afirmar		13. Apriori	Caráter	ANTROPOMORFISMO	
14	68	1920 Poder	Aforismática		14. Atributo	Cartesiano	APOSTERIORI	
15	70	1913 Forma/ Formas	Aforismo		15. Autonomia	Ceticismo	APRIORI	
16	74	1887 Tempo	Aforismos		16. Caráter	Cidadania	ARGUMENTAÇÃO	
17	75	1866 Sociedade	Agir		17. Cartesiano	Cidadão	ATO	
18	79	1809 Outros	Agnosticismo		18. Cartesiano	Civilização/Civildade	BELEZA	
19	80	1798 Filósofo	Agostinho		19. Ceticismo	Comportamento	CARÁTER	
20	81	1797 Realidade	Agostiniana		20. Cidadania cidadão (acrescente)	Conceito	CARTESIANO	
21	84	1739 Ciência	Alegoria		21. Cientificismo	Conceitualismo	CAUSA	
22	85	1712 Política	Aletheia		22. Civilização	Concepção	CAUSALIDADE	
23	87	1645 Verdade/Verdadeiro	Alethéia		23. Cognitivo	Concreto/Concretude	CETICISMO	
24	90	1605 Meio	Alheamento		24. Comunismo	Conhecimento	CIÊNCIA	
25	92	1597 Humana	Aliena		25. Comportamento	Consciência	COGNITIVO	
26	95	1566 Existência	Alienação		26. Conceito conceitualismo	Contigente	COISA	
27	96	1563 estado	Alienada		27. Concepção	Corrupção	CONCEITO	
28	99	1536 Relação	Alienadamente		28. Concreto	Cosmogonia	CONCEPÇÃO	
29	101	1523 deus	Alienadas		29. Conhecimento	Costume	CONCRETO	
	111	1479 Humanos	Alienado		30. Conotação	Criticismo	CONHECIMENTO	
	117	1411 Ideia	Alienados		31. Consciência	Dedução	CONHECIMENTO CIENTÍFICO	
30	120	1364 Social	Alienantes		32. Contingente	Democracia	CONHECIMENTO EMPÍRICO	
31	121	1361 homem	Alienar		33. Corolário	Determinismo	CONSCIÊNCIA	
32	122	1347 Liberdade/Libertadora/Liberalidade	Alma		34. Corrupção	Devir	CONTINGENTE	

APÊNDICE F LISTAS DE TERMOS GLOSSÁRIO GERAL E ATUAL

Lista de Termos -FICHAS DE EXTRAÇÃO

TERMOS	Frequência
1-Abstração	73
2-Ação	914
3-Agnosticismo	1
4-Alegoria	68
5-Alienação	102
6-Alma	
7-Alteridade	
8-Analogia	74
9-Antagonismo	27
10-Antítese	46
11-Antropomórfico	4
12-A posteriori	2
13-A priori	2
14-Argumentação	164
15-Ato	505
16-Beleza	536
17-BELO	325
18-Caráter	348
19-Cartesiano	56
20-Causa	839
21-Causalidade	120
22-Ceticismo	117
23-Ciência	1739
24-Cidadania	97
25-Cognitivo	
26-Coisa	2434
27-Conceito	749
28-Concepção	713
29-Concreto	
30-Conhecimento	2722
31-Conhecimento científico	
32-Conhecimento empírico	
33-Consciência	1330
34-Contigente	52
35-Contradição	
36-Contrato Social	
37-Corrente	140
38-Cosmogonia	3
39-Cosmologia	
40-Crença	310
41-Criticismo	15
42-Dedução	112
43-Democracia	383
44-Desejo	

45-Determinismo	66
46-Deus	
47-deus	1523
48-Devir	113
49-Dialética	214
50-Dogmatismo	52
51-Doutrina	185
52-Empírico	57
53-Empirismo	135
54-Ente	
55-Epistemologia	56
56-Escolástica	64
57-Escolástico	64
58-Espírito	595
59-Essência	257 675
60-Estética	571 311
61-Estoicismo	2260 69
62-Ética	150 1082
63-Existência	
64-Existencialismo	1880 84
65-Experiência	14384 5
66-Experimento	
67-Falácia	1613 101
68-Fenômeno	528 333
69-Fenomenologia	914 189
70-Filosofia	34 4195
71-Filósofo	80 1798
72-Forma	70 1913
73-Fundamentalismo	11618 7
74-Gnosticismo	9865 9
75-Homem	
76-Humanidade	121 1361
77-Humanismo	2259 67
78-Humano	54 2313
79-Idealismo	1631 100
80-Ideia	117 1411 167 999 *ideias
81-Identidade	436 417
82-Ideologia	710 250
83-Iludir	
84-Iluminismo	2115 72
85-Ilusão	996 171

86-Imaginação	866	201	
87-Imanência	4148	31	
88-Imoral	6231	18	
89-Inatismo	6232	18	
	2583	57	
	*inato/inatas		
90-Indivíduo	187	889	
91-Indução	1268	132	
92-Instinto	2656	55	
93-Intelecto			
94-Inteligência	649	273	
95-Inteligível	1190	140	
96-Intuição	969	177	
97-Juízo	607	291	
	926	186	
	*juízos		
98-Laico	13040	6	
	25862	2	
	*laicos		
	8203	12	
	*laicidade/laicização		
99-Liberalismo	1479	112	
100-Linguagem			
101-Livre-arbítrio	122	1347	
	*liberdade		
102-Lógica	192	878	
103-Lógico-dedutivo			
104-Maiêutica	5610	21	
105-Manipulação	3702	36	
106-Marxismo	2734	53	
107-Matéria	459	390	
108-Materialismo			
109-Meio	1978	78	
110-Mente	350	509	
111-Metafísica	331	544	
112-Método			
113-Mito	564	315	
114-Mitologia			
115-Modo	66	1954	
116-Moral	161	1039	
117-Mundo Sensível	36	3563	
	*mundo		

118-Natureza	52	2367
119-Natureza Humana	92	1597
	*Humana	
120-Objeto	199	850
121-ÔNICO	8928	11
122-Ontologia	1528	107
123-Paixão	658	269
	*paixões	
	403	447
124-Patrística	2094	73
125-Pensador	254	683
	*pensadores	
126-Pensamento	55	2300
127-Percepção	375	480
128-Poder	68	1920
129-Pólis		
130-Política	85	1712
131-Positivismo	1756	91
132-Potência	916	189
133-Pragmática	20739	3
	*pragmático	
134-Pragmatismo	4404	29
135-Práxis	3131	45
136-Prazer		
137-Premissa	921	187
	524	337
	*premissas	
138-Princípio	198	854
139-Proposição	484	369
140-Raciocínio	408	443
141-Racional	268	656
142-Racionalidade	27421	2
143-Racionalismo	1336	124
144-Radicalismo	15085	5
145-Razão	48	2505
146-Razão Pura		
147-Realidade	81	1797
148-Reflexão	269	648
149-Renascimento		
150-Sabedoria	932	185
151-Saber	185	906

152-Seduzir	
153-Sensação	1167 143
154-Sensível	495 361
155-Senso	718 248
156-Senso Comum	
157-Senso Crítico	1085 157 *crítico
158-Sentido	64 1999 190 888 *sentidos
159-Ser	22 9149
160-Ser Humano	54 2313 *Humano
161-Sexualidade	868 201
162-Silogismo	849 206
163-Síntese	
164-Sociedade	75 1866
165-Sofisma	8869 11 *sofismas 13472 6
166-Sofista	1201 139
167-Subjetividade	1717 94
168-Substância	515 344
169-Sujeito	277 626
170-Teoria	145 1128
171-Tese	762 232
172-Teoria do Conhecimento	
173-Totalitarismo	1795 89
174-Transcendência	2003 77
175-Universais	567 314
176-Universal	296 584
178-Universalidade	*universalismo
179-Universo	
180-Valor	353 506 *ver valores 223 749
181-Verdade	87 1645
182-Virtude	464 386 998 171 *virtudes

Lista Geral Banco de Dados Glossário Atual em 09/10/19

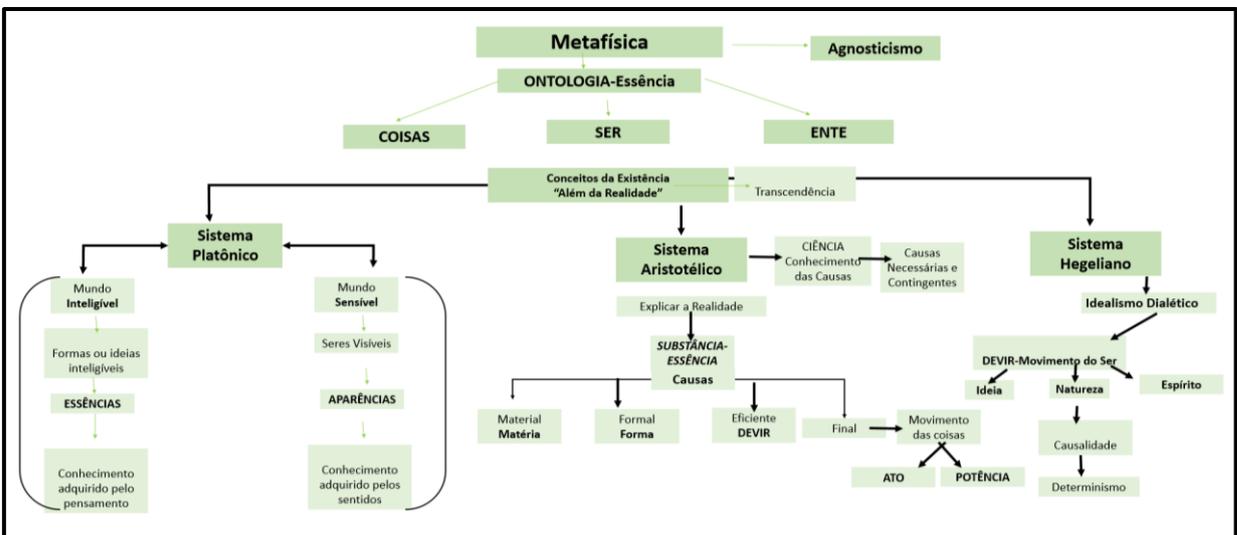
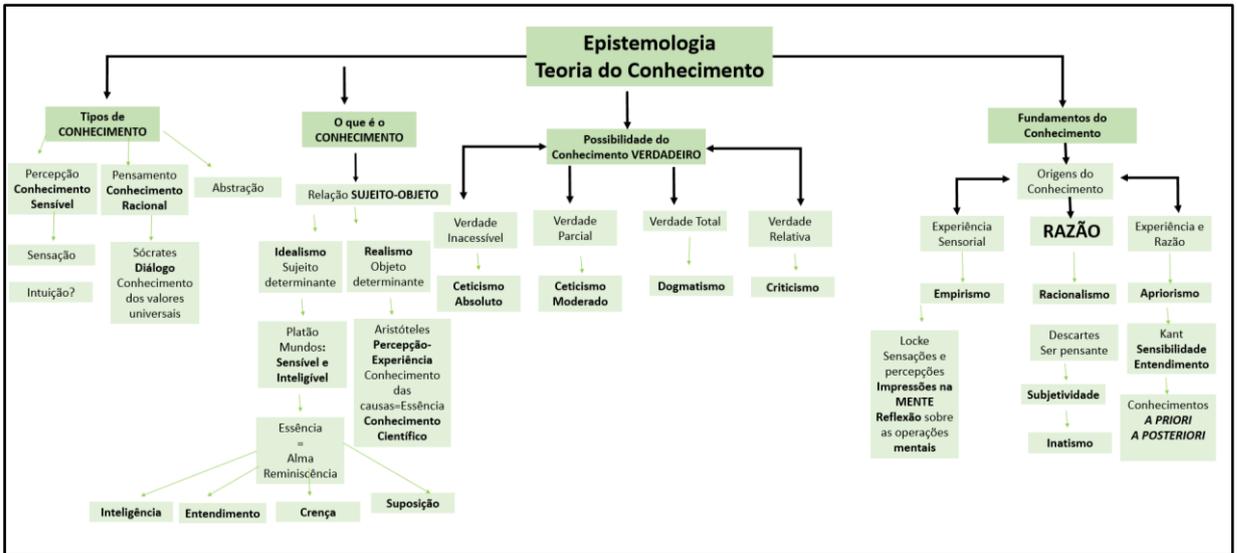
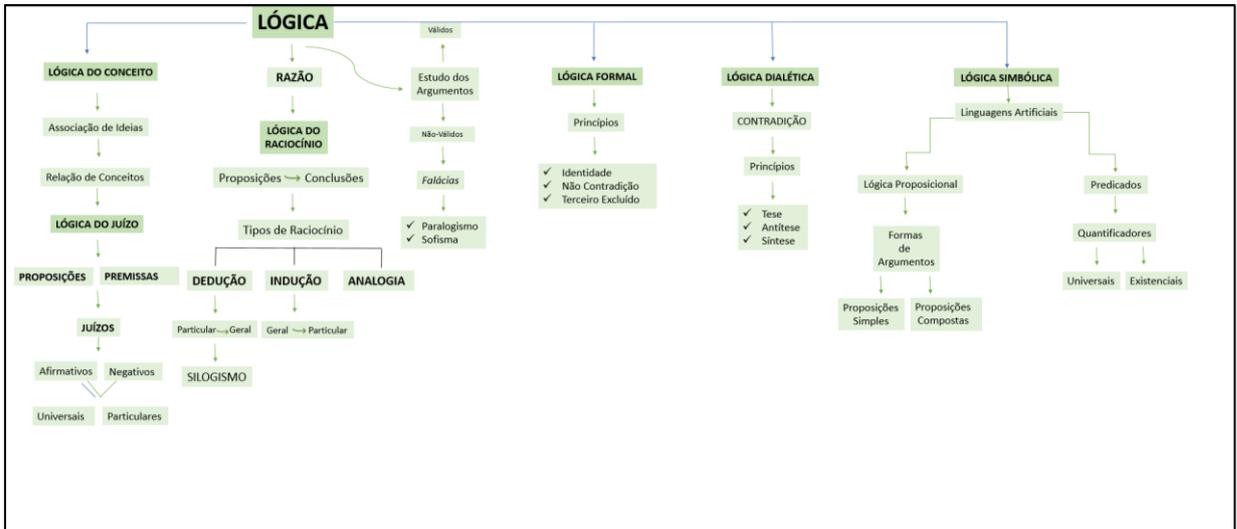
- | | | |
|-----------------------------|-------------------|-------------------|
| 1. A posteriori | 23. Ente | 47. Pensamento |
| 2. A priori | 24. Epistemologia | 48. Poder |
| 3. Abstração | 25. Essência | 49. Política |
| 4. Analogia | 26. Estética | 50. Potência |
| 5. Antítese | 27. Ética | 51. Princípio |
| 6. Argumentação | 28. Experiência | 52. Raciocínio |
| 7. Ato | 29. Falácia | 53. Racional |
| 8. Axiologia | 30. Filosofia | 54. Racionalidade |
| 9. Beleza | 31. Forma | 55. Racionalismo |
| 10. Belo | 32. Ideia | 56. Razão |
| 11. Causa | 33. Intelecto | 57. Realidade |
| 12. Ciência | 34. Inteligência | 58. Reflexão |
| 13. Coisa | 35. Linguagem | 59. Religião |
| 14. Concepção | 36. Lógica | 60. Sabedoria |
| 15. Conhecimento | 37. Maiêutica | 61. Saber |
| 16. Conhecimento Científico | 38. Metafísica | 62. Sentido |
| 17. Conhecimento Empírico | 39. Mito | 63. Ser |
| 18. Consciência | 40. Modo | 64. Sofisma |
| 19. Corrente | 41. Moral | 65. Subjetividade |
| 20. Crença | 42. Natureza | 66. Substância |
| 21. Dialética | 43. Objeto | 67. Teoria |
| 22. Doutrina | 44. Ôntico | 68. Valor |
| | 45. Ontologia | 69. Valores |
| | 46. Paixão | 70. Verdade |

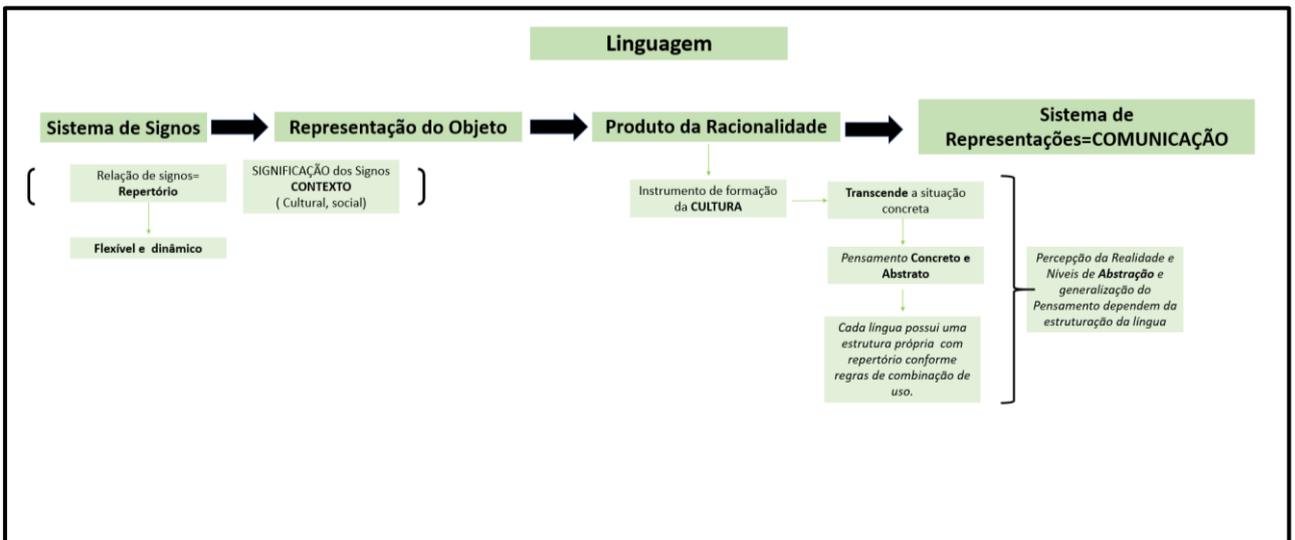
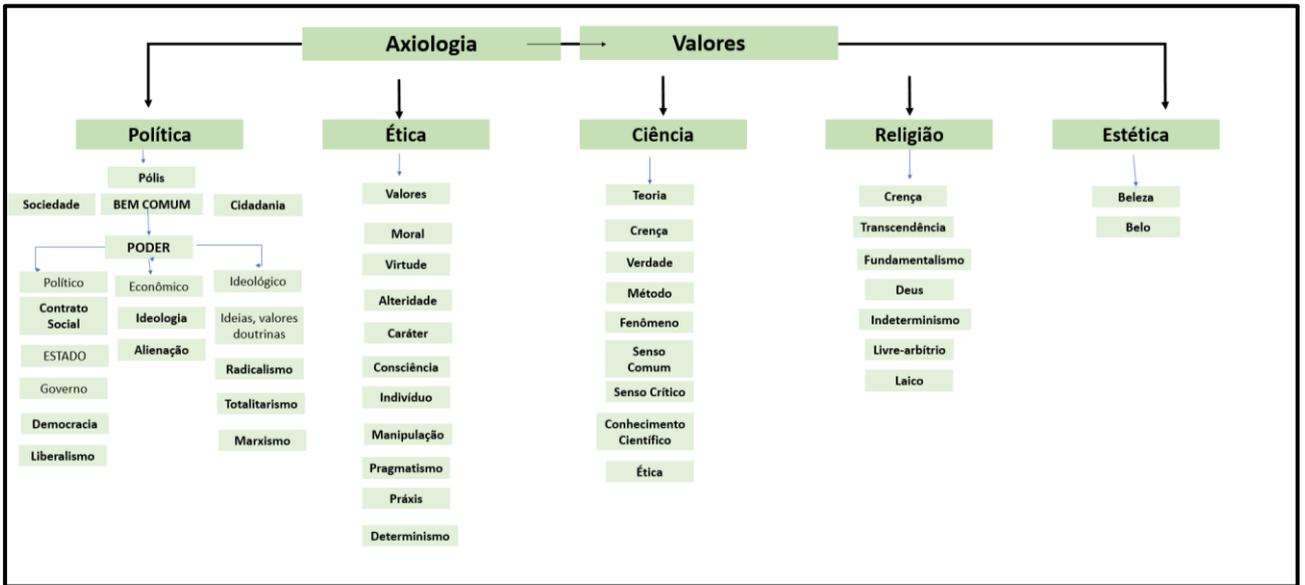
Lista de Sinais-Termo Glossário Filosofia

1. Argumento
2. Axiologia
3. Ciência
4. Coisa
5. Concepção
6. Conhecimento1(capacidade) Conhecimento2 (resultado/produto)
7. Corrente
8. Crença
9. Doutrina
10. Ente
11. Epistemologia
12. Essência
13. Estética

14. Ética
15. Filosofia
16. Ideia/Ideias
17. Intelecto
18. Inteligência
19. Linguagem
20. Lógica
21. Maiêutica
22. Metafísica
23. Ontologia
24. Pensamento
25. Política/ 2-Política Discurso / 3-Política Relação Social/ 4-Político Profissão
26. Princípio
27. Raciocínio/ 1-Raciocínio Lógico
28. Razão
29. Reflexão
30. Religião
31. Sabedoria
32. Saber
33. Ser
34. Subjetividade
35. Substância
36. Teoria
37. Teoria do Conhecimento
38. Valor
39. Valores
40. Verdade

APÊNDICE G – MAPAS CONCEITUAIS FILOSOFIA TEMÁTICA





APÊNDICE H – FICHAS TERMINOLÓGICAS

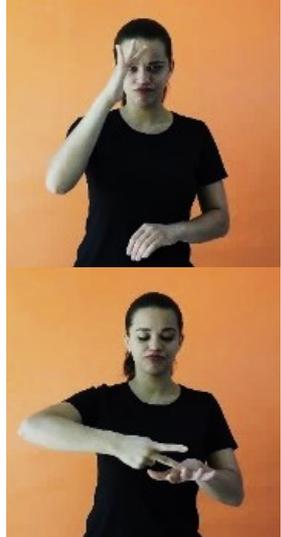
1

Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
01			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Argumentação	1. Entrada	Argumento 
2. Categoria gramatical	-Substantivo Masculino	2. Categoria gramatical	Substantivo Masculino
3. Variante (s)		3. Variante (s)	Argumento 
4. Equivalente (s)		4. Equivalente (s)	
5. Conceito	Argumentação é o modo de apresentar um raciocínio lógico para provar uma ideia.	5. Conceito	Argumentação é o modo de apresentar um raciocínio lógico para provar uma ideia. Ver raciocínio lógico.
6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP
7. Exemplo de uso⁶⁸	"Vou sair com meus amigos para ir a uma festa; há um	7. Exemplo de uso	https://youtu.be/1ebsRTzpYpg

⁶⁸ Os exemplos de uso neste trabalho podem ter variações em relação ao termo e seu conceito. Não sendo necessariamente o emprego do termo em uma frase. Como neste exemplo: o termo é **argumentação**, mas o exemplo é de um **argumento** na prática. Os exemplos foram extraídos e adaptados dos Lds e por criação autoral. Assim como os conceitos dos termos podem ser revistos e reformulados.

	ponto de ônibus na porta do local, portanto é rápido e seguro chegar até lá.”		
8.Fonte/ Exemplo	Filosofia Experiência do Pensar.P.37	8.Fonte/ Exemplo	Filosofia Experiência do Pensar.P.37
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			https://images.app.goo.gl/mC9GvRgxVuTnxpMC6
10. Remissiva	Raciocínio Lógico; Ideia	10. Remissiva	Raciocínio Lógico; Ideia
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

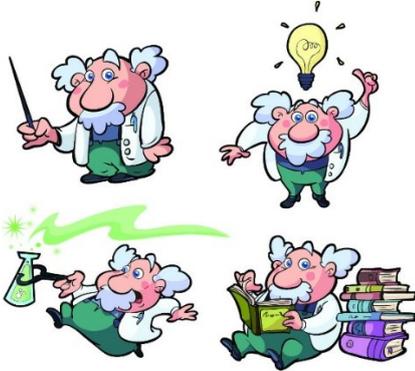
2

Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
02			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Axiologia	1. Entrada	Axiologia 
2. Categoria gramatical	- Substantivo Feminino	2. Categoria gramatical	Substantivo Feminino
3. Variante (s)		3. Variante (s)	

4. Equivalente (s)		4. Equivalente (s)	
5. Conceito	Axiologia é a área da filosofia sobre a teoria dos valores.	5. Conceito	Axiologia é a área da filosofia sobre a teoria dos valores.
6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.
7. Exemplo de uso	Destacamos valores de utilidade (útil ou inútil), de beleza (belo ou feio), morais (bom ou mau) e econômicos (caro ou barato). Desse modo, os valores podem ser utilitários, estéticos, éticos, econômicos e de outros tipos, como lógicos (verdadeiro ou falso), religiosos (sagrado ou profano) etc.	7. Exemplo de uso	https://youtu.be/Uteahl3GabbE
8. Fonte/ Exemplo	Filosofando Iniciação à Filosofia. P.163.	8. Fonte/ Exemplo	Filosofando Iniciação à Filosofia. P.163.
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			https://images.app.goo.gl/x96mzaphsTZnFtam9
10. Remissiva	Valores; moral; ética.	10. Remissiva	Valores; moral; ética.
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

3

Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
03			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Ciência	1. Entrada	Ciência

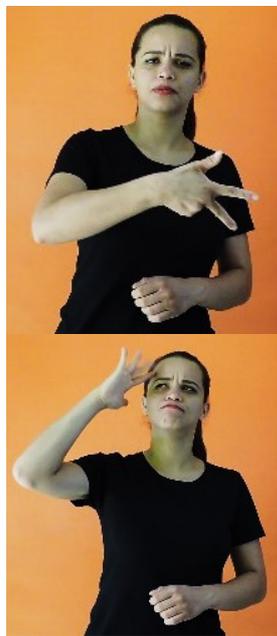
			
2. Categoria gramatical	- Substantivo Feminino	2. Categoria gramatical	Substantivo Feminino
3. Variante (s)		3. Variante (s)	
4. Equivalente (s)		4. Equivalente (s)	
5. Conceito	Ciência é um conhecimento resultante de um raciocínio avaliativo, organizado em etapas e regras.	5. Conceito	Ciência é um conhecimento resultante de um raciocínio avaliativo, organizado em etapas e regras.
6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.
7. Exemplo de uso	A ciência tem descoberto a curas e tratamento para doenças graves, como câncer e várias outras.	7. Exemplo de uso	
8. Fonte/ Exemplo	Elaboração Própria.	8. Fonte/ Exemplo	Elaboração Própria.
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			https://images.app.goo.gl/i6ukfieVyAE19vY6
10. Remissiva	Conhecimento; raciocínio.	10. Remissiva	Conhecimento; raciocínio.
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

4

Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
04			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Coisa	1. Entrada	Coisa 
2. Categoria gramatical	- Substantivo Feminino	2. Categoria gramatical	Substantivo Feminino
3. Variante (s)		3. Variante (s)	
4. Equivalente (s)		4. Equivalente (s)	
5. Conceito	“Coisa é tudo que existe, é o que percebo no mundo”	5. Conceito	Coisa é tudo que existe é o que percebo no mundo
6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.
7. Exemplo de uso	Uma árvore é uma coisa. Eu a percebo no mundo.	7. Exemplo de uso	https://youtu.be/ZqmG6vv5Wc8
8. Fonte/ Exemplo	Elaboração Própria.	8. Fonte/ Exemplo	Elaboração Própria.
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			https://images.app.goo.gl/HdPgVB5qASRGqGix6

			
10. Remissiva	Ser; Ente.	10. Remissiva	Ser; Ente.
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

5

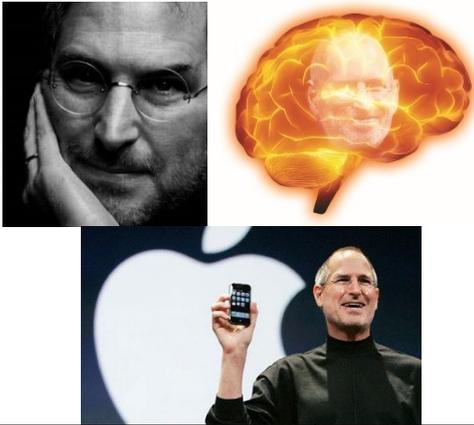
Ficha terminológica Bilíngue LP-LSB			
Glossário Bilíngue de Filosofia			
05			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Concepção	1. Entrada	Concepção 
2. Categoria gramatical	- Substantivo Feminino	2. Categoria gramatical	Substantivo Feminino

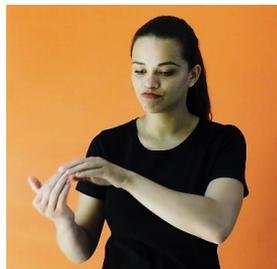
3. Variante (s)		3. Variante (s)	
4. Equivalente (s)		4. Equivalente (s)	
5. Conceito	Concepção é o entendimento que o indivíduo tem a partir de suas experiências formulando uma teoria.	5. Conceito	Concepção é o entendimento que o indivíduo tem a partir de suas experiências formulando uma teoria.
6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.
7. Exemplo de uso	A concepção de liberdade precisa ser mais conversada com jovens na atualidade.	7. Exemplo de uso	https://youtu.be/kIRcGIa6qbQ
8. Fonte/ Exemplo	Elaboração Própria	8. Fonte/ Exemplo	Elaboração Própria
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			https://images.app.goo.gl/H5xVSBi6jA4Uum7j9
10. Remissiva	Teoria; Corrente; Crença; Doutrina; Princípio.	10. Remissiva	Teoria; Corrente; Crença; Doutrina; Princípio.
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

6

Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
06			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Conhecimento	1. Entrada	Conhecimento

			 <p>1-</p>  <p>2-</p>
2. Categoría gramatical	- Substantivo Masculino	2. Categoría gramatical	Substantivo Masculino
3. Variante (s)		3. Variante (s)	 <p>1-</p>   <p>2-</p>
4. Equivalente (s)	Saber, Sabedoria	4. Equivalente (s)	Saber, Sabedoria

5. Conceito	Conhecimento é a capacidade que o indivíduo tem para usar os sentidos e o intelecto para criar uma ideia verdadeira. <i>2. eq. Saber, sabedoria</i> Conhecimento é o resultado, o produto do intelecto, é a coisa conhecida.	5. Conceito	Conhecimento é a capacidade que o indivíduo tem para usar os sentidos e o intelecto para criar uma ideia verdadeira. 2. Conhecimento é o resultado, o produto do intelecto, é a coisa conhecida.
6.Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6.Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.
7.Exemplo de uso	Steve Jobs foi o fundador da Apple e inventor do iPhone. Steve Jobs apresentava ao mundo um único dispositivo capaz de fazer ligações, tocar músicas, acessar a internet, disponibilizar games e muito mais! Foi em São Francisco que a Apple demonstrou como funcionaria um dos primeiros aparelhos totalmente sem botões ou teclados	7.Exemplo de uso	https://youtu.be/wRXu8ZvP3D8
8.Fonte/Exemplo	https://www.tricurioso.com/2018/02/05/quem-inventou-o-iphone/ . Acesso em 02/10/2019.	8.Fonte/Exemplo	https://www.tricurioso.com/2018/02/05/quem-inventou-o-iphone/ . Acesso em 02/10/2019.
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			- https://images.app.goo.gl/45jvJVZR2iwHpHUB6 - https://images.app.goo.gl/Kd8D3kwzSRMRN3gT8 - https://images.app.goo.gl/A79vCP68oqYnRApy7
10. Remissiva	Intelecto, Ideia, Epistemologia,	10. Remissiva	Intelecto, Ideia.
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

Glossário Bilingue de Filosofia			
07			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Corrente	1. Entrada	Corrente 
2. Categoria gramatical	- Advérbio	2. Categoria gramatical	Adverbio
3. Variante (s)		3. Variante (s)	
4. Equivalente (s)		4. Equivalente (s)	
5. Conceito	Corrente é um conjunto de ideias seguidas por um grupo de pessoas.	5. Conceito	Corrente é um conjunto de ideias seguidas por um grupo de pessoas.
6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.
7. Exemplo de uso	ESTRUTURALISMO- Corrente de pensamento criada pelo linguista suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913). Para ele, ao estudar uma língua, além de prestar atenção aos seus conteúdos e formas, precisamos também analisar sua estrutura inconsciente, isto é, como esses elementos se relacionam entre si, pois essa estrutura é o que determina a língua.	7. Exemplo de uso	https://youtu.be/Sb-pNx_hd7I
8. Fonte/ Exemplo	Fonte: Filosofia Experiência do Pensar.P.92.	8. Fonte/ Exemplo	Fonte: Filosofia Experiência do Pensar.P.92.

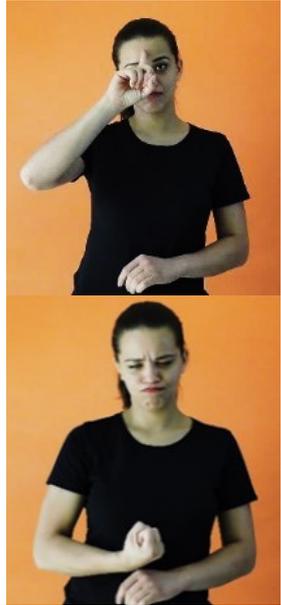
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			- https://images.app.goo.gl/SV6iXMWwX4VcyMhQ6
10. Remissiva	Doutrina, Ideia, Crença, Princípio,	10. Remissiva	Doutrina, Ideia, Crença, Princípio,
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

8

Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
08			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Crença	1. Entrada	Crença 
2. Categoria gramatical	-Substantivo Feminino	2. Categoria gramatical	Substantivo Feminino

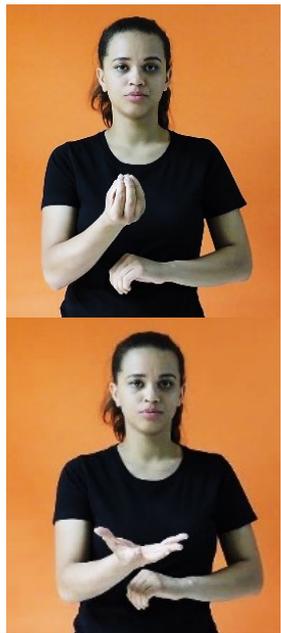
3. Variante (s)		3. Variante (s)	
4. Equivalente (s)		4. Equivalente (s)	
5. Conceito	Crença é uma atitude do indivíduo de acreditar no que não pode ser provado racionalmente, é uma opinião.	5. Conceito	Crença é uma atitude do indivíduo de acreditar no que não pode ser provado racionalmente, é uma opinião.
6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.
7. Exemplo de uso	"Creio que existe céu e inferno." "Creio que se passar debaixo da escada eu tenho azar." "Creio que todos os homens são safados!"; "Creio que Deus existe!"; "Creio em extraterrestres."	7. Exemplo de uso	https://youtu.be/uCSCE_IYExU
8. Fonte/ Exemplo	Fonte: Elaboração Própria.	8. Fonte/ Exemplo	Fonte: Elaboração Própria.
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			https://images.app.goo.gl/vbBDwKo14zWdsypn9
10. Remissiva	Opinião; Doutrina; Corrente.	10. Remissiva	Opinião; Doutrina; Corrente
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

9

Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
09			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Doutrina	1. Entrada	Doutrina 
2. Categoria gramatical	-Substantivo Feminino	2. Categoria gramatical	Substantivo Feminino
3. Variante (s)		3. Variante (s)	
4. Equivalente (s)		4. Equivalente (s)	
5. Conceito	Doutrina é conjunto de ideias, concepções teóricas ensinadas como verdadeiras por uma pessoa ou corrente de pensamento.	5. Conceito	Doutrina é conjunto de ideias, concepções teóricas ensinadas como verdadeiras por uma pessoa ou corrente de pensamento.

6.Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6.Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.
7.Exemplo de uso	Para muitos filósofos, o objetivo maior da vida humana é buscar o que dá prazer e evitar o que causa dor. Trata-se de uma doutrina chamada hedonismo (do grego hedoné, "prazer").	7.Exemplo de uso	https://youtu.be/D5mS4q7smUc
8.Fonte/ Exemplo	Reflexões Filosofia e Cotidiano.P.45.	8.Fonte/ Exemplo	Reflexões Filosofia e Cotidiano.P.45.
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			https://images.app.goo.gl/ZyjQH3bfn9WzySQ9A https://images.app.goo.gl/CfuEaZLChfVDjVmn7
10. Remissiva	Ideia; Concepção; Teoria; Corrente	10. Remissiva	Ideia; Concepção; Teoria; Corrente
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

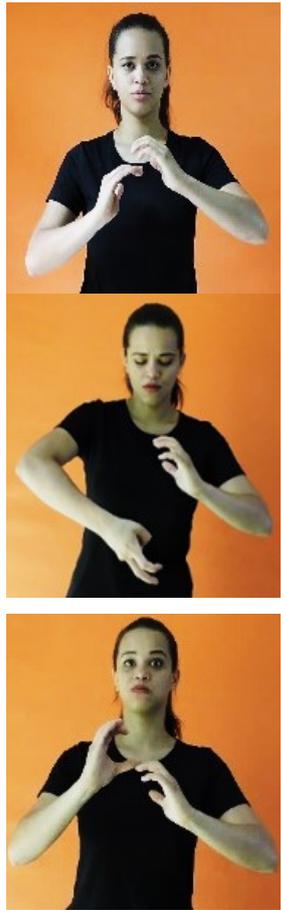
10

Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
10			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Ente	1. Entrada	Ente 
2. Categoria gramatical	-Substantivo Masculino	2. Categoria gramatical	Substantivo Masculino
3. Variante (s)		3. Variante (s)	
4. Equivalente (s)		4. Equivalente (s)	
5. Conceito	Ente é o que é, de uma maneira delimitada, com uma essência que o caracteriza.	5. Conceito	Ente é o que é, de uma maneira delimitada, com uma essência que o caracteriza.
6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.

7.Exemplo de uso	Como sou aqui e agora, me manifestando e interagindo no mundo.	7.Exemplo de uso	https://youtu.be/IiUU2IN1nfA
8.Fonte/Exemplo	Elaboração Própria.	8.Fonte/Exemplo	Elaboração Própria.
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			https://images.app.goo.gl/Wd1G7dHhmAM6YX6a7
10. Remissiva	Ser; Coisa.	10. Remissiva	Ser; Coisa.
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

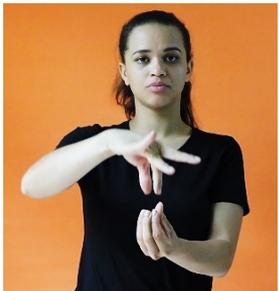
11

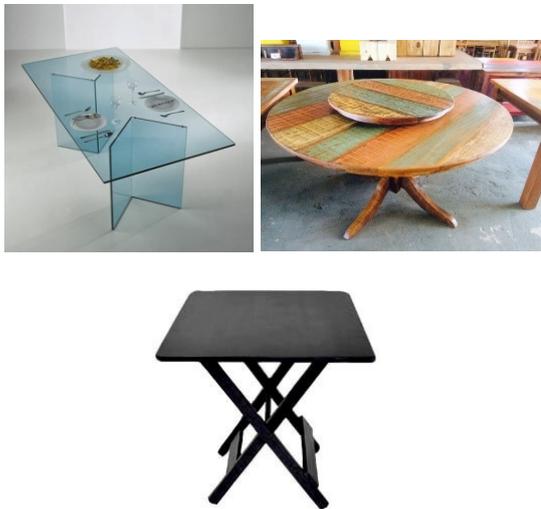
Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
10			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Epistemologia	1. Entrada	Epistemologia

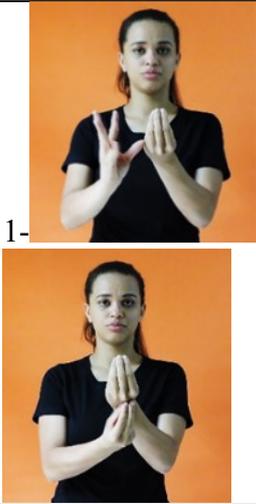
			
2. Categoria gramatical	-Substantivo feminino	2. Categoria gramatical	Substantivo feminino
3. Variante (s)		3. Variante (s)	
4. Equivalente (s)	Teoria do Conhecimento.	4. Equivalente (s)	Teoria do Conhecimento.
5. Conceito	Epistemologia é uma área da Filosofia que estuda o que é conhecimento, quais suas possibilidades e limites. Também recebe o nome de Teoria do Conhecimento.	5. Conceito	Epistemologia é uma área da Filosofia que estuda o que é conhecimento, quais suas possibilidades e limites. Também recebe o nome de Teoria do Conhecimento.
6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.
7. Exemplo de uso	Existe limite para o conhecimento humano? A inteligência artificial pode ser	7. Exemplo de uso	https://youtu.be/Q7ZlcrnXUhk

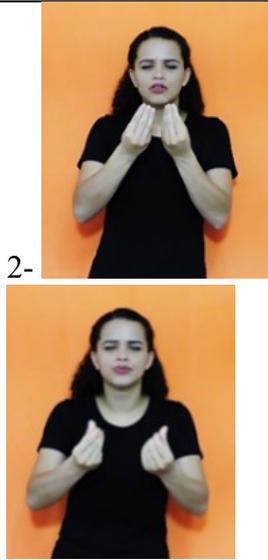
	uma ameaça aos seres humanos?		
8.Fonte/ Exemplo	Elaboração Própria.	8.Fonte/ Exemplo	Elaboração Própria.
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			https://images.app.goo.gl/i2mFuHRoecnVCiBt9
10. Remissiva	Conhecimento; Teoria do Conhecimento.	10. Remissiva	Conhecimento; Teoria do Conhecimento.
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

12

Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
12			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Essência	1. Entrada	Essência 
2. Categoria gramatical	-Substantivo feminino	2. Categoria gramatical	Substantivo feminino
3. Variante (s)		3. Variante (s)	

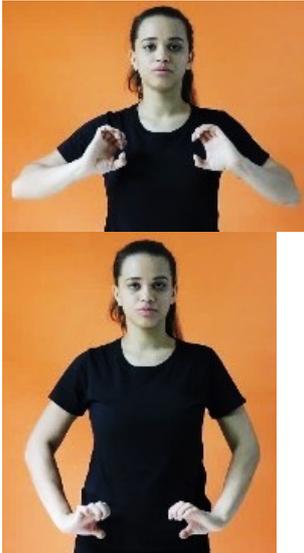
4. Equivalente (s)	Substância	4. Equivalente (s)	Substância
5. Conceito	Essência é a característica intrínseca do ser. É o que manifesta, mas permanece, não se perde.	5. Conceito	Essência é a característica intrínseca do ser. É o que manifesta, mas permanece, não se perde.
6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.
7. Exemplo de uso	A essência de uma mesa é o ser mesmo da mesa, aquilo que faz que ela seja mesa, e não cadeira. Não importa que a mesa seja de madeira, fôrmica ou vidro, que seja grande ou pequena, mas que tenha as características que nos permitam usá-la como mesa.	7. Exemplo de uso	https://youtu.be/-BpJB5-CoUE
8. Fonte/ Exemplo	Filosofando Iniciação a Filosofia.P.192.	8. Fonte/ Exemplo	Filosofando Iniciação a Filosofia.P.192.
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			https://images.app.goo.gl/KnAqvS588txqxL36 https://images.app.goo.gl/zvdxT6ACbtm3s3sa7 https://images.app.goo.gl/ZgxrSj9tAVrMH96A9
10. Remissiva	Substância.	10. Remissiva	Substância.
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

Glossário Bilingue de Filosofia			
13			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Estética	1. Entrada	Estética 
2. Categoria gramatical	-Substantivo feminino	2. Categoria gramatical	Substantivo feminino
3. Variante (s)		3. Variante (s)	1- 

			 <p>2-</p>
4. Equivalente (s)		4. Equivalente (s)	
5. Conceito	Estética é uma área da filosofia que estuda os sentimentos, conceitos e opiniões sobre o belo e a arte.	5. Conceito	Estética é uma área da filosofia que estuda os sentimentos, conceitos e opiniões sobre o belo e a arte.
6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.
7. Exemplo de uso	Hoje a sociedade está muito mais preocupada com os padrões de estética do corpo, as cirurgias plásticas viraram moda.	7. Exemplo de uso	https://youtu.be/nxXFhKANLxI
8. Fonte/ Exemplo	.Elaboração Própria.	8. Fonte/ Exemplo	Elaboração Própria.
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			https://images.app.goo.gl/bSvwCGeD2Y2dYgaG7 https://images.app.goo.gl/t3VF1zM7CihQm7Fj8

			
10. Remissiva	Belo	10. Remissiva	Belo
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

14

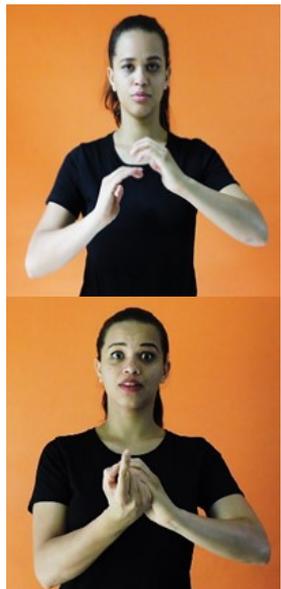
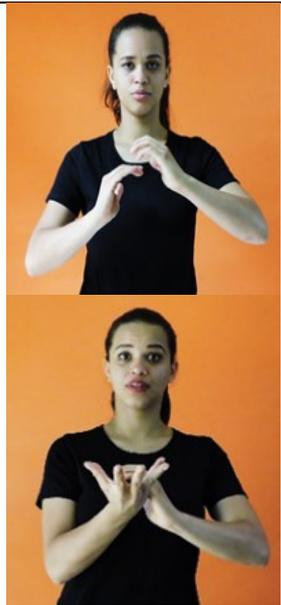
Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
14			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Ética	1. Entrada	Ética 
2. Categoria gramatical	-Substantivo feminino	2. Categoria gramatical	Substantivo feminino
3. Variante (s)		3. Variante (s)	

			
4. Equivalente (s)		4. Equivalente (s)	
5. Conceito	Ética é a área da filosofia dedicada a refletir sobre as ações humanas em relação à vida em coletividade e à vida de cada um.	5. Conceito	Ética é a área da filosofia dedicada a refletir sobre as ações humanas em relação à vida em coletividade e à vida de cada um.
6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.
7. Exemplo de uso	Um exemplo de falta de ética na política é a corrupção.	7. Exemplo de uso	https://youtu.be/igrhlMapjGU
8. Fonte/ Exemplo	.Elaboração Própria.	8. Fonte/ Exemplo	Elaboração Própria.
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			https://images.app.goo.gl/U3XJUQNYsyZA1gqb6 https://images.app.goo.gl/Xf86fSKFQhDJrUjMA
10. Remissiva	Moral	10. Remissiva	Moral
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
15			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Filosofia	1. Entrada	Filosofia 
2. Categoria gramatical	-Substantivo feminino	2. Categoria gramatical	Substantivo feminino
3. Variante (s)		3. Variante (s)	
4. Equivalente (s)		4. Equivalente (s)	
5. Conceito	Filosofia é uma disciplina de investigação crítica, amiga do saber.	5. Conceito	Filosofia é uma disciplina de investigação crítica, amiga do saber.
6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.
7. Exemplo de uso	Quando estou sempre perguntando e investigando e tirando minha próprias conclusões sobre qualquer assunto, como exemplo, sobre a felicidade. Existe felicidade? Como ela é?	7. Exemplo de uso	https://youtu.be/Jeds1Ek2hAM
8. Fonte/ Exemplo	.Elaboração Própria.	8. Fonte/ Exemplo	Elaboração Própria.
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			

		<p>https://images.app.goo.gl/HtiqeZJMbeUneDH47</p> <p>https://images.app.goo.gl/TpAMpcu3b4qtnHcz5</p>	
10. Remissiva	Saber, Sabedoria	10. Remissiva	Saber, Sabedoria
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

16

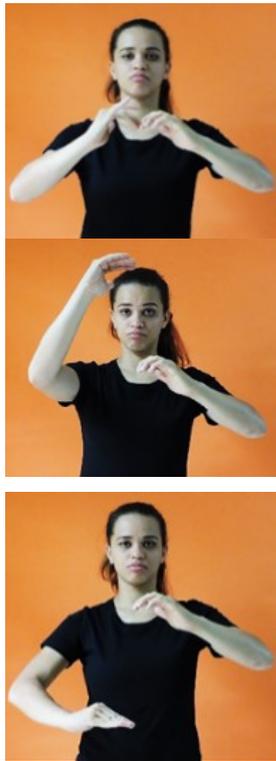
Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
16			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Ideia	1. Entrada	Ideia 
2. Categoria gramatical	-Substantivo feminino	2. Categoria gramatical	Substantivo feminino
3. Variante (s)		3. Variante (s)	
4. Equivalente (s)		4. Equivalente (s)	

			
5. Conceito	Ideia é uma representação mental do pensamento. 2. Ideias. <i>s.f.pl.</i> Ideias são várias representações mentais do pensamento.	5. Conceito	Ideia é uma representação mental do pensamento. 2. Ideias. <i>s.f.pl.</i> Ideias são várias representações mentais do pensamento.
6.Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6.Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.
7.Exemplo de uso	Preciso conseguir concertar o telhado da minha casa, mas não tenho dinheiro. Tive uma ideia: vou usar caixas vazias de leite!	7.Exemplo de uso	https://youtu.be/ALnUCY2qmQQ
8.Fonte/ Exemplo	.Elaboração Própria.	8.Fonte/ Exemplo	Elaboração Própria.
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			https://images.app.goo.gl/sSbtPxK1xcDzbtDj7
10. Remissiva	Pensamento.	10. Remissiva	Pensamento.
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
17			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Intelecto	1. Entrada	intelecto 
2. Categoria gramatical	-Substantivo masculino	2. Categoria gramatical	Substantivo feminino
3. Variante (s)		3. Variante (s)	
4. Equivalente (s)	Razão	4. Equivalente (s)	
5. Conceito	Intelecto é a capacidade humana de pensar e criar ideias ou conceitos. É também o lugar onde criamos as ideias.	5. Conceito	Intelecto é a capacidade humana de pensar e criar ideias ou conceitos. É também o lugar onde criamos as ideias.
6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.
7. Exemplo de uso	O meu intelecto é capaz de produzir muito conhecimento.	7. Exemplo de uso	https://youtu.be/orheAKSYv_0
8. Fonte/ Exemplo	.Elaboração Própria.	8. Fonte/ Exemplo	Elaboração Própria.
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			https://images.app.goo.gl/Mew81VKGkJBjFME18

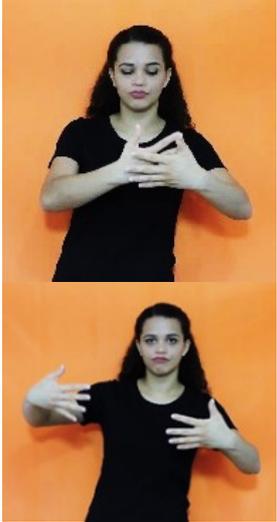
			
10. Remissiva	Razão; Ideia; Pensamento	10. Remissiva	Razão; Ideia; Pensamento
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

18

Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
18			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Inteligência	1. Entrada	Inteligência 
2. Categoria gramatical	-Substantivo feminino	2. Categoria gramatical	Substantivo feminino
3. Variante (s)		3. Variante (s)	

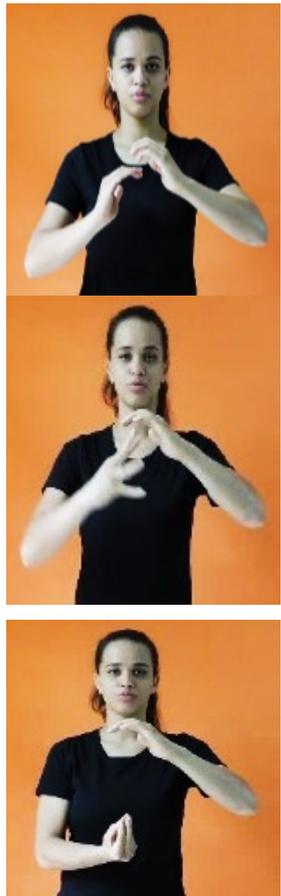
			
4. Equivalente (s)		4. Equivalente (s)	
5. Conceito	Inteligência é a capacidade humana mensurável de raciocínio, de criar conhecimentos.	5. Conceito	Inteligência é a capacidade humana mensurável de raciocínio, de criar conhecimentos.
6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.
7. Exemplo de uso	A inteligência humana pode fazer coisas surpreendentes.	7. Exemplo de uso	https://youtu.be/0U-q8A38AVI
8. Fonte/ Exemplo	.Elaboração Própria.	8. Fonte/ Exemplo	Elaboração Própria.
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			https://images.app.goo.gl/KZhgqwnqmG38skQQ6
10. Remissiva	Conhecimento; Raciocínio	10. Remissiva	Conhecimento; Raciocínio
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

19

Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
19			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Linguagem	1. Entrada	Linguagem 
2. Categoria gramatical	-Substantivo feminino	2. Categoria gramatical	Substantivo feminino
3. Variante (s)		3. Variante (s)	
4. Equivalente (s)		4. Equivalente (s)	

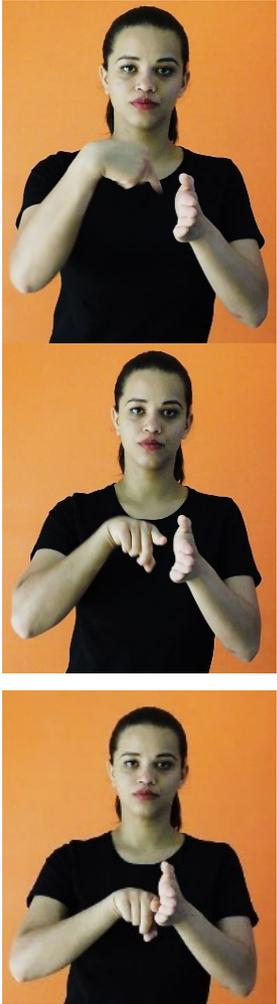
5. Conceito	Linguagem é um sistema humano de signo com uma estrutura lógica, formal e abstrata aceito por um grupo social que possibilita a comunicação.	5. Conceito	Linguagem é um sistema humano de signo com uma estrutura lógica, formal e abstrata aceito por um grupo social que possibilita a comunicação.
6.Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6.Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.
7.Exemplo de uso	Um livro é um exemplo de linguagem. A dança é um exemplo de linguagem.	7.Exemplo de uso	https://youtu.be/FJf23EJ3_ow
8.Fonte/Exemplo	.Elaboração Própria.	8.Fonte/Exemplo	Elaboração Própria.
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			https://images.app.goo.gl/iRiAnKJUreZGGCSV https://images.app.goo.gl/9q5JK6nyGo1Z3yYX6
10. Remissiva		10. Remissiva	
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

20

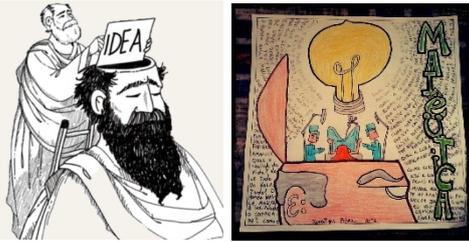
Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
20			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Lógica	1. Entrada	Lógica 
2. Categoria gramatical	-Substantivo feminino	2. Categoria gramatical	Substantivo feminino
3. Variante (s)		3. Variante (s)	
4. Equivalente (s)		4. Equivalente (s)	

			
5. Conceito	Lógica é uma área da Filosofia que investiga os elementos que dão base para avaliar as formas corretas de pensar.	5. Conceito	Lógica é uma área da Filosofia que investiga os elementos que dão base para avaliar as formas corretas de pensar.
6.Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6.Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.
7.Exemplo de uso	Podemos fazer juízos e relacionar os conceitos através das proposições; de uma lógica do raciocínio.	7.Exemplo de uso	https://youtu.be/lpVOfGxFzrg
8.Fonte/ Exemplo	.Elaboração Própria.	8.Fonte/ Exemplo	Elaboração Própria.
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			https://images.app.goo.gl/d4wBiMhYkE3k2NW89
10. Remissiva	Raciocínio Lógico	10. Remissiva	Raciocínio Lógico
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

21

Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
21			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Maiêutica	1. Entrada	Maiêutica 
2. Categoria gramatical	-Substantivo feminino	2. Categoria gramatical	Substantivo feminino
3. Variante (s)		3. Variante (s)	

4. Equivalente (s)		4.Equivalente (s)	
5. Conceito	Maiêutica é um método de raciocínio que se utiliza de perguntas e respostas para descobrir o próprio conhecimento, é “parir” ideias.	5. Conceito	Maiêutica é um método de raciocínio que se utiliza de perguntas e respostas para descobrir o próprio conhecimento, é “parir” ideias.
6.Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6.Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.
7.Exemplo de uso	<p>O Aluno pergunta ao professor:- Professor por que as flores tem cheiro ? O professor responde: -Por que alguns insetos ficam voando e pousando nas flores? O aluno pode responde: -Porque o cheiro deve ser bom. O professor novamente pergunta:-Então, as flores têm cheiro e o usa para alguma coisa. Para quê? O aluno responde: -Para atrair os insetos.O professor novamente pergunta:-Por que a flor precisa atrair insetos? O aluno pode pensar: -Ela quer a ajuda dos insetos. O professor novamente pergunta:-Por que as flores precisam da ajuda dos insetos? O aluno pensa e fala: -Quando o inseto sai de dentro da flor ele sai todo sujo daquele pozinho que elas têm.O que é aquele pó? O professor responde: -O pó que fica dentro das flores são as sementes das flores. O aluno conclui:-Já sei!!!</p> <p>Quando os insetos saem cheio de pozinhos eles espalham por outros lugares e podem nascer mais flores.</p>	7.Exemplo de uso	https://youtu.be/PWeHRU73V14
8.Fonte/ Exemplo	.Elaboração Própria.	8.Fonte/ Exemplo	Elaboração Própria.

9. Imagem (s)/ Fonte (s)			https://images.app.goo.gl/9FZqiSZA4zjfzTVE7 https://images.app.goo.gl/7NyKQiXkpm7pETgC8
10. Remissiva	Raciocínio, Conhecimento, Ideia	10. Remissiva	Raciocínio, Conhecimento, Ideia
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

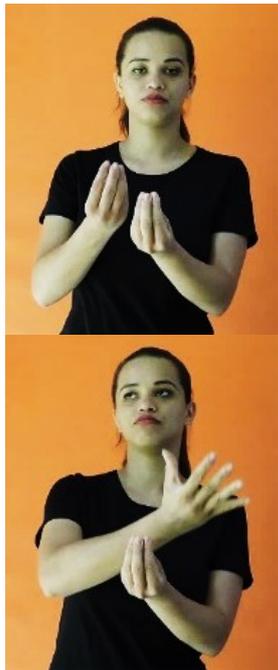
22

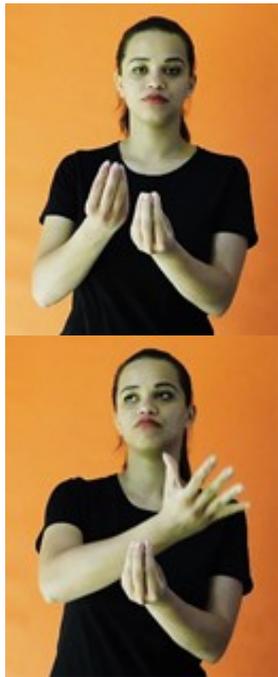
Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
22			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Metafísica	1. Entrada	metafísica 
2. Categoria gramatical	-Substantivo feminino	2. Categoria gramatical	Substantivo feminino

3. Variante (s)		3. Variante (s)	
4. Equivalente (s)	Ontologia	4. Equivalente (s)	 
5. Conceito	Metafísica é a área da Filosofia que estuda a essência do ser humano além da realidade física.	5. Conceito	Metafísica é a área da Filosofia que estuda a essência do ser humano além da realidade física.
6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.
7. Exemplo de uso	Dois corpos se abraçam, gerando uma constelação de efeitos físico-emocionais. Muito se diz sobre os benefícios do abraço, que é um apertar de corpos e uma expressão de afeto. Alguns estudiosos defendem que abraçar cotidianamente gera saúde e felicidade, pois estimula a liberação pelo organismo de hormônios relacionados com o bem-estar. De novo temos essa relação entre o físico e o psíquico, o material e o imaterial. O que você crê que ocorre em um abraço, do ponto de vista metafísico?	7. Exemplo de uso	https://youtu.be/1DPdziD0Lkw

8.Fonte/ Exemplo	Fundamentos de Filosofia.P.133.	8.Fonte/ Exemplo	Fundamentos de Filosofia.P.133.
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			https://images.app.goo.gl/TS18bfuDnYEBaZ9n6
10. Remissiva	Essência; Transcendente	10. Remissiva	Essência;Transcendente
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

23

Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
23			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Ontologia	1. Entrada	Ontologia 

2. Categoria gramatical	-Substantivo feminino	2. Categoria gramatical	Substantivo feminino
3. Variante (s)		3. Variante (s)	
4. Equivalente (s)	Ontologia	4. Equivalente (s)	
5. Conceito	Ontologia é o estudo do significado do "ser enquanto ser", da sua essência. Ver Metafísica; Ôntico.	5. Conceito	Ontologia é o estudo do significado do "ser enquanto ser", da sua essência. Ver Metafísica; Ôntico.
6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.
7. Exemplo de uso	O que determina a minha existência? A existência de outro SER? Deus?"	7. Exemplo de uso	https://youtu.be/Jid0hRTZ_ZY
8. Fonte/ Exemplo	Elaboração Própria	8. Fonte/ Exemplo	Elaboração Própria
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			https://images.app.goo.gl/z_ySWPUEEvoDjUacM6

			
10. Remissiva	Metafísica; Essência; Ôntico.	10. Remissiva	Metafísica; Essência; Ôntico.
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

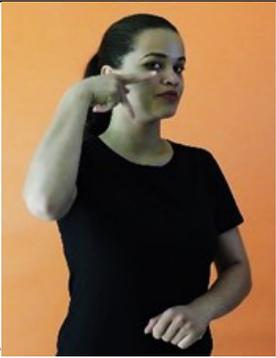
24

Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
24			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Pensamento	1. Entrada	Pensamento 
2. Categoria gramatical	-Substantivo feminino	2. Categoria gramatical	Substantivo feminino
3. Variante (s)		3. Variante (s)	
4. Equivalente (s)		4. Equivalente (s)	

			
5. Conceito	Pensamento é uma capacidade intelectual, um processo de raciocinar e criar conhecimento.	5. Conceito	Pensamento é uma capacidade intelectual, um processo de raciocinar e criar conhecimento.
6.Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6.Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.
7.Exemplo de uso	Fico processando no cérebro algum assunto específico para solucionar um problema- (Como vou comprar o carro se não tenho dinheiro?)	7.Exemplo de uso	https://youtu.be/kOY4GiSDZzc
8.Fonte/ Exemplo	Elaboração Própria	8.Fonte/ Exemplo	Elaboração Própria
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			https://images.app.goo.gl/B3aFGesv1FGZREPq6
10. Remissiva	Raciocínio; Conhecimento.	10. Remissiva	Raciocínio; Conhecimento.
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

25

Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
25			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Política	1. Entrada	Política 
2. Categoria gramatical	-Substantivo feminino	2. Categoria gramatical	Substantivo feminino
3. Variante (s)	1-Discurso político 2-Relação Social/Debate político 3-Político	3. Variante (s)	1-  2-  

			 <p>3-</p>
4. Equivalente (s)		4. Equivalente (s)	
5. Conceito	<p>1-Política significa o bem comum em sociedade, tudo aquilo que diz respeito aos cidadãos e ao governo. 2- Discurso Político significa argumentar fortemente para convencer, em nome do bem comum; 3-Relação Política Social é uma relação social política que significa a troca de ideias para o consenso do bem comum; 4- Político é a profissão de uma pessoa que tem responsabilidades e deveres políticos com o governo e a sociedade.</p>	5. Conceito	<p>1-Política significa o bem comum em sociedade, tudo aquilo que diz respeito aos cidadãos e ao governo. 2- Discurso Político significa argumentar fortemente para convencer, em nome do bem comum; 3-Relação Política Social é uma relação social política que significa a troca de ideias para o consenso do bem comum; 4- Político é a profissão de uma pessoa que tem responsabilidades e deveres políticos com o governo e a sociedade.</p>
6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.
7. Exemplo de uso	As leis são uma forma de política, para que o direito de todos seja assegurado.	7. Exemplo de uso	https://youtu.be/5bGQJrIMa00
8. Fonte/ Exemplo	Elaboração Própria	8. Fonte/ Exemplo	Elaboração Própria
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			

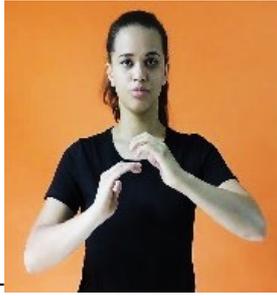
			https://images.app.goo.gl/EwFUmFybHs3ctH6V7
10. Remissiva	Cidadania	10. Remissiva	Cidadania
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

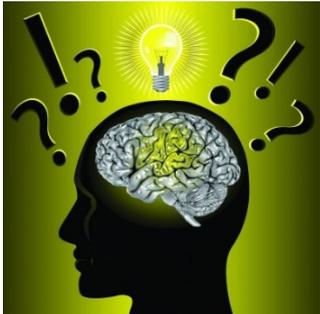
26

Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
26			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Princípio	1. Entrada	Princípio 
2. Categoria gramatical	-Substantivo masculino	2. Categoria gramatical	Substantivo masculino
3. Variante (s)		3. Variante (s)	

			
4. Equivalente (s)		4. Equivalente (s)	
5. Conceito	Princípio significa partir daquilo que se pretende provar.	5. Conceito	Princípio significa partir daquilo que se pretende provar.
6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.
7. Exemplo de uso	Partindo do princípio de que todos os homens são machistas, podemos concluir que as mulheres sofrem muito.	7. Exemplo de uso	https://youtu.be/-2Krpw9m0PY
8. Fonte/ Exemplo	Elaboração Própria	8. Fonte/ Exemplo	Elaboração Própria
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			https://images.app.goo.gl/nKs7zmLtrPX9uW2Z8
10. Remissiva	Ideia; Corrente; Doutrina.	10. Remissiva	Ideia; Corrente; Doutrina.
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

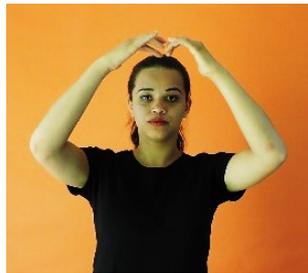
27

Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
27			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Raciocínio	1. Entrada	Raciocínio  1-  2- 
2. Categoria gramatical	-Substantivo masculino	2. Categoria gramatical	Substantivo masculino
3. Variante (s)		3. Variante (s)	
4. Equivalente (s)		4. Equivalente (s)	

			
5. Conceito	1- Raciocínio é a relação de um conjunto de argumentos lógicos que leva a uma conclusão. 2- Raciocínio Lógico é a relação de um conjunto proposições lógicas que leva a uma conclusão.	5. Conceito	1- Raciocínio é a relação de um conjunto de argumentos lógicos que leva a uma conclusão. 2- Raciocínio Lógico é a relação de um conjunto proposições lógicas que leva a uma conclusão.
6.Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6.Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.
7.Exemplo de uso	Quando estamos procurando a solução para encaixar as cores igualmente em um cubo, estamos elaborando proposições: se viro esse lado verde combina com esse vermelho, mas atrapalha o lado azul, então preciso continuar raciocinando, ativando todos os neurônios do meu cérebro...só assim poderei chegar a uma conclusão.	7.Exemplo de uso	https://youtu.be/wBM9UIVLy04
8.Fonte/ Exemplo	Elaboração Própria	8.Fonte/ Exemplo	Elaboração Própria
9. Imagem (s)/ Fonte (s)	 		https://images.app.goo.gl/doutbv4beDZ8UzU https://images.app.goo.gl/CepNyCrw8cXYsrdp8

10. Remissiva	Pensamento; Lógica; Proposição.	10. Remissiva	Pensamento; Lógica; Proposição.
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

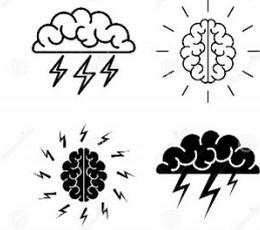
28

Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
28			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Razão	1. Entrada	Razão 
2. Categoria gramatical	-Substantivo feminino	2. Categoria gramatical	Substantivo feminino
3. Variante (s)		3. Variante (s)	
4. Equivalente (s)	Intelecto	4. Equivalente (s)	intelecto
5. Conceito	Razão é a capacidade humana específica de estabelecer relação entre as coisas.	5. Conceito	Razão é a capacidade humana específica de estabelecer relação entre as coisas.
6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.
7. Exemplo de uso	Por exemplo, diante de uma fogueira, sabemos por experiência que o fogo pode causar dor, raciocinamos assim e nos afastamos. Não	7. Exemplo de uso	https://youtu.be/HjCMog114nw

	foi a razão que criou a aversão ao fogo, porque ela nos ensina que o fogo pode ser a causa da dor?		
8.Fonte/ Exemplo	Filosofia Temas e Percursos.P.97.	8.Fonte/ Exemplo	Filosofia Temas e Percursos.P.97.
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			https://images.app.goo.gl/UmWqWRCQMTBMJKUp
10. Remissiva	Intelecto; Raciocínio.	10. Remissiva	Intelecto; Raciocínio.
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

29

Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
29			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Reflexão	1. Entrada	Reflexão 

2. Categoria gramatical	-Substantivo feminino	2. Categoria gramatical	Substantivo feminino
3. Variante (s)		3. Variante (s)	
4. Equivalente (s)		4. Equivalente (s)	
5. Conceito	Reflexão é o processo de retomada do pensamento, é pensar outra vez.	5. Conceito	Reflexão é o processo de retomada do pensamento, é pensar outra vez.
6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.
7. Exemplo de uso	Pensar sobre o problema da violência no Brasil. Quais seriam as causas? Quais seriam as soluções para acabar com a violência? Existe a possibilidade de acabar com a violência na sociedade? Pensar sobre violência e voltar a pensar novamente e novamente.	7. Exemplo de uso	https://youtu.be/4hOV3hze18
8. Fonte/ Exemplo	Elaboração Própria	8. Fonte/ Exemplo	Elaboração Própria
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			https://images.app.goo.gl/2N2PVry37re6N93J6 https://images.app.goo.gl/A2auRciQ8xxQDaW8A

			
10. Remissiva	Pensamento	10. Remissiva	Pensamento
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

30

Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
30			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Religião	1. Entrada	Religião 

			
2. Categoria gramatical	-Substantivo feminino	2. Categoria gramatical	Substantivo feminino
3. Variante (s)		3. Variante (s)	
4. Equivalente (s)		4. Equivalente (s)	
5. Conceito	Religião é um conjunto de crenças que une o natural e o sobrenatural explicados pela fé.	5. Conceito	Religião é um conjunto de crenças que une o natural e o sobrenatural explicados pela fé.
6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.
7. Exemplo de uso	Cada pessoa tem uma crença, uma religião: catolicismo, no protestantismo, no budismo. Somos livres para escolher no que queremos ter fé.	7. Exemplo de uso	https://youtu.be/hpc9K88Sg48
8. Fonte/ Exemplo	Elaboração Própria	8. Fonte/ Exemplo	Elaboração Própria
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			https://images.app.goo.gl/HcVcFztsK2etMt7L8
10. Remissiva	Crença	10. Remissiva	Crença
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

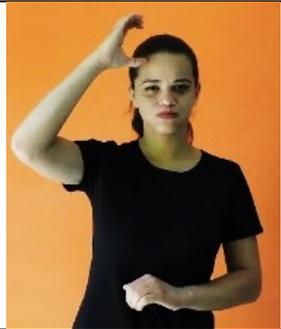
31

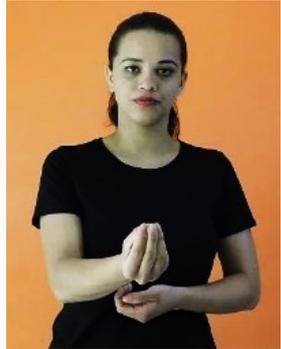
Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
31			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Sabedoria	1. Entrada	Sabedoria 
2. Categoria gramatical	-Substantivo feminino	2. Categoria gramatical	Substantivo feminino
3. Variante (s)		3. Variante (s)	
4. Equivalente (s)	Conhecimento	4. Equivalente (s)	
5. Conceito	Sabedoria é o conhecimento prático e/ou científico de tudo o que os homens podem saber.	5. Conceito	Sabedoria é o conhecimento prático e/ou científico de tudo o que os homens podem saber.
6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.
7. Exemplo de uso	O conhecimento tecnológico; as experiências práticas de vida como saber se relacionar bem com o outro.	7. Exemplo de uso	https://youtu.be/l4ef6JF9xGU
8. Fonte/	Elaboração Própria	8. Fonte/	Elaboração Própria

Exemplo		Exemplo	
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			https://images.app.goo.gl/YmWeAMWqxtwC2Py5A
10. Remissiva	Conhecimento; Saber	10. Remissiva	Conhecimento; Saber;
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

32

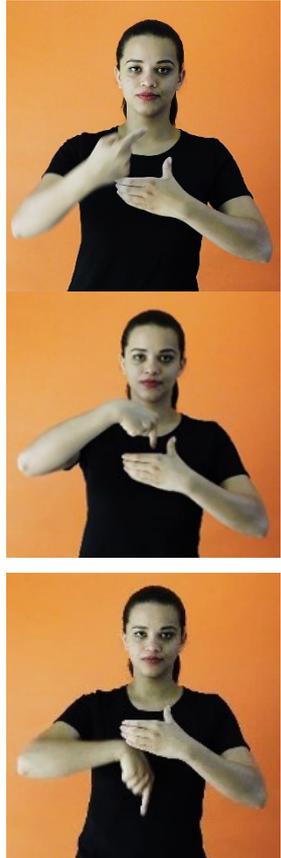
Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
32			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Saber	1. Entrada	Saber 
2. Categoria gramatical	-Verbo	2. Categoria gramatical	verbo
3. Variante (s)		3. Variante (s)	
4. Equivalente (s)	Conhecimento	4. Equivalente (s)	

			
5. Conceito	Saber é conhecimento.	5. Conceito	Saber é conhecimento.
6.Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6.Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.
7.Exemplo de uso	Por isso, quando alguém tem conhecimento de algo, por exemplo, do final de um filme, essa pessoa pode afirmar: "eu sei qual é o final desse filme"... Se digo que sei qual é o final de um filme, é porque acredito nisso, porque o final do filme realmente corresponde àquilo que penso e porque tenho condições de demonstrar que o que digo é verdade.	7.Exemplo de uso	https://youtu.be/c0ofUcbPIEg
8.Fonte/ Exemplo	Reflexões Filosofia e Cotidiano.P.160.	8.Fonte/ Exemplo	Reflexões Filosofia e Cotidiano.P.159.
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			https://images.app.goo.gl/rWSDydsGSo5pDSjx8
10. Remissiva	Conhecimento	10. Remissiva	Conhecimento
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

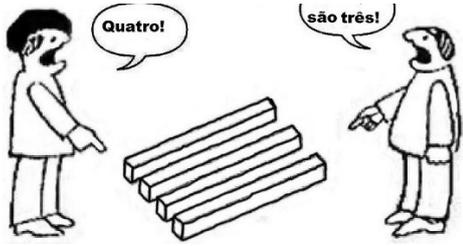
Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
33			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Ser	1. Entrada	Ser 
2. Categoria gramatical	-Substantivo masculino	2. Categoria gramatical	Substantivo masculino
3. Variante (s)		3. Variante (s)	
4. Equivalente (s)		4. Equivalente (s)	
5. Conceito	Ser é a característica mais geral de algo.	5. Conceito	Ser é a característica mais geral de algo.
6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.
7. Exemplo de uso	O homem é um SER. Ele pensa, ele é um ser racional	7. Exemplo de uso	https://youtu.be/F2ZN8slhK2U
8. Fonte/ Exemplo		8. Fonte/ Exemplo	
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			

		https://images.app.goo.gl/f9b5tFMGc7QeXx8s8	
10. Remissiva	Coisa; Ente.	10. Remissiva	Coisa; Ente.
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

34

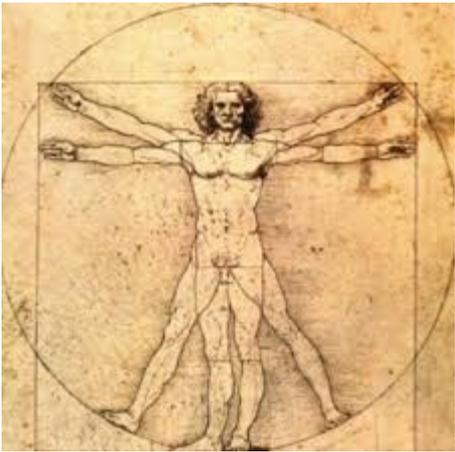
Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
34			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Subjetividade	1. Entrada	Subjetividade 
2. Categoria gramatical	-Substantivo feminino	2. Categoria gramatical	Substantivo feminino
3. Variante (s)		3. Variante (s)	

			
4. Equivalente (s)		4. Equivalente (s)	
5. Conceito	Subjetividade é a consciência individual. O que é próprio do sujeito.	5. Conceito	Subjetividade é a consciência individual. O que é próprio do sujeito.
6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.
7. Exemplo de uso	Quando se diz, por exemplo, “Veja a beleza dessa flor!”, espera-se que essa beleza não seja algo percebido apenas pelo indivíduo que exclamou. A frase “A rosa é uma flor”, por exemplo, é uma afirmação universal com a qual é fácil concordar, pois, por definição, o conceito rosa está vinculado (implícito) ao conceito flor. Por esse motivo, sabe-se que toda rosa é uma flor e que não é necessário verificar empiricamente essa afirmação. Mas, quando se afirma que “A rosa é bela”, o que ocorre é outro tipo de afirmação ou juízo, uma afirmação de base subjetiva que tem a pretensão de universalidade.	7. Exemplo de uso	https://youtu.be/ThGfEdNMwcY
8. Fonte/ Exemplo	Dialógo Primeiros estudos em Filosofia.P.205.	8. Fonte/ Exemplo	Dialógo Primeiros estudos em Filosofia.P.205.
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			https://images.app.goo.gl/fmQ5B1NDQ7JiXGVU9 https://images.app.goo.gl/y1Wotxy7AQoNp4y5

			
			
10. Remissiva	Verdade; Consciência	10. Remissiva	Verdade; Consciência
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

35

Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
35			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Substância	1. Entrada	Substancia 
2. Categoria gramatical	-Substantivo feminino	2. Categoria gramatical	Substantivo feminino
3. Variante (s)		3. Variante (s)	

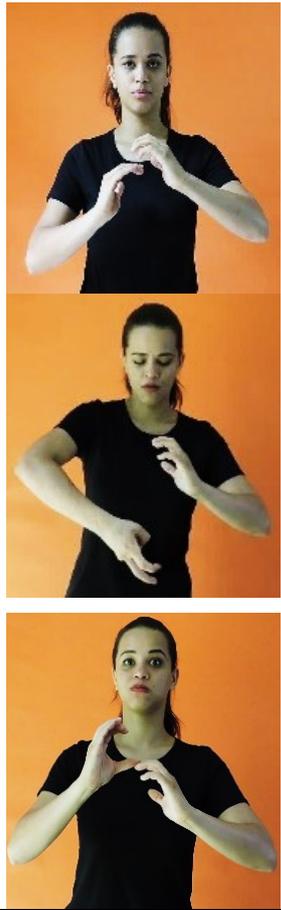
4. Equivalente (s)	Essência	4. Equivalente (s)	
5. Conceito	Substância é a essência do ser.	5. Conceito	
6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.
7. Exemplo de uso	Por exemplo: a substância individual “esta pessoa” tem como características essenciais os atributos da humanidade (Aristóteles diria que a racionalidade é a essência do ser humano). Os acidentais são, entre outros, ser gordo, velho ou belo, atributos que não mudam o ser humano na sua essência.	7. Exemplo de uso	https://youtu.be/Aq6_vUusfwk
8. Fonte/ Exemplo	Filosofando Iniciação à Filosofia.P.113.	8. Fonte/ Exemplo	Filosofando Iniciação à Filosofia.P.113.
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			https://images.app.goo.gl/rZFCboXzZ1HqeKQs6
10. Remissiva	Essência; Acidente	10. Remissiva	Essência, acidente
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
36			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Teoria	1. Entrada	Teoria
2. Categoria gramatical	-Substantivo feminino	2. Categoria gramatical	Substantivo feminino
3. Variante (s)		3. Variante (s)	
4. Equivalente (s)		4. Equivalente (s)	
5. Conceito	Teoria é um conjunto de ideias possíveis sobre um fato de forma lógica.	5. Conceito	Teoria é um conjunto de ideias possíveis sobre um fato de forma lógica.
6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.
7. Exemplo de uso	Teoria da Evolução. A Teoria da Evolução descreve o desenvolvimento das espécies que habitavam ou habitam o planeta Terra.	7. Exemplo de uso	https://youtu.be/JSVPddy0Vk
8. Fonte/ Exemplo	https://www.todamateria.com.br/teoria-da-evolucao/ . Acesso em 02/10/2019.	8. Fonte/ Exemplo	https://www.todamateria.com.br/teoria-da-evolucao/ . Acesso em 02/10/2019.
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			https://images.app.goo.gl/2tQiH6kMgHtZXiTh https://images.app.goo.gl/s16axF8ZxtUhjqxs9

EVOLUÇÃO DE ACORDO COM...			
10. Remissiva	Doutrina; Ideia; Concepção.	10. Remissiva	Doutrina; Ideia; Concepção.
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

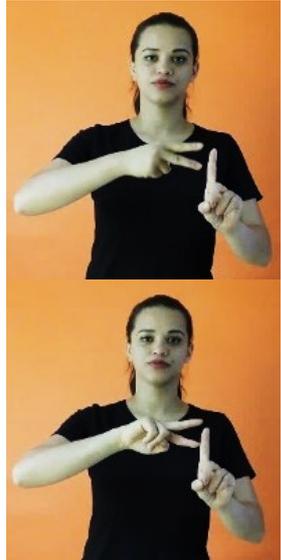
37

Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
37			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Teoria do Conhecimento	1. Entrada	Teoria do conhecimento

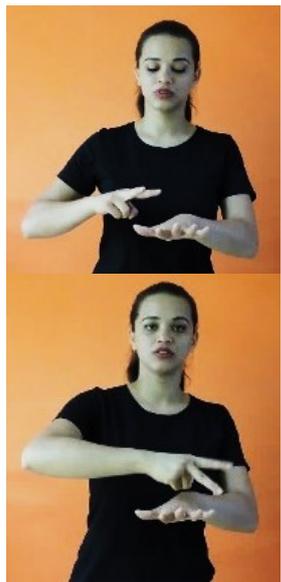
			
2. Categoria gramatical	-Substantivo feminino	2. Categoria gramatical	Substantivo feminino
3. Variante (s)		3. Variante (s)	
4. Equivalente (s)	Epistemologia	4. Equivalente (s)	Epistemologia
5. Conceito	Teoria do conhecimento é uma área da filosofia de reflexão sobre o conhecimento. quais suas possibilidades e limites.	5. Conceito	Teoria do conhecimento é uma área da filosofia de reflexão sobre o conhecimento. quais suas possibilidades e limites.
6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.
7. Exemplo de uso	Na teoria do conhecimento ou epistemologia, são desenvolvidas reflexões sobre o que é conhecimento, quais suas possibilidades e limites	7. Exemplo de uso	

	(O que é conhecimento? É possível obter conhecimento seguro ou verdadeiro?).		
8.Fonte/ Exemplo	: Diálogo Primeiros Estudos em Filosofia.P.24.	8.Fonte/ Exemplo	
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			https://images.app.goo.gl/TLFQrLR5fGK9Zvu38
10. Remissiva	Epistemologia	10. Remissiva	Epistemologia
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

38

Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
38			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Valor	1. Entrada	Valor 
2. Categoria gramatical	-Substantivo masculino	2. Categoria gramatical	Substantivo masculino
3. Variante (s)		3. Variante (s)	
4. Equivalente (s)		4. Equivalente (s)	
5. Conceito	Valor é uma consciência de julgar o que é útil, estético, moral, ético, lógico e religioso.	5. Conceito	Valor é uma consciência de julgar o que é útil, estético, moral, ético, lógico e religioso.
6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.

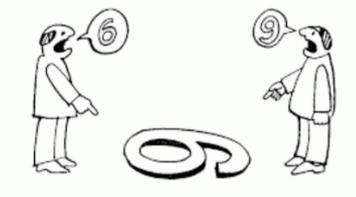
7.Exemplo de uso	Constantemente avaliamos pessoas, coisas e situações: “Esta caneta é ruim, pois falha muito”; “Esta mulher é atraente”; “Acho que João agiu mal por não ajudar você”; “Prefiro comprar este, que é mais barato”.	7.Exemplo de uso	https://youtu.be/rFL86CYZWS0
8.Fonte/ Exemplo	Filosofando Iniciação à Filosofia.P.163.	8.Fonte/ Exemplo	Filosofando Iniciação à Filosofia.P.163.
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			https://images.app.goo.gl/Rrz2XehRAnmmGerM https://images.app.goo.gl/81oeYVRAjp7XRitJA
10. Remissiva	Consciência; Valores	10. Remissiva	Consciência; Valores
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
39			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Valores	1. Entrada	Valores 
2. Categoria gramatical	-Substantivo masculino plural	2. Categoria gramatical	Substantivo masculino
3. Variante (s)		3. Variante (s)	
4. Equivalente (s)		4. Equivalente (s)	
5. Conceito	Valores são padrões de comportamento em sociedade considerados bons e justos.	5. Conceito	Valores são padrões de comportamento em sociedade considerados bons e justos.
6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.

7.Exemplo de uso	“Os políticos não agem corretamente.Eles são corruptos."..." A eutanásia é pecado!”	7.Exemplo de uso	https://youtu.be/qHLmaipbAiQ
8.Fonte/ Exemplo	Elaboração Propria	8.Fonte/ Exemplo	Elaboração Propria
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			https://images.app.goo.gl/4oJrMa9X1DX3mZnz8
10. Remissiva	Moral; Ética	10. Remissiva	Moral; Ética
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

40

Ficha terminológica Bilingue LP-LSB			
Glossário Bilingue de Filosofia			
40			
Língua Portuguesa		Língua de Sinais Brasileira	
1. Entrada	Verdade	1. Entrada	Verdade
			

			
2. Categoria gramatical	-Substantivo feminino	2. Categoria gramatical	Substantivo feminino
3. Variante (s)		3. Variante (s)	
4. Equivalente (s)		4. Equivalente (s)	
5. Conceito	Verdade é o resultado da relação entre a subjetividade do intelecto e os fatos.	5. Conceito	Verdade é o resultado da relação entre a subjetividade do intelecto e os fatos.
6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.	6. Fonte/conceito	Elaboração Adaptada GP.
7. Exemplo de uso	"Todas os maridos metem para suas esposas." ... "A política é ruim, ela corrompe o homem." ... "Deus existe"	7. Exemplo de uso	https://youtu.be/61T9IOTp8us
8. Fonte/ Exemplo	Elaboração Propria	8. Fonte/ Exemplo	Elaboração Propria
9. Imagem (s)/ Fonte (s)			https://images.app.goo.gl/9Y14Gwyy6eMJBKUu9
10. Remissiva	Subjetividade	10. Remissiva	Subjetividade
11. Autor	M.B	11. Autor	M.B
12. Data	11/11/2019	12. Data	11/11/2019

